Plano de Desenvolvimento Território Criativo

VALE DAS HISTÓRIAS

VALE DAS HISTÓRIAS

Plano de Desenvolvimento Território Criativo

VALE DAS HISTÓRIAS

SEBRAE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Plano de desenvolvimento território criativo : Vale das Histórias / Ana Carla Fonseca...[et al.]. -- São Paulo : SEBRAE SP : Garimpo de Soluções, 2025.

Outros autores: Alejandro Castañé, Eduardo Callera Pedrosa, Fabiula Domingues, Mariana Aldrigui.
ISBN 978-85-7376-150-4

1. Artesanato 2. Economia 3. Empreendedorismo 4. Turismo - Aspectos econômicos I. Fonseca, Ana Carla. II. Castañé, Alejandro. III. Pedrosa, Eduardo Callera. IV. Domingues, Fabiula. V. Aldrigui, Mariana.

25-252052 CDD-338.04

Índices para catálogo sistemático:

1. Economia criativa : Empreendedorismo 338.04

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Vale das Histórias

SEBRAE-SP

Presidente do Conselho Deliberativo:
Manuel Henrique Farias Ramos
Diretor-Superintendente:
Nelson Hervey Costa
Diretor Técnico:
Marco Vinholi
Diretor de Administração e Finanças:
Reinaldo Pedro Correa

Unidade de Políticas Públicas e Relações Governamentais
Aline Galvão Rosa Delmanto
Caio Augusto Zouain Bexiga
Filipe Rubim de Castro Souza
Lizzie Andreia Melhado Trevilatto
Vanessa Arduina Lima

Escritório Regional Guaratinguetá
Acacio de Camargo Neves Neto
Ariane Teixeira Lima Canellas
Felipe Destri Torrecillas
Felipe de Medeiros Rimkus
Flavia de Almeida Lima Rabello Teixeira Papini
Júlia Guaragna Wachtler
Luciana Cristina da Silva Almeida Giordani
Luciano Rodrigues da Silva Rosa
Luis Antônio Prado Dutra
Marcela de Barros Leite Vilela
Márcia Aparecida Antunes Mendes Coelho
Márcio Augusto Ribeiro Araújo
Maristela de Oliveira Galhardo
Simone Silva Moura

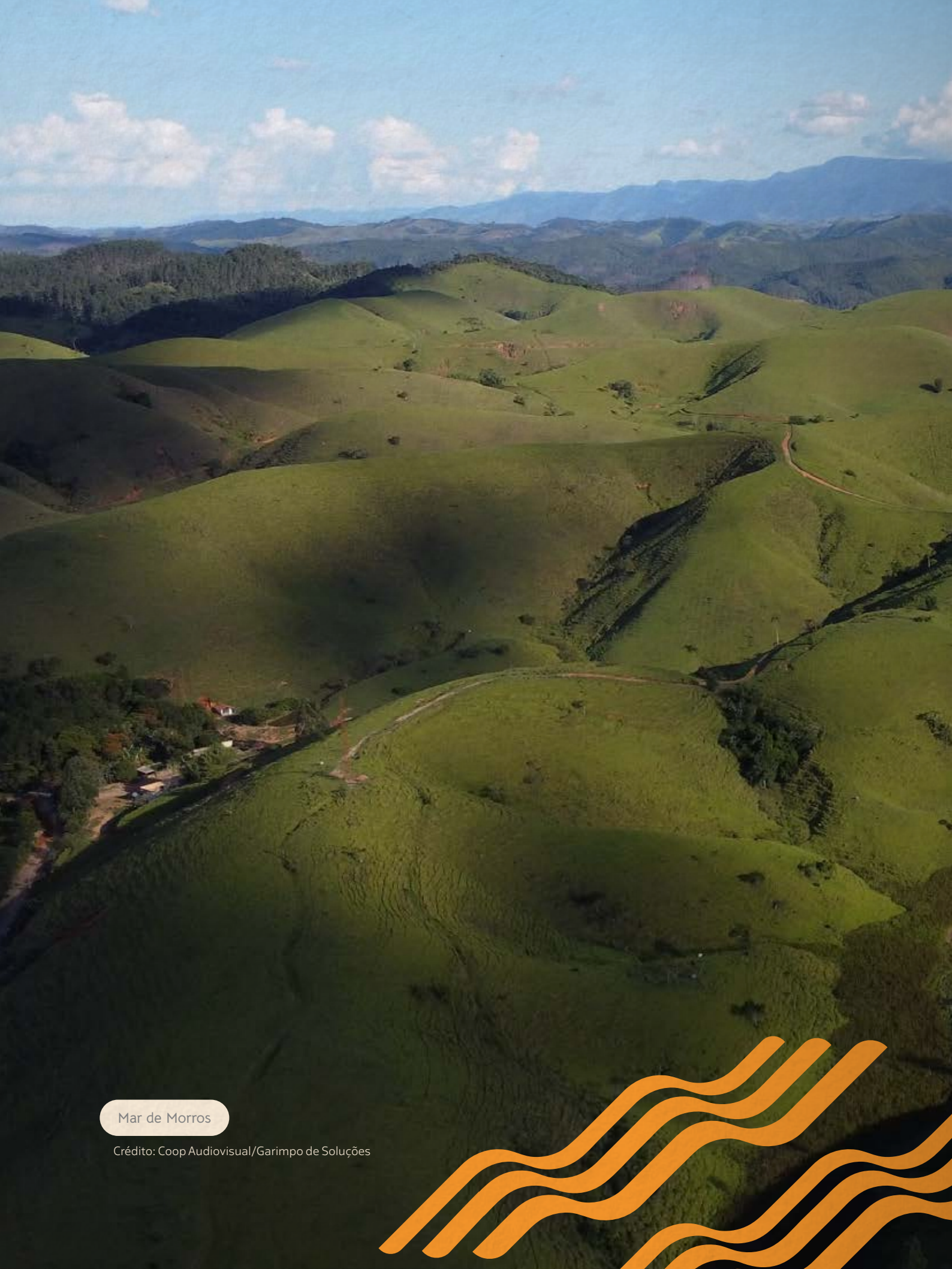
GARIMPO DE SOLUÇÕES

Coordenação Geral:
Ana Carla Fonseca
Alejandro Castañé
Coordenação Técnica:
Eduardo Callera Pedrosa
Fabiula Domingues
Mariana Aldrigui
Wilber Rossini
Direção de Imagem e Pós-produção:
Victor Yagyu
Edição de Vídeo:
Douglas Takeuchi
Kenia Tognetti
Gestão de Redes:
Carla Takushi

VALE DAS HISTÓRIAS
Plano de Desenvolvimento Território Criativo

Autores:
Ana Carla Fonseca
Alejandro Castañé
Eduardo Callera Pedrosa
Fabiula Domingues
Mariana Aldrigui
Capa e Design Editorial:
Aero Comunicação
Diretor de Criação:
Bruno Cassano
Design Gráfico e Diagramação:
Douglas Rossi
Marcelo Gonçalves Miguel

2024 © SEBRAE.



Mar de Morros

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

SUMÁRIO

Contextualização

APRESENTAÇÃO
10 Vale das Histórias

12 Introdução

CAPÍTULO 1
14 Caminho Metodológico

CAPÍTULO 2
24 Percurso Histórico

CAPÍTULO 3
30 Planos Pregressos

Diagnóstico

CAPÍTULO 4
36 Dados e Informações Demográficos, Econômicos e Setoriais

CAPÍTULO 5
80 Recorte Setorial • Agroalimentar

CAPÍTULO 6
118 Recorte Setorial • Turismo

CAPÍTULO 7
174 Recorte Setorial • Patrimônio, Cultura e Identidade

CAPÍTULO 8
204 Recorte Setorial • Artesanato

CAPÍTULO 9
220 Marca-território

Plano de Ações

226 Plano de Ações
234 Artes da Terra
238 De Aventuras e Outras Histórias
242 Centros Logísticos Rurais
247 Cidade Criativa da Música
251 Dedos de Prosa
256 Escapadas Culturais
260 Estradas Sustentáveis
264 Festival de Comida Afetiva
268 Laboratório Criativo ao Ar Livre
272 Lúpulo com História
277 Mãos à Obra
282 Mãos da Mata
286 Museu das Histórias Não Contadas
290 Parada Digital
294 Passaporte do Vale das Histórias
298 Polo Avançado APTA da Bocaina
302 Polo de Hidroterapia
305 Por Dentro da Tela
309 Serra das Artes
314 Trem das Histórias
318 Vale Multicores

Apresentação

Vale das Histórias:
Plano do Território Criativo do Vale das Histórias

Os micro e pequenos negócios são fundamentais para o desenvolvimento econômico e social de qualquer região. Eles geram empregos, estimulam a inovação e fortalecem as comunidades locais. Reconhecendo essa importância, o Sebrae-SP tem se dedicado a promover um ambiente de negócios favorável ao crescimento dessas empresas, engajando diferentes agentes locais e regionais, de diferentes setores econômicos e sociais, sejam públicos ou privados, em iniciativas que incentivem o empreendedorismo de maneira convergente.

O Vale das Histórias é um território rico em cultura, história e recursos naturais. No entanto, ao longo dos anos, a região enfrentou situações desafiadoras para o aproveitamento pleno de seu potencial. A falta de investimentos contínuos e a migração de jovens em busca de melhores oportunidades são alguns dos obstáculos que marcam a trajetória do Vale. Apesar disso, a resiliência e a criatividade da população sempre foram uma constante, mantendo viva a esperança de um futuro mais próspero.

Desenvolver um plano estratégico de economia criativa para o Vale das Histórias é, em muitos aspectos, uma jornada de autoconhecimento e reconhecimento. O plano é fruto de um processo colaborativo que envolveu a escuta atenta da população e das lideranças locais, a identificação das singularidades do território e a sistematização das oportunidades e desafios que se apresentam. Esse plano, cuidadosamente elaborado, propõe estratégias que valorizam os ativos locais, promovendo a integração entre tradição e inovação.

Acreditamos que a economia criativa é uma poderosa ferramenta de transformação social, capaz de gerar oportunidades, reduzir desigualdades e fortalecer a identidade regional. O objetivo do nosso apoio é transformar o Vale das Histórias em um território dinâmico e inovador, onde a criatividade impulsiona o desenvolvimento.

O material contempla uma série de iniciativas que vão desde o desenvolvimento de produtos artesanais sustentáveis até a criação de centros de inovação e cultura. Cada proposta foi pensada para potencializar as vocações locais, promover a inclusão social, e estimular a criatividade e o empreendedorismo.

Queremos que cada cidadão do Vale das Histórias se sinta parte desse processo de transformação, contribuindo com suas habilidades e conhecimentos para o desenvolvimento da região. Os desafios são muitos, mas as oportunidades são ainda mais numerosas.

Este plano é um convite à colaboração entre poder público, iniciativa privada e sociedade civil, já que a implementação dele requer um esforço conjunto e coordenado. Juntos, podemos construir um futuro próspero e sustentável para o Vale das Histórias.

Convidamos todos para embarcar nessa jornada transformadora. Vamos escrever um novo capítulo na história do Vale, onde cada ação é uma semente de mudança. E cada iniciativa, um passo rumo ao futuro que desejamos ver.

Boa leitura.

Manuel Henrique
Presidente do Sebrae-SP

Nelson Hervey Costa
Diretor-Superintendente do Sebrae-SP

Marco Vinholi
Diretor Técnico do Sebrae-SP

Reinaldo Pedro Correa
Diretor de Administração e Finanças do Sebrae-SP

Introdução

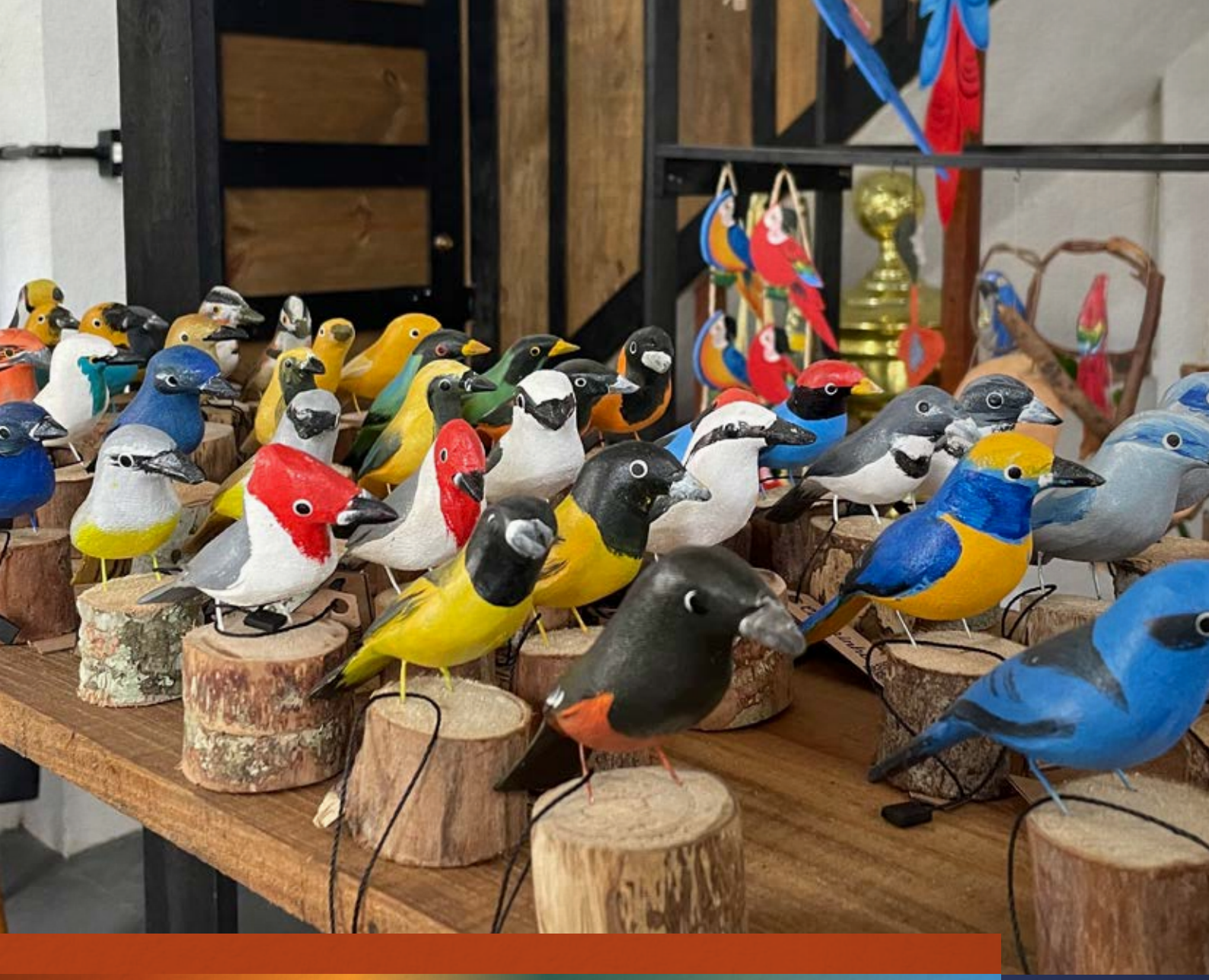
Um plano de desenvolvimento de território criativo congrega, ademais da economia que nele se desenvolve, relações sociais, identidades culturais e afetos. É a apresentá-lo por diferentes ângulos, enfatizando seu percurso histórico, que se dedica a primeira parte do plano: *Contextualização*.

Para trazer a análise ao tempo presente, recorreu-se a uma equipe de consultores capaz de unir pontos aparentemente desconexos e conceber oportunidades que de outro modo não se dariam a ver. Da análise dos recursos hídricos à condição estrutural dos edifícios patrimoniais; da acessibilidade rural à identificação de lideranças informais; da estimativa de potenciais demandas geradas pelo novo Hospital Regional de Cruzeiro ao fabulário regional; dos impulsionadores de criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural à robustez da identidade artesanal; da oferta de atividades no contraturno escolar à potencial participação da região em redes internacionais.

É esse universo, percorrido em 10.604 km de vivências, oficinas e entrevistas, que se descortina na segunda parte do plano: *Diagnóstico*. A complementá-lo, a marca-território "Vale das Histórias" encapsula histórias de um passado faustoso, de um presente em busca de reinvenção e de um futuro que tudo pode. Futuro este insinuado em 21 ações, inéditas, complementares e concebidas sob medida, organizadas na última seção: *Plano de Ações*.

Que esse futuro se faça cada vez mais presente.

MG
RJ
SP
QUELUZ
LAVRINHAS
CRUZEIRO
CACHOEIRA PAULISTA
AREIAS
ARAPEÍ
SILVEIRAS
SÃO JOSÉ DO BARREIRO
BANANAL
VALE DAS HISTÓRIAS



CAPÍTULO 1

Caminho Metodológico

Criações da Artesanato Carvalho (Areias)

Crédito: Garimpo de Soluções

Cada território guarda em si um universo. Foi com o encantamento de conhecê-lo em seus vários matizes que criamos um plano de voo de 12 meses, percorrendo 10.968 km e envolvendo um sem-fim de conversas, leituras, observações, vivências, análises sistêmicas, cruzamentos e recomendações.

SEQUÊNCIA DAS FASES

1. SENSIBILIZAÇÃO
2. VISITAS TÉCNICAS
3. ENTREVISTAS
4. OFICINAS
5. DIAGNÓSTICO
6. ESTRATÉGIA E AÇÕES
7. PREPARAÇÃO PARA A IMPLANTAÇÃO
8. MARCA-TERRITÓRIO

A primeira fase, de **1. Sensibilização**, é lapidar. Muito mais que um *desk research* tradicional, envolve a formação de repertório da equipe, o entendimento do contexto das dores e alegrias dos cidadãos, empresários e gestores e a formação de uma linguagem comum com o território. Tem data para começar e nunca para terminar – nem mesmo após a entrega do plano, visto o afeto que passa a nos vincular aos cidadãos que nos acolhem e ao *genius loci*, o espírito do lugar.

Iniciamos a leitura do que é posto, a partir de fontes secundárias as mais variadas. Integram esse rol planos e estudos técnicos, bases estatísticas, teses de doutorado, entrevistas em rádio, podcasts, livros de viajantes de séculos pregressos, estudos etnográficos, histórias de personagens, fabulário coletivo, fotos do patrimônio edificado, artigos de jornais locais, anais de conferências, posts de ativistas e órgãos públicos em redes sociais, receitas tradicionais, leilões online.

Essa fase também tem prosa. Conversamos com filhos da terra ou que a ela se vincularam, cuja experiência nos permite ter um primeiro diapasão de questões menos óbvias a serem abordadas, conexões improváveis, curiosidades e atenção ao que está nas entrelinhas. Feito isso, saímos do escritório e nos rendemos ao território.

Na fase de **2. Visitas técnicas** a equipe mescla experiências do turista e do cidadão. Pegamos transporte público, tomamos litros de café distribuídos entre padarias, vasculhamos rótulos nos mercados, puxamos conversa com quem estivesse na praça, cruzamos estradas vicinais, pedimos informações nos postos de gasolina e aos transeuntes, observamos sotaques, expressões idiomáticas, comportamentos, acompanhamos conversas nos mercados, anotamos os sabores de sorvetes e os cardápios dos pratos. De certa forma, nos metamorfoseamos. Mais do que entender, passamos a sentir o que é ser do território.

As fases de **3. Entrevistas** e **4. Oficinas** se entremeiam e complementam, em um rico processo de levantamento, validação e cruzamento de informações e testemunhos. Nossos agradecimentos aos 175 participantes das nove oficinas – uma por município, com duração de até seis horas cada, por terem nos oferecido subsídios preciosos acerca de potencialidades, desafios, referências, experiências e sonhos de empreendedores e aspirantes a empreendedores criativos.

Incursão pela Bocaina

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Oficina em Cruzeiro

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Entrevista com Ricardo Nogueira (Gazeta de Bananal)

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Entrevista com Patrícia Ramos (Geleias Bernadete, Queluz)

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Entrevista com Malu Gomes (Fazenda Vargem Grande, Areias)

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

A esse canvas se somam relatos de 139 entrevistados. Selecionados com base nas fases anteriores, por recomendação em bola de neve ou sugeridos durantes as oficinas, as entrevistas totalizam inestimáveis 278 horas, encapsulando informações e percepções acerca de lideranças formais e informais, cadeias setoriais e seus gargalos, mapeamento de resistências e expectativas, decodificação de dinâmicas sutis nos processos de desenvolvimento, pontos nevrálgicos da identidade, efetividade de políticas públicas e programas referentes à economia criativa e ao desenvolvimento territorial, receios e esperanças.

ENTREVISTAS

139 *participantes*

278 *horas*

Aldo Fernandes da Conceição (Artesão, Arapeí), **Alessandra Mafra** (Gestora da Secretaria de Cultura, Queluz), **Alessandra Jeszensky** (RPPN Besouro de Fogo, São José do Barreiro), **Alexandre Fonseca Resende** (Proprietário da Fazenda Resgatinho, Bananal), **Alexandre do Prado** (Guia da Fazenda Pau d'Alho, São José do Barreiro), **Alexandre de Siqueira Braga** (Prefeito, São José do Barreiro), **Alice Lutz** (Proprietária do Sítio São João, São José do Barreiro), **Aline Horta** (Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo, Cachoeira Paulista), **Ana Cristina Clemente** (Coordenadora Estadual de Turismo da Secretaria de Turismo e Viagens do ESP), **Ana Paula Almeida** (Secretária de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer, São José do Barreiro), **André Cid** (Dire

Cruzeiro), **Amarilys Vianna** (Proprietária da amuletos.etc, Cachoeira Paulista), **Andreia Torino Costa** (Secretária de Assistência Social, São José do Barreiro), **Angelito de Oliveira R**

Lobo, Bananal), **André Medeiros** (Proprietário da Anwal, Cruzeiro), **Augusto Carrupt** (Secretário de Cultura, Queluz), **Benedito Shin** (Professor da Associação de Violeiros de Barreiro),

Antônio Carlos Mineiro (Prefeito de Cachoeira Paulista), **Camilo Lellis dos Reis** (Diretor de Meio Ambiente, Arapeí), **Carlos Eduardo de Lima** (Coproprietário da Pousada e Cafeteria D

Camila Rocha (Membro do COMTUR, Cruzeiro), **Caroline Machado Fialho** (Secretaria de Turismo, Silveiras), **Claudia Macedo** (Vice-Presidente do IBIOS,

Arapeí), **Carmem Lúcia da Silva** (Club dos 200, São José do Barreiro), **Cláudio Anjos** (Presidente da Fundação Iochpe), **Dalton Branco Júnior** (Proprietário da RPPN Pedra Re

do ESP), **Cláudia Siqueira** (Secretária da Fazenda, Cachoeira Paulista), **Débora Primo** (Consultora da FIA), **Denise Oliveira Pena** (Coproprietária, En

Daniele Ferreira (Servidora Pública, Arapeí), **Edilene Roger** (Secretária de Turismo, Queluz), **Denise Laselva** (Secretária de Desenvolvimento Econômico do ESP), **Edmundo de Carvalho**

Dorothy Ponce (Gerente do SENAC, Guaratinguetá), **Edmar Ferreira Ferraz** (Cidadão, Cachoeira Paulista), **Elvira Antônia Fonseca** (Artesã, Lavr

Ferreira Costa (Gestora do Restaurante Dona Maria, Areias), **Ellen Rosana Ferreira Costa** (Gestora do Restaurante Dona Maria, Areias), **Fernanda Chiavone** (Diretora d

Vitória, Queluz), **Felipe Alves** (Coordenador de Desenvolvimento Regional e Territorial da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do ESP), **Grazielli da Silva Conceição** (Assess

Oliveira Ramos (Coproprietário do Angellito Caffé, Areias), **Gilberto e Regina Maia** (Proprietários do Club dos 200, São José do Barreiro), **Irineia da Silva Via**

São José do Barreiro), **Hederson Carlos Fernandes** (Gerente da CETESB, Taubaté), **Homero Paiva** (Proprietário do Empório Caminho da Serra, Lavrinhas), **Jonas Fe**

Entre no Paraíso, Silveiras), **João Carlos Lutz** (Proprietário da RPPN Caburé, São José do Barreiro), **João Carlos Nunes** (Coproprietário da Pousada Ver.a Vista, Arapeí), **Ma**

Queluz), **Jucylene Soares** (Proprietária da Padaria Dona Ju, Areias), **Juliana Marques** (Proprietária da Cedro do Líbano, Bananal), **Júlio Bittencourt** (Cofundador do IMB, Cruzei

Lucas Vieira Aurélio (Proprietário da Bocaina Experience, São José do Barreiro), **Luciene Santos** (Gestora de Recursos Humanos da Suall, Lavrinhas), **Luís Geraldo Barcellos**

do Consórcio Novo Vale), **Maísa Costa** (Coordenadora Geral de Direitos Humanos da Secretaria de Justiça do ESP), **Maiumi Takenouchi** (Gestora do Poço Azul, Lavrinhas), **Ma**

Relações Institucionais da APRECESP), **Marco Antônio de Paula** (Grupo de Apoio às Pousadas, Cachoeira Paulista), **Marcos Antônio Gomes Vieira** (Secretário de Administra

Bananal), **Marília Marton** (Secretária de Cultura, Economia e Indústrias Criativas do ESP), **Mario Sergio Bittencourt** (Administrador da Suall, Lavrinhas), **Mateus Araújo** (Pr

Areias), **Mônica Alvarenga** (Presidente da AMOVALE, Bananal), **Ney Estêvão** (Professor da Associação Juntos Somos Fortes, Lavrinhas), **Núbia Tatiele** (Relaçõ

Paulo Antônio de Carvalho (Jornalista da Rádio Mantiqueira, Cruzeiro), **Paulo Marcio Almada** (Diretor de RH da Iochpe Maxion, Cruzeiro), **Paulo M**

Loanda, Bananal), **Rafael Cardoso** (Proprietário da Curian

Kettelyn da Cunha (Agrônoma, Queluz), **Re**

Newton Carneiro (Presidente d

do Rancho Gastron

Turism

etor de Projetos da RPPN Fruta do

Ramos (Coproprietário do Angellito Caffé, Areias),

Braian Gomes Braga (Diretor de Planejamento, Arapeí),

ucadu, Bananal), **Carlos Eduardo Machado da Silva** (Diretor de Cultura,

Bananal), **Claudia Olivel** (Centro de Integração da Cidadania da Secretaria de Justiça

edonda, São José do Barreiro), **Daniela Campos** (Secretária de Cultura e Turismo, Lavrinhas),

tre no Paraíso, Silveiras), **Dimas Moraes** (Coproprietário da Vuitir Turismo e Aventura, Queluz),

(Ex-Prefeito, Silveiras), **Elisângela Cristina de Souza** (Ex-Secretária de Meio Ambiente, Queluz), **Elizangela Rosana**

inhas), **Éverton Santos** (Coproprietário da Vuitir Turismo e Aventura, Queluz), **Fábia Raquel** (Proprietária da Queijaria Santa

e Marketing e Publicidade da Secretaria de Turismo e Viagens do ESP), **Flávia Siqueira** (FM Produções, Barra Mansa), **Gabriel Fonseca de**

ora de Comunicação, Arapeí), **Guilherme Araújo Martins** (Guia da Zé Ferreira Tour, Areias), **Hamilton Aurélio/Bitão** (Membro do Marginália Caipira,

ita (Coproprietária do Rancho do Zé João, Lavrinhas), **Jeferson de Araújo** (Proprietário da Fazenda Bom Retiro, Bananal), **João Camillo Pena** (Coproprietário do

erreira da Costa (Diretor da Escola Barão da Bocaina, Arapeí), **José Benedito da Silva** (Prefeito, Lavrinhas), **José Sávio Monteiro** (Coproprietário da RPPN Pedra da Mina,

ro), **Laércio de Paula** (Proprietário da Pousada São João Batista, Cachoeira Paulista), **Leandro Amado** (Secretário do IBIOS, Bananal), **Lucas Santos** (Professor, Bananal),

(Secretário da Associação dos Violeiros de Barreiro), **Luiz Carlos Inglês** (Vice-Presidente da AMOVALE, Bananal), **Luiz Gustavo Rodrigues de Souza** (Secretário-Executivo

iu Gomes (Coproprietária da Fazenda Vargem Grande, Areias), **Marcelo Assis** (Secretário-Executivo da Secretaria de Cultura, Turismo,

ção, Arapeí), **Marcos Marsulo** (Consultor da APRECESP), **Maria Inez Murad** (Consultora independente), **Maria Lúcia Prado Uchôa Maciel** (Ex-Secretária de Cultura,

oprietário do Trempe Restaurante, Silveiras), **Mateus Humel Satim Fortes** (Ex-Servidor Público, Cachoeira Paulista), **Matheus Torino** (Proprietário da Zé Ferreira Tour,

s Públicas da Canção Nova, Cachoeira Paulista), **Patrícia de Oliveira Ramos** (Proprietária da Bernadete Geleias, Queluz), **Patrick Ribeiro** (Diretor de Cultura, Cruzeiro),

attos (Proprietário da Fazenda da Barra, São José do Barreiro), **Paulo Vialta** (Coproprietário do Rancho do Zé João, Lavrinhas), **Pedro Teixeira** (Proprietário da Fazenda

go, Silveiras), **Rafa Vianna** (Chef e empresária, Cachoeira Paulista), **Rafaela Cristina dos Santos Pereira** (Cogestora do Adventree Park, Cachoeira Paulista), **Rebeca**

nato Camargo (Engenheiro da APRECESP), **Ricardo Nogueira** (Editor da Gazeta de Bananal), **Roberto Alcalde** (Proprietário da Leiteria da Bocaina, Areias), **Roberto**

do IBIOS, Bananal), **Robson Luís de Carvalho Pereira** (Cogestor do Adventree Park, Cachoeira Paulista), **Rodrigo Puga** (Consultor da FIA), **Rogério Rodrigues** (Proprietário

omia e Cultura, São José do Barreiro), **Romberg de Sá Gondim** (Residente na Secretaria de Desenvolvimento Econômico do ESP), **Ronaldo Martins Araújo** (Secretário de

o e Meio Ambiente, Areias), **Sérgio Valério** (Diretor de Turismo, Cruzeiro), **Solange Nogueira** (Diretora Regional da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Vale do

Paraíba), **Sônia Dietrich** (Ex-Assessora de Imprensa da Prefeitura de São José do Barreiro), **Sônia Regina Magalhães** (Coproprietária da Pousada e Cafeteria Ducadu,

Bananal), **Tânia Savaget Carneiro** (Coproprietária da RPPN Candeia, Bananal), **Tatiane Rosa Monteiro da Rocha** (Fundadora da Associação Juntos

Somos Fortes, Lavrinhas), **Thales Gabriel Fonseca** (Prefeito de Cruzeiro), **Telma Maciel** (Executiva da Secretaria de Justiça do ESP),

Thaynara de Lima Anastácio (Assessora da Prefeitura, Silveiras), **Theo Valiante Monteiro** (Secretário de Cultura, Turismo,

Segurança e Trânsito, Bananal), **Vanderlei Barbosa** (Servidor Público, Cachoeira Paulista), **Vera Lúcia Bolognesi**

(Assessora Técnica da Secretaria de Justiça do ESP), **Vera Lúcia de Oliveira Teixeira** (Coproprietária da

Pousada Ver.a.Vista, Arapeí), **Vinícius Carvalho** (Proprietário da Artesanato Carvalho,

Areias), **Vinícius Santos** (Secretário de Educação, Bananal) e **Wander Bastos**

(Presidente do Sindicato Rural, Cruzeiro)

Todos esses ingredientes convergem para um **5. Diagnóstico** robusto da complexidade dos nove municípios que, hoje, buscam se amalgamar em um território criativo. O relatório do diagnóstico e todos os das etapas que o precederam foram minuciosamente analisados pelos vários departamentos e profissionais do Sebrae-SP, cuja atuação abrange o território, a exemplo de políticas públicas, turismo, desenvolvimento territorial, economia criativa, comunicação, ademais do acompanhamento constante do Escritório Regional de Guaratinguetá.

Além da validação por tantos olhares atentos e comprometidos, o envolvimento dessa miríade de especialistas com o processo de elaboração do plano constitui um passo importante para garantir a fluidez da implementação da fase **6. Estratégia e ações propostas**.

As 21 ações aqui apresentadas são estruturadas em resposta aos sete objetivos identificados e distribuídas por nove indústrias criativas. A estas foram acrescidas dimensões transversais, com vistas a atuar no território de maneira sistêmica.

21
ações apresentadas

7
objetivos identificados

9
indústrias criativas

Objetivos

a. Elevação da autoestima

b. Geração de trabalho e renda

c. Fomento à identidade regional

d. Promoção da ambiência criativa

e. Valorização dos jovens

f. Fortalecimento da governança

g. Diversificação de setores econômicos

Eixos setoriais

- Alimentação
- Artes
- Artesanato
- Audiovisual
- Digital
- Literatura
- Música
- Patrimônio
- Turismo

Eixos setoriais

- Retenção no campo
- Acessibilidade
- Educação
- Saúde
- Cidadania

Salvo casos excepcionais, as ações são voltadas ao território como um todo. Essa abrangência se dá ainda que algumas ações tenham por base um município específico (com impacto territorial) ou partindo de um piloto localizado, para expansão paulatina ao conjunto dos nove municípios.

Nas tabelas em anexo ao plano também são apresentadas as correspondências entre ações e objetivos, a distribuição regional das ações e sua aderência aos ODS.

Tendo em vista a vivência intensa e intensiva da equipe da Garimpo de Soluções no território, o Escritório Regional do Sebrae em Guaratinguetá inovou ao incorporar ao plano uma etapa que une a concepção do documento à sua implementação. A **7. Preparação para a implementação** é uma fase intermediária, de discussão interna acerca da Matriz de Influências de lideranças formais e informais, cruzando seu poder de articulação e seu compromisso com a transformação do território, de modo a facilitar a apropriação das ações por parte de seus atores. Afinal, o que faz o território ser criativo são suas pessoas; e o que garante e pereniza sua reinvenção é o fortalecimento contínuo de sua governança.

Por fim, atenção especial deve ser dada à **8. Marca-território**. A oportunidade de encontrar um veio de comum aos municípios integrantes deste recorte demandou, desde o início, elaborar uma marca que gerasse identificação, acolhimento, engajamento e apropriação.

Bem-vindos ao Vale das Histórias. Que muitas outras se somem às apresentadas nos capítulos a seguir.

Tour por Queluz, com a Vuitir Turismo e Aventura

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Pelos trilhos do Túnel da Mantiqueira

Crédito: Garimpo de Soluções

VALE DAS HISTÓRIAS

CAPÍTULO 2

Percurso Histórico Caminhos e Descaminhos do Café

Igreja Matriz do Bom Senhor Jesus do Livramento

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Foi no Caribe que os europeus estabeleceram o primeiro plantio do café em larga escala, já então baseado em mão de obra africana escravizada. Em 1790, o hoje Haiti respondia por cerca de 50% da produção mundial de café.[1] Com a revolução dos escravos, em 1791, que culminou na criação da segunda república independente das Américas, em 1804, houve um colapso do cultivo. A desorganização da oferta ocorreu em paralelo ao crescimento vertiginoso da demanda pelo produto, consequência da urbanização e da expansão do hábito de consumo, decorrente por sua vez da Revolução Industrial europeia e estadunidense, nas décadas seguintes.

É nesse vácuo que deita raízes o cultivo do café no Vale do Paraíba, oportunizado por mudanças estruturais que ocorriam também na então colônia brasileira. A transferência da coroa portuguesa ao Rio de Janeiro e a necessidade de suprir Portugal com novas entradas econômicas exigiu a dinamização das cadeias agroexportadoras no Brasil. Complementarmente à abertura dos portos, em 1808, foi liberada a ocupação das Terras Proibidas que abrangiam o Vale Paraíba do Sul – onde desde 1736 era vedada a existência de sítios volantes e o trânsito de homens sem ocupação definitiva, como forma de coibir o contrabando de ouro extraído de Minas Gerais.[2]

O plantio seguiu inicialmente o Caminho Novo – que unia o Rio de Janeiro a Minas Gerais, onde unidades produtoras de açúcar e aguardente se adaptaram ao cultivo do café – e o Caminho Novo da Piedade –, entre Lorena e a capital fluminense. Seu dispersar pelo Vale do Paraíba, porém, se deu a partir de fazendas erigidas ao longo de duas novas estradas – a da Polícia, em 1820; e a do Comércio, em 1822, que atravessavam o Vale do Paraíba fluminense em direção à zona produtora de alimentos, no sul de Minas.[3] O plantio adentrou as terras paulistas a partir da década de 1820, possivelmente em paralelo a um incipiente cultivo no litoral norte, a exemplo de Ubatuba.[4]

---

[1] Rafael Marquese, em "Histórias da História de São Paulo - o café no Vale do Paraíba".

[2] Rodrigues, André F., "Os Sertões proibidos da Mantiqueira - desbravamento, ocupação da terra e as observações do governador Dom Rodrigo José de Meneses".

[3] "Caminhos históricos do Vale - a Estrada do Comércio". Revista Vale do Café, 29/01/2023

[4] Marco Antonio Villa, em "Histórias da História de São Paulo - o Vale do Paraíba".

Colheita de Café na TIjuca - Rugendas (1835)

Fonte: Viagem Pitoresca Através do Brasil - Ed. Garnier, 1998

O avanço do cultivo foi tributário, por um lado, da infraestrutura de transporte por mulas, herdada do ciclo do ouro; por outro, do tráfico negreiro bilateral, entre Brasil e África, ativado pela vinda da família real e que garantia mão de obra barata para a produção. Com isso, em 15 anos a exportação de café brasileiro atingiu o patamar do que o Haiti (São Domingos) havia produzido em 1789[5]. O Brasil passou a ditar o preço do café no mercado mundial, onde a oferta a baixo custo, por sua vez, induziu o aumento do consumo.

Inovações foram feitas nas fazendas do Vale do Paraíba, sempre como forma de barateamento da produção. Insere-se nesse contexto o plantio dos pés em linhas verticais espaçadas entre si e verticais aos montes, permitindo ao capataz visualizar o trabalho dos cativos. Se, por um lado, a técnica possibilitava o aumento da produção, por outro erodia o solo, cuja exaustão coincidiu com a abolição da escravidão no país. Várias propriedades estabeleceram arranjos com os ex-escravizados para dar seguimento à produção, inclusive eventualmente em regime de colonato. Muitas fazendas, hipotecadas, deixaram de honrar seus compromissos ao verem evaporado seu principal ativo – os escravos.

Dados os novos termos de trabalho e o desgaste do solo, as fazendas perderam competitividade frente às terras do oeste paulista. Paulatinamente, capoeiras deram origem a pastos. A inauguração da Via Dutra desviou da região a primazia do transporte entre as duas principais capitais do país e estimulou o fluxo migratório, reforçado pela industrialização na região oeste do Vale do Paraíba.

[5] Rafael Marquese, em "Histórias da História de São Paulo - o café no Vale do Paraíba".

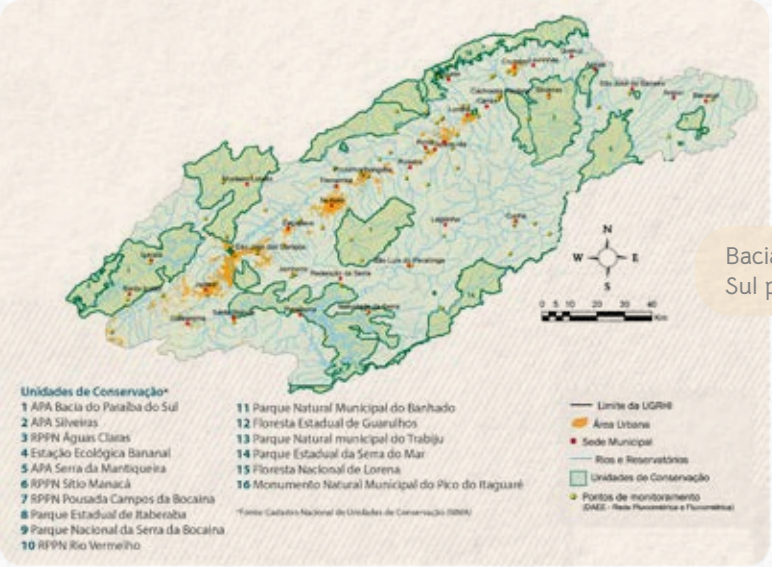
O patrimônio arquitetônico erigido – símbolo material de histórias que, em boa parte, ainda restam a ser contadas e vivenciadas –, vem respaldando programas e planos de desenvolvimento turístico de cidades que se transformaram a partir do café. Complementarmente, incorpora o patrimônio ferroviário – de forma marcante em Cachoeira Paulista e Cruzeiro, tendo este município se desenvolvido ao abrigar o entroncamento ferroviário entre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, a partir de meados do século XIX.

Complementarmente, outras histórias se somam ao percurso do café, explicitando a diversidade de singularidades e a riqueza de propostas que nem sempre se fazem visíveis. Cabe destaque ao envolvimento primordial desse enclave do Vale do Paraíba na Revolução Liberal de 1842 e na Revolução Constitucionalista de 1932, por sua própria posição de contraforte da Serra. Testemunho de ambas são especialmente visíveis em Silveiras, cujas origens se mesclam intimamente ao tropeirismo plurissecular, que respaldou vários ciclos econômicos no país[6].

Complementarmente, outras histórias se somam ao percurso do café, explicitando a diversidade de singularidades e a riqueza de propostas que nem sempre se fazem visíveis.

O Vale do Paraíba paulista, cujas pessoas ditaram a história do país por décadas, busca agora escrever um novo capítulo de sua própria história – mais sustentável, inclusivo e criativo.

Por fim, cabe reiterar que, não obstante este plano ser referenciado como Território Criativo Vale Histórico, compreende o Vale Histórico usualmente entendido como tal (Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areias, Queluz), ao qual se somam Lavrinhas, Cruzeiro (região "Picos da Mantiqueira") e Cachoeira Paulista (que integra o Vale da Fé). Com vistas a evitar confusões advindas do novo recorte, o conjunto desses nove municípios será, neste diagnóstico, referenciado como **território expandido Vale Histórico.**



Bacia Hidrográfica do Paraíba do Sul paulista

Fonte: Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos (2015)/@jacuhy.net

[6] In Gagliardi, Clarissa (Org.), Turismo no Vale Histórico Paulista (2012), p.21

Olhando adiante

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

VALE
DAS
HISTÓ
RIAS

CAPÍTULO 3

Planos Pregressos

Solar Aguiar Vallim (Bananal)

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

O Vale do Paraíba já foi objeto de inúmeros estudos, ainda que em sua maioria não abranjam o extremo leste da região. Dentre os que o fazem cabe ressaltar dois, mais recentes e com recortes complementares.

O primeiro é o "Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado" (PDUI) da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e litoral norte. Realizado pela FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, em 2022, a pedido da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo, envolve em seu escopo de análise o desenvolvimento econômico e as condições conducentes a ele, contemplando os 39 municípios da região.

Em seu caderno final de propostas, o estudo salienta, quanto ao conjunto do Vale do Paraíba e litoral norte:

> *Em linhas gerais, existe grande dependência no acesso a bens e serviços, com dificuldade de acesso entre municípios pequenos e as centralidades regionais. A baixa integração dessas pequenas cidades na dinâmica econômica regional é um desafio, ainda mais se for considerado que a infraestrutura de indução ao desenvolvimento econômico – como a oferta de vagas para o ensino técnico e superior e a presença de empregos na indústria de média e alta intensidades tecnológicas – concentra-se nos municípios-polo*[7].

No que tange especificamente ao Vale Histórico, não obstantes: a) a constatação de que a economia da região é de menor produtividade no Vale do Paraíba; e b) os Prefeitos, em audiência pública, terem salientado déficits estruturais em transporte intermunicipal, saúde e afins, o plano resultou em poucas e genéricas ações para a região específica.

[7] FIPE, "Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral norte - sub-região Cruzeiro".

Essencialmente, estas se restringem a três:

1. Em "Proteção da biodiversidade e equilíbrio ecossistêmico" – planejar novos espaços de usos mais restritos, direcionados à recuperação e à proteção da vegetação nativa, não contidas em Unidades de Conservação de Proteção Integral e Uso Sustentável, em especial nos municípios do Vale Histórico, fomentando a criação de novas unidades de conservação para preservar áreas da recarga hídrica;

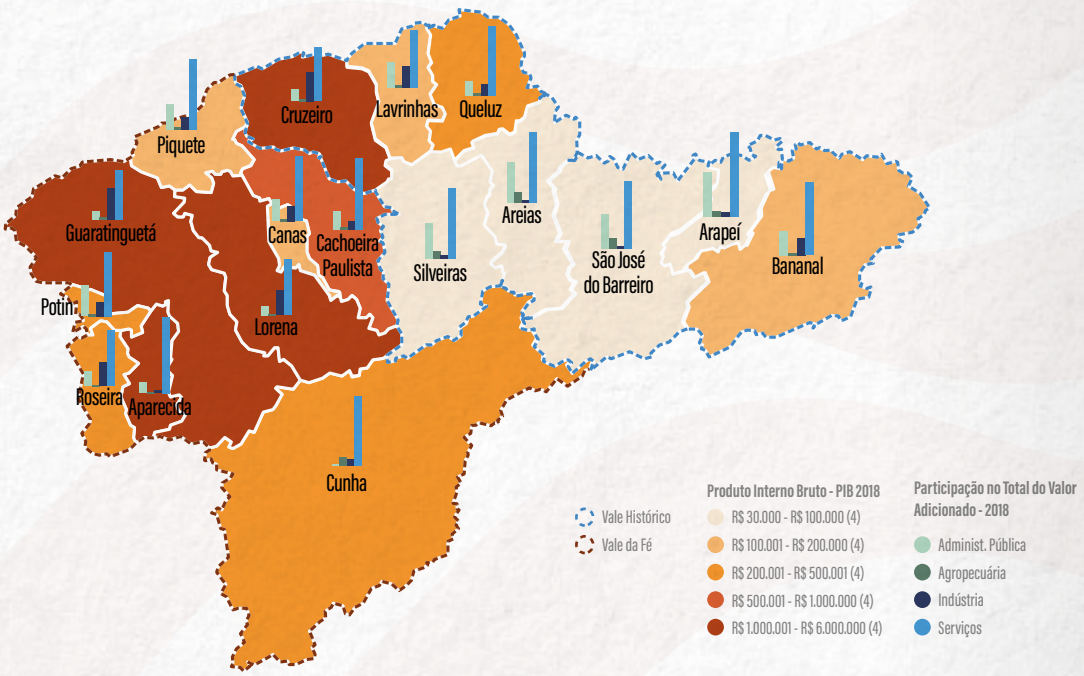
2. Em "Criação de rotas turísticas integradas" – mapear e roteirizar os ativos turísticos da RMVPLN e organizar mapas turísticos regionais, com roteiros atrativos e equipamentos; e investir na sinalização turística regional e estruturar um calendário anual de atividades turísticas regionais, incluindo um calendário de eventos culturais itinerantes, acompanhado por política de divulgação;

3. Em "Implantação do Corredor Verde Metropolitano de Transportes" – elaborar diagnóstico de origem-destino e de alternativas à ligação viária intermunicipal; e desenvolver projeto de implantação do Corredor.

O segundo estudo foi conduzido pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), também em 2022. Intitulado "Plano de Ação para o Desenvolvimento Econômico Sustentável do Vale do Paraíba - sub-regiões Vale da Fé e Vale Histórico", contemplou 17 municípios, incluindo os nove do território expandido Vale Histórico.

Com base em análise histórica, acertadamente constata-se que os municípios periféricos (todos os que constituem nosso objeto, salvo Cruzeiro) não foram contemplados nos planos de dinamização econômica de base tecnológica que beneficiaram demais municípios do Vale do Paraíba. Como decorrência, a contribuição econômica somada dos Vales da Fé e Histórico, em 2018, representou 0,7% do PIB

Indicadores Econômicos entre Municípios - Vale da Fé e Vale Histórico



Fonte: IPT

paulista. Ressalte-se ainda a discrepância significativa entre municípios, a ponto de Guaratinguetá, sozinha, responder por 39% desse montante. O estudo também salienta a dependência de empregos na administração pública, por parte dos municípios do território expandido Vale Histórico (exceto Cruzeiro).

As proposições realizadas se estruturaram ao redor de quatro vetores – indústria, comércio e serviços; produção rural; turismo; e desenvolvimento social –, entremeados por premissas transversais de investimento em infraestrutura.

A análise SWOT de indústria, comércio e serviços ressalta os aspectos já conhecidos; em produção rural sobressaem a oportunidade de aliar a restauração do potencial produtivo de áreas degradadas a atividades de produção florestal para fins comerciais e conservacionistas, a exemplo de coleta de sementes e produção de mudas; e a criação de selo de origem de produtos artesanais.

Em turismo, as análises regionais acabam sendo pouco específicas, tendo em vista se referirem a um conjunto distinto de municípios e com muita distorção, na média, causada por municípios do Vale da Fé que não integram este projeto. De todo modo, o estudo reitera a importância de Areias, Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Lavrinhas e Queluz serem Municípios de Interesse Turístico (MIT), e de Bananal e São José do Barreiro serem estâncias (conforme veremos no diagnóstico de Turismo). Enfatiza ainda a existência de 17 bens tombados.

Por fim, o vetor desenvolvimento social recomenda ações voltadas à educação ambiental e ao empreendedorismo para a sustentabilidade.

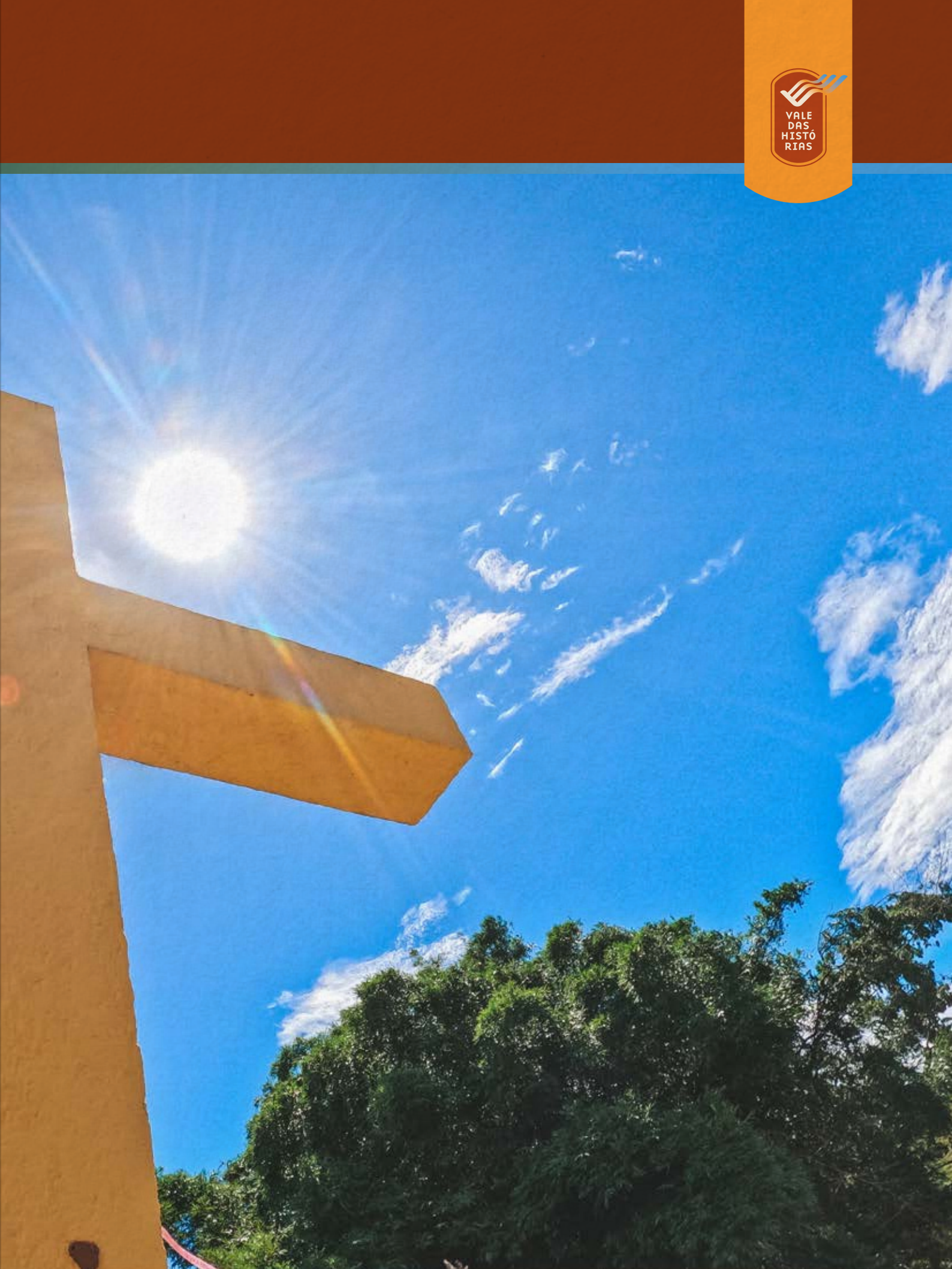
Análise SWOT dos Vales Histórico e da Fé

	Fatores Positivos	Fatores Negativos
Fatores Internos	**Forças** • Indústrias localizadas de forma concentrada ao logo da Via Dutra • Municípios de importância histórica e religiosa, o que poderia dar origem a um roteiro turístico • Turismo religioso em Aparecida • Indústria em Guaratinguetá e Lorena • Descentralização de serviços, com mais de um município com proeminência regional (Cruzeiro e Guaratinguetá) • Reserva ambiental do Vale Histórico • Acervo Histórico	**Fraquezas** • Desigualdade econômica do território (Vale da Fé vs. Vale Histórico) • Disparidade interna nas sub-regiões (Via Dutra vs. Serra da Bocaina) • PIB per capita abaixo da média estadual • Rendimento do trabalho formal abaixo da média estadual • Quatro municípios com baixíssima atividade econômica no Vale Histórico (Arapeí, Areias, São José do Barreiro e Silveiras)
Fatores Externos	**Oportunidades** • Desenvolvimento do turismo religioso, histórico e ecológico • Incentivo ao empreendedorismo como combate ao desemprego • Organização da regularização fundiária como estímulo para novos negócios • Fortalecimento do cooperativismo, associativismo e coletivos • Investimento em energias e tecnologias sustentáveis • Presença de instituições como o Sebrae e universidades, para aporte de conhecimento técnico	**Ameaças** • Falta de investimentos para micro, pequenos e médios empreendedores • Baixa cultura de desenvolver ações cooperadas nos territórios • Desemprego expressivo • Flutuações econômicas e de emprego advindas dos ciclos industriais • Ausência de uma vocação econômica consolidada para toda a região

Fonte: IPT, " Plano de Ação para o Desenvolvimento Econômico Sustentável do Vale do Paraíba: Sub-Regiões Vale da Fé e Vale Histórico"

Santo Cruzeiro (Silveiras)

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções


VALE
DAS
HISTÓ
RIAS

CAPÍTULO 4

Dados e Informações Demográficos, Econômicos e Setoriais

Queluz

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Da análise comparativa dos nove municípios contemplados nota-se, à exceção de Cruzeiro, um perfil de PIB per capita que se situa no tercil inferior do apresentado pelos municípios paulistas, em consonância com baixos contingentes demográficos absolutos e uma forte dependência de receitas de origem externa.

A flutuação populacional nos municípios se apresenta heterogênea na região. Entre os censos de 2010 e 2022, a queda percentual mais significativa ocorreu em Queluz (-19,01%), seguida de Arapeí (-6,54%), São José do Barreiro (-5,49%), Areias (-3,22%) e Cruzeiro (-2,7%), contrariamente ao comportamento da curva em Cachoeira Paulista (+4,9%), Silveiras (+6,8%), Bananal (+7,65%) e Lavrinhas (+8,82%).

Na posição de 2022, Cruzeiro, sozinho, representava mais de metade da população da região, seguido de Cachoeira Paulista, com 21,2% dos habitantes.

Distribuição populacional entre os municípios estudados (2022)

Arapeí	**2.330**	**1,57%**
Areias	**3.577**	**2,40%**
Bananal	**9.969**	**6,70%**
Cachoeira Paulista	**31.564**	**21,22%**
Cruzeiro	**74.961**	**50,39%**
Lavrinhas	**7.171**	**4,82%**
Queluz	**9.159**	**6,16%**
São José do Barreiro	**3.853**	**2,59%**
Silveiras	**6.186**	**4,16%**
TOTAL	**148.770**	**100%**

Fonte: IBGE

Fazenda Sertão

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

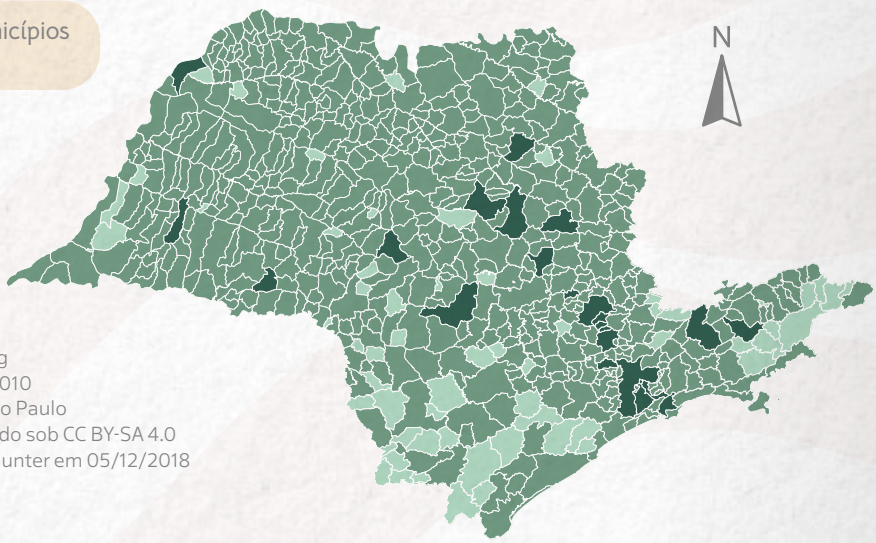
No que tange ao IDH-M (2010), nota-se disparidade entre os municípios, tendo em um extremo Cruzeiro (40º posição no estado de São Paulo - ESP) e, em outro, Areias (590º), São José do Barreiro (617º), Arapeí (621º) e Silveiras (625º), mediados por Cachoeira Paulista (142º), Bananal (362º), Lavrinhas (400º) e Queluz (452º).

A tabela contextualiza o IDH-M dos municípios mencionados, no Estado de São Paulo. A imagem apresenta o IDH-M dos municípios no Estado do Rio de Janeiro, sendo de especial interesse os 15 do Vale do Paraíba fluminense – excetuando-se os polos industriais de Barra Mansa e Volta Redonda, com dinâmicas distintas.

Comparando-se os índices, não se notam discrepâncias significativas entre o perfil médio dos municípios de ambos os estados.

Cabe maior atenção aos municípios de Vassouras, Valença e Rio das Flores, que têm como destaque o turismo histórico e cultural; e aos de Paracambi, Piraí, Barra do Piraí, Paraíba do Sul e Pinheiral, que buscam se posicionar no turismo rural e no ecoturismo[8]. Comparando-se os índices, não se notam discrepâncias significativas entre o perfil médio dos municípios de ambos os estados.

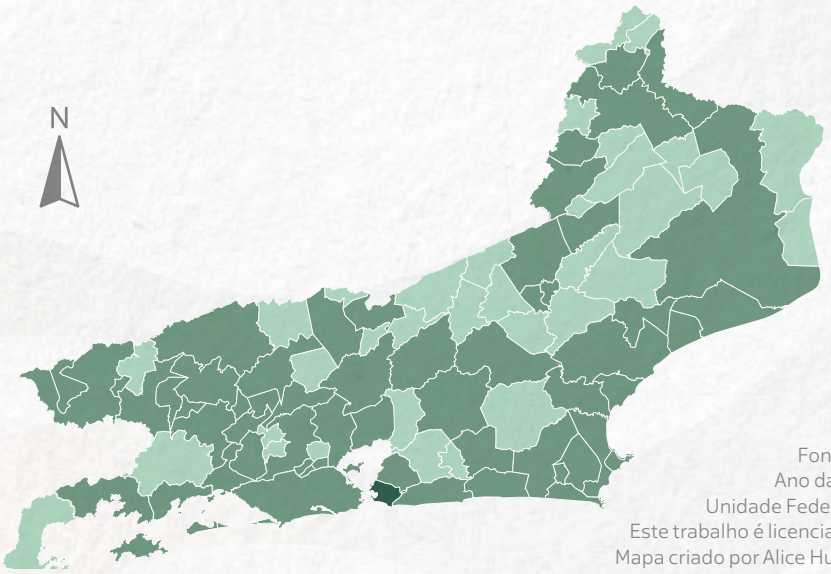
Distribuição dos municípios paulistas por IDH-M



Fonte: www.br.undp.org
Ano das Informações:2010
Unidade Federativa: São Paulo
Este trabalho é licenciado sob CC BY-SA 4.0
Mapa criado por Alice Hunter em 05/12/2018

[8] "Vale do Café: um mergulho na história brasileira". SESC Rio, 02/10/2020

Distribuição dos municípios fluminenses por IDH-M



Fonte: www.br.undp.org
Ano das Informações:2010
Unidade Federativa: Rio de Janeiro
Este trabalho é licenciado sob CC BY-SA 4.0
Mapa criado por Alice Hunter em 06/12/2018

IDH-M de municípios selecionados nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro (2022)

Arapeí	0,680	Vassouras	0,714
Areias	0,697	Valença	0,738
Bananal	0,733	Rio das Flores	0,680
Cachoeira Paulista	0,764	Paracambi	0,720
Cruzeiro	0,788	Piraí	0,708
Lavrinhas	0,729	Barra do Piraí	0,733
Queluz	0,7222	Paraíba do Sul	0,702
São José do Barreiro	0,684	Pinheiral	0,715
Silveiras	0,678		
Estado de São Paulo	**0,806**	**Estado do Rio de Janeiro**	**0,762**

Fonte: IBGE

Esgotamento sanitário adequado nos municípios (em % - 2010)

Arapeí	58,8
Areias	64,7
Bananal	84,9
Cachoeira Paulista	89,5
Cruzeiro	96,1
Lavrinhas	81,6
Queluz	72,8
São José do Barreiro	73,6
Silveiras	71,4

Fonte: IBGE

A seguir são apresentados os indicadores detalhados para os nove municípios da região, incluindo a dispersão da distribuição de empresas por setores econômicos, conforme disponibilizados pelo Sebrae-MG, em consulta ao IPC Maps. Já os dados informados pelo Sebrae-SP refletem essencialmente o número de empresas por municípios, bem como sua distribuição por setores de atuação. Trazem, ademais, subsídios relevantes com relação ao consumo da população, tanto em termos de share, quanto de potencial por categorias.

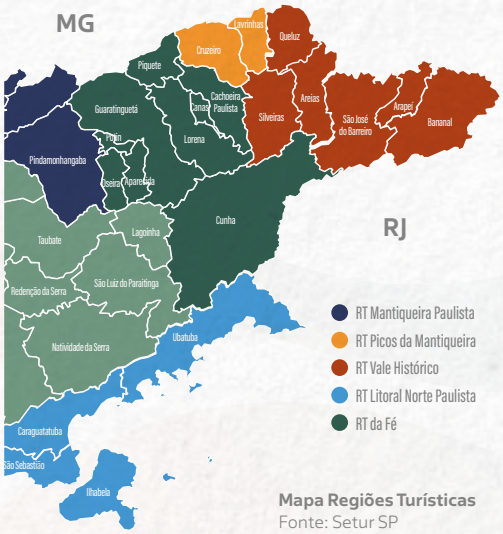
A partir da análise desses dados, bem como dos demográficos e de trabalho, reforça-se a pertinência de alicerçar a estratégia de desenvolvimento territorial sobre produtos e serviços direcionados ao turismo e a mercados externos ao território, tendo em vista o baixo dinamismo da maioria das economias municipais.

O mesmo padrão se apresenta com relação ao Share de Consumo. Enquanto Arapeí e Areias se posicionam no último decil do Estado de São Paulo – em 624º e 599º lugares, dentre 645 municípios paulistas –, seguidas por São José do Barreiro (565º) e Silveiras (506º), Cruzeiro ocupa a 103ª posição no estado.

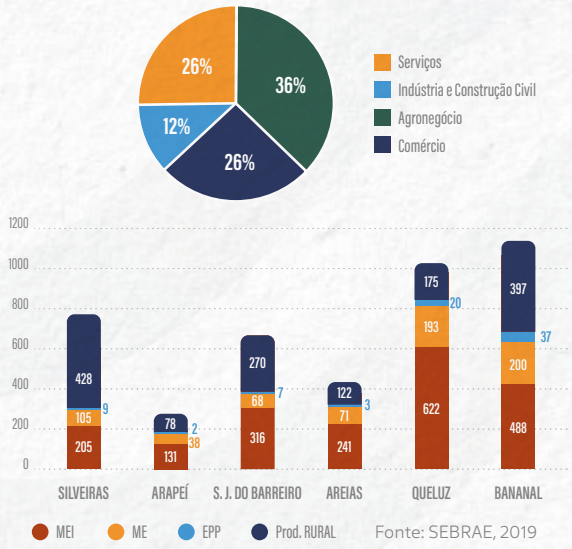
Ressalte-se mais uma vez a disparidade entre os municípios, com relação a todos os indicadores apresentados.

Praça Rubião Júnior (Bananal)

Presença de MEI, ME, EPP e produtor rural no território expandido Vale Histórico



Mapa Regiões Turísticas
Fonte: Setur SP



Fonte: SEBRAE, 2019

Com relação à distribuição de empresas, notam-se perfis opostos mesmo entre municípios do Vale Histórico tradicional, a exemplo de Silveiras – onde há uma prevalência de empresas produtoras rurais e menor participação de MEI –, em contraste com Arapeí, Areias e Queluz. Entre os extremos localizam-se São José do Barreiro e Bananal, sendo este o único município com participação um pouco mais expressiva de empresas de pequeno porte.

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Arapeí

Demográficos e urbanos

- Do tupi "arapey", rio dos lambaris
- Gentílico: arapeiense
- População (2022): 2.330 (-6,54% vs. 2010)
- Densidade demográfica (2022): 14,85 hab/km²
- Esgotamento sanitário adequado (2010): 58,8%

Econômicos

- PIB per capita (2020): R$16.212,51 (590. no ESP)
- Salário médio mensal: (2021): 1,9 salário mínimo
- Proporção de pessoas ocupadas em relação à população total: 15,7%
- Domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa: 34,9% da população (144. no ESP)
- Receitas oriundas de fontes externas (2015): 93,4% (45. no ESP)
- Total de receitas realizadas (2017): R$15.297.21 x 1.000 (623. no ESP)
- Total de despesas empenhadas (2017): R$12.647,84 (623. no ESP)
- IDH-M (2010): 0,680

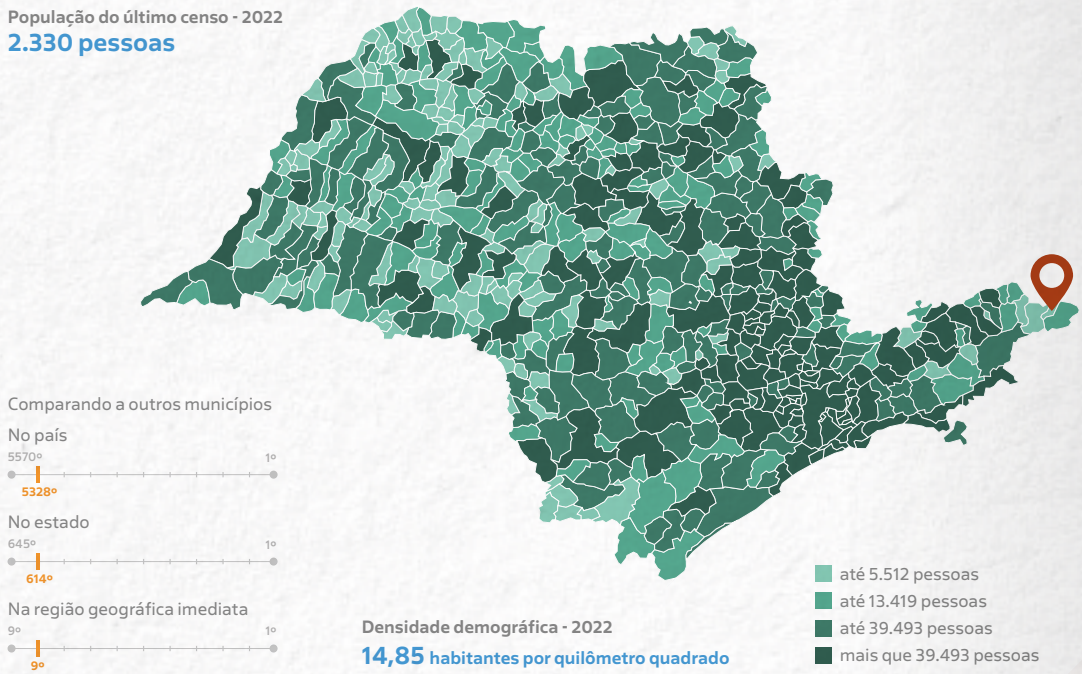
Prefeitura e Auditório Municipal

Crédito: Eduardo Callera Pedrosa

Vista de Arapeí

Crédito: Ken Chu - expressão studio/@SETUR

Perfil demográfico de Arapeí



Composição do PIB municipal de Arapeí

Arapeí código 3503158	
PIB a preços correntes	R$ 39.882,79 (x1000) [2020]
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos, a preços correntes	R$ 1.261,98 (x1000) [2020]
PIB per capita	R$ 16.202,51 [2020]
Valor adicionado bruto a preços correntes	R$ 38.620,81 (x1000) [2020]
• Agropecuária	R$ 2.481,60 (x1000) [2020]
• Indústria	R$ 1.830,52 (x1000) [2020]
• Serviços - exclusive administração, defesa, educação e saúde pública e seguridade social	R$ 15.901,08 (x1000) [2020]
• Administração, defesa, educação e saúde pública e seguridade social	R$ 18.407,60 (x1000) [2020]

Fonte: IBGE

Consulta IPCMaps 2022

Município: ARAPEI **UF:** SP **Código** 3503158

População

Total	2,443
Urbana	1,917
Rural	526

	Homens	Mulheres
0-4 anos	96	63
5-9 anos	84	86
10-14 anos	83	86
15-17 anos	55	52
18-29 anos	108	110
25-29 anos	64	73
30-39 anos	150	160
40-49 anos	197	203
50-59 anos	146	133
60 + anos	249	245
Total	1,232	1,211

Alfabetizada	2,082
Taxa de crescimento demográfico % a a	-0.36
Densidade demográfica (hab/km2)	15.57

Número de Empresas

Indústria	38
Serviços	118
Agribusiness	105
Comércio	63
Total	324

Detalhamento por Setores

Serviços de Saúde	2
Agências Bancárias	1
Educação	5
Administração Pública	4
Atividades Financeiras	0
Correios e Telégrafos	1
Transportes	2
Serviços de Alojamento	3
Serviços em Geral	56
Serviços de Alimentação	31
Com. e Repar. Veículos	13
Indústria Extrativa	0
Construção	16
Reciclagem	2
Prod.Distrib./Eletric./Gás/Água	4
Indústria em Geral	16
Comércio Atacadista	3
Comércio Varejista	60

IPC (Share de Consumo)

0.00105

Posição no Ranking

Estadual	624
Nacional	5,092

Domicílios

Total	863
Urbanos	683
Rurais	180

Dados Gerais

PIB 2017 (R$)	34,001
PIB Per Cap 2017 (R$)	13,771.25
Área (km2)	156.903
Frota de veículos	1,233
Distância Capital	244

Consumo per Capita R$/Ano

Urbano	25,312.12
Rural	20,213.24

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
Número de Domicílios Urbanos	5	18	93	129	189	249	683

Potencial de Consumo por Categorias (R$)

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	165,694	484,943	737,473	1,114,227	985,507	1,064,352	4,552,194
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	111,427	318,679	431,741	417,881	322,807	234,905	1,837,440
BEBIDAS	24,187	63,953	103,424	131,232	106,366	91,266	520,428
HABITAÇÃO	647,848	1,759,627	2,536,854	3,313,837	3,405,937	3,143,537	14,807,641
PRODUTOS DE LIMPEZA	12,177	32,606	41,321	68,325	78,589	43,667	276,685
MOBILIÁRIO E ARTIGOS DO LAR	35,017	77,900	136,016	191,909	160,118	185,387	786,347
ELETROELETRONICOS	25,695	78,185	126,394	175,596	188,960	220,022	814,851
VESTUÁRIO CONFECCIONADO	40,272	128,925	214,269	267,515	206,265	216,699	1,073,944
CALÇADOS	14,676	52,305	86,259	113,311	88,656	118,553	473,759
JOIAS, BIJUTERIAS, ARMARINHOS	4,396	9,812	12,378	14,619	14,403	8,003	63,611
TRANSPORTE URBANO	21,627	62,537	145,730	203,282	197,116	145,558	775,851
VEÍCULO PRÓPRIO	326,133	860,743	1,303,212	1,158,168	782,622	440,091	4,870,969
HIGIENE E CUIDADOS PESSOAIS	46,415	154,002	275,126	386,047	362,965	395,955	1,620,511
MEDICAMENTOS	60,584	159,912	282,654	440,035	408,341	353,739	1,705,266
PLANO SAUDE / TRAT. MED. E DENTÁRIO	155,131	354,513	412,143	301,212	290,732	118,974	1,632,704
LIVROS E MATERIAL ESCOLAR	16,463	37,242	72,219	70,244	75,025	38,659	309,853
EDUCAÇÃO	117,848	335,607	406,108	278,860	121,429	86,258	1,346,110
RECREAÇÃO E CULTURA	60,553	140,992	195,303	179,914	157,950	153,561	888,273
VIAGENS	49,400	130,056	166,698	118,250	89,722	39,689	593,814
FUMO	6,472	20,014	45,231	77,667	79,434	69,503	298,320
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO	179,235	350,123	346,436	345,266	293,598	204,062	1,718,721
OUTRAS DESPESAS	800,809	1,585,064	1,689,399	1,545,823	1,171,490	763,454	7,556,039
TOTAL DO CONSUMO URBANO	2,922,060	7,197,739	9,766,388	10,913,219	9,588,033	8,135,894	48,523,333
CONSUMO RURAL							10,632,166
TOTAL CONS.URBANO + RURAL							59,155,499

Fonte: IPC Marketing Editora Ltda

Praça Nove de Julho e Igreja Matriz de Sant'Ana

Crédito: Garimpo de Soluções

Vista de Areias

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Areias

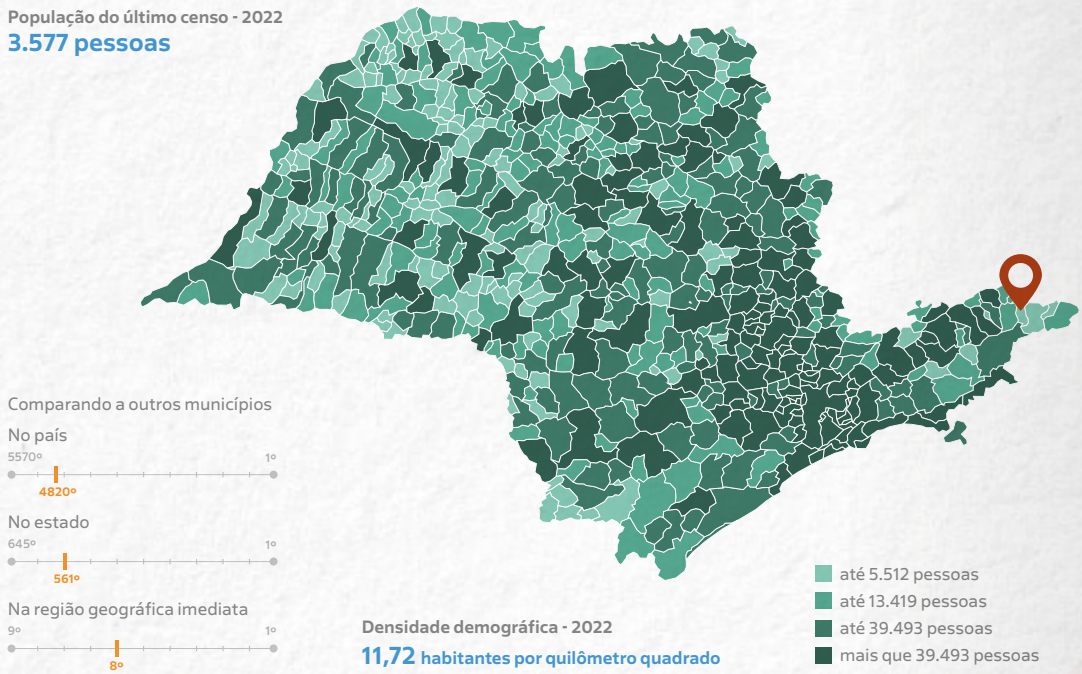
Demográficos e urbanos

- Do tupi "haie", atalho
- Gentílico: areiense
- População (2022): 3.577 (-3,22% vs. 2010)
- Densidade demográfica (2022): 11,72 hab/km²
- Esgotamento sanitário adequado (2010): 64,7%

Econômicos

- PIB per capita (2020): R$14.580,15 (612. no ESP)
- Salário médio mensal (2021): 1,7 salário mínimo
- Proporção de pessoas ocupadas em relação à população total: 12,8%.
- Receitas oriundas de fontes externas (2015): 93,3% (48. no ESP)
- Total de receitas realizadas (2017): R$17.339,96 x 1.000 (584. no ESP)
- Total de despesas empenhadas (2017): R$15.918,98 x 1.000 (558. no ESP)
- IDH-M (2010): 0,697

Perfil demográfico de Areias



Fonte: IBGE

Composição do PIB municipal de Areias

Areias código 3503505	
PIB a preços correntes	56.804,27 R$ (x1000) [2020]
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos, a preços correntes	1.947,46 R$ (x1000) [2020]
PIB per capita	14.580,15 R$ [2020]
Valor adicionado bruto a preços correntes	54.856,81 R$ (x1000) [2020]
• Agropecuária	7.370,49 R$ (x1000) [2020]
• Indústria	1.647,61 R$ (x1000) [2020]
• Serviços - exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	20.993,57 R$ (x1000) [2020]
• Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	24.845,15 R$ (x1000) [2020]

Fonte: IBGE

Consulta IPCMaps 2022

Município: AREIAS **UF:** SP **Código** 3503505

População

Total	3,915
Urbana	2,778
Rural	1,137

	Homens	Mulheres
0-4 anos	133	147
5-9 anos	145	169
10-14 anos	146	155
15-17 anos	91	101
18-29 anos	193	155
25-29 anos	114	113
30-39 anos	284	288
40-49 anos	289	260
50-59 anos	238	204
60 + anos	310	380
Total	1,943	1,972

Alfabetizada	3,288
Taxa de crescimento demográfico % a a	0.23
Densidade demográfica (hab/km2)	12.83

Número de Empresas

Indústria	83
Serviços	188
Agribusiness	182
Comércio	117
Total	570

Detalhamento por Setores

Serviços de Saúde	6
Agências Bancárias	1
Educação	10
Administração Pública	5
Atividades Financeiras	1
Correios e Telégrafos	1
Transportes	11
Serviços de Alojamento	6
Serviços em Geral	107
Serviços de Alimentação	31
Com. e Repar. Veículos	9
Indústria Extrativa	0
Construção	42
Reciclagem	0
Prod.Distrib./Eletric./Gás/Água	0
Indústria em Geral	41
Comércio Atacadista	1
Comércio Varejista	116

IPC (Share de Consumo)

0.00135

Posição no Ranking

Estadual	599
Nacional	4,705

Domicílios

Total	1,268
Urbanos	894
Rurais	374

Dados Gerais

PIB 2017 (R$)	46,311
PIB Per Cap 2017 (R$)	11,917.32
Área (km2)	305.227
Frota de veículos	1,817
Distância Capital	226

Consumo per Capita R$/Ano

Urbano	19,952.04
Rural	18,483.10

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
Número de Domicílios Urbanos	7	15	105	154	233	380	894

Potencial de Consumo por Categorias (R$)

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	231,971	404,119	832,630	1,330,162	1,101,493	1,382,335	5,282,711
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	155,998	265,565	487,449	498,866	360,799	305,085	2,073,763
BEBIDAS	33,862	53,294	116,770	156,664	118,884	118,533	598,006
HABITAÇÃO	906,987	1,466,356	2,864,190	3,956,054	3,806,790	4,082,694	17,083,072
PRODUTOS DE LIMPEZA	17,048	27,171	46,652	81,566	87,839	56,713	316,990
MOBILIÁRIO E ARTIGOS DO LAR	49,024	64,917	153,566	229,100	178,962	240,774	916,343
ELETROELETRONICOS	35,973	65,154	142,703	209,627	211,199	285,755	950,410
VESTUÁRIO CONFECCIONADO	56,381	107,437	241,917	319,359	230,540	281,439	1,237,074
CALÇADOS	20,546	43,588	97,389	135,270	99,090	153,971	549,854
JOIAS, BIJUTERIAS, ARMARINHOS	6,155	8,177	13,975	17,452	16,098	10,394	72,251
TRANSPORTE URBANO	30,278	52,114	164,534	242,678	220,315	189,045	898,964
VEÍCULO PRÓPRIO	456,586	717,286	1,471,369	1,382,619	874,731	571,571	5,474,162
HIGIENE E CUIDADOS PESSOAIS	64,981	128,335	310,626	460,862	405,684	514,250	1,884,738
MEDICAMENTOS	84,818	133,260	319,126	525,313	456,399	459,421	1,978,338
PLANO SAUDE / TRAT. MED. E DENTÁRIO	217,184	295,427	465,323	359,586	324,949	154,518	1,816,987
LIVROS E MATERIAL ESCOLAR	23,049	31,035	81,537	83,857	83,855	50,209	353,543
EDUCAÇÃO	164,987	279,672	458,509	332,903	135,721	112,029	1,483,820
RECREAÇÃO E CULTURA	84,774	117,493	220,503	214,781	176,540	199,439	1,013,530
VIAGENS	69,159	108,380	188,208	141,166	100,281	51,547	658,741
FUMO	9,060	16,679	51,067	92,718	88,783	90,267	348,574
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO	250,929	291,769	391,138	412,178	328,152	265,027	1,939,194
OUTRAS DESPESAS	1,121,133	1,320,886	1,907,386	1,845,402	1,309,366	991,542	8,495,714
TOTAL DO CONSUMO URBANO	4,090,883	5,998,116	11,026,567	13,028,184	10,716,471	10,566,559	55,426,781
CONSUMO RURAL							21,015,287
TOTAL CONS.URBANO + RURAL							76,442,068

Fonte: IPC Marketing Editora Ltda

BANANAL

Bananal

Demográficos e urbanos

- Gentílico: bananalense
- População (2022): 9.969 (+7,65% vs. 2010)
- Densidade demográfica (2022): 16,17 hab/km²
- Esgotamento sanitário adequado (2010): 84,9%

Econômicos

- PIB per capita (2020): R$18.548,14 (550. no ESP)
- Salário médio mensal (2021): 1,8 salário mínimo
- Proporção de pessoas ocupadas em relação à população total: 17,0%
- Receitas oriundas de fontes externas (2015): 86,4% (48. no ESP)
- Total de receitas realizadas (2017): R$34.246,84 x 1.000 (379. no ESP)
- Total de despesas empenhadas (2017): R$32.137,75 x 1.000 (366. no ESP)
- IDH-M (2010): 0,733

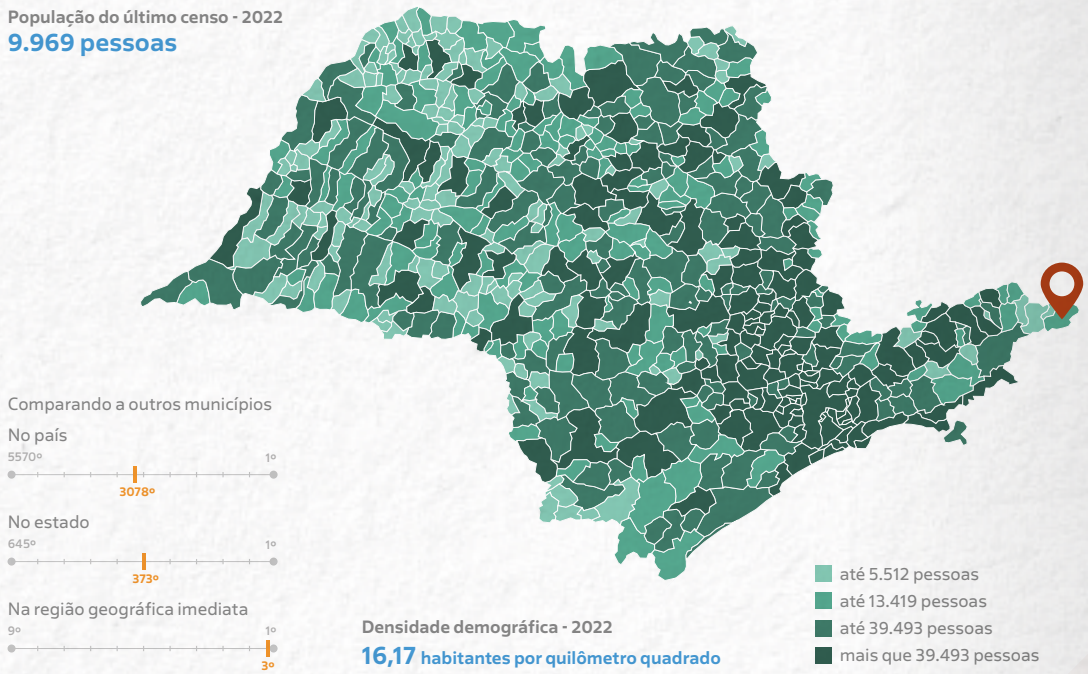
Casario

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Estação ferroviária de Bananal

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Perfil demográfico de Bananal



Fonte: IBGE

Composição do PIB municipal de Bananal

Bananal código 3504909	
PIB a preços correntes	203.899,74 R$ (x1000) [2020]
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos, a preços correntes	10.905,50 R$ (x1000) [2020]
PIB per capita	18.548,14 R$ [2020]
Valor adicionado bruto a preços correntes	129.994,24 R$ (x1000) [2020]
• Agropecuária	10.673,79 R$ (x1000) [2020]
• Indústria	34.218,02 R$ (x1000) [2020]
• Serviços - exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	91.743,97 R$ (x1000) [2020]
• Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	56.358,46 R$ (x1000) [2020]

Fonte: IBGE

Consulta IPCMaps 2022

Município: BANANAL **UF:** SP **Código** 3504909

População

Total	11,081
Urbana	9,151
Rural	1,930

	Homens	Mulheres
0-4 anos	417	335
5-9 anos	372	360
10-14 anos	369	388
15-17 anos	225	195
18-29 anos	497	488
25-29 anos	360	325
30-39 anos	799	806
40-49 anos	789	782
50-59 anos	612	692
60 + anos	1,045	1,225
Total	5,485	5,596

Alfabetizada	9,344
Taxa de crescimento demográfico % a a	0.38
Densidade demográfica (hab/km2)	17.98

Número de Empresas

Indústria	162
Serviços	495
Agribusiness	502
Comércio	248
Total	1,407

Detalhamento por Setores

Serviços de Saúde	12
Agências Bancárias	3
Educação	21
Administração Pública	6
Atividades Financeiras	4
Correios e Telégrafos	8
Transportes	55
Serviços de Alojamento	25
Serviços em Geral	236
Serviços de Alimentação	96
Com. e Repar. Veículos	29
Indústria Extrativa	3
Construção	68
Reciclagem	1
Prod.Distrib./Eletric./Gás/Água	5
Indústria em Geral	85
Comércio Atacadista	20
Comércio Varejista	228

IPC (Share de Consumo)

0.0049 0

Posição no Ranking

Estadual	387
Nacional	2,222

Domicílios

Total	3,904
Urbanos	3,225
Rurais	679

Dados Gerais

PIB 2017 (R$)	181,838
PIB Per Cap 2017 (R$)	16,613.77
Área (km2)	616.427
Frota de veículos	5,262
Distância Capital	256

Consumo per Capita R$/Ano

Urbano	26,110.91
Rural	19,547.75

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
Número de Domicílios Urbanos	38	106	492	625	878	1,086	3,225

Potencial de Consumo por Categorias (R$)

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	1,256,130	2,102,204	3,901,468	5,398,385	4,578,174	4,639,989	21,876,350
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	887,220	1,381,457	2,284,048	2,024,617	1,499,603	1,024,058	9,101,002
BEBIDAS	184,142	277,233	547,149	635,812	494,121	397,871	2,536,328
HABITAÇÃO	5,080,315	7,627,901	13,420,778	16,055,414	15,822,292	13,704,095	71,710,795
PRODUTOS DE LIMPEZA	91,277	141,344	218,599	331,032	365,086	190,366	1,337,705
MOBILIÁRIO E ARTIGOS DO LAR	273,425	337,693	719,568	929,790	743,827	808,188	3,812,491
ELETROELETRONICOS	196,795	338,927	668,665	850,757	877,812	959,174	3,892,131
VESTUÁRIO CONFECCIONADO	324,587	558,882	1,133,554	1,296,099	958,203	944,688	5,216,012
CALÇADOS	114,896	226,741	456,337	548,986	411,853	516,824	2,275,638
JOIAS, BIJUTERIAS, ARMARINHOS	35,987	42,536	65,482	70,828	66,907	34,890	316,630
TRANSPORTE URBANO	164,915	271,096	770,960	984,893	915,703	634,553	3,742,120
VEÍCULO PRÓPRIO	2,603,862	3,731,280	6,894,414	5,611,280	3,635,674	1,918,553	24,395,063
HIGIENE E CUIDADOS PESSOAIS	354,183	667,593	1,455,506	1,870,381	1,686,157	1,726,147	7,759,967
MEDICAMENTOS	463,759	693,212	1,495,333	2,131,953	1,896,948	1,542,106	8,223,311
PLANO SAUDE / TRAT. MED. E DENTÁRIO	1,211,172	1,536,795	2,180,368	1,459,359	1,350,598	518,660	8,256,953
LIVROS E MATERIAL ESCOLAR	132,160	161,443	382,059	340,330	348,530	168,534	1,533,057
EDUCAÇÃO	969,785	1,454,840	2,148,442	1,351,066	564,100	376,039	6,864,272
RECREAÇÃO E CULTURA	481,723	611,192	1,033,213	871,678	733,757	669,443	4,401,006
VIAGENS	416,874	563,785	881,888	572,914	416,803	173,023	3,025,287
FUMO	48,553	86,761	239,286	376,291	369,012	302,994	1,422,897
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO	1,402,676	1,517,768	1,832,760	1,672,801	1,363,911	889,598	8,679,514
OUTRAS DESPESAS	6,493,888	6,871,176	8,937,466	7,489,455	5,442,161	3,328,239	38,562,385
TOTAL DO CONSUMO URBANO	23,188,323	31,201,860	51,667,344	52,874,123	44,541,233	35,468,031	238,940,914
CONSUMO RURAL							37,727,165
TOTAL CONS.URBANO + RURAL							276,668,079

Fonte: IPC Marketing Editora Ltda

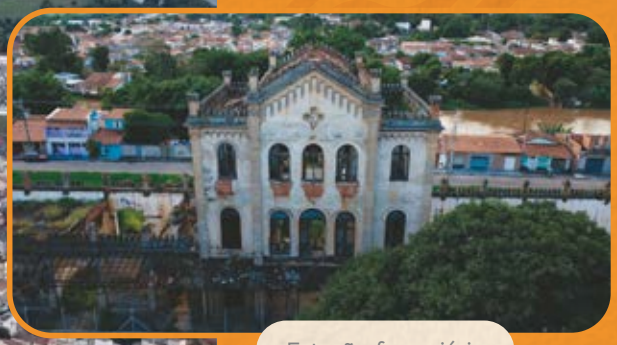
Cachoeira Paulista

Demográficos e urbanos

- Gentílico: cachoeirense
- População (2022): 31.564 (+4,9% vs. 2010)
- Densidade demográfica (2022): 109,6 hab/km²
- Esgotamento sanitário adequado (2010): 89,5%

Econômicos

- PIB per capita (2020): R$18.937,50 (543. no ESP)
- Salário médio mensal (2021): 2,2 salários mínimos.
- Proporção de pessoas ocupadas em relação à população total: 16,1%
- Receitas oriundas de fontes externas: ND
- Total de receitas realizadas (2017): R$88.016,71 x 1.000 (211. no ESP)
- Total de despesas empenhadas (2017): R$78.329,61 x 1.000 (211. no ESP)
- IDH-M (2010): 0,764



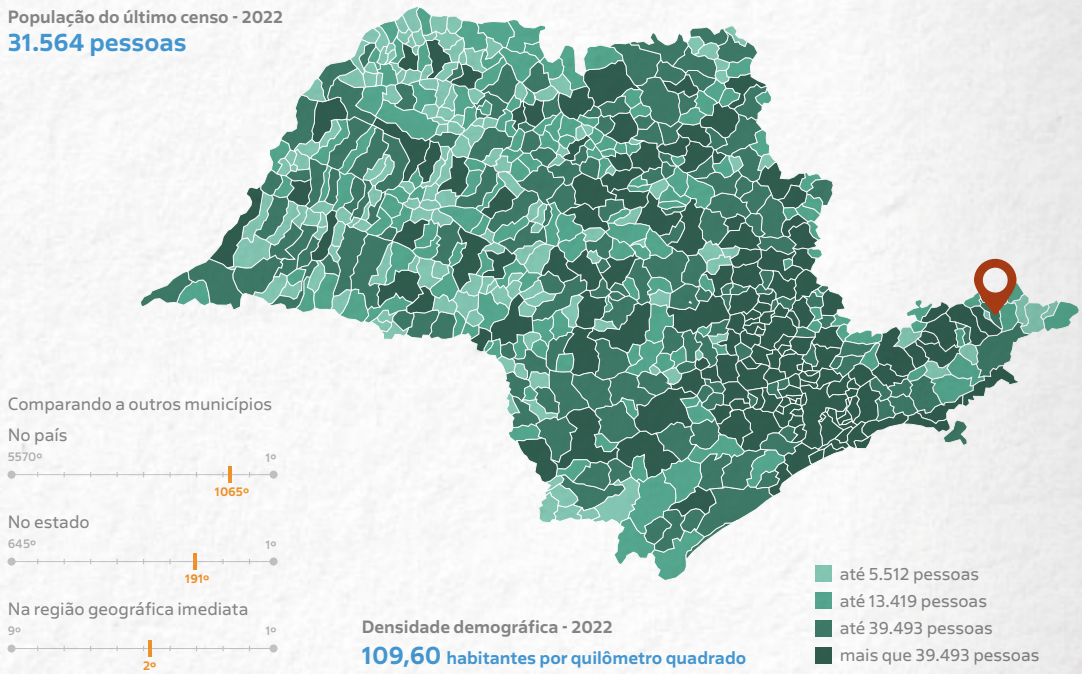
Estação ferroviária

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Visão aérea

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Perfil demográfico de Cachoeira Paulista



Fonte: IBGE

Composição do PIB municipal de Cachoeira Paulista

Cachoeira Paulista código 3508603	
PIB a preços correntes	635.940,22 R$ (x1000) [2020]
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos, a preços correntes	32.896,40 R$ (x1000) [2020]
PIB per capita	18.937,50 R$ [2020]
Valor adicionado bruto a preços correntes	603.043,82 R$ (x1000) [2020]
• Agropecuária	18.537,90 R$ (x1000) [2020]
• Indústria	54.499,52 R$ (x1000) [2020]
• Serviços - exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	383.888,93 R$ (x1000) [2020]
• Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	146.117,48 R$ (x1000) [2020]

Fonte: IBGE

Consulta IPCMaps 2022

Município: CACHOEIRA PAULISTA **UF:** SP **Código** 3508603

População

Total	34,064
Urbana	28,696
Rural	5,368

	Homens	Mulheres
0-4 anos	1,157	1,063
5-9 anos	1,076	1,151
10-14 anos	1,099	1,014
15-17 anos	721	575
18-29 anos	1,680	1,536
25-29 anos	1,226	1,157
30-39 anos	2,573	2,574
40-49 anos	2,318	2,574
50-59 anos	2,143	2,172
60 + anos	2,734	3,521
Total	16,727	17,337

Alfabetizada	30,062
Taxa de crescimento demográfico % a a	0.70
Densidade demográfica (hab/km2)	118.28

Número de Empresas

Indústria	434
Serviços	1,637
Agribusiness	473
Comércio	753
Total	3,297

Detalhamento por Setores

Serviços de Saúde	81
Agências Bancárias	4
Educação	92
Administração Pública	9
Atividades Financeiras	11
Correios e Telégrafos	21
Transportes	95
Serviços de Alojamento	96
Serviços em Geral	844
Serviços de Alimentação	279
Com. e Repar. Veículos	105
Indústria Extrativa	4
Construção	202
Reciclagem	7
Prod.Distrib./Eletric./Gás/Água	9
Indústria em Geral	212
Comércio Atacadista	35
Comércio Varejista	718

IPC (Share de Consumo)

0.01782

Posição no Ranking

Estadual	193
Nacional	734

Domicílios

Total	11,320
Urbanos	9,507
Rurais	1,813

Dados Gerais

PIB 2017 (R$)	618,062
PIB Per Cap 2017 (R$)	18,545.37
Área (km2)	287.990
Frota de veículos	17,821
Distância Capital	193

Consumo per Capita R$/Ano

Urbano	31,424.94
Rural	19,272.27

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
Número de Domicílios Urbanos	279	447	1,717	2,240	2,704	2,120	9,507

Potencial de Consumo por Categorias (R$)

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	6,731,287	9,394,671	16,444,433	20,278,947	14,916,539	9,321,675	77,087,552
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	4,971,560	6,173,678	9,627,115	7,605,440	4,885,983	2,057,319	35,321,094
BEBIDAS	990,760	1,238,944	2,306,196	2,388,417	1,609,938	799,317	9,333,573
HABITAÇÃO	28,087,782	34,088,804	56,567,711	60,311,904	51,551,954	27,531,343	258,139,498
PRODUTOS DE LIMPEZA	483,827	631,661	921,380	1,243,518	1,189,519	382,442	4,852,348
MOBILIÁRIO E ARTIGOS DO LAR	1,505,891	1,509,137	3,032,933	3,492,739	2,423,527	1,623,638	13,587,866
ELETROELETRONICOS	1,064,799	1,514,652	2,818,379	3,195,857	2,860,074	1,926,969	13,380,728
VESTUÁRIO CONFECCIONADO	1,837,939	2,497,623	4,777,856	4,868,776	3,122,002	1,897,865	19,002,060
CALÇADOS	634,310	1,013,299	1,923,432	2,062,257	1,341,893	1,038,292	8,013,483
JOIAS, BIJUTERIAS, ARMARINHOS	206,431	190,093	276,002	266,065	217,995	70,094	1,226,680
TRANSPORTE URBANO	888,623	1,211,518	3,249,546	3,699,736	2,983,530	1,274,808	13,307,761
VEÍCULO PRÓPRIO	14,625,287	16,674,953	29,059,510	21,078,682	11,845,699	3,854,347	97,138,479
HIGIENE E CUIDADOS PESSOAIS	1,909,783	2,983,449	6,134,866	7,026,056	5,493,811	3,467,806	27,015,770
MEDICAMENTOS	2,508,001	3,097,940	6,302,733	8,008,646	6,180,607	3,098,070	29,195,996
PLANO SAUDE / TRAT. MED. E DENTÁRIO	6,669,872	6,867,882	9,190,112	5,482,060	4,400,499	1,041,981	33,652,405
LIVROS E MATERIAL ESCOLAR	745,787	721,484	1,610,355	1,278,445	1,135,577	338,582	5,830,231
EDUCAÇÃO	5,587,243	6,501,625	9,055,544	5,075,258	1,837,944	755,457	28,813,071
RECREAÇÃO E CULTURA	2,697,307	2,731,394	4,354,927	3,274,443	2,390,717	1,344,902	16,793,690
VIAGENS	2,450,518	2,519,534	3,717,102	2,152,144	1,358,021	347,600	12,544,919
FUMO	257,586	387,732	1,008,575	1,413,532	1,202,310	608,711	4,878,446
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO	7,740,920	6,782,847	7,724,967	6,283,849	4,443,875	1,787,191	34,763,649
OUTRAS DESPESAS	36,960,911	30,707,030	37,670,842	28,134,015	17,731,568	6,686,388	157,890,754
TOTAL DO CONSUMO URBANO	129,556,424	139,439,950	217,774,514	198,620,786	145,123,581	71,254,798	901,770,052
CONSUMO RURAL							103,453,537
TOTAL CONS.URBANO + RURAL							1,005,223,589

Fonte: IPC Marketing Editora Ltda

Cruzeiro

Ponto de ônibus

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Belvedere da Santa

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Cruzeiro

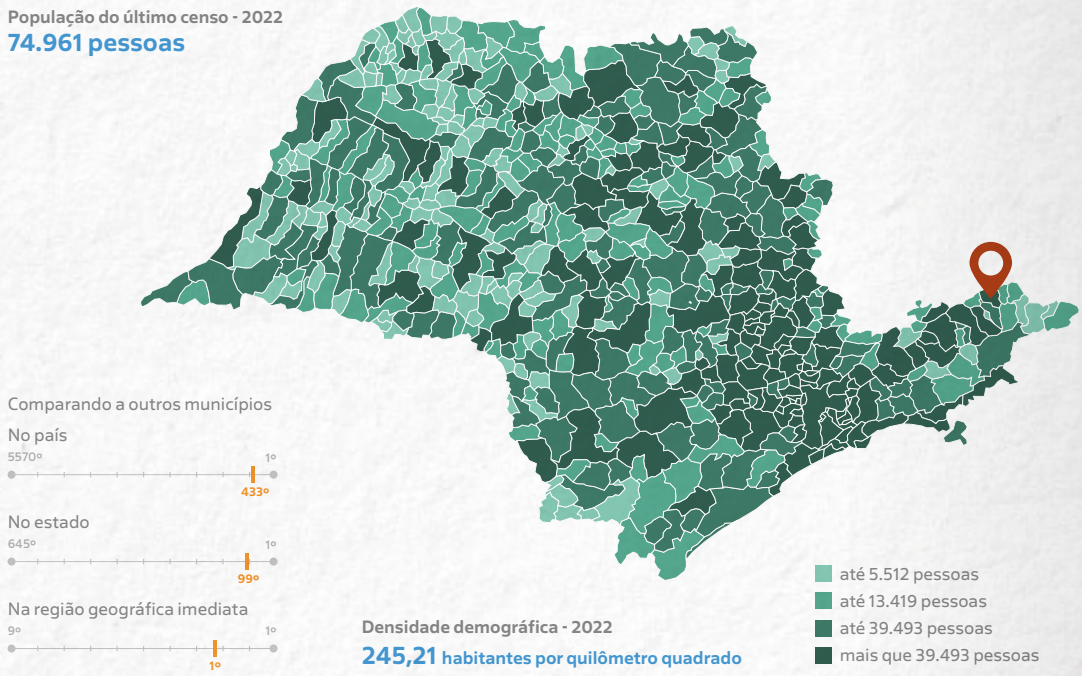
Demográficos e urbanos

- Gentílico: cruzeirense
- População (2022): 74.961 (-2,7% vs. 2010)
- Densidade demográfica (2022): 245,21 hab/km²
- Esgotamento sanitário adequado (2010): 96,1%

Economicos

- PIB per capita (2020): R$32.357,47 (281. no ESP)
- Salário médio mensal (2021): 3 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 23,1%
- Receitas oriundas de fontes externas: ND
- Total de receitas realizadas (2017): R$187.068,03 x 1.000 (121. no ESP)
- Total de despesas empenhadas (2017): R$170.760,32 x 1.000 (121. no ESP)
- IDH-M (2010): 0,788

Perfil demográfico de Cruzeiro



Fonte: IBGE

Composição do PIB municipal de Cruzeiro

Cruzeiro código 3513405	
PIB a preços correntes	2.671.788,29 R$ (x1000) [2020]
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos, a preços correntes	32.357,47 R$ (x1000) [2020]
PIB per capita	32.357,47 R$ [2020]
Valor adicionado bruto a preços correntes	2.293.066,37 R$ (x1000) [2020]
• Agropecuária	10.797,85 R$ (x1000) [2020]
• Indústria	714.398,90 R$ (x1000) [2020]
• Serviços - exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	1.231.364,03 R$ (x1000) [2020]
• Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	336.505,59 R$ (x1000) [2020]

Fonte: IBGE

Consulta IPCMaps 2022

Município: CRUZEIRO **UF:** SP **Código** 3513405

População

Total	83,193
Urbana	81,420
Rural	1,773

	Homens	Mulheres
0-4 anos	2,739	2,644
5-9 anos	2,754	2,573
10-14 anos	2,699	2,572
15-17 anos	1,745	1,544
18-29 anos	3,928	3,892
25-29 anos	2,963	2,782
30-39 anos	6,227	6,232
40-49 anos	5,992	6,328
50-59 anos	5,151	5,573
60 + anos	6,378	8,477
Total	40,576	42,617

Alfabetizada	74,440
Taxa de crescimento demográfico % a a	0.35
Densidade demográfica (hab/km2)	272.14

Número de Empresas

Indústria	1,233
Serviços	4,551
Agribusiness	458
Comércio	2,339
Total	8,581

Detalhamento por Setores

Serviços de Saúde	285
Agências Bancárias	7
Educação	277
Administração Pública	16
Atividades Financeiras	44
Correios e Telégrafos	68
Transportes	331
Serviços de Alojamento	17
Serviços em Geral	2,322
Serviços de Alimentação	830
Com. e Repar. Veículos	354
Indústria Extrativa	2
Construção	582
Reciclagem	26
Prod.Distrib./Eletric./Gás/Água	1
Indústria em Geral	622
Comércio Atacadista	118
Comércio Varejista	2,221

IPC (Share de Consumo)

0.04190

Posição no Ranking

Estadual	103
Nacional	356

Domicílios

Total	27,426
Urbanos	26,825
Rurais	601

Dados Gerais

PIB 2017 (R$)	2,380,399
PIB Per Cap 2017 (R$)	28,945.24
Área (km2)	305.699
Frota de veículos	46,363
Distância Capital	202

Consumo per Capita R$/Ano

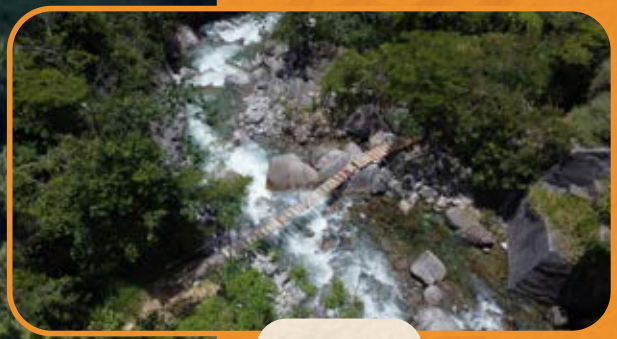
Urbano	28,490.78
Rural	24,898.24

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
Número de Domicílios Urbanos	585	1,191	4,723	6,320	7,806	6,200	26,825

Potencial de Consumo por Categorias (R$)

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	13,967,026	25,031,439	45,234,164	57,215,601	33,424,884	27,249,174	202,122,288
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	9,760,150	16,449,331	26,481,575	21,458,205	10,948,478	6,013,966	91,111,706
BEBIDAS	2,045,567	3,301,079	6,343,718	6,738,749	3,607,540	2,336,568	24,373,220
HABITAÇÃO	56,071,195	90,827,215	155,602,388	170,165,729	115,517,287	80,479,785	668,663,599
PRODUTOS DE LIMPEZA	1,017,485	1,683,016	2,534,465	3,508,497	2,665,467	1,117,958	12,526,889
MOBILIÁRIO E ARTIGOS DO LAR	3,020,588	4,020,990	8,342,773	9,854,515	5,430,625	4,746,228	35,415,719
ELETROELETRONICOS	2,183,243	4,035,683	7,752,593	9,016,881	6,408,835	5,632,926	35,030,160
VESTUÁRIO CONFECCIONADO	3,561,488	6,654,739	13,142,582	13,736,903	6,995,761	5,547,851	49,639,324
CALÇADOS	1,268,554	2,699,863	5,290,838	5,818,511	3,006,906	3,035,142	21,119,814
JOIAS, BIJUTERIAS, ARMARINHOS	393,578	506,490	759,206	750,682	488,482	204,899	3,103,338
TRANSPORTE URBANO	1,831,339	3,228,005	8,938,617	10,438,539	6,685,475	3,726,526	34,848,502
VEÍCULO PRÓPRIO	28,627,955	44,429,238	79,934,809	59,471,995	26,543,767	11,267,050	250,274,815
HIGIENE E CUIDADOS PESSOAIS	3,932,485	7,949,189	16,875,347	19,823,515	12,310,496	10,137,110	71,028,142
MEDICAMENTOS	5,145,552	8,254,243	17,337,103	22,595,822	13,849,464	9,056,297	76,238,481
PLANO SAUDE / TRAT. MED. E DENTÁRIO	13,380,397	18,298,986	25,279,498	15,467,240	9,860,609	3,045,926	85,332,656
LIVROS E MATERIAL ESCOLAR	1,451,341	1,922,343	4,429,649	3,607,042	2,544,593	989,746	14,944,714
EDUCAÇÃO	10,594,490	17,323,123	24,909,338	14,319,479	4,118,452	2,208,356	73,473,238
RECREAÇÃO E CULTURA	5,300,338	7,277,606	11,979,220	9,238,607	5,357,103	3,931,425	43,084,300
VIAGENS	4,530,608	6,713,121	10,224,736	6,072,120	3,043,044	1,016,107	31,599,736
FUMO	541,118	1,033,085	2,774,314	3,988,180	2,694,128	1,779,386	12,810,212
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO	15,488,094	18,072,419	21,249,283	17,729,431	9,957,807	5,224,326	87,721,359
OUTRAS DESPESAS	71,161,600	81,816,717	103,622,240	79,378,115	39,732,783	19,545,690	395,257,144
TOTAL DO CONSUMO URBANO	255,274,190	371,527,921	599,038,456	560,394,361	325,191,986	208,292,443	2,319,719,356
CONSUMO RURAL							44,144,583
TOTAL CONS.URBANO + RURAL							2,363,863,939

Fonte: IPC Marketing Editora Ltda



Poço Azul

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Vista aérea de Pinheiros

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Lavrinhas

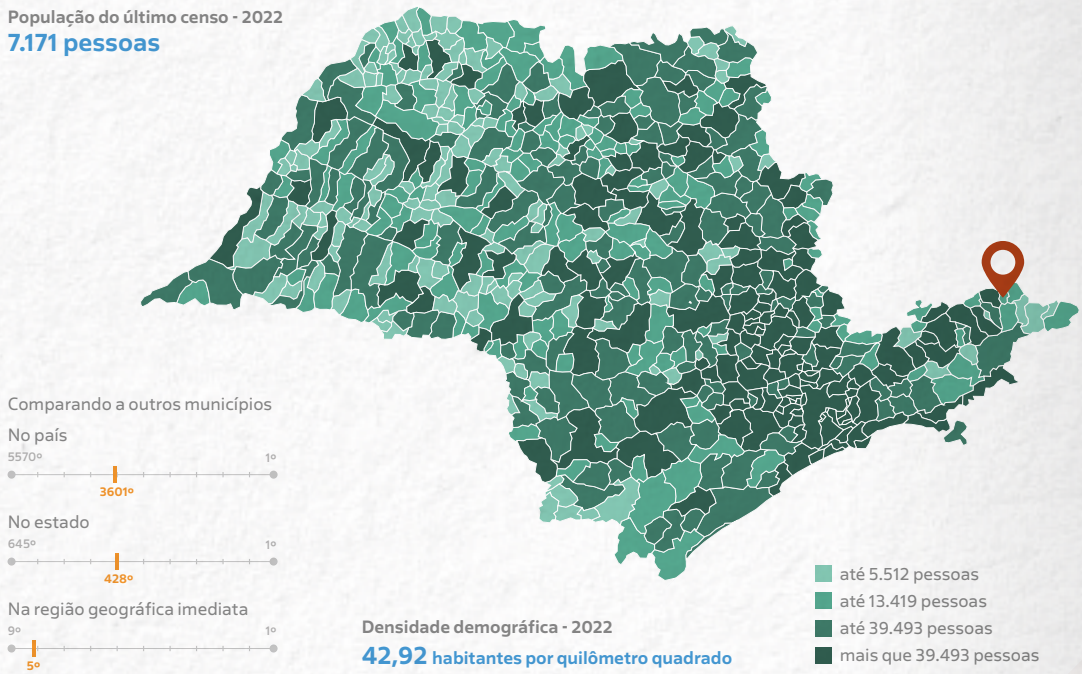
Demográficos e urbanos

- Gentílico: lavrinhense
- População (2022): 7.171 (+8,82% vs. 2010)
- Densidade demográfica (2022): 42,92 hab/km²
- Esgotamento sanitário adequado (2010): 81,6%

Econômicos

- PIB per capita (2020): R$16.506,35 (583. no ESP)
- Salário médio mensal (2021): 2 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 10,8%
- Receitas oriundas de fontes externas: ND
- Total de receitas realizadas (2017): R$23.388,76 x 1.000 (482. no ESP)
- Total de despesas empenhadas (2017): R$21.425,98 x 1.000 (471. no ESP)
- -DH-M (2010): 0,729

Perfil demográfico de Lavrinhas



Fonte: IBGE

Composição do PIB municipal de Lavrinhas

Lavrinhas código 3526605	
PIB a preços correntes	120.677,95 R$ (x1000) [2020]
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos, a preços correntes	12.092,57 R$ (x1000) [2020]
PIB per capita	16.506,35 R$ [2020]
Valor adicionado bruto a preços correntes	108.585,38 R$ (x1000) [2020]
• Agropecuária	5.729,69 R$ (x1000) [2020]
• Indústria	21.476,13 R$ (x1000) [2020]
• Serviços - exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	44.225,92 R$ (x1000) [2020]
• Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	37.153,64 R$ (x1000) [2020]

Fonte: IBGE

Consulta IPCMaps 2022

Município: LAVRINHAS **UF:** SP **Código** 3526605

População

Total	7,409
Urbana	6,895
Rural	514

	Homens	Mulheres
0-4 anos	319	291
5-9 anos	314	255
10-14 anos	312	292
15-17 anos	170	169
18-29 anos	395	369
25-29 anos	283	272
30-39 anos	604	580
40-49 anos	481	530
50-59 anos	383	426
60 + anos	479	485
Total	3,740	3,669

Alfabetizada	6,284
Taxa de crescimento demográfico % a a	0.65
Densidade demográfica (hab/km2)	44.35

Número de Empresas

Indústria	74
Serviços	253
Agribusiness	223
Comércio	128
Total	678

Detalhamento por Setores

Serviços de Saúde	10
Agências Bancárias	1
Educação	10
Administração Pública	4
Atividades Financeiras	0
Correios e Telégrafos	3
Transportes	15
Serviços de Alojamento	11
Serviços em Geral	117
Serviços de Alimentação	67
Com. e Repar. Veículos	15
Indústria Extrativa	8
Construção	25
Reciclagem	3
Prod.Distrib./Eletric./Gás/Água	3
Indústria em Geral	35
Comércio Atacadista	9
Comércio Varejista	119

IPC (Share de Consumo)

0.00296

Posição no Ranking

Estadual	474
Nacional	3,202

Domicílios

Total	2,300
Urbanos	2,139
Rurais	161

Dados Gerais

PIB 2017 (R$)	103,394
PIB Per Cap 2017 (R$)	14,241.56
Área (km2)	167.067
Frota de veículos	3,719
Distância Capital	208

Consumo per Capita R$/Ano

Urbano	22,867.11
Rural	18,206.26

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
Número de Domicílios Urbanos	21	63	293	400	588	774	2,139

Potencial de Consumo por Categorias (R$)

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	694,342	1,697,300	2,323,435	3,454,967	3,066,021	3,306,571	14,542,635
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	488,181	1,115,375	1,360,216	1,295,755	1,004,290	729,769	5,993,585
BEBIDAS	101,746	223,835	325,843	406,920	330,915	283,533	1,672,791
HABITAÇÃO	2,799,296	6,158,695	7,992,455	10,275,465	10,596,250	9,765,878	47,588,039
PRODUTOS DE LIMPEZA	50,510	114,120	130,182	211,861	244,500	135,659	886,831
MOBILIÁRIO E ARTIGOS DO LAR	150,720	272,650	428,523	595,065	498,144	575,935	2,521,037
ELETROELETRONICOS	108,676	273,646	398,209	544,485	587,874	683,531	2,596,421
VESTUÁRIO CONFECCIONADO	178,402	451,236	675,064	829,504	641,712	673,208	3,449,125
CALÇADOS	63,318	183,069	271,762	351,351	275,820	368,301	1,513,621
JOIAS, BIJUTERIAS, ARMARINHOS	19,752	34,343	38,996	45,330	44,808	24,864	208,093
TRANSPORTE URBANO	91,108	218,880	459,129	630,332	613,250	452,198	2,464,897
VEÍCULO PRÓPRIO	1,432,384	3,012,601	4,105,820	3,591,219	2,434,825	1,367,208	15,944,057
HIGIENE E CUIDADOS PESSOAIS	195,657	539,008	866,796	1,197,044	1,129,226	1,230,095	5,157,826
MEDICAMENTOS	256,113	559,693	890,513	1,364,450	1,270,393	1,098,943	5,440,106
PLANO SAUDE / TRAT. MED. E DENTÁRIO	667,638	1,240,794	1,298,471	933,990	904,501	369,610	5,415,005
LIVROS E MATERIAL ESCOLAR	72,665	130,348	227,527	217,811	233,412	120,101	1,001,865
EDUCAÇÃO	532,032	1,174,624	1,279,458	864,682	377,780	267,975	4,496,551
RECREAÇÃO E CULTURA	265,083	493,471	615,308	557,874	491,400	477,062	2,900,197
VIAGENS	228,197	455,195	525,190	366,665	279,134	123,300	1,977,681
FUMO	26,865	70,050	142,502	240,826	247,129	215,921	943,293
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO	773,032	1,225,431	1,091,461	1,070,592	913,417	633,950	5,707,883
OUTRAS DESPESAS	3,567,268	5,547,723	5,322,515	4,793,251	3,644,636	2,371,786	25,247,179
TOTAL DO CONSUMO URBANO	12,762,986	25,192,087	30,769,374	33,839,439	29,829,436	25,275,397	157,668,718
CONSUMO RURAL							9,358,020
TOTAL CONS.URBANO + RURAL							167,026,738

Fonte: IPC Marketing Editora Ltda

PRAÇA

Igreja Matriz São João Batista

Crédito: Garimpo de Soluções

Casario

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Queluz

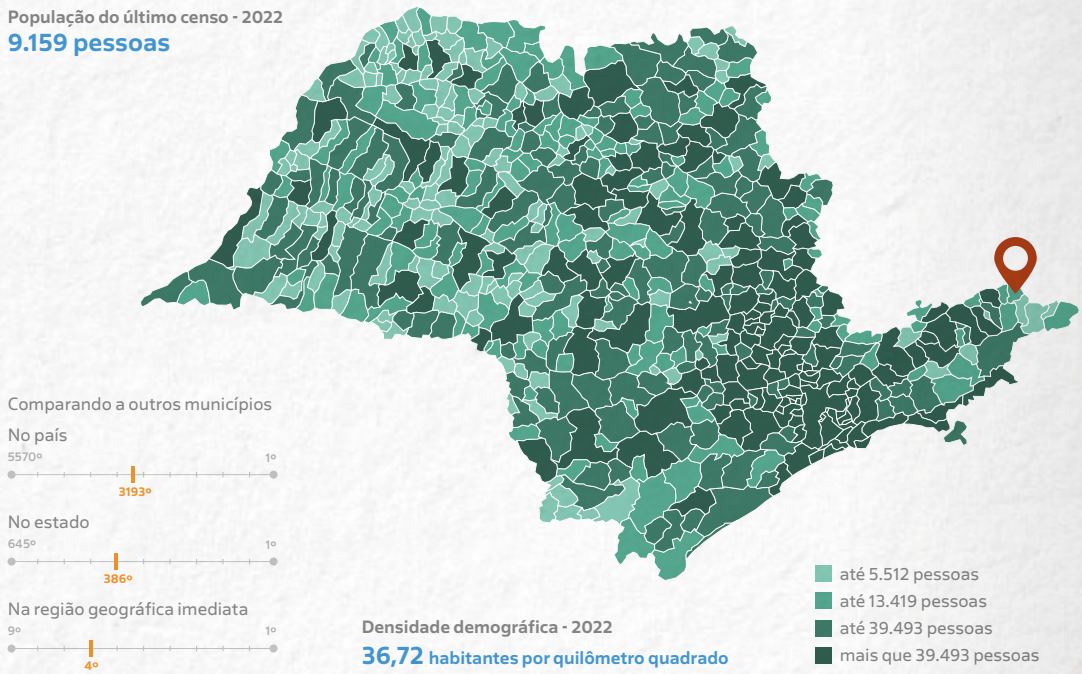
Demográficos e urbanos

- Gentílico: queluzense
- População (2022): 9.159 (-19,01% vs. 2010)
- Densidade demográfica (2022): 36,72 hab/km²
- Esgotamento sanitário adequado (2010): 72,8%

Econômicos

- PIB per capita (2020): R$25.405,90 (417. no ESP)
- Salário médio mensal (2021): 2 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 12,9%
- Receitas oriundas de fontes externas: 83,5%
- Total de receitas realizadas (2017): R$38.623,05 x 1.000 (357. no ESP)
- Total de despesas empenhadas (2017): R$33.674,43 x 1.000 (358. no ESP)
- IDH-M (2010): 0,722

Perfil demográfico de Queluz



Fonte: IBGE

Composição do PIB municipal de Queluz

Queluz código 3541901	
PIB a preços correntes	354.672,63 R$ (x1000) [2020]
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos, a preços correntes	40.596,72 R$ (x1000) [2020]
PIB per capita	25.405,90 R$ [2020]
Valor adicionado bruto a preços correntes	305.075,91 R$ (x1000) [2020]
• Agropecuária	4.141,84 R$ (x1000) [2020]
• Indústria	39.517,06 R$ (x1000) [2020]
• Serviços - exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	198.318,79 R$ (x1000) [2020]
• Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	63.044,21 R$ (x1000) [2020]

Fonte: IBGE

Consulta IPCMaps 2022

Município: QUELUZ **UF:** SP **Código** 3541901

População

Total	13,968
Urbana	11,811
Rural	2,157

	Homens	Mulheres
0-4 anos	483	486
5-9 anos	531	560
10-14 anos	462	431
15-17 anos	327	246
18-29 anos	683	725
25-29 anos	561	494
30-39 anos	1,224	1,067
40-49 anos	1,071	936
50-59 anos	802	741
60 + anos	980	1,158
Total	7,124	6,844

Alfabetizada	11,973
Taxa de crescimento demográfico % a a	1.30
Densidade demográfica (hab/km2)	56.01

Número de Empresas

Indústria	134
Serviços	611
Agribusiness	226
Comércio	235
Total	1,206

Detalhamento por Setores

Serviços de Saúde	23
Agências Bancárias	2
Educação	44
Administração Pública	5
Atividades Financeiras	0
Correios e Telégrafos	7
Transportes	95
Serviços de Alojamento	9
Serviços em Geral	237
Serviços de Alimentação	147
Com. e Repar. Veículos	42
Indústria Extrativa	3
Construção	61
Reciclagem	2
Prod.Distrib./Eletric./Gás/Água	5
Indústria em Geral	63
Comércio Atacadista	8
Comércio Varejista	227

IPC (Share de Consumo)

0.00553

Posição no Ranking

Estadual	366
Nacional	2,024

Domicílios

Total	4,102
Urbanos	3,569
Rurais	533

Dados Gerais

PIB 2017 (R$)	338,412
PIB Per Cap 2017 (R$)	25,216.99
Área (km2)	249.399
Frota de veículos	4,476
Distância Capital	221

Consumo per Capita R$/Ano

Urbano	23,457.49
Rural	16,106.58

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
Número de Domicílios Urbanos	45	107	550	804	1,074	989	3,569

Potencial de Consumo por Categorias (R$)

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	1,460,456	2,882,715	4,361,397	6,998,590	4,489,550	4,608,622	24,801,330
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	1,117,528	1,894,367	2,553,306	2,624,759	1,470,573	1,017,135	10,677,669
BEBIDAS	215,675	380,165	611,650	824,281	484,556	395,181	2,911,507
HABITAÇÃO	6,248,662	10,460,006	15,002,902	20,814,605	15,516,005	13,611,454	81,653,633
PRODUTOS DE LIMPEZA	104,024	193,823	244,369	429,158	358,019	189,079	1,518,471
MOBILIÁRIO E ARTIGOS DO LAR	334,006	463,072	804,395	1,205,400	729,428	802,724	4,339,027
ELETROELETRONICOS	232,854	464,764	747,491	1,102,941	860,819	952,690	4,361,561
VESTUÁRIO CONFECCIONADO	416,410	766,385	1,267,184	1,680,293	939,654	938,302	6,008,228
CALÇADOS	140,954	310,926	510,133	711,718	403,880	513,330	2,590,942
JOIAS, BIJUTERIAS, ARMARINHOS	47,220	58,329	73,201	91,823	65,612	34,654	370,840
TRANSPORTE URBANO	193,675	371,749	861,845	1,276,838	897,977	630,263	4,232,348
VEÍCULO PRÓPRIO	3,293,436	5,116,639	7,707,171	7,274,591	3,565,295	1,905,583	28,862,715
HIGIENE E CUIDADOS PESSOAIS	416,470	915,459	1,627,091	2,424,805	1,653,516	1,714,478	8,751,818
MEDICAMENTOS	548,236	950,590	1,671,612	2,763,912	1,860,227	1,531,681	9,326,258
PLANO SAUDE / TRAT. MED. E DENTÁRIO	1,479,261	2,107,380	2,437,404	1,891,947	1,324,453	515,154	9,755,599
LIVROS E MATERIAL ESCOLAR	168,536	221,384	427,099	441,212	341,784	167,395	1,767,409
EDUCAÇÃO	1,282,118	1,994,996	2,401,714	1,751,553	553,181	373,497	8,357,059
RECREAÇÃO E CULTURA	605,963	838,117	1,155,015	1,130,063	719,553	664,917	5,113,628
VIAGENS	570,446	773,108	985,851	742,739	408,734	171,853	3,652,732
FUMO	55,423	118,974	267,494	487,833	361,869	300,946	1,592,538
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO	1,719,665	2,081,288	2,048,818	2,168,657	1,337,509	883,584	10,239,521
OUTRAS DESPESAS	8,406,182	9,422,323	9,991,070	9,709,500	5,336,812	3,305,740	46,171,626
TOTAL DO CONSUMO URBANO	29,057,199	42,786,560	57,758,210	68,547,219	43,679,008	35,228,262	277,056,459
CONSUMO RURAL							34,741,889
TOTAL CONS.URBANO + RURAL							311,798,348

Fonte: IPC Marketing Editora Ltda

Aqui se Produz
a Riqueza do
Município
História
SP-68

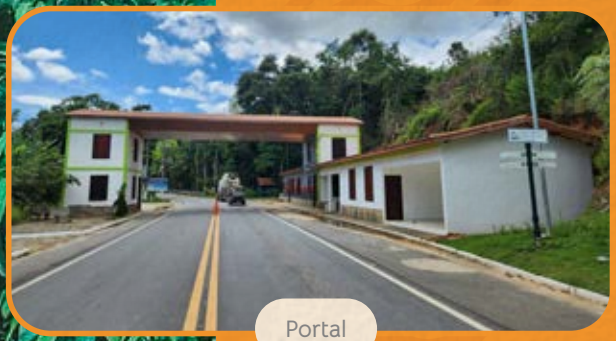
São José do Barreiro

Demográficos e urbanos

- Gentílico: barreirense
- População (2022): 3.853 (-5,49% 2010)
- Densidade demográfica (2022): 6,75 hab/km²
- Esgotamento sanitário adequado (2010): 73,6%

Econômicos

- PIB per capita (2020): R$14.539,84 (615. no ESP)
- Salário médio mensal (2021): 2,1 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 12,7%
- Receitas oriundas de fontes externas: 86,5%
- Total de receitas realizadas (2017): R$20.799,15 x 1.000 (523. no ESP)
- Total de despesas empenhadas (2017): R$17.636,31 x 1.000 (530. no ESP)
- IDH-M (2010): 0,684



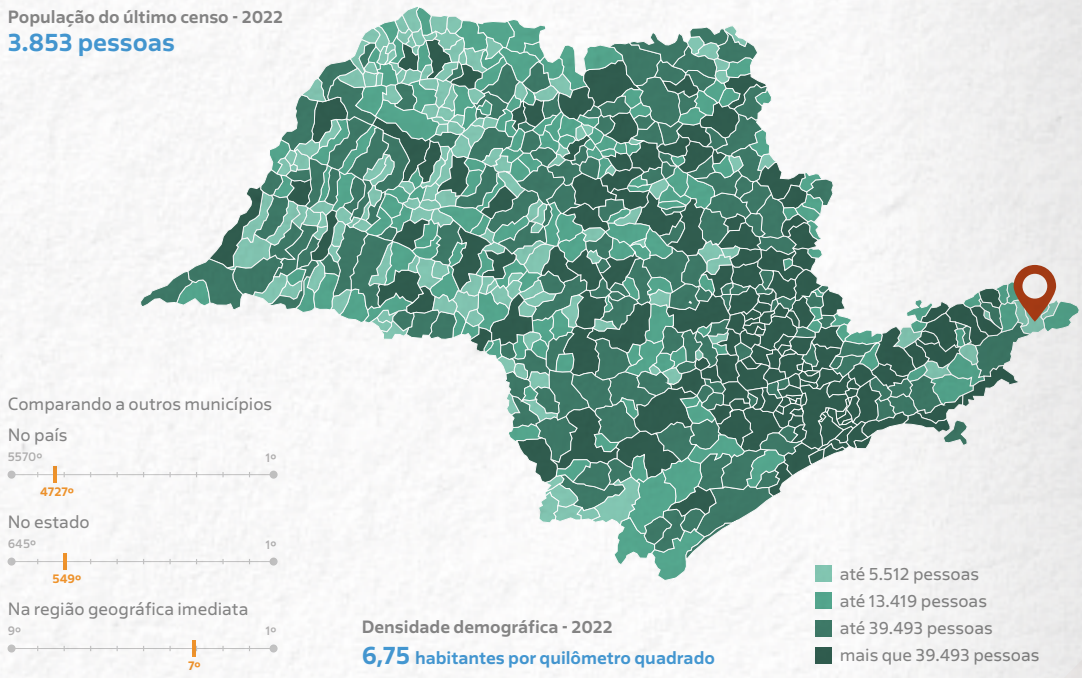
Portal

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Placa na Rodovia dos Tropeiros

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Perfil demográfico de São José do Barreiro



Fonte: IBGE

Composição do PIB municipal de São José do Barreiro

São José do Barreiro código 3549607	
PIB a preços correntes	60.253,09 R$ (x1000) [2020]
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos, a preços correntes	1.855,42 R$ (x1000) [2020]
PIB per capita	14.539,84 R$ [2020]
Valor adicionado bruto a preços correntes	58.397,68 R$ (x1000) [2020]
• Agropecuária	9.130,13 R$ (x1000) [2020]
• Indústria	2.307,86 R$ (x1000) [2020]
• Serviços - exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	21.165,86 R$ (x1000) [2020]
• Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	25.793,83 R$ (x1000) [2020]

Fonte: IBGE

Consulta IPCMaps 2022

Município: SAO JOSE DO BARREIRO **UF:** SP **Código** 3549607

População

Total	4,137
Urbana	3,063
Rural	1,074

	Homens	Mulheres
0-4 anos	137	140
5-9 anos	170	164
10-14 anos	153	152
15-17 anos	90	79
18-29 anos	182	170
25-29 anos	117	125
30-39 anos	287	281
40-49 anos	296	301
50-59 anos	281	210
60 + anos	368	434
Total	2,081	2,056

Alfabetizada	3,384
Taxa de crescimento demográfico % a a	-0.09
Densidade demográfica (hab/km2)	7.25

Número de Empresas

Indústria	94
Serviços	290
Agribusiness	386
Comércio	94
Total	864

Detalhamento por Setores

Serviços de Saúde	9
Agências Bancárias	1
Educação	21
Administração Pública	5
Atividades Financeiras	1
Correios e Telégrafos	1
Transportes	14
Serviços de Alojamento	16
Serviços em Geral	153
Serviços de Alimentação	55
Com. e Repar. Veículos	14
Indústria Extrativa	2
Construção	58
Reciclagem	2
Prod.Distrib./Eletric./Gás/Água	1
Indústria em Geral	31
Comércio Atacadista	2
Comércio Varejista	92

IPC (Share de Consumo)

0.00174

Posição no Ranking

Estadual	565
Nacional	4,255

Domicílios

Total	1,467
Urbanos	1,098
Rurais	369

Dados Gerais

PIB 2017 (R$)	50,659
PIB Per Cap 2017 (R$)	12,215.82
Área (km2)	570.685
Frota de veículos	1,792
Distância Capital	233

Consumo per Capita R$/Ano

Urbano	25,743.81
Rural	18,061.75

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
Número de Domicílios Urbanos	13	24	162	208	279	412	1,098

Potencial de Consumo por Categorias (R$)

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	422,007	646,590	1,284,630	1,796,583	1,521,531	1,499,062	7,170,402
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	322,477	424,905	752,065	673,792	498,384	330,847	3,002,471
BEBIDAS	62,312	85,271	180,159	211,598	164,218	128,542	832,100
HABITAÇÃO	1,803,842	2,346,169	4,419,037	5,343,242	5,258,450	4,427,444	23,598,183
PRODUTOS DE LIMPEZA	30,069	43,474	71,978	110,168	121,334	61,502	438,525
MOBILIÁRIO E ARTIGOS DO LAR	96,431	103,867	236,931	309,434	247,207	261,105	1,254,974
ELETROELETRONICOS	67,264	104,246	220,170	283,132	291,736	309,885	1,276,433
VESTUÁRIO CONFECCIONADO	120,125	171,899	373,243	431,342	318,453	305,205	1,720,267
CALÇADOS	40,692	69,741	150,257	182,703	136,877	166,973	747,242
JOIAS, BIJUTERIAS, ARMARINHOS	13,617	13,083	21,561	23,572	22,236	11,272	105,341
TRANSPORTE URBANO	55,954	83,383	253,853	327,772	304,329	205,008	1,230,298
VEÍCULO PRÓPRIO	950,300	1,147,657	2,270,112	1,867,434	1,208,296	619,836	8,063,634
HIGIENE E CUIDADOS PESSOAIS	120,318	205,337	479,252	622,463	560,385	557,674	2,545,428
MEDICAMENTOS	158,370	213,216	492,366	709,514	630,440	498,215	2,702,121
PLANO SAUDE / TRAT. MED. E DENTÁRIO	427,078	472,683	717,926	485,675	448,864	167,566	2,719,792
LIVROS E MATERIAL ESCOLAR	48,623	49,656	125,800	113,262	115,832	54,449	507,623
EDUCAÇÃO	369,687	447,476	707,414	449,635	187,476	121,489	2,283,175
RECREAÇÃO E CULTURA	174,862	187,989	340,204	290,094	243,860	216,280	1,453,290
VIAGENS	164,396	173,407	290,378	190,666	138,522	55,899	1,013,269
FUMO	16,020	26,686	78,789	125,230	122,639	97,890	467,253
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO	496,454	466,831	603,470	556,708	453,288	287,406	2,864,157
OUTRAS DESPESAS	2,424,646	2,113,418	2,942,824	2,492,491	1,808,672	1,075,269	12,857,320
TOTAL DO CONSUMO URBANO	8,385,544	9,596,985	17,012,418	17,596,508	14,803,029	11,458,816	78,853,301
CONSUMO RURAL							19,398,323
TOTAL CONS.URBANO + RURAL							98,251,624

Fonte: IPC Marketing Editora Ltda

Entrada em Silveiras

Crédito: Coop Audiovisual/
Garimpo de Soluções

Vista aérea

Crédito: Coop Audiovisual/
Garimpo de Soluções

Silveiras

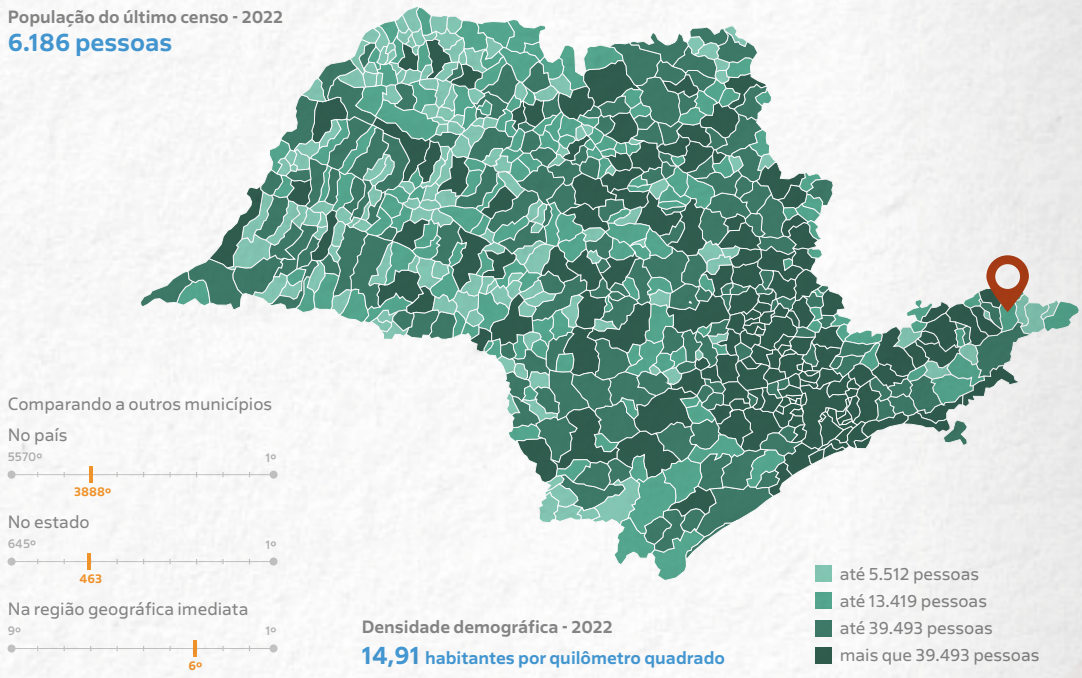
Demográficos e urbanos

- Gentílico: silveirense
- População (2022): 6.186 (+6,8% vs. 2010)
- Densidade demográfica (2022): 14,91 hab/km²
- Esgotamento sanitário adequado (2010): 71,4%

Econômicos

- PIB per capita (2020): R$14.132,69 (627. no ESP)
- Salário médio mensal (2021): 2 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 10,7%
- Receitas oriundas de fontes externas: 87,6%
- Total de receitas realizadas (2017): R$24.259,17 x 1.000 (471. no ESP)
- Total de despesas empenhadas (2017): R$21.420,88 x 1.000 (472. no ESP)
- IDH-M (2010): 0,678

Perfil demográfico de Silveiras



Fonte: IBGE

Composição do PIB municipal de Silveiras

Silveiras código 3552007	
PIB a preços correntes	89.587,12 R$ (x1000) [2020]
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos, a preços correntes	7.010,92 R$ (x1000) [2020]
PIB per capita	14.132,69 R$ [2020]
Valor adicionado bruto a preços correntes	82.576,21 R$ (x1000) [2020]
• Agropecuária	10.227,86 R$ (x1000) [2020]
• Indústria	3.732,33 R$ (x1000) [2020]
• Serviços - exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	30.743,97 R$ (x1000) [2020]
• Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	37.872,05 R$ (x1000) [2020]

Fonte: IBGE

Consulta IPCMaps 2022

Município: SILVEIRAS **UF:** SP **Código** 3552007

População

Total	6,409
Urbana	3,478
Rural	2,931

	Homens	Mulheres
0-4 anos	202	217
5-9 anos	242	245
10-14 anos	232	242
15-17 anos	131	104
18-29 anos	322	309
25-29 anos	201	208
30-39 anos	468	440
40-49 anos	461	405
50-59 anos	346	348
60 + anos	650	636
Total	3,255	3,154

Alfabetizada	5,302
Taxa de crescimento demográfico % a a	0.53
Densidade demográfica (hab/km2)	15.45

Número de Empresas

Indústria	76
Serviços	191
Agribusiness	547
Comércio	150
Total	964

Detalhamento por Setores

Serviços de Saúde	4
Agências Bancárias	2
Educação	9
Administração Pública	3
Atividades Financeiras	1
Correios e Telégrafos	3
Transportes	6
Serviços de Alojamento	5
Serviços em Geral	82
Serviços de Alimentação	51
Com. e Repar. Veículos	25
Indústria Extrativa	0
Construção	33
Reciclagem	1
Prod.Distrib./Eletric./Gás/Água	3
Indústria em Geral	39
Comércio Atacadista	3
Comércio Varejista	147

IPC (Share de Consumo)

0.00241

Posição no Ranking

Estadual	506
Nacional	3,626

Domicílios

Total	2,191
Urbanos	1,125
Rurais	1,066

Dados Gerais

PIB 2017 (R$)	76,118
PIB Per Cap 2017 (R$)	12,078.41
Área (km2)	414.782
Frota de veículos	3,432
Distância Capital	207

Consumo per Capita R$/Ano

Urbano	24,750.22
Rural	16,931.92

	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
Número de Domicílios Urbanos	19	46	193	241	331	295	1,125

Potencial de Consumo por Categorias (R$)

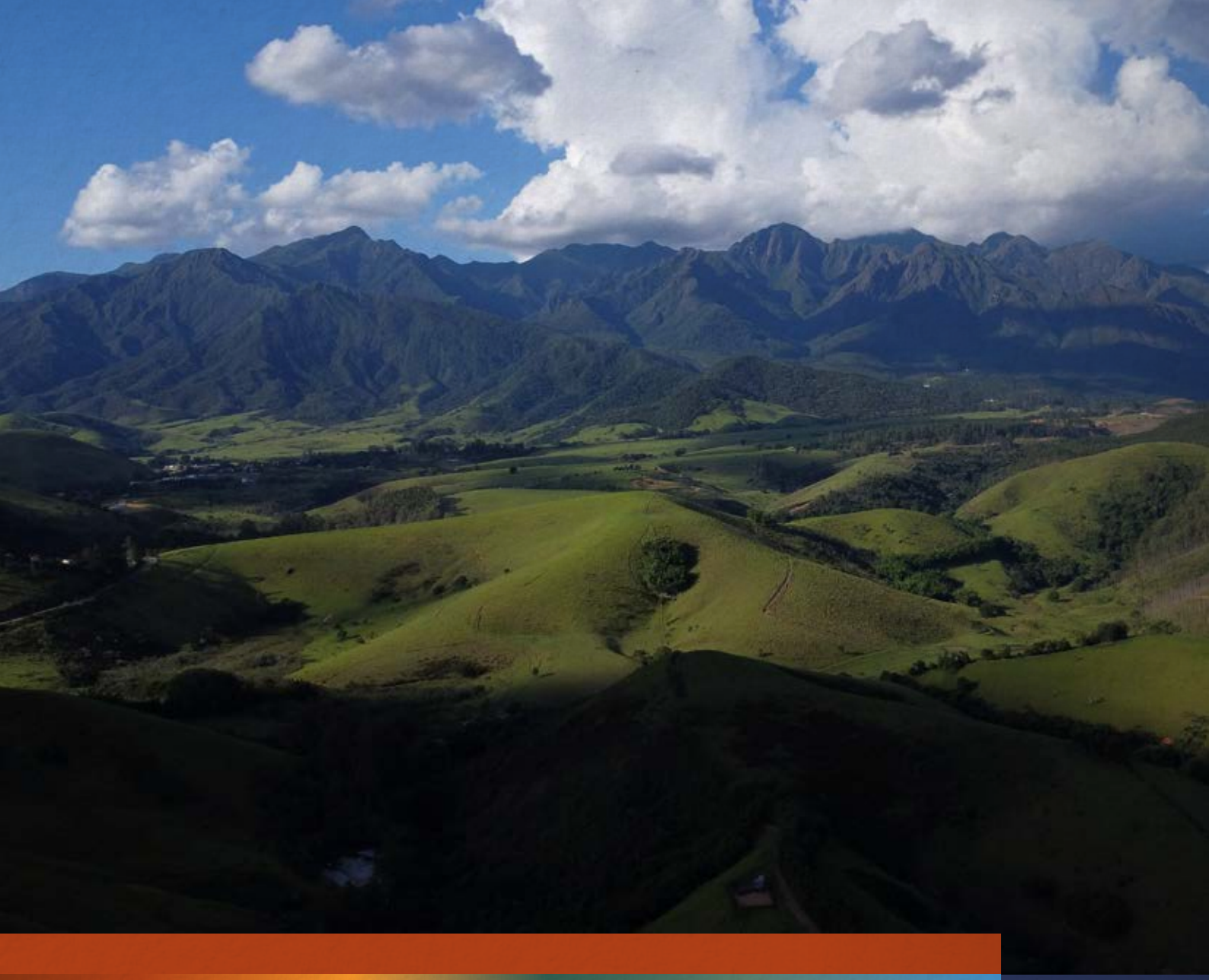
	A	B1	B2	C1	C2	D/E	Total
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	540,396	966,789	1,513,157	1,775,341	1,417,325	1,375,404	7,588,411
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	382,751	635,323	885,852	665,826	464,251	303,555	3,337,558
BEBIDAS	79,239	127,498	212,208	209,096	152,972	117,938	898,950
HABITAÇÃO	2,189,814	3,508,020	5,205,154	5,280,066	4,898,312	4,062,222	25,143,587
PRODUTOS DE LIMPEZA	39,242	65,003	84,782	108,865	113,025	56,429	467,346
MOBILIÁRIO E ARTIGOS DO LAR	117,829	155,303	279,079	305,775	230,276	239,566	1,327,828
ELETROELETRONICOS	84,713	155,870	259,337	279,784	271,756	284,322	1,335,782
VESTUÁRIO CONFECCIONADO	140,122	257,026	439,641	426,242	296,643	280,028	1,839,702
CALÇADOS	49,520	104,277	176,987	180,542	127,503	153,199	792,028
JOIAS, BIJUTERIAS, ARMARINHOS	15,548	19,562	25,397	23,293	20,713	10,342	114,856
TRANSPORTE URBANO	70,971	124,675	299,011	323,897	283,486	188,097	1,290,138
VEÍCULO PRÓPRIO	1,123,488	1,715,991	2,673,950	1,845,354	1,125,543	568,705	9,053,030
HIGIENE E CUIDADOS PESSOAIS	152,430	307,022	564,508	615,103	522,005	511,671	2,672,739
MEDICAMENTOS	199,624	318,804	579,954	701,125	587,263	457,117	2,843,887
PLANO SAUDE / TRAT. MED. E DENTÁRIO	521,933	706,762	845,640	479,932	418,122	153,743	3,126,133
LIVROS E MATERIAL ESCOLAR	57,040	74,247	148,179	111,923	107,899	49,958	549,245
EDUCAÇÃO	419,119	669,071	833,258	444,319	174,636	111,467	2,651,870
RECREAÇÃO E CULTURA	207,808	281,083	400,724	286,664	227,159	198,439	1,601,877
VIAGENS	180,402	259,281	342,034	188,412	129,035	51,288	1,150,452
FUMO	20,875	39,901	92,805	123,749	114,240	89,815	481,385
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO	604,539	698,011	710,823	550,126	422,244	263,698	3,249,441
OUTRAS DESPESAS	2,804,297	3,160,008	3,466,333	2,463,021	1,684,800	986,570	14,565,028
TOTAL DO CONSUMO URBANO	10,001,698	14,349,525	20,038,815	17,388,456	13,789,207	10,513,573	86,081,274
CONSUMO RURAL							49,627,453
TOTAL CONS.URBANO + RURAL							135,708,727

Fonte: IPC Marketing Editora Ltda

Escola Municipal Dr. Arnolfo Azevedo (Cruzeiro)

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

VALE DAS HISTÓRIAS



CAPÍTULO 5

Recorte Setorial: Agroalimentar

Mar de morros

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

O diagnóstico rural demanda uma análise prévia e integrada das condições físicas e biológicas das paisagens, fornecendo informações que destacam as particularidades, limitações e vocações agrícolas e não-agrícolas das terras. Para tanto, é necessário dar um salto no tempo e partir do levantamento dos solos.

1 - LEVANTAMENTO DOS SOLOS

A formação do território expandido Vale Histórico constitui uma poesia de movimentos geológicos, um bailado de tempos e contratempos, e uma bela história em si. Esta integra a morfologia das paisagens do Sudeste, que se deu como reflexo das mudanças climáticas ocorridas no Quaternário. Porém, mais do que a alternância de períodos climáticos, o modelado do relevo resultou da combinação do clima e de impulsos de energia desencadeados por atividades tectônicas[9].

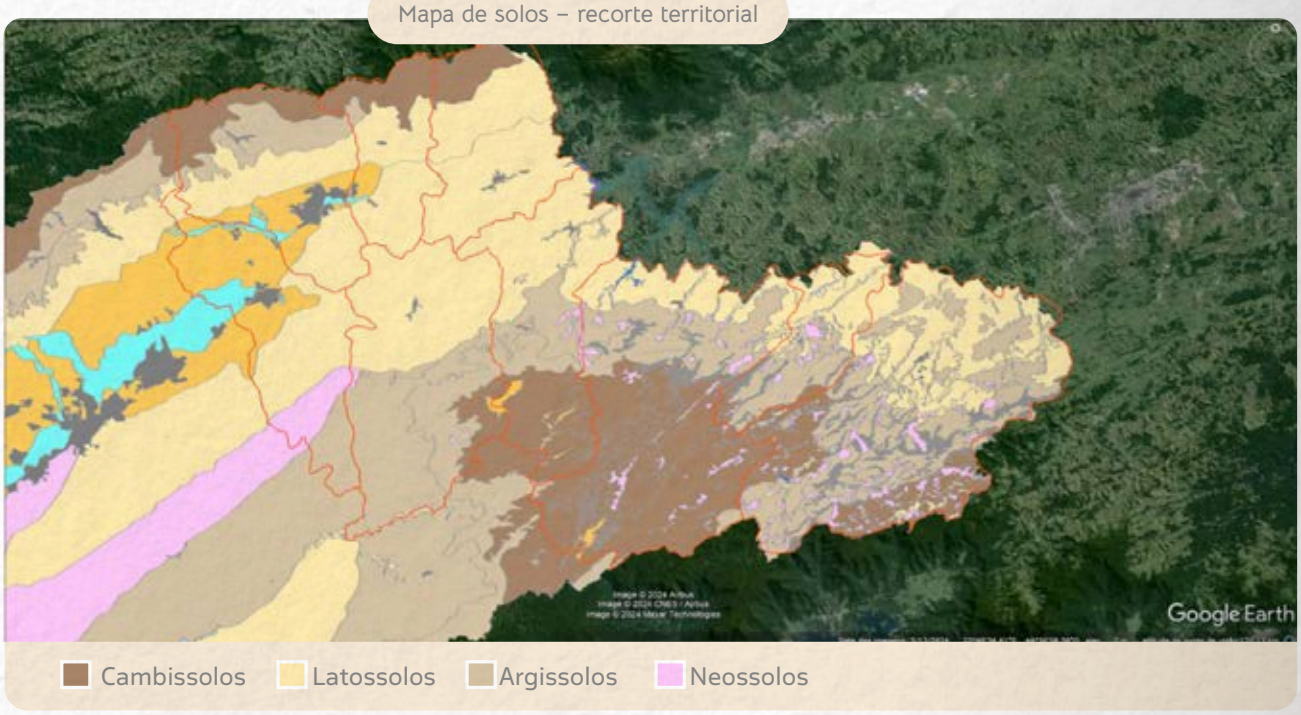
O Vale do Paraíba caracteriza-se por uma superfície muito rebaixada, embutida em rochas Pré-Cambrianas, limitada pelas Serras da Mantiqueira, a Nordeste e do Mar, a Sudeste. A paisagem que hoje encanta o espectador é fruto de uma dinâmica que deixou marcas profundas nas atuais possibilidades de aproveitamento do solo. No Pré-Cambriano (Ciclo Brasiliano), a movimentação tectônica produziu um relevo formado por dobras, falhas e intrusões, que no Paleo-Mesozóico sofreu sucessivos ciclos erosivos. Estes lhe esculpiram formas aplainadas, retilíneas e colinosas.

Após milhões de anos em calmaria tectônica, ocorreu nova movimentação (Sistema de Rifts da Serra do Mar ou Rift Continental do Sudeste do Brasil), que produziu o abatimento escalonado por falhamentos normais, gerando as escarpas das Serras da Mantiqueira e do Mar. Em paralelo, formou-se o Vale do Paraíba do Sul, situado sobre uma fossa ou vale tectônico, preenchido por sedimentos .

[9] FLORENZANO, T. G.; CZORDAS, S. M., "Mapa geomorfológico da região do Vale do Paraíba e litoral norte do Estado de São Paulo". São José dos Campos: INPE, 1993, 15p (INPE-5531-PRP/179).

Esse esforço tectônico gerou um abatimento de rochas em formas de degraus, com arqueamento nas bordas e subsidência na área central. No processo, surgiram fendas que possibilitaram a introdução e a solidificação de magmas, cooperando no levantamento da região. Após essas intrusões ígneas, que se formaram a partir do Cretáceo Superior ao Terciário Inferior, ocorreu a interrupção do soerguimento. Com isso, a superfície que estava sendo arqueada ficou exposta aos processos erosivos, formando o que se conhece por Superfície Japi ou das Cristas Médias.

Mapa de solos – recorte territorial



Fonte: Adaptado do Mapa Pedológico do Estado de São Paulo – Marcelo Rossi, 2017 sobre plataforma do Google Earth

A partir do Terciário Médio dá-se uma nova pulsação tectônica e no Terciário Superior o soerguimento tem continuidade, deformando a Superfície Japi e produzindo a arquitetura geral do relevo, reconhecido em seus traços essenciais pelo exame dos altos das serranias. Ao mesmo tempo em que ocorriam a movimentação tectônica e o arqueamento da superfície, sucediam também processos de transporte e acumulação de sedimentos nas áreas de subsidência.

A formação dos solos se deu assim a partir da degradação ou composição das rochas, somada a fatores químicos, físicos e biológicos, compondo o mapa de solos que se observa na imagem.

Há quatro tipos principais de solos no território, que serão abordados à luz dos potenciais e limitações que oferecem ao uso agrícola.

[10]ALMEIDA, F. F. M. Origem e Evolução da Plataforma Brasileira. Rio de Janeiro, DNPM/DGM, 1967. 241p.
[11]RICCOMINI, C. "O Rift Continental do Sudeste do Brasil". 1989. 256f. Tese (Doutorado em Geologia). - Instituto de Geociências. Universidade de São Paulo. São Paulo
[12]HASUI, Y.; PONÇANO, W. L. "Organização estrutural e evolução da bacia de Taubaté". In: Congresso Brasileiro de Geologia, 30., Recife, 1978, pp. 368-381, v.1
[13]ALMEIDA, op. cit

a) Cambissolos

Háplicos ou húmicos são notados em diversos ambientes, normalmente associados a áreas de relevos muito movimentados (de ondulados a montanhosos). Podem ainda ocorrer em áreas planas (baixadas), fora da influência do lençol freático.

Mapa de solos – recorte territorial - Cambissolos

Fonte: Adaptado do Mapa Pedológico do Estado de São Paulo (Marcelo Rossi, 2017), sobre Google Earth

Os cambissolos consistem em solos pouco desenvolvidos, que ainda apresentam características da rocha originária, evidenciada pela presença de minerais primários. São definidos pela presença de horizonte diagnóstico B incipiente (pouco desenvolvimento estrutural), apresentando baixa (distróficos) ou alta (eutróficos) saturação por bases, de baixa a alta atividade da argila, segundo critérios do Sistema Brasileiro de Classificação dos Solos (SiBCS) (Embrapa, 2006). Variam de pouco profundos a profundos, normalmente com baixa permeabilidade.

Potencial e limitações ao uso agrícola - Em áreas mais planas os cambissolos, principalmente os de maior fertilidade natural, argila de atividade baixa e de maior profundidade, apresentam potencial para o uso agrícola. Já em ambientes de relevos mais declivosos, os cambissolos mais rasos têm fortes limitações para o uso agrícola, relacionadas à mecanização e à alta suscetibilidade aos processos erosivos.

Uso e manejo - O manejo adequado dos cambissolos implica a adoção de correção da acidez e de teores nocivos de alumínio à maioria das plantas, além de adubação conforme a necessidade da cultura. Para os cambissolos das encostas, além destas, a maior suscetibilidade a processos erosivos demanda práticas conservacionistas.

b) Latossolos

Vermelho-amarelo e amarelo são solos de maior ocorrência no Brasil. Frequentes em regiões equatoriais e tropicais, podem ser encontrados em zonas subtropicais. Estão distribuídos sobre amplas e antigas superfícies de erosão: tabuleiros, chapadas, planaltos, terraços fluviais, sendo usualmente associados a relevos planos e suave ondulados e, mais raramente, a áreas mais acidentadas.

Mapa de solos – recorte territorial - Latossolos

Fonte: Adaptado do Mapa Pedológico do Estado de São Paulo (Marcelo Rossi, 2017), sobre Google Earth

Os latossolos são de intemperização intensa, chamados popularmente de solos velhos. No SiBCS são definidos pela presença de horizonte diagnóstico latossólico e características gerais, como argilas com predominância de alumínio, óxidos de ferro, silício e titânio; argilas de baixa atividade (baixa CTC); fortemente ácidos e com baixa saturação de bases. Apresentam normalmente baixa fertilidade, exceto quando originados de rochas mais ricas em minerais essenciais às plantas, acidez e teor de alumínio elevados. Possuem boas condições físicas para o uso agrícola, associadas a boa permeabilidade, por serem solos bem estruturados e porosos.

Potencial e limitações ao uso agrícola - Devido às boas condições físicas e aos relevos mais suaves, apresentam alto potencial para o uso agrícola. São largamente utilizados para a produção de grãos: soja, milho, arroz, entre outros. Suas limitações estão relacionadas à baixa fertilidade verificada na maioria dos latossolos e à baixa retenção de umidade, quando de texturas mais grosseiras e em climas mais secos.

Uso e manejo - O manejo dos latossolos requer, de modo geral, correção de acidez, adubação e, nos climas mais secos, irrigação, em função da exigência da cultura. São normalmente resistentes aos processos erosivos, devido às boas condições físicas; no entanto, verifica-se que o uso intensivo de mecanização tem ocasionado a compactação destes solos, tornando-os mais suscetíveis à erosão.

c) Argissolos

Ocorrem em diferentes condições climáticas e de material de origem. Sua ocorrência está relacionada, em sua grande maioria, a paisagens de relevos mais acidentados e dissecados, com superfícies menos suaves.

Os argissolos são definidos pelo SiBCS pela presença de horizonte diagnóstico B textural, apresentando acúmulo de argila em profundidade, devido à mobilização e à perda de argila da parte mais superficial do solo. Apresentam frequentemente, mas não exclusivamente, baixa atividade da argila (CTC), podendo ser alíticos (altos teores de alumínio), distróficos (baixa saturação de bases) ou eutróficos (alta saturação de bases), sendo normalmente ácidos.

Mapa de solos – recorte territorial - Argissolos

Fonte: Adaptado do Mapa Pedológico do Estado de São Paulo (Marcelo Rossi, 2017), sobre Google Earth

Potencial e limitações ao uso agrícola - Os argissolos de maior fertilidade natural (eutróficos), com boas condições físicas e em relevos mais suaves, apresentam maior potencial para uso agrícola. Suas limitações estão mais relacionadas a baixa fertilidade, acidez, teores elevados de alumínio e a suscetibilidade aos processos erosivos, principalmente quando ocorrem em relevos mais movimentados. Os argissolos tendem a ser mais suscetíveis aos processos erosivos, devido à relação textural presente nestes solos, implicando em diferenças de infiltração dos horizontes superficiais e subsuperficiais. No entanto, os de texturas mais leves ou texturas médias e de menor relação textural são mais porosos, possuindo boa permeabilidade, sendo, portanto, menos suscetíveis à erosão.

Uso e manejo - De acordo com as limitações relacionadas aos argissolos, sua utilização exige um manejo adequado, com a adoção de correção, adubação e práticas conservacionistas para o controle da erosão.

d) Neossolos

Abrangem diversos ambientes climáticos, associados a de áreas de relevos muito movimentados (de ondulados a montanhosos) a áreas planas, sob a influência do lençol freático. Quanto ao material de origem, variam de sedimentos aluviais a materiais provenientes da decomposição de rochas do cristalino (Pré-Cambriano).

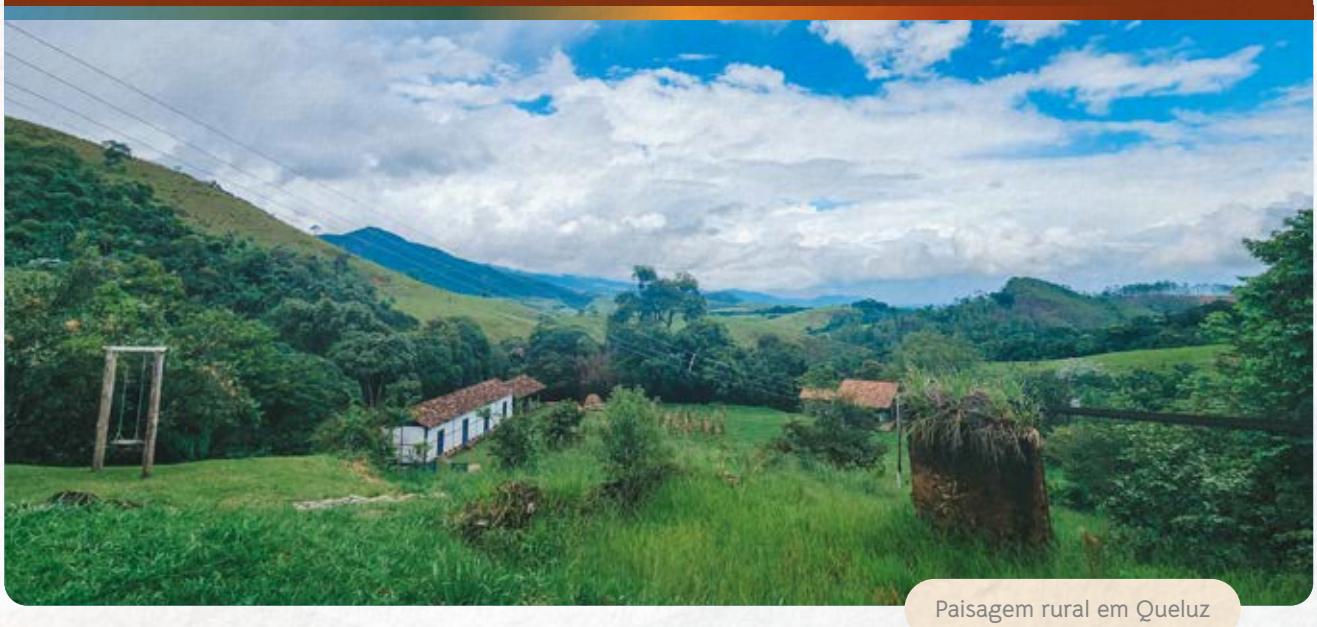
Mapa de solos – recorte territorial - Neossolos

Fonte: Adaptado do Mapa Pedológico do Estado de São Paulo (Marcelo Rossi, 2017), sobre Google Earth

Os neossolos são formados por material mineral ou orgânico pouco espesso, com insuficiente manifestação dos atributos diagnósticos que caracterizam os diversos processos de formação dos solos, seja em razão de maior resistência do material de origem ou de outros fatores de formação (clima, relevo ou tempo), que podem impedir ou limitar a evolução dos solos. Apresentam predomínio de características herdadas do material originário, sendo definidos pelo SiBCS como solos pouco evoluídos e sem a presença de horizonte diagnóstico. Podem apresentar alta (eutróficos) ou baixa (distróficos) saturação por bases, acidez e altos teores de alumínio e sódio. Variam de rasos a profundos e de baixa a alta permeabilidade.

Potencial e limitações ao uso agrícola - Em áreas planas os neossolos, principalmente os de maior fertilidade natural (eutróficos) e maior profundidade, apresentam potencial para o uso agrícola. Os de baixa fertilidade natural (distróficos) e mais ácidos são mais dependentes de adubação e calagem para correção da acidez. Os de textura arenosa apresentam restrição, causada pela baixa retenção de umidade. Seu uso deve ser restringido quando próximos a cursos d'água, ao serem áreas de preservação de matas ciliares. Já em ambientes de relevos declivosos, os neossolos mais rasos apresentam fortes limitações ao uso agrícola, relacionadas à restrição à mecanização e à maior suscetibilidade aos processos erosivos.

Uso e manejo - O manejo adequado dos neossolos de áreas mais planas, em geral, requer correção de acidez e de teores nocivos de alumínio para a maioria das plantas; e de adubação, de acordo com a necessidade da cultura. Para os neossolos de encostas, além destas, são necessárias práticas conservacionistas, devido à forte suscetibilidade aos processos erosivos.



Paisagem rural em Queluz

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

2. AVALIAÇÃO DA APTIDÃO AGRÍCOLA

Apontado o levantamento de solos, podemos fazer interpretações para as atividades agrícolas, classificando as terras conforme sua aptidão para as culturas, sob diferentes condições de manejo e viabilidade de melhoria por novas tecnologias. Toda interpretação se vale de classificações técnicas, com finalidades bem definidas e baseada no nível tecnológico do momento em que é feita. Por isso, a metodologia e as classificações de base podem ser substituídas e atualizadas, conforme os conhecimentos técnicos e científicos evoluem.

A agricultura é uma atividade econômica dependente, em boa parte, do meio físico. O aspecto ecológico confere fundamental importância ao processo de produção agropecuária. Ainda que a tecnologia permita, em certa medida, superar limitações derivadas do condicionamento ecológico, a imobilidade dos recursos naturais restringe o raio de manobra do planejamento e condiciona, parcialmente, as decisões relacionadas ao seu uso na produção agrícola[14].

Se a economia paulista em seus primórdios teve por base a monocultura de exportação, hoje seu setor agrícola mostra um variado quadro de lavouras comerciais que fazem do estado o maior produtor nacional de cana-de-açúcar e cítricos, destacando ainda na produção de cereais, leguminosas e oleaginosas. Na pecuária oferece um rebanho bovino com pouco mais de 12 milhões de cabeças.

Com o objetivo de promover o desenvolvimento rural, por meio da ampliação das oportunidades do agronegócio, de pesquisa, da preservação dos recursos naturais e do bem-estar da comunidade, verificamos uma série de ações do poder público na área agrícola, no fomento e no desenvolvimento da produção de arroz, gado de corte e leite, e ainda em produção florestal, café, milho, feijão, batata, hortaliças, criação de pequenos animais, apicultura e pesqueiros no Vale do Paraíba.

Dos imóveis rurais, 67,71% (8.625 unidades) têm áreas de até 50 ha, com predomínio portanto da pequena produção, de acordo com o Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo (LUPA). Já os municípios aqui abordados, quando comparados aos da Regional de Guaratinguetá e aos do Estado de São Paulo, apresentam área de produção expressiva, ocupando respectivamente 44,76% e cerca de 1,15% das áreas territoriais.

[14]MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Aptidão Agrícola das Terras de São Paulo – Aptidão agrícola das terras 20. Brasília, BINAGRI, 1979, 111p

Unidades de produção agrícola no território

	Item	Unidade	Nº de UPAs	Mínimo	Médio	Máximo	Total
Arapeí	Área total	Hectare	97	0,8	160,4	1.790,0	15.558,3
Areias	Área total	Hectare	186	2,5	164,8	2.057,0	30.655,9
Bananal	Área total	Hectare	345	0,8	162,5	17.000,0	56.076,5
Cachoeira Paulista	Área total	Hectare	382	0,4	64,5	968,0	24.646,3
Cruzeiro	Área total	Hectare	264	0,7	80,0	1.612,3	21.117,5
Lavrinhas	Área total	Hectare	84	1,7	98,0	580,0	8.228,4
Queluz	Área total	Hectare	123	2,4	140,9	1.185,8	17.330,7
São José do Barreiro	Área total	Hectare	309	0,8	89,7	2.904,0	27.723,4
Silveiras	Área total	Hectare	504	1,2	66,2	1.304,0	33.366,3
Total			2.294				234.703,3
Regional Guaratinguetá	Área total	Hectare	8.463	0,1	62,0	17.000,0	524.350,1
Estado de São Paulo	Área total	Hectare	339.442				20.3338.140,36
Vale Histórico x Regional			27,106227				44,76079923
Vale Histórico x ESP			0,675815				1,154005705

Fonte: MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Aptidão Agrícola das Terras de São Paulo – Aptidão agrícola das terras 20. Brasília, BINAGRI, 1979, 111p

No que tange às culturas, no conjunto do Vale do Paraíba há presença usual de milho, cana-de-açúcar, banana e laranja. Entre as culturas perenes, a banana ocupa 3.342 ha, seguida de laranja, café beneficiado, manga, coco, ponkan e caqui. Entre as semiperenes, predomina a cana para forragem (5.121 ha) e, entre as culturas anuais, destaca-se o milho em grão (11.308 ha), além de arroz irrigado, milho para silagem e feijão das águas.

Já no território expandido Vale Histórico há pequeno trecho de várzeas sistematizadas utilizadas por agricultura mecanizada, prevalecendo o relevo de forte ondulado a montanhoso, onde predomina a pecuária de corte, seguida pela leiteira e tendo, como principal pastagem, as braquiárias *(Brachiaria ssp)*.

Bovinocultura de corte no território expandido Vale Histórico

	Item	Unidade	Nº de UPAs	Mínimo	Médio	Máximo	Total
Arapeí	Bovinocultura de corte	Cabeça	57	2	78,4	1.500	4.466
Areias	Bovinocultura de corte	Cabeça	75	8	136,3	2.100	10.224
Bananal	Bovinocultura de corte	Cabeça	180	1	64,0	1.100	11.524
Cachoeira Paulista	Bovinocultura de corte	Cabeça	109	2	84,5	700	9.212
Cruzeiro	Bovinocultura de corte	Cabeça	107	2	72,4	680	7.742
Lavrinhas	Bovinocultura de corte	Cabeça	30	6	138,4	420	4.152
Queluz	Bovinocultura de corte	Cabeça	52	2	95,8	426	4.983
São José do Barreiro	Bovinocultura de corte	Cabeça	106	2	40,2	257	4.264
Silveiras	Bovinocultura de corte	Cabeça	291	5	38,7	450	11.255
Total			1.007				67.822,0
Regional Guaratinguetá	Bovinocultura de corte	Cabeça	3.529	1	49	2.500,0	172.727,0
Estado de São Paulo			79.874				6.588.827
Vale Histórico x Regional			29,534996				39,26543
Vale Histórico x ESP			1,2607357				1,029349

Fonte: Adaptado do LUPA (2017)

Nas tabelas apresentadas, observamos que a pecuária de corte é expressiva, compondo 39,26% do total da produção da regional de Guaratinguetá e 1,02% do rebanho do Estado de São Paulo. Já a pecuária leiteira compõe 30,91% do total da produção da regional de Guaratinguetá e 3,49% do rebanho paulista.

Bovinocultura leiteira no território expandido Vale Histórico

	Item	Unidade	Nº de UPAs	Mínimo	Médio	Máximo	Total
Arapeí	Bovinocultura leiteira	Cabeça	26	10	75,5	360	1.962
Areias	Bovinocultura leiteira	Cabeça	38	1	121,0	1.700	4.597
Bananal	Bovinocultura leiteira	Cabeça	74	8	54,3	450	4.020
Cachoeira Paulista	Bovinocultura leiteira	Cabeça	75	15	85,2	600	6.390
Cruzeiro	Bovinocultura leiteira	Cabeça	22	5	77,0	257	1.694
Lavrinhas	Bovinocultura leiteira	Cabeça	11	20	65,6	127	722
Queluz	Bovinocultura leiteira	Cabeça	9	24	114,8	350	1.033
São José do Barreiro	Bovinocultura leiteira	Cabeça	83	8	68,2	240	5.663
Silveiras	Bovinocultura leiteira	Cabeça	203	2	39,6	300	8.046
Total			541				34.127
Regional Guaratinguetá	Bovinocultura leiteira	Cabeças	2.103	1	52,5	1.700	110.399
Estado de São Paulo			29.992				975.376
Vale Histórico x Regional			25,725155				30,91242
Vale Histórico x ESP			1,8080342				3,498856

Fonte: Adaptado do LUPA (2017)

Braquiária no território expandido Vale Histórico

	Item	Nº de UPAs	Mínimo	Médio	Máximo	Total
Arapeí	Braquiária	87	0,5	54,8	458,0	4.770,5
Areias	Braquiária	154	0,8	67,1	1.000,0	10.328,3
Bananal	Braquiária	310	0,3	53,3	1.300,0	16.518,0
Cachoeira Paulista	Braquiária	342	0,2	51,2	723,0	17.514,8
Cruzeiro	Braquiária	239	0,5	54,0	417,5	12.895,7
Lavrinhas	Braquiária	79	0,7	59,5	395,7	4.699,3
Queluz	Braquiária	98	1,4	54,0	510,5	5.287,8
São José do Barreiro	Braquiária	282	0,5	36,7	400,0	10.355,3
Silveiras	Braquiária	449	0,6	29,1	300,0	13.056,8
Total		2.040				95.426,5
Regional Guaratinguetá	Braquiária	7.074	0,1	36,9	1.300,0	261.024,1
Estado de São Paulo		227.088				20.338.140,36
Vale Histórico x Regional		28,837998				36,55836163
Vale Histórico x ESP		0,8983302				0,469199732

Fonte: Adaptado do LUPA (2017)

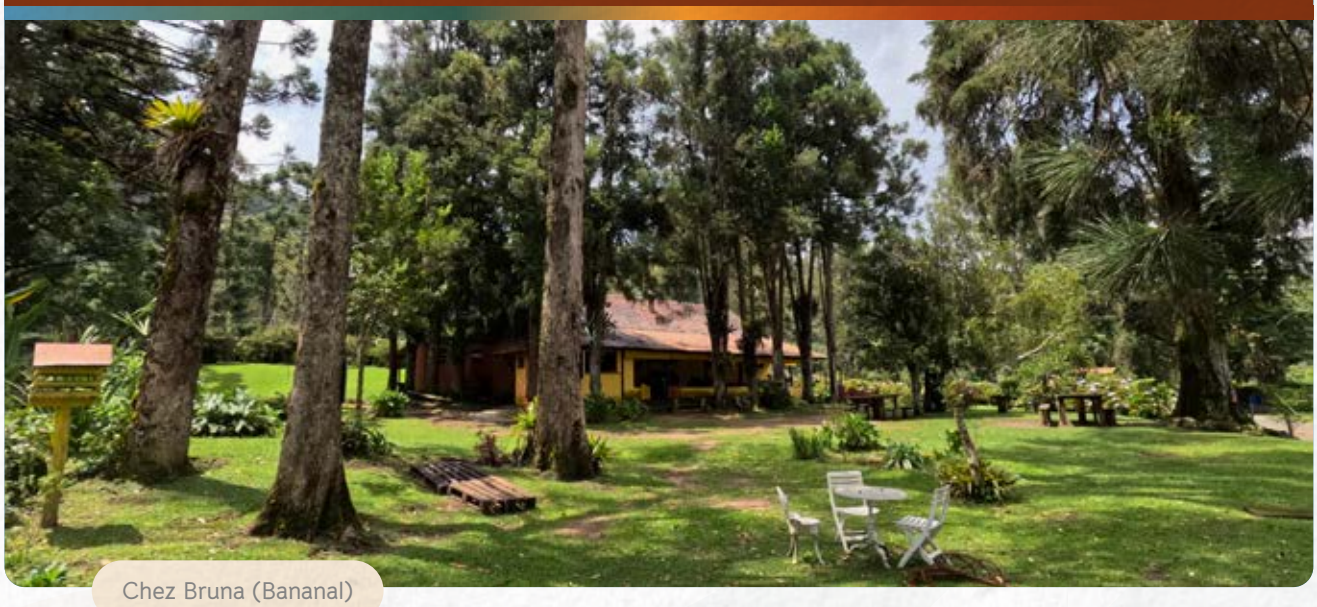
Como se nota, a ocupação por pastagens, predominante nos campos agrícolas dos municípios do território expandido Vale Histórico, representa 36,55% do total da produção da regional de Guaratinguetá e 0,46% das áreas de pastagens no estado.

Em resumo, há um quadro de dependência da bovinocultura na produção rural do território. A vulnerabilidade monossetorial é acirrada, diante do envelhecimento do campo e da dificuldade de empregar mão de obra. De fato, observa-se uma brusca diminuição das atividades econômicas pecuárias em todos os municípios da região, comparando-se os dados de 2017 aos levantados em 2007/2008.

Comparativo de dados da bovinocultura, 2007/8-2017

	Item	Unidade	Nº de UPAs	Mínimo	Médio	Máximo	Total
Arapeí	Bovinocultura de corte	Cabeça	74	1	54,0	373	3.992
Areias	Bovinocultura de corte	Cabeça	55	1	132,2	1.632	7.273
Bananal	Bovinocultura de corte	Cabeça	20	10	185,2	1.100	3.703
Cachoeira Paulista	Bovinocultura de corte	Cabeça	109	2	84,5	700	9.212
Cruzeiro	Bovinocultura de corte	Cabeça	107	2	72,4	680	7.742
Lavrinhas	Bovinocultura de corte	Cabeça	30	6	138,4	420	4.152
Queluz	Bovinocultura de corte	Cabeça	52	2	95,8	426	4.983
São José do Barreiro	Bovinocultura de corte	Cabeça	106	2	40,2	257	4.264
Silveiras	Bovinocultura de corte	Cabeça	291	5	38,7	450	11.255
Total			844				56.576
Regional Guaratinguetá	Bovinocultura de corte	Cabeça	3.529	1	49,0	2.500	172.727
Estado de São Paulo			79.874				6.588.827
Vale Histórico x Regional			23,916124				32,75458
Vale Histórico x ESP			1,0566642				0,858666

Fonte: Adaptado do LUPA (2017)



Chez Bruna (Bananal)

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Os dados são confirmados em trabalho de campo. Em Arapeí, cidade antes rodeada por grandes fazendas, as gerações mais novas dizem não querer dar continuidade ao trabalho diante da virtual inexistência de políticas públicas de incentivo ao campo, seja com planejamento ou investimento. Com isso, as propriedades são alugadas ou vendidas. Caso em questão, ao que nos foi relatado, é o Haras Itaiassu, arrendado como fazenda de gado de corte; ou ainda a Fazenda Capitólio, arrendada para gado de leite. Em paralelo, alguns investidores estariam comprando lotes para a criação extensiva, concentrando a propriedade e gerando poucos empregos.

Em Bananal, em meio a problemas de sucessão (não raro os herdeiros divergem quanto ao que fazer com a fazenda), a venda ou o loteamento passa a ser uma saída mais fácil e menos custosa, dando origem a chácaras de veraneio. "A sede só dá despesas. Comprar a terra para criar bois não tem custo de oportunidade que compense, frente a aplicações financeiras", afirma um herdeiro de 100 alqueires, fracionados entre os irmãos. Em Areias, muitas propriedades vêm sendo usadas como "fazendas de veraneio" dos sucessores, que mantêm a sede, sem produção. Outras tantas glebas vêm sofrendo desmembramento devido à expansão dos loteamentos, como confirmado em reunião com o Sindicato Rural de Cruzeiro.

Na interpretação dos que continuam produzindo, esse contexto teria duas raízes essenciais. Primeira, a forma de criação do Parque Nacional da Serra da Bocaina, quando pequenos proprietários foram desapropriados e migraram para a cidade. Segunda, a sucessão. "O pai era fazendeiro e vivia do negócio; o filho foi estudar fora; o neto já não teve contato e quando herda a fazenda, não sabe o que fazer."

Na contramão desse quadro, o território expandido Vale Histórico abriga um pequeno conjunto de produtores de destaque no cenário nacional – e não só –, com base em alto investimento em tecnologia. É o caso da Girolando NS, empresa fundada há mais de 70 anos e que integra áreas de produção leiteira em Bananal e Areias. Em 2019 uma de suas vacas foi recordista mundial de produção de leite. Outros negócios apostam no trabalho artesanal para gerar valor agregado. É o caso da Casa do Maracujá, em Areias, cujo cultivo orgânico é polinizado manualmente e vem gerando pilotos de produtos elaborados, como geleias, licores e amanteigados.

"O pai era fazendeiro e vivia do negócio; o filho foi estudar fora; o neto já não teve contato e quando herda a fazenda, não sabe o que fazer."

Senhor Homero (Empório Caminho da Serra)

Crédito: Garimpo de Soluções

a) Produtos agroalimentares com valor agregado

Sendo uma região tão historicamente vinculada à pecuária, todos os municípios apresentam produção familiar de queijo, herança do saber de gerações ou de cursos oferecidos pelo Senar. Em busca de um produto que pudesse suscitar o registro de Indicação Geográfica, a equipe da Garimpo de soluções se deparou com o queijo fresco, ou frescal (usualmente chamado de "queijo mineiro", o que é sugestivo da falta de percepção do potencial valor agregado do *terroir*), seguido do mussarela.

Confeccionados em baixa escala e não raro informalmente, em sua maioria em sítios no sertão, são vendidos no comércio das cidades, de porta em porta ou escoados para outros municípios paulistas ou do Rio de Janeiro. Também há algumas queijarias atuando com produtos industrializados. De conversas com produtores de Bananal, Arapeí, Lavrinhas, São José do Barreiro, Queluz e Cruzeiro, constatou-se que não há intenção em trabalhar uma marca coletiva do queijo da Bocaina.

Nessa seara, o Empório Caminho da Serra é um empreendimento inspirador. Negócio familiar, formalizado e impecável, é a única queijaria de Lavrinhas. Com produção pequena mas alto giro, ao ter seu empório sobre a via de acesso aos balneários, seus clientes são, majoritariamente, veranistas de Cruzeiro. Premiados pela Danúbio (cliente de seu leite), o senhor Homero, sua esposa e seu filho trabalham de 600 a 700 litros/dia e se animam com a ideia de obter o Selo Intermunicipal. Desejoso de haver mais queijarias na região, o senhor Homero nutre o sonho de ver filho se aperfeiçoando na área, possivelmente em Minas Gerais.

Outro exemplo de destaque, em outra vertente, é a Leiteria da Bocaina. Localizada em Areias, alia investimento em tecnologia pecuária a diversificação de produtos com valor agregado, inspirados nas singularidades e histórias do território. Entram nesse rol os doces de leite (com sabores peculiares – café, cachaça e afins) e, especialmente, uma linha

de queijos, resultado de uma década de investimentos em pesquisa de Roberto Alcalde, proprietário aficionado pela região.

Assinando "Da Serra da Bocaina para sua mesa", tem no queijo com manjericão um carro-chefe. Os caçulas são o Cervejeiro, lavado em cerveja stout e com levedura consorciada com o fermento do queijo; e o Cafezal, que traz café na massa e imersão na torra do café, conferindo-lhe sabor defumado e miolo marmorizado. O clássico, porém, é o Bocaineiro, em homenagem aos antigos produtores de queijo da Serra, além de uma forma de remeter à natureza.

Em Queluz, a Fazenda Santa Vitória lançou em 2022 sua Queijaria, assinando "Produzidos em Queluz". Com leite pasteurizado, exclusivamente da fazenda, produz queijos frescos e maturados, iogurte e manteiga. Primeira queijaria paulista a ter o selo SISP Artesanal recebeu medalhas de bronze no Mundial do Queijo do Brasil, em 2022, para o queijo Alecrim e para o iogurte natural integral. Em 2023 obteve o Selo Arte, possibilitando a comercialização nacional.

Outro produto de destaque e com alto valor agregado é a charcutaria Curiango, em Silveiras. Criada pelo chef Rafa Bocaina, tem por base o resgate do endógeno porco caruncho roxo, que sustentava as tropas em pouso no Vale do Paraíba e desapareceu ao longo dos séculos. Os dois animais que a Curiango abate por quinzena são vendidos em empórios gourmet na capital e restaurantes de destaque. Rafael explica que o Selo Arte não o atende, já que a empresa seria obrigada a usar abatedouros certificados, onde o sangue e as vísceras seriam descartados.

Produtos e experiência oferecidos pela Leiteria da Bocaina

Crédito: Garimpo de Soluções

Também há destaque entre os produtos sem origem animal. As geleias Bernadete, produzidas no "ateliê de geleias aos pés da Mantiqueira", em Queluz, têm uma linha de 12 sabores, com ingredientes cultivados na propriedade ou nas de vizinhos. Há de mexeriquinha do mato a goiaba vermelha e manjericão, de pera e lavanda a *chutney* de moranga. Cada variante traz etiqueta de cor que dialoga com a do conteúdo. A qualidade do produto e o cuidado com a identidade visual ganharam o mundo online. Também há distribuição em lojas físicas, inclusive na capital.

Geleias Bernadete

Crédito: Garimpo de Soluções

Outros tantos produtos de qualidade são confeccionados na região mas encontram obstáculos para comercialização ao não serem produzidos por estabelecimentos registrados junto ao MAPA. É o caso de cachaças de qualidade mas que não dispõem de recursos para adequar suas instalações a exigências como piso lavável, escoamento por canaleta, forro e tela na sala de fermentação, pé-direito etc.

Em resumo, assim como nas demais regiões do estado de São Paulo, foi encontrada dificuldade no enquadramento dos produtos artesanais e de produção em pequena escala nas normas e procedimentos da Vigilância Sanitária, situação que termina por favorecer a ampliação do mercado consumidor de produtos processados. Verificamos o embate entre pequenas agroindústrias e produtores artesanais.

As normas e os procedimentos não são assimilados pelos produtores e meios de comunicação, e mesmo os fiscais da Vigilância Sanitária não possuem especialização para o perfil verificado. Entendemos que caberia recomendar ao Comitê de Enquadramento de Produtos sujeitos à Vigilância Sanitária (Comep) estabelecer um sistema autodeclaratório por atividade, que permitisse ao agricultor, sindicatos rurais e/ou cooperativas acessarem as regras que regem o assunto, de forma fácil.

Outros tantos produtos de qualidade são confeccionados na região mas encontram obstáculos para comercialização ao não serem produzidos por estabelecimentos registrados junto ao MAPA.

b) Acessibilidade Rural

O problema de acessibilidade interna tem impactos profundos no desenvolvimento do território. Do ponto de vista econômico, os produtores são tolhidos da possibilidade de escoar sua produção – leite, queijo, produtos da roça em geral –, diante da precariedade das estradas não trafegáveis entre 15km e 30km, a depender da direção que se tome. A condição é testemunhada pelo senhor Lair que, além do leite, tem um pequeno restaurante e a Pousada Casa Azul, no Sertão do Jardim, batizada de "Recanto dos Trilheiros". Um dos últimos tropeiros da região, ele vai semanalmente à cidade com seus produtos e retorna com mercadorias.

Mas não é só na seara econômica que o desenvolvimento do território é prejudicado pela falta de acessibilidade. A dificuldade de chegar à população nas áreas rurais refreia o direito das comunidades a usufruir de políticas públicas – da saúde à educação, da assistência social à comunicação. É nessas áreas onde se invisibilizam questões candentes – da falta de sonhos dos jovens à dificuldade em ter um currículo escolar adequado ao contexto. Em Bananal, por exemplo, o Secretário de Educação explica haver apenas três escolas rurais, nas quais um desafio manifesto é convencer a comunidade que o urbano não é sempre melhor que o rural.

Estrada Resende-Formoso

Crédito: Garimpo de Soluções

Em Arapeí, "o maior empecilho para o desenvolvimento das pessoas do sertão é a estrada. Mantê-la em condições mínimas de locomoção resolveria a maior parte dos problemas das comunidades". Quem afirma, com conhecimento de causa, é o professor Jonas Costa, bacharel em Filosofia e em Teologia e professor, por devoção e paixão, há mais de 20 anos. Determinado a mostrar que o conhecimento gera autonomia, o professor Jonas dirige um modelo inovador de escola "descentralizada". Ele explica que apenas a sua e uma implementada em aldeia indígena funcionam dessa forma, dentre as mais de cinco mil escolas estaduais. No caso da de Arapeí, foi fruto da mobilização de pais que não queriam enviar seus filhos à cidade para estudar, contemplada com esforços da Prefeitura de Arapeí e da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Seus alunos ajudam os pais na lida, desde pequenos. Por isso, enquanto a escola no núcleo urbano funciona das 7h às 16h, no Onça as aulas são das 18h às 22h. De nove alunos do ensino médio, em 2023, três estão em curso superior. Dos nove, aliás, cinco tinham idade escolar; quatro eram adultos que, para apoiarem os filhos, resolveram terminar o ensino médio.

O professor Jonas afirma que as perspectivas de futuro dos jovens rurais poderiam ser radicalmente alteradas, com investimento em acessibilidade. Complementarmente, a falta de investimento na infraestrutura viária para a zona rural, onde se localiza a maioria dos atrativos turísticos naturais do território, é um dos maiores problemas apontados por quem trabalha no setor.

c) Segurança Alimentar

Cabe apontar que a ultraespecialização do campo mudou o modo de vida dos agricultores, não sendo mais tão comum encontrar o policultivo – horta, pomar e criação de pequenos animais em todas as propriedades rurais. A falta de investimento e incentivos e as baixas de preços dos produtos agrícolas têm contribuído para dificultar o acesso regular dos proprietários rurais aos alimentos, bem como a romper o padrão usual da alimentação.

Com o envelhecimento do campo e a dificuldade de mão de obra, mesmo nas propriedades que possuem horta e pomar, é cada vez mais comum o recurso a agrotóxicos. Este se dá, porém, sem conhecimento adequado de uso ou respeito ao período de carência até o consumo, diminuindo a qualidade dos alimentos. O fomento à instalação de hortas, pomares, canteiros de ervas condimentares e medicinais, aliado à de produção de pequenos animais, complementaria a renda e aumentaria a qualidade de vida, além de promover a segurança alimentar local.

Uma das fragilidades das cidades, eventualmente mesmo em municípios de pequeno porte, é a potencial perda do vínculo dos cidadãos com a terra. A tentativa de identificar uma fruta silvestre, durante a oficina realizada em São José do Barreiro, gerou debate e expôs a que ponto a Mata Atlântica é distante inclusive dos moradores de um território abençoado com sua presença. O caso engendrou uma discussão acerca da insegurança alimentar em uma cidade cercada por áreas rurais.

De fato, percorrendo o território raramente encontramos produtos de pequenos agricultores nos mercados e quitandas, salvo por banana, mandioca e outros poucos itens. Nas feiras livres, as frutas usualmente são de Cruzeiro. Os estabelecimentos comerciais recorrem a fornecedores distintos para se abastecer – no caso do Rancho, em São José do Barreiro, são três; no do Club dos 200, o proprietário conta já ter tido de buscar alface em Queluz.

Em Lavrinhas, os balneários se abastecem nos sacolões de Cruzeiro e Lorena. Em Bananal, diante de nosso estranhamento de mesmo as geleias de goiaba e banana serem de Minas Gerais, a vendedora do empório explicou que a produção local é pequena demais para garantir a constância do abastecimento. Em Areias, um dos restaurantes de comida caseira mais antigos compra em Cruzeiro e Barra Mansa. "Não há criadores locais e mesmo plantio há pouco, só tem gado." O milho da emblemática Festa do Milho da cidade também viria de fora.

Complementarmente a uma produção potencialmente insuficiente, inconstante ou de qualidade instável, parece haver um problema de gestão da distribuição. Na oficina em Arapeí foram feitas menções a muitos pequenos sitiantes, produtores de hortaliças e legumes. Foi-nos relatado que, como decorrência de um projeto do Senar, dez produtores começaram a participar de uma feira local, na rua da escola, que pela leitura geral se desestruturou por falta de organização. Antônio Carlos, natural de Resende e hoje sediado na área rural de Arapeí, relata ter tido uma abundante colheita de alface, sem ter conseguido comercializá-la. Em outros casos, o fator impeditivo da distribuição seria, como visto, a condição das estradas rurais.

De fato, percorrendo o território raramente encontramos produtos de pequenos agricultores nos mercados e quitandas, salvo por banana, mandioca e outros poucos itens.

Queijaria em Cruzeiro

Crédito: Garimpo de Soluções

Diante de um quadro em que pouco é produzido e o que o é enfrenta dificuldade de escoamento e/ou competitividade de preços frente aos sacolões das cidades maiores, surgem iniciativas voltadas à criação de hortas nas cidades – tanto para suprir pequenas demandas, quanto por seu caráter didático de reconexão das comunidades ao contexto rural.

A realização de hortas domésticas, em qualquer espaço disponível, é uma das missões que se atribuiu o IBIOS, em Bananal. Em São José do Barreiro, já é longevo o trabalho de Alice Lutz, do Sítio São João. Fascinada pela sabedoria tradicional da alimentação – do plantio de espécies originárias aos modos de fazer –, sua maior preocupação é a segurança alimentar saudável, em consonância com o respeito ambiental. Sua parceira nessa trilha é Alessandra Jeszensky, proprietária da RPPN Besouro de Fogo. Juntas, elas conseguiram um espaço para realizar coletivamente uma horta comunitária, oferecendo das sementes ao *know-how* mas a falta de disponibilização de maquinário inviabilizou o projeto.

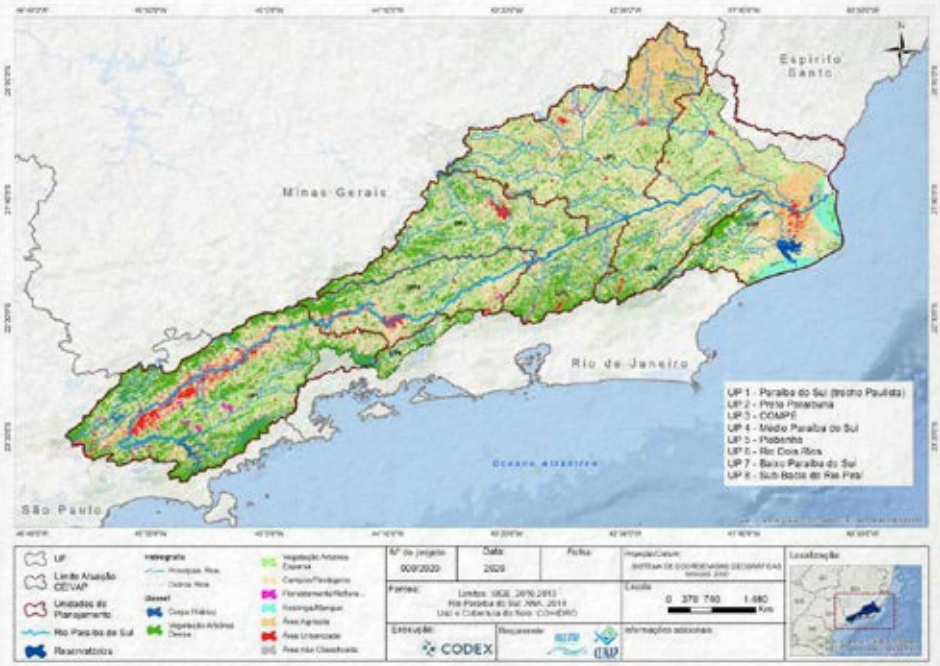
3. USOS ALTERNATIVOS EMERGENTES

Em outra lógica, a integração do eucalipto à pecuária (silvipastoril) em pastejo rotacionado e sistema 'lavoura-pecuária-silvicultura' (iLPS) vem se mostrando uma alternativa para promover novas fontes de renda e reduzir o impacto das pastagens, em especial no que tange à erosão e à lixiviação de nutrientes.

Os plantios de eucalipto, cultura pouco exigente quanto à qualidade do solo, têm avançado em sentido aos municípios do território, em especial após a instalação da unidade da Fibria, em Jacareí. As áreas com cultivo de eucalipto cresceram de 35.214 ha (2,5% da Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos do Rio Paraíba do Sul - UGRHI 02), em 1985, para 113.587 ha (8,1% da área da UGRHI 02), em 2015, tendo a maior parte da plantação de eucaliptos substituído áreas de pastagem.

A cultura de eucalipto está entre as poucas culturas comerciais que podem ser exploradas nos terrenos íngremes da UGRHI 02 (quase metade das áreas de plantio de eucaliptos está localizada em regiões com declive acima de 20%), que não são adequados para o manejo mecanizado da maioria das outras culturas comerciais. O desenvolvimento atual da mecanização na cultura de eucalipto possibilita o plantio e a colheita em terrenos extremamente desfavoráveis, o que a torna uma atividade viável na região. No entanto, os custos mais elevados da gestão comercial da cultura do eucalipto sugerem uma quebra na sua expansão[15].

Uso e cobertura do solo na bacia do Rio Paraíba do Sul



Fonte: Relatório de Situação Bacia do Paraíba do Sul 2020

[15]RONQUIM, C.C. et al. "Carbon sequestration associated to the land-use and land-cover changes in the forestry sector in Southern Brazil". Remote Sensing for Agriculture, Ecosystems and Hidrology XVIII. 2016

Complementarmente, a cultura pode agregar a implantação de apicultura nas áreas de plantio consolidado. Note-se que em 12/03/2024 foi publicado pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) o pedido de registro da Indicação de Procedência do Mel do Vale do Paraíba. Requerido pela Associação Socioeducativa de Pequenos Produtores Rurais de Redenção da Serra, abrange 35 municípios.

Pedido de Indicação de Procedência do Mel do Vale do Paraíba

Nº DO PEDIDO: BR402023000027-0

INDICAÇÃO GEOGRÁFICA: Vale do Paraíba

ESPÉCIE: Indicação de Procedência

NATUREZA: Produto

PRODUTO: Mel de abelha *Apis mellifera*

REPRESENTAÇÃO:

PAÍS: Brasil

DELIMITAÇÃO DA ÁREA GEOGRÁFICA: Os municípios que farão parte desta delimitação de território (35 municípios), sendo estes: Aparecida, Arapeí, Areias, Bananal, Caçapava, Cachoeira Paulista, Campos do Jordão, Canas, Cruzeiro, Cunha, Guaratinguetá, Igaratá, Jacareí, Jambeiro, Lagoinha, Lavrinhas, Lorena, Monteiro Lobato, Natividade da Serra, Paraibuna, Pindamonhangaba, Piquete, Potim, Queluz, Redenção da Serra, Roseira, Santa Branca, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São José do Barreiro, São José dos Campos, São Luis do Paraitinga, Silveiras, Taubaté, Tremembé.

ATA DO DEPÓSITO: 27/12/2023

REQUERENTE: ASSOCIAÇÃO SOCIO EDUCATIVA DE PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DE REDENÇÃO DA SERRA

Fonte: INPI

Cabe ressaltar que a silvicultura, tal como demais sistemas conservacionistas de manejo do solo específicos a cada região, deve ser adaptada às condições dos produtores. Como se trata de municípios com relevo forte ondulado a montanhoso, a atividade de silvicultura, os sistemas agroflorestais (SAF) e os reflorestamentos mistos com espécies nativas para madeira de lei são alternativas promissoras, pois agregam valor à terra, protegem o solo da erosão, conservam os mananciais e incrementam o que resta de Mata Atlântica, reabilitando assim funções ecológicas.

Vista aérea da Serra da Mantiqueira

Crédito: Coop Audiovisual/
Garimpo de Soluções

Expandindo o raio de alternativas, vale mencionar como exemplo o mapeamento de lúpulo da região serrana fluminense. Desenvolvido pela Acianf 2022 e pela Embrapa, em condições edafoclimáticas similares às dos municípios do território expandido Vale Histórico, corrobora serem variadas as possibilidades de novas culturas factíveis de incentivo e implantação na região.

É importante ressaltar que, apesar de verificarmos a baixa aptidão agrícola do território em questão, quando comparada à de demais regiões paulistas, além de ser uma região considerada com práticas de subadubação, sempre são encontrados dados de produção acima do previsto pela aptidão regional (INPE, 2000 – não foram localizados estudos regionais mais recentes). Também cabe enfatizar que o turismo rural e o pagamento por serviços ambientais têm se destacado como fontes de emprego e renda nas áreas rurais, de modo geral. Modelos na caprinocultura ou meliponicultora seriam ações estratégicas, já realizadas pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), mas que poderiam ser potencializadas como medidas de substituição da bovinocultura – no caso da caprinocultura – e, no caso do eucalipto, em consórcio com a meliponicultura.

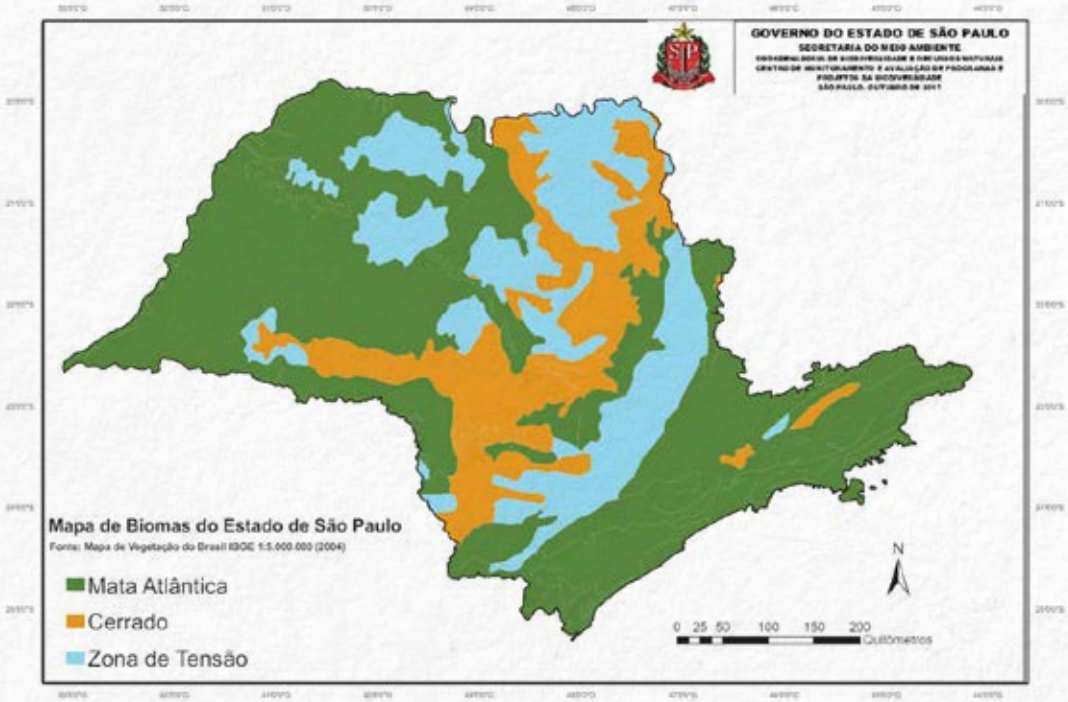
Também cabe enfatizar que o turismo rural e o pagamento por serviços ambientais têm se destacado como fontes de emprego e renda nas áreas rurais.

a) Mapeamento do uso de cobertura vegetal

O Vale do Paraíba situa-se no domínio do bioma Mata Atlântica, entre as Serras do Mar e da Mantiqueira. A região possui forte presença da agricultura familiar e assentamentos rurais em regiões de baixa renda, dependentes das cadeias produtivas e do comércio de alimentos. Boa parte destes locais tem um relevo acidentado, montanhoso, com solos sensíveis e já degradados por processos erosivos, demandando ações que favoreçam a proteção e a recuperação do solo e promovam uma maior infiltração da chuva para abastecimento do lençol freático.

A Mata Atlântica está entre as cinco florestas tropicais mais diversas do mundo. Sua situação atual é de extrema ameaça, uma vez que foi reduzida a pouco mais de 7% de sua cobertura original e seu desmatamento não tem previsão de acabar. Decorrem disso inúmeros problemas, como a extinção de espécies endêmicas e habitats; a perda de serviços ecossistêmicos variados, tais como a regulação climática, a preservação dos recursos hídricos e do solo; o desequilíbrio ecológico no controle de pragas e doenças agrícolas; o baixo potencial de fixação de carbono; o arrasamento de paisagens de grande beleza cênica etc.

Mapa da Resolução SMA 146/2017 - biomas do Estado de São Paulo



Fonte: Adaptado da Resolução SMA 146/2017

A proteção da biodiversidade é essencial para manter a saúde e a resiliência desse ecossistema, o que, por sua vez, beneficia a fauna, a flora e os serviços ecossistêmicos. É nesse contexto que se situa o Vale do Paraíba.

Quanto ao clima, na baixada litorânea e na Serra do Mar predomina o tropical superúmido, com temperaturas médias anuais de 20°C e índice pluviométrico superior a 2.000 mm anuais. Os solos rasos e de baixa fertilidade, a dificuldade de mecanização e o alto grau de resiliência das florestas nativas impediram a ocupação antrópica e mantiveram o principal corredor de florestas nativas da Mata Atlântica.

Conforme o mapa de Vegetação Nativa Remanescente da UGRHI 02, produzido pelo Instituto Florestal de São Paulo (2007), a partir de imagens de satélite de 2004-2005, há 26% de vegetação nativa remanescente na Bacia. Sua maior concentração ocorre nas Serras do Mar, da Mantiqueira e da Bocaina.

Cobertura vegetal no território expandido Vale Histórico

Áreas em hectare	População	Superfície	Cobertura vegetal	% da cobertura	Cobertura vegetal/hab
Arapeí	2.330	15.571	5.327	34,2	2,29
Areias	3.557	30.657	8.005	26,1	2,25
Bananal	9.969	61.632	27.008	43,8	2,71
Cachoeira Paulista	31.564	28.784	2.551	8,9	0,08
Cruzeiro	74.961	30.457	9.271	30,4	0,12
Lavrinhas	7.171	16.686	4.932	29,6	0,69
Queluz	9.159	24.941	7.625	30,6	0,83
São José do Barreiro	3.853	57.063	28.785	50,4	7,47
Silveiras	6.186	41.470	9.336	22,5	1,51
Total	148.750	307.261	102.840	30,72	1,99
Estado de São Paulo	44.040.000	24.821.900	4.343.683	17,5	0,10
Vale Histórico x ESP	0,337761	1,237862533	2,367576087		

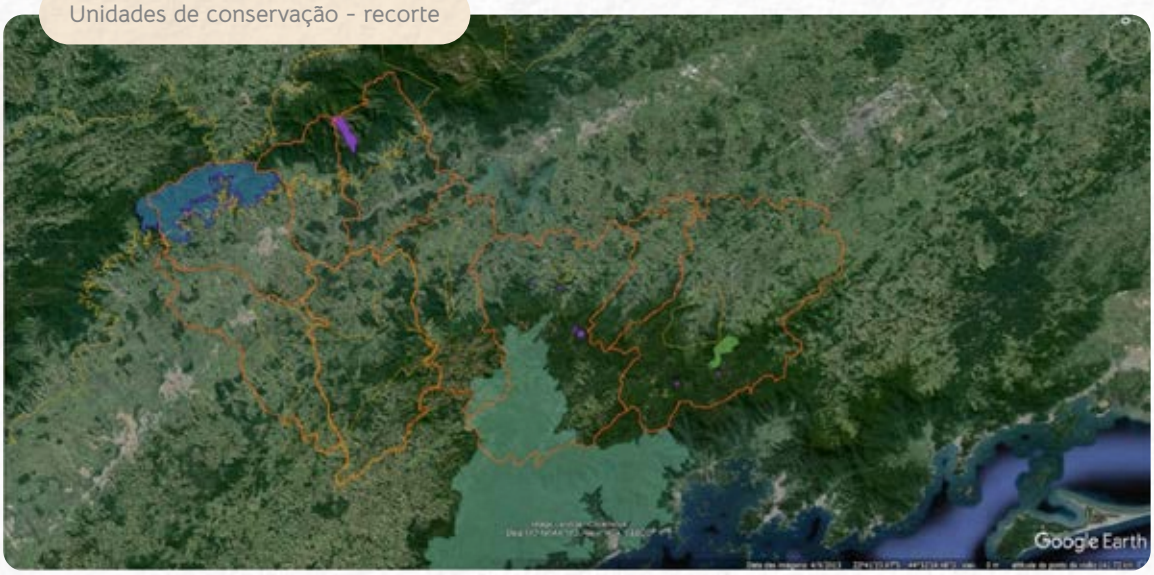
Fonte: Adaptado do IBGE e da Resolução SMA 07/2017

Inventário Florestal do Estado de São Paulo – recorte

Fonte: Adaptado do DATAGEO, sobre plataforma do Google Earth

Observa-se que a média de ocupação vegetal nos municípios do território é muito superior à do estado – 30,7% e 17,5%, respectivamente. Os residentes nos municípios do território ainda têm proporcionalmente maior presença na zona rural. Esse contexto favorece o emprego de novas ferramentas de gestão e governança no uso de recursos naturais e da floresta. Dentre o mapeamento da cobertura vegetal na região, destacamos as Unidades de Conservação que a compõem, integral ou parcialmente.

Unidades de conservação - recorte



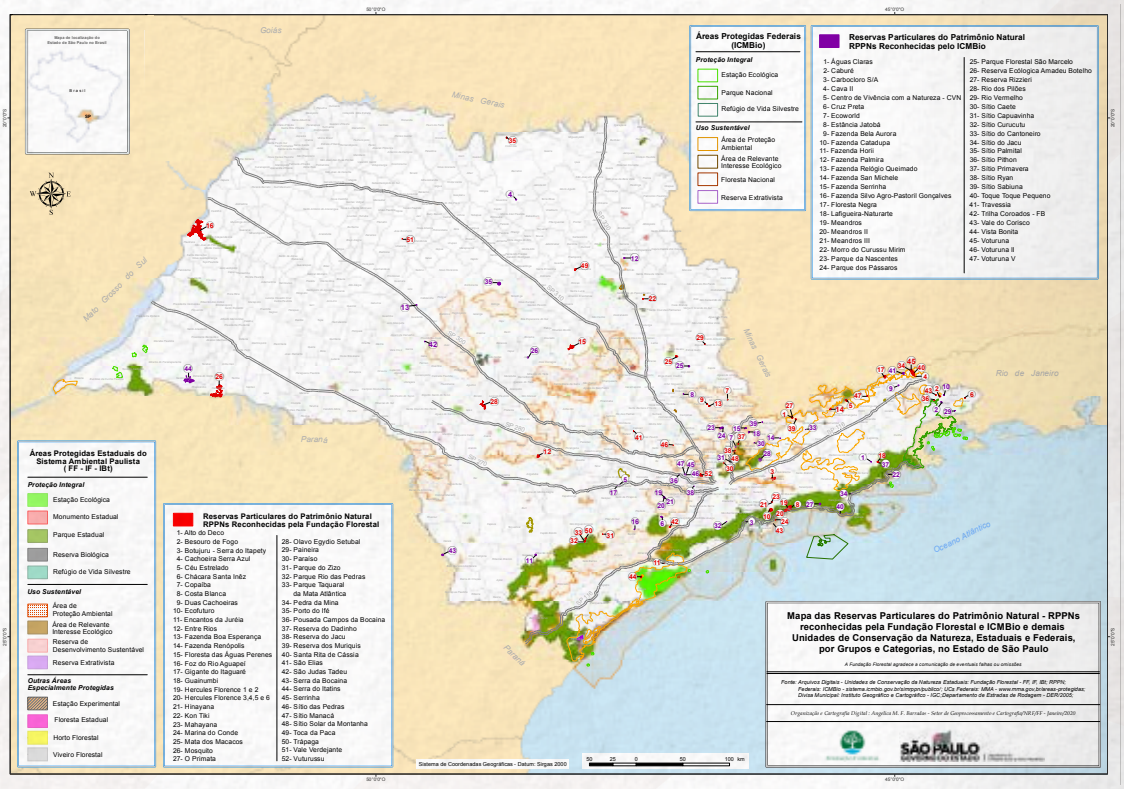
Fonte: Adaptado do DATAGEO, sobre plataforma do Google Earth

Sua riqueza ambiental é respaldada pela presença de três Áreas de Proteção Ambiental APA, uma Estação Ecológica, um Parque Nacional, um Monumento Natural e várias Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN).

As RPPN são unidades de conservação privadas, constituídas voluntariamente para conservar a biodiversidade. Portanto, para sua criação é necessário que tenham atributo ambiental, a exemplo de vegetação nativa do bioma em que se encontram, fauna associada, nascentes e cursos d'água ou ainda paisagem. Pessoas físicas, jurídicas, ONG, entidades civis ou religiosas podem requerer o reconhecimento total ou parcial de suas propriedades como RPPN, sem que haja tamanho mínimo para tanto. A RPPN é de caráter perpétuo, não admite comercialização da área mas pode abrigar atividades de pesquisa, ecoturismo e educação ambiental.

As RPPN são unidades de conservação privadas, constituídas voluntariamente para conservar a biodiversidade. Portanto, para sua criação é necessário que tenham atributo ambiental, a exemplo de vegetação nativa do bioma em que se encontra, fauna associada, nascentes e cursos d'água ou ainda paisagem.

Mapa parcial das RPPN paulistas (2020)



Fonte: Fundação Florestal

No âmbito do governo estadual, o pedido de registro da RPPN e os respectivos documentos devem ser encaminhados para análise da Fundação Florestal. Entre março e setembro de 2023 o Programa RPPN Paulistas prevê o projeto de pagamento por serviços ambientais (PSA) e apoia a execução do Plano de Apoio à Proteção das RPPN Paulistas.

Sua relação é permanentemente atualizada, sendo a lista abaixo ilustrativa.

- APA Serra do Mar (criada em 1984), APA Bacia do Rio Paraíba do Sul (criada em 1982) e APA Silveiras (criada em 1984).
- Estação Ecológica de Bananal (criada em 1987).
- Parque Nacional da Serra da Bocaina (criado em 1971).
- Monumento Natural Mantiqueira Paulista (criado em 2021).
- RPPN Jaguaretê (Bananal, 6 ha), RPPN Cachoeira da Luísa (Bananal, 17 ha), RPPN Olho d'água (Bananal, 19 ha), RPPN Rio Vermelho (Bananal, 68 ha), RPPN Chácara Santa Inez (Bananal, 5 ha), RPPN Caburé (São José do Barreiro, 171 ha), RPPN Pousada Campos da Bocaina (São José do Barreiro, 3 ha), RPPN Besouro de Fogo (São José do Barreiro, 36 ha), RPPN Serra da Bocaina (São José do Barreiro, 19 ha), RPPN Cachoeira Serra Azul (Queluz, 6 ha), RPPN Pedra da Mina (Queluz, 632 ha), RPPN Candeia (Bananal, 42 ha), RPPN Fruta do Lobo - (Bananal, 25 ha), RPPN Travessia – (Lavrinhas, 255 ha).t

Além das mencionadas acima, há outras RPPN em processo de regulamentação.

É no cenário de expansão do corredor gênico da Mata Atlântica que se situam as RPPN da região. A maior delas é a Pedra da Mina, que se estende de Queluz até a fronteira com Passa Quatro (MG).

Sávio Monteiro, seu coproprietário, conta que seus pais sempre dedicaram apenas 1/3 da área de 891 ha da Fazenda Jaboticabal à criação de gado e ao plantio de milho e eucaliptos, "muito antes de que se falasse em sustentabilidade". O processo de criação da RPPN teve início em 2001. Ao mesmo tempo, o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) propôs a criação do Parque Nacional dos Altos da Mantiqueira, que englobaria a Pedra da Mina. A iniciativa federal encontrou a oposição de 14 municípios que teriam áreas desapropriadas e foi esvaziada. Sávio e Wander Bastos (Presidente do Sindicato Rural) iniciaram então um movimento para a criação de um mosaico de RPPN, que ajudasse a somar fragmentos de Mata Atlântica das Serras do Mar e da Mantiqueira.

A Fazenda Jaboticabal destinou 632 ha da propriedade para a constituição da RPPN Pedra da Mina. Em 2013 se tornou a terceira maior reserva particular de Mata Atlântica do país (pertencendo as duas primeiras a pessoas jurídicas: Fundação O Boticário e Instituto Votorantim). A RPPN abriga o pico mais alto de São Paulo e terceiro maior do Brasil, a Pedra da Mina. É o primeiro dos grandes cumes brasileiros a ser preservado fora de um parque nacional e por iniciativa privada. A RPPN ainda acolhe a nascente do Rio Claro, a mais alta do estado, a 2.500 m de altitude. Várias outras RPPN se somaram à da Pedra da Mina, concretizando o esforço pela criação do mosaico ambiental de fragmentos da Mata Atlântica.

b) Levantamento e avaliações relacionados aos potenciais mineral e aquífero

Poligonais da Agência Nacional de Mineração - recorte

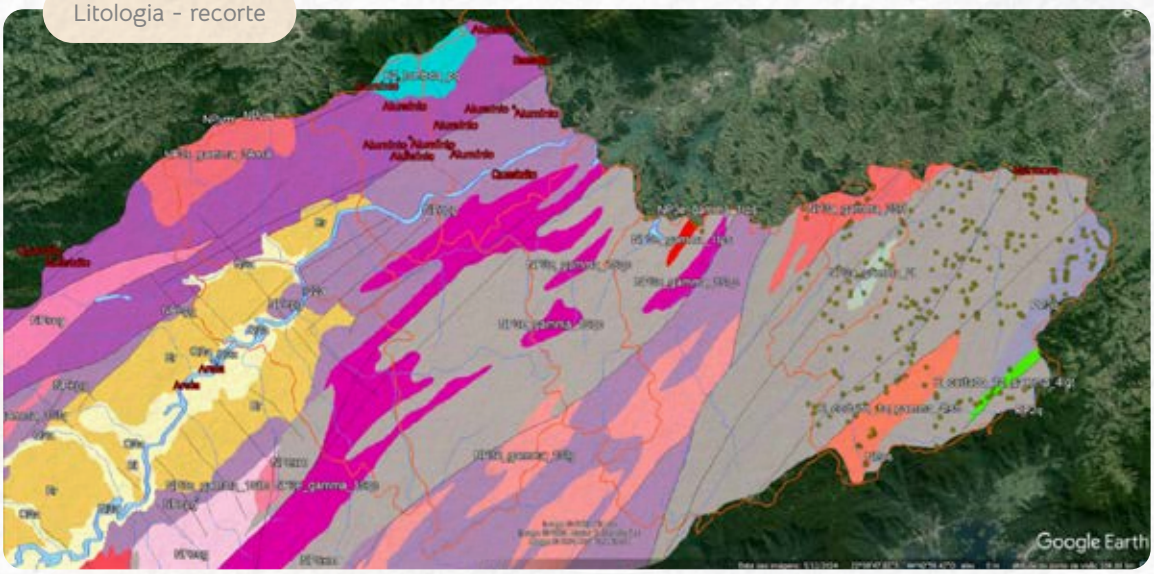
Fonte: Sistema de Informação Geográfica da Mineração – SigMine, sobre Google Earth

A atividade de extração mineral no Vale do Rio Paraíba é marcada pelo uso de bens minerais de emprego imediato na construção civil, onde a areia é o mais comum. Há na região a maior produção de areia do estado, responsável por alterações ambientais e conflitos de uso na sua planície aluvial. Considerando o quadro, o Instituto Geológico desenvolveu o Projeto Paraíba do Sul – Potencialidade de Areia, entre Jacareí e Roseira, para subsidiar o estabelecimento de procedimentos e normas técnicos de licenciamento e zoneamento ambientais da mineração de areia. Distante da calha e da várzea do Rio Paraíba do Sul, verificamos a alteração nos minérios solicitados junto à Agência Nacional de Mineração.

Observamos grande número de poligonais em Queluz, Cachoeira Paulista, Cruzeiro e Lavrinhas, objetivando a pesquisa e o licenciamento da bauxita. Nos demais municípios da região predominam outros minérios para agregados, como o granito.

Conforme se depreende da imagem, a localização e a formação geológica indicam um potencial de exploração mineral, a exemplo de granito Marins (Biotita granito), Varginha-Guaxupé, unidade paragnáissica migmatítica superior (Paragnaisse, Biotita gnaisse, Xisto), Paragnáissica (Biotita gnaisse), Granito Quebra-Cangalha, Resende (Conglomerado, Arenito, Diamictito, Lamito), Paraíba do Sul (Xisto, Charnockito, Metacalcário dolomito, Kinzigito, Rocha calcissilicática, Mármore, Metagrauvaca), Rio Turvo (Granitóide), Xistos, localmente migmatíticos, Quirino (Granito, Quartzo diorito, Granodiorito).

Litologia - recorte



Fonte: Adaptado do Atlas Geoquímico do Estado de São Paulo – CPRM, sobre Google Earth

O Plano Diretor de Lavrinhas, de 2022, referencia a extração e o refino da bauxita pelas mineradoras Coinbal e Suall. A segunda também extrai água mineral na Fazenda Mato Quieto, localizada na Capela do Jacu. Proveniente de veio a 126 m da superfície, a Água Mineral Natural Lavrinhas é extraída em uma área de 1.500 ha de matas naturais, a cerca de 1.300 m de altitude. Estaria ainda em curso a instalação de uma segunda mineradora, a Vale Educação S/A – Água Mineral Serra Bonita.

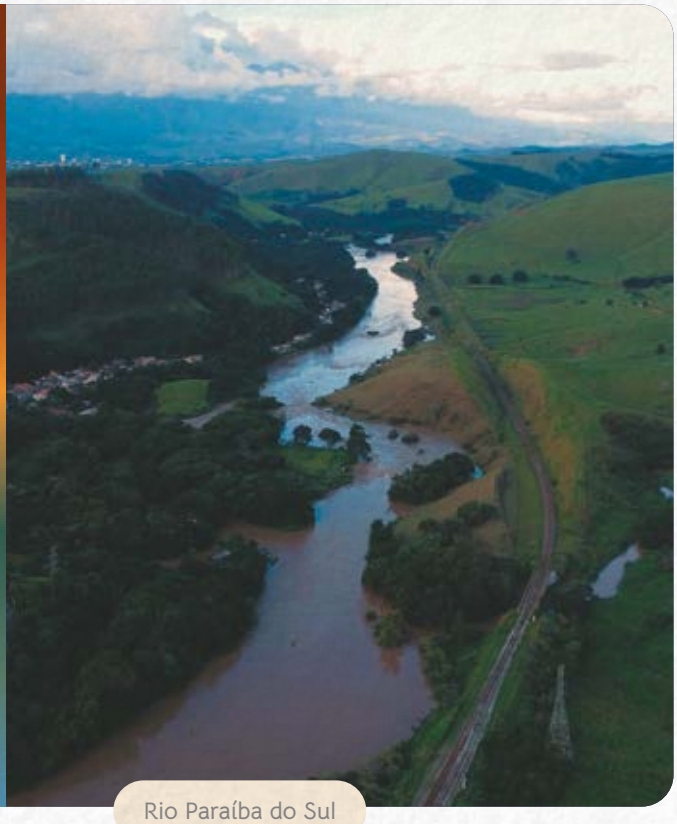
Em Arapeí, alonga-se há anos a autorização de exploração de água na Fazenda do Doce. Em Bananal, há três empresas registradas e ativas para o envasamento de água – Águas Claras, BCA e Três Barras –, complementarmente à comercialização das marcas Attiva e Mineralle, cuja extração ocorre em um espaço de 43.000 m², com 5.500 m² de área construída dentro de uma área de proteção ambiental.

Note-se que, não obstante essa abundância, a água usualmente comercializada em todos os municípios do território é de Passa Quatro.

A riqueza hídrica do território é especialmente relevante, diante da confluência de aumento do consumo, baixa precipitação, elevação da temperatura e diminuição da umidade do solo que caracteriza um cenário crítico para a água, na região da Macrometrópole Paulista. Estudos dos períodos de crise hídrica na região identificam o aumento da duração de secas na última década[16].

Nesse contexto, o Vale do Paraíba requer um novo nível de articulação multiescalar e uma governança inclusiva, envolvendo a sociedade civil nas escolhas de adaptação socioecológicas necessárias e na forma da sua execução. O desafio de assegurar abastecimento justo, adequado e que preserve serviços ecossistêmicos é maior, na medida em que as estruturas sociais, econômicas e políticas no Brasil perpetuam a desigualdade e decisões de curto prazo. Os métodos participativos com foco em governança adaptativa são o meio mais eficaz para reduzir essas desigualdades e garantir um uso da água mais equitativo e sustentável.

[16]MARENGO, J. A.; ALVES, L. M. Crise Hídrica em São Paulo em 2014: Seca e Desmatamento. GEOUSP: Espaço e Tempo (Online), v. 19, n. 3, p. 485, 2015



Rio Paraíba do Sul

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

A Agência Nacional das Águas (ANA) recomenda que a análise dos recursos hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul seja realizada considerando a Bacia Hidrográfica do Rio Guandu, pois as bacias estão interligadas desde 1952, com o início da Estação Elevatória Santa Cecília. A interligação formou o chamado "Sistema Hidráulico do Rio Paraíba do Sul", que consiste em um intrincado e complexo conjunto de estruturas hidráulicas existentes nas bacias hidrográficas dos rios Paraíba do Sul e Guandu, permitindo que operem como uma só bacia (ANA, 2015).

O desvio das águas da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul para a Bacia Hidrográfica do Rio Guandu permite, atualmente, a geração de energia e o abastecimento de água para cerca de 9 milhões de pessoas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A Estação Elevatória Santa Cecília, que realiza a interligação, tem capacidade de desviar até 160 m³/s do Rio Paraíba do Sul. Entretanto, como a barragem de Santa Cecília praticamente não possui capacidade de acumulação, ela não é capaz de regularizar vazões, dependendo, assim, da regularização realizada pelos reservatórios localizados a montante.

Em 2016, a ANA, considerando, principalmente: (1) "a importância de se preservar os estoques de água disponíveis no reservatório equivalente da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, composto pelos reservatórios de Paraibuna, Santa Branca, Jaguari e Funil"; (2) "a importância da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul para o abastecimento de várias cidades, inclusive para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro"; e (3) "que as regras de operação para os reservatórios devem preservar o uso múltiplo dos recursos hídricos", estabeleceu, por meio da Resolução nº 1.188, de 20/09/2016, a redução da descarga mínima a jusante dos reservatórios.

Quanto ao setor primário, estudos realizados a partir de imagens de satélite, de 1985 a 2015, identificaram uma dinâmica que tem permitido a recuperação da vegetação. Nesse período, a área com cobertura vegetal nativa teve um acréscimo de 205.690 ha, passando de 249.542 ha para 455.232 ha, isto é, um aumento de 83% nas áreas cobertas por florestas nativas secundárias. Assim, em 2015, as florestas nativas abrangiam 32,6% da UGRHI 02, em comparação com 17,9%, em 1985.

Esse fenômeno, chamado "transição florestal", consiste na recuperação espontânea da floresta sobre o uso agrícola, quando as dinâmicas de regeneração excedem a taxa de desmatamento. Nesse contexto, vale destacar o mapa das áreas prioritárias para restauração e conservação da Bacia do Rio Paraíba do Sul, do Programa Biota Fapesp, em conjunto com a SIMA. Nele há importantes áreas de interesse ambiental – corredores ecológicos para a conexão de remanescentes

[17] RONQUIM, C.C. *et al., op.cit.*

florestais, adoção de boas práticas agrícolas e proteção de áreas estratégicas para produção de água, para criar condições favoráveis à consolidação de uma rede hídrico-ambiental capaz de garantir o desenvolvimento sustentável e a resiliência do território.

Destacam-se as iniciativas do Pagamento por Serviços Ambientais (PSA), incluindo o Programa PSA Água Vale do Paraíba, ativo desde 2010, com foco na preservação, na conservação e na melhoria dos recursos hídricos nas sub-bacias de mananciais de abastecimento público da porção paulista da bacia do Rio Paraíba do Sul. Estrutura-se a partir da sistematização de um conjunto de estudos e diretrizes para subsidiar o CBH-PS e orientar a implantação de ações integradas de conservação das águas nas áreas de mananciais.

Complementarmente, o programa Conservador da Mantiqueira atua, desde 2016, para restaurar e proteger 1,5 ha da Serra da Mantiqueira, em 425 municípios de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em 2021 passou a atuar também em contratos de restauração, pagamento por serviços ambientais e geração de crédito de carbono, em parceria com o Programa Regenera América, do Mercado Livre.

Rio Paraíba do Sul

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Outro caso de destaque é o ESG Leite Floresta, que além de gerar pagamento por serviços ambientais, possibilita a adequação e a gestão ambiental das propriedades, ademais de reforçar a qualidade do leite. Encabeçado pelo Sindicato Rural de Cruzeiro, pela The Nature Conservancy (TNC) e pela Cooperativa de Laticínios de Cachoeira Paulista, tem no piloto a participação de 60 produtores. Dentre os parceiros, estão GR Indústria Química, Ambev, Neolink, WWF, Sistema Faesp/Senar, Sebrae e Fehidro, com a execução de Collard Ambiental, Ecotopia e Fili Ambiental.

Nas lacunas identificadas quanto à prestação destes pagamentos sobre serviços ambientais observamos a adequação da documentação dominial, possibilitando o acesso às linhas de crédito e serviços que exigem a regularidade dos imóveis. Já entre as específicas ao uso da água, destacam-se: cadastros incompletos e desatualizados das redes de água e esgoto; perdas elevadas no sistema de distribuição de água; diminuição da capacidade de remoção de matéria orgânica nas estações de tratamento de esgoto, devido ao atingimento ou à superação da capacidade de tratamento destas ou, ainda, pela falta de manutenção dos sistemas.

É importante registrar, também, a ausência de rede de abastecimento de água e de tratamento de esgotos, especialmente em áreas rurais de recarga de aquífero, adotando-se soluções individuais e alternativas, como poços e minas d'água, para o fornecimento de água e sumidouros, fossas negras e sépticas para o tratamento de esgoto. Com o novo marco regulatório do saneamento, o planejamento e os investimentos nesses serviços devem contemplar, inclusive, as áreas rurais, garantindo acesso às redes de abastecimento de água e esgotamento sanitário.

É visível em campo e em muitos trabalhos acadêmicos e de instituições públicas e privadas que tratam do uso das águas a necessidade de:

- Apoiar alternativas de uso e manejo agrícola, visando à gestão agroambiental, fomentando as práticas e as técnicas agrícolas que privilegiem a agricultura sustentável e a criação de animais que não comprometam a qualidade ambiental.

- Desenvolver projeto de recuperação de Áreas de Preservação Permanente (APP) na UGRHI 02.

- Realizar estudos detalhados, nas áreas prioritárias para recursos hídricos, com vistas a definir as prioridades de recuperação, conservação e proteção, bem como os métodos mais adequados a serem utilizados.

- Recuperar áreas de mata ciliar e nascentes, de forma associada a ações de educação ambiental.

- Estabelecer estratégias para estimular a iniciativa privada e o poder público a recuperar APP.

- Realizar seminários para a discussão dos aspectos técnicos e fontes de financiamento para pagamento por serviços ambientais.

- Desenvolver estudo sobre a influência da recuperação e da conservação ambiental na melhoria da qualidade e da quantidade de água em microbacias da bacia do Rio Paraíba do Sul.

Apesar de ser uma demanda de todo o Vale do Paraíba, é no território expandido Vale Histórico que se concentra grande número de nascentes, bem como a bacia de captação do Rio Paraíba do Sul, em especial em áreas distantes de centros industrializados e/ou utilizados pela mineração de areia. É fundamental para o uso racional das águas estabelecer e implantar mecanismos que visem a proteger, conservar e recuperar mananciais de abastecimento público – este componente tem a Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos como grande articuladora e, no âmbito de comitês de bacias, prioriza "promover a criação de áreas de proteção a mananciais regionais por meio de articulação institucional e apoio técnico", tendo o CBH-Paraíba do Sul se comprometido com sua implantação.

Também é necessária, no futuro próximo, a adoção de ações de revitalização de bacias – neste componente destacam-se os compromissos de controle e prevenção da ocorrência de processos erosivos, e de ampliação e recuperação de áreas prioritárias para recursos hídricos – ambos convergentes com PSA –, assumidos por várias instituições e comitês de bacias, incluindo o CBH-PS, que se propõem a priorizar recursos financeiros para a recuperação de matas ciliares e nascentes.

Elencamos, nesse aspecto, que a Prefeitura Municipal de Queluz possui experiência em ações que promovem a realização de serviços ambientais para a proteção das águas – por meio do desenvolvimento de modelos e consolidação de instrumentos financeiros, visando a estimular a recuperação da vegetação natural pela iniciativa privada e pública. São exemplos os financiamentos já obtidos pelo Fehidro e o Projeto Mina D'Água, conforme Resolução SMA nº 123, de dezembro de 2010.

Em Formoso, o turismo rural pode ser interessante. Entre os desafios estão as estradas, o despreparo de quem poderia lidar com os atrativos, questões ambientais graves e um abastecimento de água precário.

c) Entrada de insumos

A principal arrecadação externa dos municípios consiste no repasse do Fundo de Participação dos Municípios – FPM, correspondendo, em média, a 89% da arrecadação total. O PIB médio dos municípios está em R$20.715,70, bem abaixo da média do Estado de São Paulo, de R$52.992,00 e do Brasil, de R$50.193,72.

Entrada de insumos

	População	PIB per capita R$ 2021	Atividades econômicas	Arrecadação própria R$	Arrecadação externa R$	CFEM 2023
Arapeí	2.330	18.584,03	Agropecuária / Comércio e Artesanato	800.105,27	14.287.594,14	0
Areias	3.577	14.877,99	Agricultura, Pecuária e Comércio	1.083.938,24	16.178.182,68	0
Bananal	9.969	19.568,66	Agricultura, Pecuária e Turismo	4.657.570,24	29.589.269,76	2.611,17
Cachoeira Paulista	31.564	18.914,05	Agricultura, Comércio e Mineração	11.442.172,3	76.574.537,7	161.759,33
Cruzeiro	74.961	38.390,41	Comércio e Indústria	24.318.843,9	162.749.186,1	136.364,41
Lavrinhas	7.171	18.111,28	Agricultura, Pecuária e Turismo	3.695.424,08	19.693.335,92	138.971,93
Queluz	9.159	28.178,35	Agropecuária	6.372.803,25	32.250.246,75	70.716,86
São José do Barreiro	3.853	15.297,56	Agricultura, Pecuária e Turismo	2.807.885,25	17.991.264,75	0
Silveiras	6.186	14.518,99	Agropecuária / Comércio e Artesanato	3.056.655,42	21.251.032,92	0
Total	148.770	20.715,70		58.235.397,95	390.564.650,7	510.423,7

Fonte: Adaptado do IBGE, Portal da Transparência e ANM

O levantamento atualizado das cidades e o controle preciso da população, incluindo os moradores da zona rural, são importantes ferramentas de estratégia de adequação, já que o maior repasse consiste no Fundo de Participação dos Municípios – FPM, cujo principal fator de cálculo é a população.

Complementarmente, a atividade agropecuária, a regularização dos imóveis rurais e a retirada de notas de venda e compra de produtos são fundamentais, além da contribuição no Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural – Funrural.

Cabe ainda ressaltar que, na tributação paga, 0,2% (Pessoa Física) e 0,25% (Pessoa Jurídica) são recolhidos ao Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), contribuindo para a capacitação no campo.

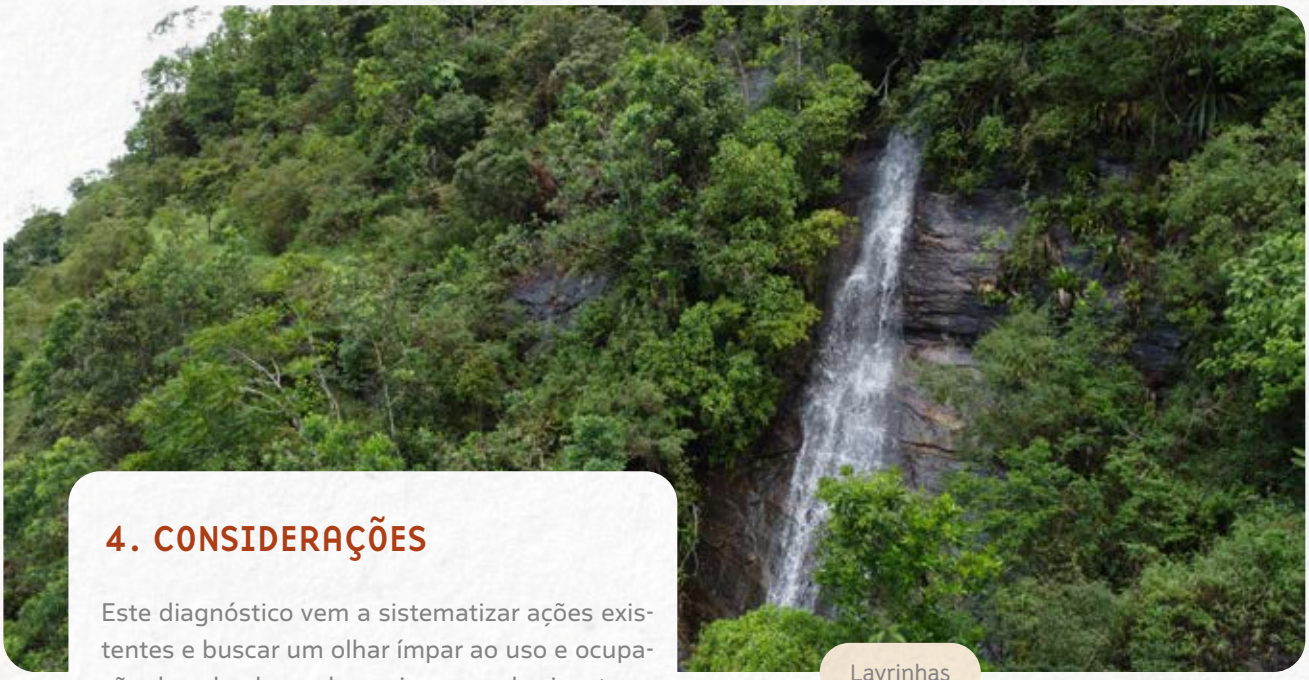
Outra importante arrecadação que podemos listar é a Compensação Financeira pela Exploração Mineral – CFEM, visto que como exposto há potencial minerário e que, além da contribuição cabida ao município, incide ICMS em notas fiscais de venda de minérios. Na atividade minerária, o retorno ao município é, em média, de 25% do valor do ICMS.

Face à estrutura fundiária dos municípios do território, composta por pequenas e médias propriedades de trabalhadores familiares, o repasse do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, apresenta-se como importante fonte de renda e valorização do trabalho local. As somas anuais em cada município são pequenas e podem ser potencializadas com adequações na compra e na oferta de produtos para a merenda escolar, ampliando o mix de produtos produzidos no campo e aquecendo a economia local com recursos externos.

Tabulação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - Programa Nacional de Alimentação Escolar

	PNAE 2023	PNAE 2024 jan a mai
Arapeí	383,6	0
Areias	93.937,85	42.624,8
Bananal	245.821,8	94.909,6
Cachoeira Paulista	110.147,83	150.818,4
Cruzeiro	893.059	372.040,8
Lavrinhas	161.550	76.584,8
Queluz	224.050,8	91.622,4
São José do Barreiro	130.894	52.210,4
Silveiras	108.797,4	38.983,35
Total R$	1.968.642,3	919.794,55

Fonte: Adaptado do FNDE



Lavrinhas

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

4. CONSIDERAÇÕES

Este diagnóstico vem a sistematizar ações existentes e buscar um olhar ímpar ao uso e ocupação do solo, de modo a criar novos horizontes e potenciais de uso. Percebemos muitos agentes locais ávidos por mudanças, com conhecimento dos problemas e potenciais regionais.

Do ponto de vista das atividades agropecuárias, a calha do Rio Paraíba do Sul e sua área de várzea concentram os plantios de grãos e possuem maior grau de tecnificação/mecanização. Já nas áreas mais afastadas, nos terrenos de forte ondulados a montanhosos, verificamos maior ocupação por pastagens, seguida pelo eucalipto.

A dificuldade de mecanização, aliada à falta de mão de obra, tem levado à mudança das atividades rurais, em especial da pecuária de leite para a pecuária de corte, onde a mão de obra não se faz tão presente e exige menor número de trabalhadores rurais por unidade produtiva. Contudo, o mercado da bovinocultura de corte não tem se mostrado promissor, em especial às pequenas e médias propriedades, situação onde observamos que a pecuária tem se apresentando como uma segunda renda, junto com a aposentadoria.

A dificuldade de acesso aos bairros rurais se mostra um fator complicador do turismo rural e impeditivo na logística de produção. É sabido que os municípios possuem extensa malha de estradas rurais, pouco maquinário e poucos servidores municipais especializados na reforma das estradas rurais.

Também é ponto de atenção o êxodo dos jovens da área rural, gerando descontinuidade na dinâmica do trabalho rural, em especial no trabalho braçal.

Observamos que há potencial agrícola e pecuário em toda a região, mas especificar e diversificar suas atividades depende de claro fomento e de investimentos pelos setores públicos e privados. Hoje, nota-se a presença de iniciativas como de produção de oliveiras (*Olea europaea*), em Silveiras; e o incentivo à apicultura sustentável e à produção orgânica, pela CATI do Vale do Paraíba.

Considerando suas condições edafoclimáticas, é importante destacar que há potencial mineral além da exploração de areia na várzea do Rio Paraíba do Sul e, pela sua localização entre as Serras da Bocaina e Mantiqueira, observamos que o turismo envolvedo o aluguel de casas na zona rural pode se beneficiar de ações de recuperação das áreas degradadas e projetos relacionados aos pagamentos por serviços ambientais.

Poço Azul (Lavrinhas)

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

VALE DAS HISTÓRIAS

CAPÍTULO 6

Recorte Setorial: Turismo

Estação ferroviária e trem (Bananal)

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

1. DADOS DO TURISMO NO TERRITÓRIO EMPREGO E RENDA

Os dados de empregos formais mapeados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) demonstram que ainda é necessário um percurso para que o turismo seja uma estratégia consolidada no território expandido Vale Histórico. Segundo dados de 2023 do Ministério do Trabalho e Emprego, 60% dos empregos gerados no conjunto dos nove municípios estavam ligados ao setor de serviços, onde se inserem os empregos de turismo. Não obstante a ausência de dados de estoque de empregos, é possível avaliar a dinâmica do setor pelo saldo de empregos gerados, consultando os painéis interativos do Caged.

Conforme a Tabela a seguir – os filtros incluem empregos formais em Agenciamento e Operação de Turismo, Hospedagem e Alimentação –, o setor não gerou empregos formais de maneira relevante. Ademais, por se tratar de empregos de baixa qualificação formal, a remuneração média está concentrada entre 1 e 5 salários mínimos, o que não difere das médias estadual e nacional. Segundo o próprio CAGED, garçons e camareiras, que representam as categorias com maior volume de pessoas formalizadas no turismo, têm média salarial de R$1.750,00 mensais.

Saldo de empregos em turismo – território expandido Vale Histórico

Municípios	Saldo de admissões - homens (2023)	Saldo de admissões - mulheres (2023)
Arapeí	0	0
Areias	-1	0
Bananal	-4	5
Cachoeira Paulista	14	2
Cruzeiro	9	16
Lavrinhas	-2	13
Queluz	-2	24
São José do Barreiro	0	2
Silveiras	-2	1

Fonte: CAGED

Já nas bases de dados unificadas pelo DataSebrae, com destaque aos painéis de Dados por Território, a evidência mais próxima com alguma relação a turismo está no setor de alimentação, que ainda assim gera bem poucos empregos formais na região. A cidade com maior geração percentual de empregos em alimentação foi Queluz (7,6%), seguida por Cachoeira Paulista (4,5%) e Cruzeiro (2,5%). Ainda que o Sebrae se baseie nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) de 2022, há correlação direta com os resultados do Caged para 2023, quando comparados os municípios, em termos de geração proporcional de empregos.

Complementarmente, no trabalho realizado em campo, a informalidade e a rotatividade são evidentes. Das entrevistas com empreendedores, foram colocados dois problemas maiores. Primeiro, a dificuldade de encontrar pessoas que queiram trabalhar de forma fixa. Isso se daria, na visão deles, por fatores que incluem falta de interesse em serem formalizadas ("não querem perder benefícios sociais"); concorrência com outras prioridades ("o desafio é encontrar quem queira trabalhar aos fins de semana e durante as festas, quando mais precisamos de gente"); e baixo nível de compromisso ("com prazos, entrega, precificação, controle").

O segundo óbice é a falta de capacitação. Foram inúmeros os relatos de pequenos empresários quanto à carência de bons profissionais. As pessoas mais qualificadas tenderiam a migrar para os grandes centros, em busca de salários melhores. "Há uma carência gigante. Pegar um bom profissional é uma loucura." Por outro lado, os gestores públicos expressaram a dificuldade de encontrar interessados em cursos de capacitação. "As pessoas se inscrevem mas não aparecem."

Há poucos empregos no setor e remuneração baixa para os do turismo. Além disso, houve diferentes relatos de empresários sobre a dificuldade de retenção da mão de obra, por razões variadas – com ênfase em que o salário ou a carga de trabalho não compensa, não raro por conflitar com a manutenção de benefícios.

Ao mesmo tempo, há alguns anos os cursos profissionalizantes em turismo e suas subáreas têm perdido demanda; uma das consequências mais evidentes é a suspensão de oferta de cursos presenciais nas unidades regionais do Senac e da Etec, o que merece atenção especialmente por serem cursos gratuitos (na Etec). Para fins de verificação, as unidades do Senac mais próximas da região estão em Guaratinguetá e Pindamonhangaba, com oferta de cursos regulares de eventos e guia de turismo, e cursos livres de curta duração para hotelaria, eventos e turismo.

Não se trata, portanto, de carência de cursos, mas de gerar oportunidades para os cidadãos que, por sua vez, demandarão cursos rápidos ou direcionados nas instituições já estabelecidas e com tradição na região. As ações de qualificação voltadas ao empreendedorismo, usualmente oferecidas pelo Sebrae-SP, têm maior aderência e adequação à realidade local. As experiências mais exitosas são as relacionadas a cursos curtos, práticos e progressivamente trilhados.

Portal da Bocaina

Crédito: Garimpo de Soluções

Cursos técnicos oferecidos na região

	Nº de instituições	Nº de cursos	Detalhes	Cursos
Arapeí	0	0		
Areias	0	0		
Lavrinhas	0	0		
São José do Barreiro	0	0		
Silveiras	0	0		
Queluz	1	1	José de Paula França	Administração
Bananal	1	1	São Laurindo Visconde	Administração
Cachoeira Paulista	3	29	Instituto Canção Nova, Juca Padre, Etec	RádioTV, Agenciamento (sem oferta), Vendas e mais 26
Cruzeiro	8	>50	Etec, Ulbra, Senai, Uninter, Unicesumar, Osvaldo Cruz, Mario da Silva Pinto, José Rodrigues Sobrinho	Agenciamento (sem oferta), Gastronomia, Eventos, Turismo Receptivo

Fonte: Sistema Nacional de Informações de Educação Profissional e Tecnológica

Cursos universitários oferecidos na região

	Nº de instituições	Nº de cursos	Detalhes
Arapeí	0	0	
Areias	0	0	
Lavrinhas	0	0	
São José do Barreiro	0	0	
Silveiras	0	0	
Queluz	0	0	
Bananal	1	1	ESTÁCIO SC - EAD Turismo
Cachoeira Paulista	3	3	UNIP - EAD Turismo ANHANGUERA - EAD Turismo UNINTER - EAD - Turismo
Cruzeiro	3	3	UNIP - EAD Turismo UNIMES - EAD Turismo ESTÁCIO SC - EAD - Turismo

Fonte: e-MEC

Cursos universitários oferecidos na região

Resultado da Consulta Por : CURSO — Histórico de índices — Exportar Detalhado — Exportar Excel

Instituição - IES	Sigla	Curso	Grau	Modalidade	Índices	Vagas Anuais	Data Início
(322) UNIVERSIDADE PAULISTA	UNIP	(1484726) GESTÃO DE TURISMO	Tecnológico	A Distância	CC: - CPC: - ENADE: - IDD: -	73260	01/08/2019
(671) UNIVERSIDADE ANHANGUERA Unificação de Mantidas: Processo nº 202107334	UNIDERP	(1455051) GESTÃO DE TURISMO	Tecnológico	A Distância	CC: - CPC: - ENADE: - IDD: -	2000	11/02/2019
(1491) CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL	UNINTER	(1204009) GESTÃO DE TURISMO	Tecnológico	A Distância	CC: 4(2015) CPC: - ENADE: - IDD: -	1000	04/02/2013
(322) UNIVERSIDADE PAULISTA	UNIP	(1484726) GESTÃO DE TURISMO	Tecnológico	A Distância	CC: - CPC: - ENADE: - IDD: -	73260	01/08/2019
(953) UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS	UNIMES	(1436080) GESTÃO DE TURISMO	Tecnológico	A Distância	CC: - CPC: - ENADE: - IDD: -	500	Não iniciado
(953) UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS	UNIMES	(1598070) GESTÃO DE TURISMO	Tecnológico	A Distância	CC: - CPC: - ENADE: - IDD: -	500	Não iniciado
(1510) CENTRO UNIVERSITÁRIO ESTÁCIO DE SANTA CATARINA - ESTÁCIO SANTA CATARINA	-	(1379281) GESTÃO DE TURISMO	Tecnológico	A Distância	CC: - CPC: - ENADE: - IDD: -	808	05/03/2018
(1510) CENTRO UNIVERSITÁRIO ESTÁCIO DE SANTA CATARINA - ESTÁCIO SANTA CATARINA	-	(1379281) GESTÃO DE TURISMO	Tecnológico	A Distância	CC: - CPC: - ENADE: - IDD: -	808	05/03/2018

Fonte: e-MEC

2. DADOS DO TURISMO NO TERRITÓRIO - DEMANDA

Atualmente, a ferramenta que melhor auxilia no entendimento da demanda para um dado destino é o Travel Analytics Center, do Google, que apresenta dados compilados das buscas sobre viagens, em termos de acomodação e voos. Segundo o portal E-Commerce Brasil, 93% dos brasileiros fazem buscas no Google antes de efetuar algum tipo de compra. Não há, porém, informações disponíveis sobre a efetivação de reservas. Representantes da área de viagens do Google indicaram que a janela entre buscas e efetivação, no Brasil, fica entre 3 e 2 meses antes da viagem.

A tabela compara os resultados dos quatro municípios do território para os quais o Travel Analytics disponibiliza dados, com os de dois outros que são destinos turísticos consolidados na região – Campos do Jordão e Ubatuba. Os dados se referem aos quatro primeiros meses de 2024. É possível notar a discrepância no volume de buscas – somados, os quatro municípios listados foram tema de buscas de 7% do volume de buscas equivalentes para Campos do Jordão.

Capela no Portal de São José do Barreiro

Crédito: Garimpo de Soluções

Resultado de buscas no Travel Analytics Center

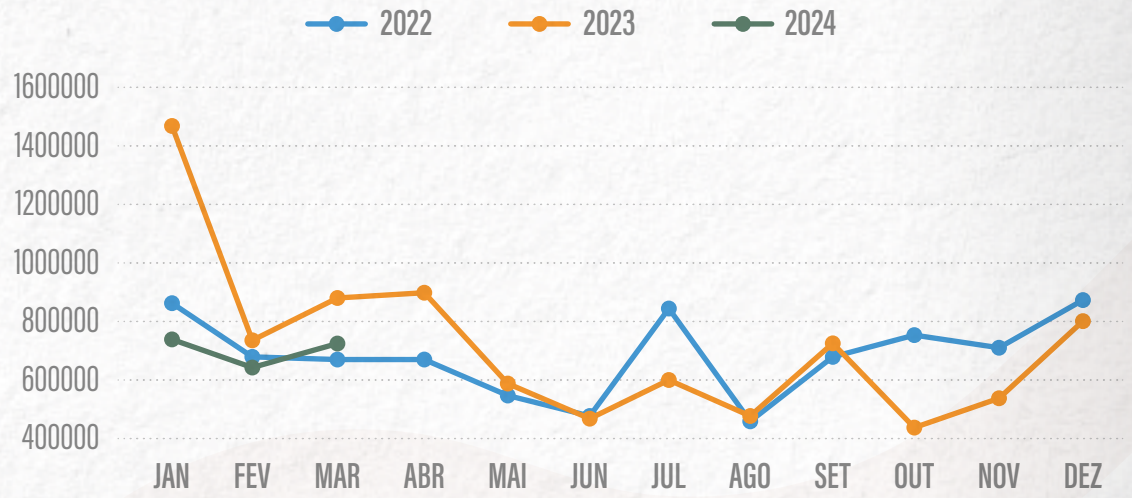
Município	Volume de buscas/ 2024	Internacional	Doméstico	Hotel	Aluguel de temporada	Camping
Bananal	40 mil	2%	98%	73%	25%	2%
Cachoeira Paulista	90 mil	3%	97%	99%	1%	0%
Cruzeiro	4 mil	7%	93%	89%	11%	0%
São José do Barreiro	9 mil	1%	99%	54%	44%	2%
Campos do Jordão	2 milhões	3%	97%	56%	43%	1%
Ubatuba	1 milhão	9%	91%	44%	52%	4%

Fonte: Google Travel Analytics Center

Complementarmente, a Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo divulga com regularidade os dados da Agência de Transportes do estado de São Paulo (Artesp) acerca do fluxo de veículos em rodovias concessionadas no estado.

É interessante verificar o volume registrado nas rodovias do litoral norte e sua relação no total do estado, para evidenciar a acessibilidade dos municípios analisados. Estes estão localizados em áreas com grande volume de tráfego, indicando que há um público significativo que já circula nas imediações. Pressupõe-se, assim, que os destinos podem ser promovidos sem depender de novos fluxos de tráfego, aproveitando o público já existente e cujo interesse pode ser trabalhado. A constatação é basilar também para a elaboração de planos de comunicação do território, otimizando a verba disponível e as possibilidades de implementação.

Número de veículos nas estradas para o litoral norte - 2022/2024



Fonte: Elaboração própria, com base em dados da ARTESP/CIET-SP

Complementarmente, a análise permite verificar volume proporcional, variações sazonais e o peso de feriados. Assim, nota-se que nos três primeiros meses de 2024 foram registrados pouco mais de 2 milhões de veículos, com uma média de 700 mil veículos por mês, porém com quedas entre 10% e 36% em relação a 2023.

Cabe destacar que 2023 foi um ano pródigo em feriados prolongados, o que justifica os picos em meses como abril, maio e setembro. Além disso, viagens internacionais foram retomadas em 2023, podendo ser uma das justificativas para a queda no volume no mês de julho. Ainda há dados insuficientes sobre 2024.

3. EM BUSCA DE UMA INTEGRAÇÃO REGIONAL

Quando lançamos um olhar retrospectivo sobre as iniciativas turísticas de enredamento dos municípios da região, é mister referenciar os Circuitos Turísticos Sebrae-SP.

Datados de 2007, os circuitos visavam a viabilizar e solidificar as estruturas de serviços das cidades, em suas capacidades de receptividade de turistas, romeiros e visitantes. Recebem o mérito de ter recenseado e divulgado os recursos turísticos das regiões, organizados sob uma nomenclatura que alinhavava as singularidades – ambientais, arquitetônicas, patrimoniais – desses territórios. Note-se ter sido esse projeto o responsável por difundir o termo "Vale Histórico", compreendendo os municípios de Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areias, Silveiras e Queluz.

Capa do caderno Circuito Turístico Vale Histórico

Fonte: Sebrae

Folheto "Aventura, natureza, história e fé"

Fonte: Consórcio Novo Vale

Com um intervalo de 16 anos, o folheto distribuído na Feira do Empreendedor 2023 pelo Novo Vale - Consórcio das Cidades Turísticas do Vale Histórico e Vale da Fé, intitulado "Aventura, natureza, história e fé", segue a lógica de buscar divulgar o posicionamento turístico de cada município – incluindo agora Cachoeira Paulista, Cruzeiro e Lavrinhas – e a diversidade do conjunto.

Mapa Turístico de Areias

Crédito: Garimpo de Soluções

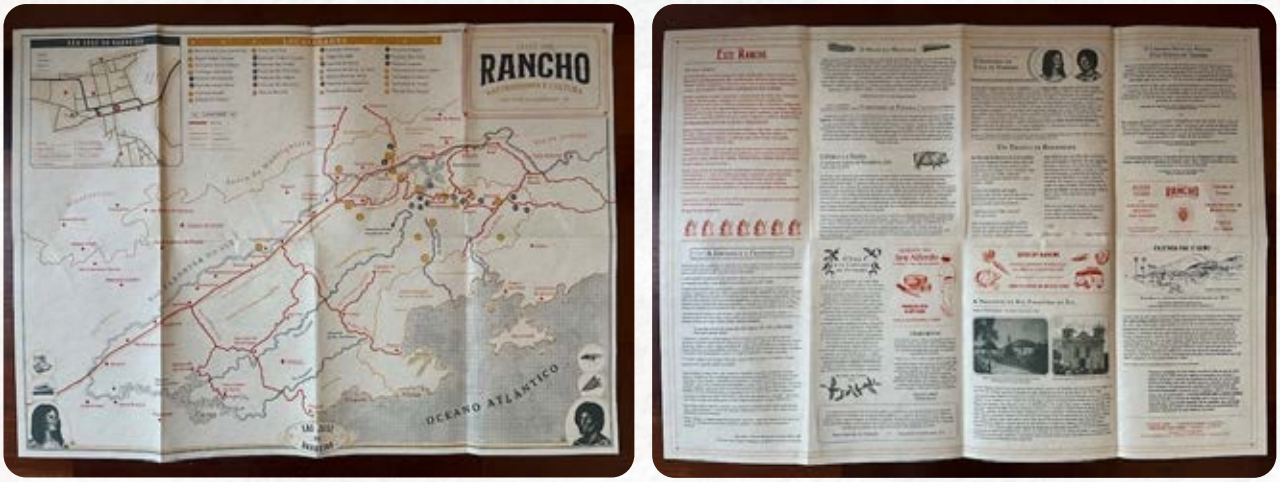
Mapa Turístico de São José do Barreiro

Crédito: Garimpo de Soluções

Entretanto, além de as propostas municipais não se diferenciarem, tampouco são trabalhadas de forma integrada e complementar. Entende-se que isso se deva, em parte, à falta de levantamentos e roteirizações dos atrativos turísticos por todos os municípios. Entre as exceções estão Areias, São José do Barreiro, Lavrinhas e, em parte, Silveiras.

Em um cenário de turismo no qual cada vez mais se buscam narrativas (não apenas informações); e o contato direto com quem faz (ou seja, o artesão, o músico etc.), cabe destaque a ação do restaurante Rancho Gastronomia e Cultura, que promoveu um mapa permeado de histórias, afixado no empreendimento e distribuído aos clientes, com abordagem regional.

Mapa de São José do Barreiro e região - Rancho



Crédito: Rancho

É legítimo imaginar que a construção de uma roteirização regional seria favorecida pela promoção de um sentimento compartilhado de território. A partir das oficinas e entrevistas com moradores dos nove municípios, confirmou-se não apenas que os cidadãos categorizam o território expandido Vale Histórico em três, como visto – o Vale Histórico em si, o composto por Cruzeiro e Lavrinhas e, por fim, Cachoeira Paulista –, como há um bairrismo que não colabora, mesmo entre os municípios lindeiros à Rodovia dos Tropeiros.

Para que a proposta de construção de um território comum aos nove municípios se dê, é necessário resgatar ou revelar fios identitários que os enredem, em uma narrativa conjunta – para além do próprio Rio Paraíba do Sul e da natureza circundante. A primeira questão que se apresenta é a criação de uma marca que una esses veios identitários – não apenas como identidade visual mas também como verbalização, *naming*, nome comum, em vez de três.

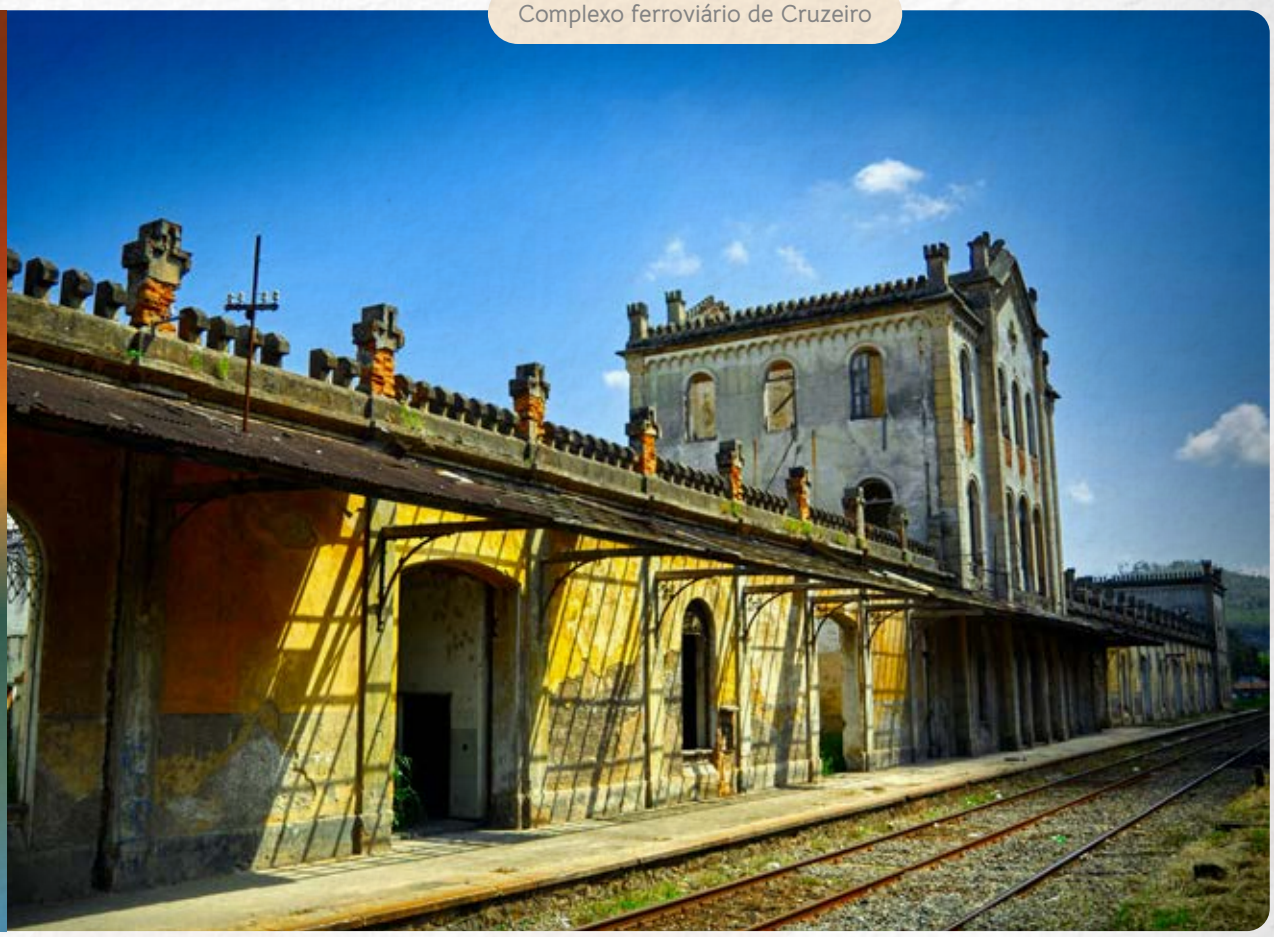
Nesse processo de construção afetiva, um dos fios identitários poderia ser dado pelo **patrimônio ferroviário**, comum à maioria das cidades. Muito embora em estado precário, sua envergadura na região é impressionante, sua presença foi marcante para a história e a riqueza de cada um deles e sua presença física é profundamente imagética.

Por um lado, ela traz um leque de entendimentos narrativos históricos. "Cruzeiro recebeu o maior investimento ferroviário na década de 1930. Em 1935/36 desativou-se tudo, inclusive os escritórios centrais. Getulio Vargas transferiu tudo para

Minas Gerais", relembra o escritor e âncora da Rádio Mantiqueira, Paulo Antônio de Carvalho, aludindo à rebordosa da Revolução Constitucionalista. Por outro lado, dá vazão a passagens lúdicas e afetivas. Uma delas dá conta que o engenheiro responsável pela construção da estação ferroviária de Cachoeira Paulista – que ligava o último ponto navegável do Rio Paraíba do Sul ao Rio de Janeiro – caiu de amores por uma cachoeirense e, para justificar a extensão de sua estada na cidade, ampliou a obra do edifício. Daí ela ser maior do que originalmente seria.

Quantas outras histórias restam silentes nas casas, nas anedotas, nas lendas e que poderiam ser organizadas em uma narrativa enredada? Talvez a reconstrução da presença ferroviária no imaginário coletivo contribua a promover o reconhecimento de uma região que tanto ofereceu ao país em seu momento, a meio passo entre o Brasil escravocrata e o assalariado, o tropeirismo e a economia industrial. Entender essas passagens é relevante para abrir novas trilhas para o futuro. Nesse aspecto, daria espaço também para o resgate de ícones que, hoje, encontram-se desvinculados do universo afetivo dos próprios moradores e permanecem testemunhos de uma história que merece inaugurar um novo ciclo.

Complexo ferroviário de Cruzeiro



Crédito: Aniello de Vita, Expressão Studio/@SETUR

Trilhos do Túnel da Mantiqueira

Crédito: Garimpo de Soluções

Nesse sentido, é bem-vindo o projeto de ativação do trem que vai de Cruzeiro à estação Rufino de Almeida. Ideia antiga, em novembro de 2023 foi anunciada como em vias de se concretizar, em um primeiro resgate da experiência dos tempos ferroviários. Em junho de 2024 ainda não havia previsão concreta de início. Já a rotunda ferroviária, edifício portentoso em concreto armado, de grande interesse histórico e cultural, foi reformada há anos, em parceria com o setor privado. Destinada a constituir um centro cultural, acabou por se tornar um local de eventos. Há anos abriga uma agência da Caixa Econômica Federal (temporariamente, mas sem data definida para a mudança). Em janeiro de 2024 a agência foi inundada pela chuva.

Outras iniciativas vinculadas à presença ferroviária poderiam ser engendradas, por um lado valorizando a identidade dos municípios – e, consequentemente, a autoestima de seus moradores – e, por outro, conferindo novos usos e atração turística a tesouros patrimoniais em estado de deterioração. Um caso em questão é a estação ferroviária de Bananal. O jornalista Ricardo Nogueira explica que o edifício pertencia à Rede Ferroviária Federal SA (RFFSA), extinta em 2007. Hoje, é de propriedade dos Correios – que sequer a abrem a visitação. Tombada pelo Condephaaat e pelo Iphan, a estação está abandonada a si mesma. Diante dela, a população se divide, conforme a idade, entre os saudosistas e os indiferentes.

Outro imbroglio permeia a imponente estação de Cachoeira Paulista. Como relatou um gestor público, com a extinção da RFFSA a estação teria sido incorporada ao Setor de Patrimônio da União (SPU). Tombada pelo CONDEPHAAT (estadual) mas não pelo IPHAN (nacional), sua deterioração motivou uma ação do Ministério Público Estadual contra o Governo Federal. Após uma licitação federal, consta que a empresa ganhadora esteja analisando como melhor aplicar o orçamento à disposição. Em se tratando de outra esfera governamental, a prefeitura não teria acesso ao processo, enquanto os munícipes acompanham diariamente a decadência de um patrimônio intimamente vinculado à memória coletiva.

Estação Ferroviária de Queluz

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Em Queluz, os combatentes que chegavam à estação ferroviária eram enviados aos comandos da Revolução Constitucionalista nas cidades vizinhas. O antigo edifício, que carece de restauro, sedia as atividades do CRAS e vem sendo pleiteado pelas secretarias de Cultura e Turismo do município. Sua área de entorno – hoje um grande cimentado, com pequenas áreas do piso de rocha original –, foi reduzido a estacionamento. Não é utilizada para ações culturais ou de convívio social, apesar da carência de espaços públicos com dimensões amplas.

O antigo edifício, que carece de restauro, sedia as atividades do CRAS e vem sendo pleiteado pelas secretarias de Cultura e Turismo do município.

Rio Paraíba, ponte nova (1937) e as bases cilíndricas da antiga

Crédito: Garimpo de Soluções

Outro fio comum aos nove municípios é justamente a **Revolução Constitucionalista**. Hoje amplamente desconhecida pela maioria até mesmo dos paulistas, quando não considerada de forma caricata, guarda em si um mundo de possibilidades de ponderações e aprendizados sobre as terras paulistas. No território expandido Vale Histórico, homenagens aos combatentes são usuais – de obeliscos em Silveiras à placa do armistício, em Cruzeiro; do Mirante da Revolução, em Areias, aos acervos de museus singelos, como o Doutor Costa Júnior, em Cachoeira e o abrigado no Centro Cultural Malba Tahan, em Queluz. Ficaram os marcos físicos mas sem os enredos que enlaçariam o entendimento histórico aos tempos presentes, em uma região de possibilidade única de imersão no contexto.

Para ter um vislumbre da presença do que não se dá a ver, basta observar as bases de sustentação da antiga ponte metálica de Queluz, que emergem indiferentes à correnteza do rio. Os elementos cilíndricos são o que resta da estrutura implodida pelos próprios moradores, na tentativa de retardar o avanço das tropas federais. Nos cinco anos seguintes, a população recorreu a uma balsa para atravessar o Rio Paraíba do Sul, até a finalização da nova ponte. As novas gerações – e mesmo as não tão novas – desconhecem as peças narrativas da Revolução, em contraponto à verdade única de quem a venceu, tornando frágil o vínculo afetivo com o território.

Outro tema a ser reelaborado – e, de certo modo, sublimado – é **Monteiro Lobato**. Enquanto Taubaté enaltece os laços com o autor ("terra de Monteiro Lobato", "Capital Nacional da Literatura Infantil", "Semana Monteiro Lobato" – já em sua 72ª. edição, "Museu Monteiro Lobato" – criado em 1958), nosso território tende a remoer o estigma de cidades mortas – termo cunhado pelo então jovem procurador de Areias, no início do século XX, e onde se encontram placas indicativas do fato.

Mas quantas histórias positivas poderiam ser criadas a partir dessa presença, a exemplo dos talentos de Tia Anastácia, areiense imortalizada nos escritos de Cartas de Amor? Cozinheira de mão cheia, cúmplice das peripécias e estripulias de Narizinho, Pedrinho e Emília, personagem do imaginário afetivo de adultos e crianças, ícone do que de mais maravilhoso a alquimia da cozinha pode oferecer, a verdadeira Anastácia teria

sido contratada pela família Monteiro Lobato em Areias e a acompanhado à Fazenda Buquira, no hoje município de Monteiro Lobato. Consta até que Esaú, seu marido, tenha inspirado a criação de Tio Barnabé.

Outra vertente de potencial para a região é o **turismo da diáspora africana.** Tema ainda embrionário no Brasil, não obstante a importância que merece, o Vale traz a questão em seu bojo, dada a participação fulcral dos escravizados no ciclo do café e seu legado para a constituição da região. Note-se que, em junho de 2024, o Ministério do Turismo abriu edital, por meio de cooperação com a Unesco, para a contratação de consultoria para o diagnóstico e o mapeamento do afroturismo.

É evidente a presença de escravizados antes da cafeicultura, fosse em atividades urbanas ou rurais, de exportação ou para a subsistência, domésticos ou não. Foi, porém, na posição da região como epicentro do sistema agroexportador de café baseado em mão de obra cativa, que se deu um tráfico ainda por ser reconhecido. O olhar crítico por parte da academia e de demais centros de pensamento, que se ressentem de uma "invisibilização" dos escravizados é crescente. O território seria ideal para apresentar uma multiplicidade de histórias complementares à versão única, de forma pioneira. Assim,

> *(...) a resistência da sociedade em escavar para se compreender e para que se revelem significados ocultos nos suportes culturais que sustentam seu turismo indica tanto que os "esquecimentos" ali são um recorte deliberado, na medida em que é a história oficial contada da perspectiva de quem enriqueceu com o café que subsidia as narrativas turísticas, quanto um recalque, porque seu passado escravista representa uma ferida não cicatrizada, um trauma, e seu reconhecimento social e político é ainda incipiente no país .*

Ímãs com Tia Nastácia e a formiga Içá - Angellito Arte Caffé

Crédito: Garimpo de Soluções

O território seria ideal para apresentar uma multiplicidade de histórias complementares à versão única, de forma pioneira.

[18] *In* GAGLIARDI, C.M.R., "Narrativas turísticas de paisagens escravistas: práticas de memória na interpretação do patrimônio cultural do Vale do Paraíba, SP". *Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material*, 31, e19. 2023

Placa indicativa do Vale do Café fluminense

Crédito: Garimpo de Soluções

Apresenta-se a oportunidade de o território inovar em promover novos olhares e experiências sobre o século XIX e a vida que nele se dava, mostrando que não se pode voltar ao passado com os olhos do presente mas se pode aprender com ele. Nesse sentido, repensar os estamentos sociais da época e seu legado para a sociedade contemporânea, os hábitos e costumes, a medicina tradicional, as crenças e os contos, as dinâmicas sociais e o universo cultural em cidades que eram referência à sua época, seria uma enorme contribuição para promover novos laços intersociais, enfrentar estigmas não trabalhados, ressignificar passagens históricas fundamentais e, por decorrência, fortalecer a atratividade turística do território.

Na lógica da criação de narrativas territoriais, é interessante acompanhar o movimento no vizinho Vale do Paraíba fluminense, com o qual o Vale Histórico paulista tem raízes e desafios compartilhados. Nesse processo, que segundo artigo do Sebrae de fevereiro de 2022 teve início em 2007, cabe ressaltar três aspectos.

Primeiro, a nomenclatura "Vale do Café" permite ao turista viajar ao passado a partir do café – um fio condutor sinestésico, que propicia uma ida ao passado mas garante a "viagem de volta". Segundo, o foco recai sobre a história do Brasil dos séculos XVIII-XIX e não no esvaziamento da dinâmica econômica das propriedades ou da região, que para muitos funciona como amarra a um fausto que não voltará. Terceiro, o movimento teria sido iniciado e conduzido a partir dos proprietários das fazendas, compondo uma agenda regional, que inclui o Festival Vale do Café e o Café, Cachaça e Chorinho, que ocorrem simultaneamente nos municípios da região.

Complementarmente, há narrativas que poderiam ser construídas a partir de vínculos com dois municípios historicamente vinculados à região, pelos meandros do caminho do ouro e que recebem maior afluência de turistas: Paraty e Cunha.

Na lógica de articular municípios e empreendimentos de forma sinérgica, o território tem posição privilegiada para construir um roteiro de valorização do ambiente natural e da sabedoria dos antigos. O **turismo de regeneração** é outra oportunidade preciosa de inovação e singularidade da região, em um momento no qual o tema ocupa todas as posições de destaque no cenário mundial.

Ressalte-se que o fôlego de reforço de uma identidade compartilhada, ademais dos desdobramentos em autoestima, pertencimento, nutrição de talentos e questões afins, é fundamental para insuflar o turismo intrarregional. Das entrevistas e oficinas ficou claro que, salvo pela relação entre Cruzeiro e Lavrinhas, o morador não tem em

seu radar ser turista nos municípios vizinhos, privilegiando o litoral norte e mesmo Minas Gerais, quando busca turismo histórico.

Da mesma forma, a julgar pelo informado por profissionais do turismo, o maior contingente de turistas que acodem à região tem por origem as capitais de São Paulo e Rio de Janeiro, sem representatividade especial de moradores dos demais municípios do Vale do Paraíba paulista. Ora, considerando-se apenas a soma da população de São José dos Campos, Taubaté e Jacareí, chega-se a 1,25 milhão de pessoas. A região, porém, é mais antiga do que o Vale Histórico e com ele compartilha a Mata Atlântica e o tropeirismo. Para que o território leste do Vale do Paraíba paulista atraia esse público – e outros –, é fundamental olhar para dentro e identificar o que só ele tem, seja no conteúdo e/ou na forma de apresentá-lo. Os pontos abordados acima são direcionadores dessa análise.

Primeira residência de Monteiro Lobato (Areias)

Crédito: Garimpo de Soluções

4. INFRAESTRUTURA TURÍSTICA FORMAL E EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO

A tabela apresenta os registros ativos junto ao Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur). Elaborada pelo Ministério do Turismo, condensa o cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor turístico. O registro é obrigatório para meios de hospedagem, agências de turismo, transportadoras turísticas, organizadoras de eventos, parques temáticos, acampamentos turísticos e guias de turismo. Outras atividades podem ser cadastradas em caráter opcional.

Como se depreende, os municípios com maior número de registros são, em ordem decrescente, Cruzeiro, Cachoeira Paulista, Bananal e São José do Barreiro. Alguns dados chamam a atenção, como o baixo número de restaurantes registrados em todos os municípios, o módico número de meios de hospedagem em Cruzeiro e a desproporção de registros entre guias de turismo e meios de hospedagem, em Bananal e Cruzeiro (20 e 2; e 9 e 2, respectivamente).

Registros ativos de empresas vinculadas ao turismo na região

Município	Tipo de negócio	Registros ativos	Total
Arapeí	Agência de Turismo	01	04
	Guia de Turismo	01	
	Meio de Hospedagem	01	
	Organizador de Eventos	01	
Areias	Agência de Turismo	03	16
	Guia de Turismo	01	
	Meio de Hospedagem	02	
	Organizador de Eventos	01	
	Prestador Especializado de Serviços Turísticos	04	
	Restaurantes	04	
	Transportadora Turística	01	
Bananal	Agência de Turismo	05	37
	Guia de Turismo	20	
	Meio de Hospedagem	02	
	Organizador de Eventos	02	
	Prestador Especializado de Serviços Turísticos	04	
	Restaurantes	04	
Cachoeira Paulista	Agência de Turismo	06	40
	Guia de Turismo	14	
	Meio de Hospedagem	15	
	Organizador de Eventos	01	
	Restaurantes	02	
	Transportadora Turística	02	
Cruzeiro	Agência de Turismo	15	43
	Guia de Turismo	09	
	Locadora de Veículos	01	
	Meio de Hospedagem	02	
	Organizador de Eventos	02	
	Prestador Especializado de Serviços Turísticos	02	
	Restaurantes	01	
	Transportadora Turística	11	
Lavrinhas	Guia de Turismo	01	11
	Meio de Hospedagem	02	
	Prestador Especializado de Serviços Turísticos	02	
	Restaurantes	05	
	Transportadora Turística	01	
Queluz	Agência de Turismo	02	07
	Guia de Turismo	01	
	Meio de Hospedagem	02	
	Restaurantes	02	
São José do Barreiro	Acampamento Turístico	01	27
	Agência de Turismo	04	
	Centro de Convenções	01	
	Guia de Turismo	02	
	Meio de Hospedagem	06	
	Organizador de Eventos	05	
	Prestador Especializado de Serviços Turísticos	03	
	Restaurantes	04	
	Transportadora Turística	01	
Silveiras	Guia de Turismo	03	03

Fonte: Cadastur/Ministério do Turismo

Chez Bruna (Bananal)

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

a) Hospedagem

Buscando detalhar a disponibilidade de hospedagem, a tabela apresenta dados do Centro de Inteligência da Economia do Turismo da Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo - CIET-SETUR. Este monitora o setor de hospedagem do estado, em parceria com a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis.

Para os municípios nos quais há disponibilidade de informações, nota-se a prevalência do número de leitos em Cachoeira Paulista (889) e Areias (453). Chama atenção o baixo de número de leitos em Cruzeiro, sendo que o Hotel Ramada dispõe de 49 quartos. Note-se que o município está por receber um Hospital Regional, potencialmente inflando a demanda por meios de hospedagem.

Número de estabelecimentos e leitos nos municípios

	Nº de estabelecimentos	Nº de quartos	Nº de leitos	Números no Cadastur
Arapeí	01	06	18	01
Areias	04	114	453	03
Bananal	N/C	N/C	N/C	02
Cachoeira Paulista	14	269	889	14
Cruzeiro	02	61	85	02
Lavrinhas	N/C	N/C	N/C	02
Queluz	03	49	110	02
Sao José do Barreiro	06	46	186	06
Silveiras	N/C	N/C	N/C	N/C
TOTAL	30			32

Fonte: CIET-SETUR e Cadastur

No trabalho de campo obtivemos mais cores para o quadro em análise...

Complementarmente, no trabalho de campo obtivemos mais cores para o quadro em análise, especialmente com relação ao perfil dos turistas e aos desafios enfrentados pelos meios de hospedagem.

Em Arapeí há duas pousadas ativas na área urbana (Ver.a Vista e da Monalisa), cujos leitos, somados, não chegam a 30. Como sua maior frequência de hóspedes é de prestadores de serviços para a Prefeitura, que muitas vezes fecham estadas alongadas, mesmo os artistas contratados pela Prefeitura de Arapeí para os eventos municipais costumam pernoitar em Bananal.

Sótão e fachada (à direita) do Hotel Sant'Ana

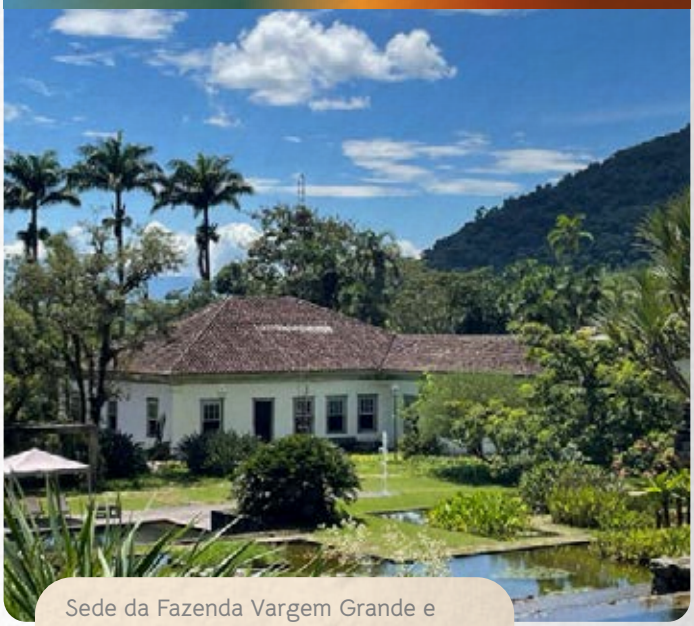
Crédito: Garimpo de Soluções

Crédito: Garimpo de Soluções

Em Bananal, algumas fazendas históricas também oferecem hospedagem. O Hotel Fazenda Boa Vista funciona há muito como resort; ocupa aquela que já foi a fazenda mais rica do ciclo do café, no século XIX, tendo posteriormente servido de locação a várias novelas de época da Globo. Recentemente, a Fazenda dos Coqueiros construiu um conjunto de suítes, como forma de diversificação à criação de gado e ao cultivo de banana. Na área urbana há meios de hospedagem para os bolsos mais variados. O Hotel Brasil, o mais emblemático do Centro, inaugurado em 1928 em um casarão da Praça da Matriz, está desativado e em estado de abandono. Sua proprietária, Dona Leila, explica que o investimento para recuperar o imóvel é vultoso e que o turismo já não tem a pujança de outrora.

Em Areias há alguns destaques. Na área urbana, o Hotel Sant'Ana figura como o mais longevo hotel em funcionamento contínuo do Brasil. Conta-se que o Capitão-mor Gabriel Serafim da Silva tenha erigido o edifício como polo fortificado do império, funcionando seu terceiro pavimento como mirante para a observação da entrada e da saída da vila. Doado à gestão municipal pelos proprietários, há mais de um século, o hotel é patrimônio da Prefeitura e gerido por concessão. É impressionante que, com tantas histórias da cidade e do hotel – de símbolo de formação do Vale a pouso de Dom Pedro I no caminho da independência –, não haja uma profusão de referências a elas no interior do edifício.

Em Cachoeira Paulista, o visitante não busca a cidade em si mas a Canção Nova ("quem vem para a Canção Nova vem para a Canção Nova, não para a cidade", diz uma funcionária da igreja). Comunidade católica formada em 1978, nas linhas da Renovação Carismática, é constituída por um conglomerado midiático internacional, faculdade, padaria e água mineral, entre outras atuações comerciais.



Sede da Fazenda Vargem Grande e jardim de Burle Marx

Crédito: Garimpo de Soluções

Complexo da Canção Nova

Crédito: Garimpo de Soluções

"Ninguém consegue montar negócio algum sem fluxo, ou rareado como é aqui, a não ser com alto grau de informalidade".

Para atender as até 250 mil pessoas que participam das atividades da Canção Nova, em um fim de semana – o município tem pouco mais de 30 mil habitantes –, há inúmeras pousadas. Vários proprietários se queixam da concorrência das hospedagens informais, que não pagam impostos e prejudicam a imagem geral, ao oferecerem serviços pouco profissionais. Relatam ainda que o fluxo de visitantes é intermitente. O maior volume de romeiros ocorre aos fins de semana e feriados, o que constitui um desafio para a sustentabilidade dos empreendimentos. "Ninguém consegue montar negócio algum sem fluxo, ou rareado como é aqui, a não ser com alto grau de informalidade", diz o proprietário de uma das pousadas formalizadas.

RPPN da Pedra Redonda

Crédito: Dalton Branco

Em Cruzeiro, a robustez da cadeia automotiva motivou a construção do primeiro hotel de rede de hospedagem de negócios, o Ramada, no Centro. Para os residentes e negócios do bairro, o estabelecimento ajudou a resgatar a sensação de segurança na região, que decaiu no último par de décadas.

Em Lavrinhas prevalece a hospedagem em balneários. É o caso do Rancho do Zé João. O maior faturamento advém, porém, do restaurante e das entradas – R$30 durante a semana e R$40 aos fins de semana, com capacidade máxima de 600 pessoas por dia. Como a procura é sazonal (concentrada de setembro a março), a pousada tem contribuído para cobrir as despesas do balneário durante os outros meses. Se o turista da alta estação quer diversão, o da baixa busca tranquilidade. Hoje, são nove suítes, dois chalés e uma área de camping próxima ao rio.

No distrito de Pinheiros há outras propostas de acomodação, como a Pousada, Cervejaria e Camping Amor in Malte; a Pousada Vale das Orquídeas, mais reservada, com bangalôs e serviço de bem-estar – sauna, massagem, banho turco –, além de piscina natural; e o Hotel Castelo Santa Clara, na fronteira com Queluz. O nome se deve a uma peculiar construção em estilo medieval, encarapitada na Serra.

Em Queluz há alguns hotéis na área urbana, além do Hotel Graal Inn, típico estabelecimento de rodovia. A área rural apresenta várias opções

esparsas, como a Pousada Águas da Marambaia (que já teve *day use*) e a Fazenda Casa Nova, dedicada ao turismo rural. Durante o século XIX esta forneceu lenha para as máquinas a vapor, além de ter se dedicado ao plantio e ao beneficiamento de café. Na década de 1930 voltou-se a cachaça e, aos poucos, a gado leiteiro, queijo e hortifrutis. Reformada e convertida em hotel, além da hospedagem oferece trilhas e visita ao curral. Aos fins de semana abre o restaurante à la carte para clientes externos.

A Fazenda Santa Vitória é a única integrante da Associação Brasileira do Turismo de Luxo no Vale do Paraíba. Com sistema *all inclusive*, também tem um laticínio, que comercializa seus produtos para hóspedes e clientes externos. O público usualmente restringe suas experiências à fazenda, não interagindo com a cidade.

Em São José do Barreiro a hospedagem no Centro é um desafio. Há poucos leitos nas pousadas centrais, demandando reserva antecipada, a exemplo da acolhedora Pousada Casa da Praça. Mais afastados há estabelecimentos de destaque, como a prestigiada Fazenda São Francisco (incluída na Traveller's Choice, prêmio do TripAdvisor), cuja acolhida se dá pelos simpáticos proprietários.

No distrito de Formoso, um dos redutos da cultura caipira, a RPPN da Pedra Redonda tem o edifício preservado de um mosteiro budista e paisagem fabulosa.

Em Formoso também se localiza o emblemático Hotel Club dos 200, agora sob a gestão prestimosa da terceira geração de dono. Criado em 1928, por 200 abastados proprietários de veículos, pouco antes da inauguração da hoje Rodovia dos Tropeiros, encapsula um momento singular da história do país e uma verdadeira viagem no tempo – por sua arquitetura e pelas assinaturas e fotos de hóspedes como Tarsila do Amaral, Washington Luís, Clark Gable e Carmem Miranda.

A Serra da Bocaina é um contexto à parte, cujos turistas nem sempre interagem com a cidade. Tem pousadas mais luxuosas, com pensão completa e imersas na natureza, como a Campos da Bocaina, que também é Reserva Natural; e a Encanto da Bocaina, com proposta gastronômica.

Em Barreiro, como de modo geral no Vale (exceção feita a Cruzeiro e a Cachoeira Paulista, com públicos de outros perfis), a baixa presença digital de muitos dos meios de hospedagem prejudica o planejamento dos turistas e a taxa de ocupação dos hotéis e pousadas. Em sites de referência, como o booking.com e em buscas de sites dos estabelecimentos no Google, as ofertas de hospedagem são mais limitadas do que na prática e tendem a oscilar entre propostas *all inclusive* e com tarifas altas e hospedarias voltadas majoritariamente ao pernoite de prestadores de serviço.

Em Silveiras, a hospedagem é escassa. A Festa do Tropeiro, em agosto – o maior evento da cidade e que atrai pessoas de vários lugares e estados –, acaba não oferecendo infraestrutura hoteleira que comporte. Nessa ocasião, os relatos são de que muitos turistas dormem nos carros ou chegam cedo à cidade para passar o dia.

Casa para aluguel por temporada na Fazenda Sertão - Queluz

Crédito: Garimpo de Soluções

b) Aluguel por temporada

Segundo dados disponibilizados pela plataforma AIRDNA, que monitora as informações sobre a oferta digital de espaços para aluguel de temporada, o Airbnb predomina na região (97%). O baixo número de propriedades listadas impede a análise individualizada, porém foi possível verificar, para o período indicado entre abril de 2023 e abril de 2024, as informações que seguem na tabela.

Como guia de interpretação dos dados, considere-se que um *market score* abaixo de 50 indica que o mercado enfrenta problemas, como mais períodos de baixa ocupação do que de alta; baixa demanda generalizada para aluguel de temporada; pouco espaço para aumento de receitas; elevação das tarifas em função da demanda; e área de baixo retorno para o investimento em locação para temporada.

Desempenho das cidades do território - abril 23/abril 24

Cidade	MarketScore	Taxa de Ocupação	Diária Média	Active Listings	Casa Inteira	Quartos
Bananal	24 - Ruim	25%	R$1.200	31	78%	22%
Cachoeira Paulista	75 - Bom	25%	R$281	278	73%	24%
Queluz	20 - Ruim	31%	R$738	17	89%	11%
São José do Barreiro	52 - Razoável	25%	R$501	23	75%	25%

Fonte: AirDNA

Analisando individualmente cada um dos nove municípios, foi possível identificar propriedades em todos eles. São, em sua maioria, espaços inteiros voltados ao lazer, com destaque ao contato com a natureza e ao relaxamento. A exceção é Cachoeira Paulista, cuja característica principal é de casas e apartamentos na região central, como lastro ao turismo religioso.

Preço médio das diárias do aluguel por temporada - Airbnb (abril de 2024) pelo espaço total ocupado por 2 pessoas

Município	Listings em abril 2024	Menor preço/diária	Maior preço/diária
Arapeí	02	R$320	R$347
Areias	07	R$171	R$1.129
Bananal	42	R$74	R$5.706
Cachoeira Paulista	337	R$93	R$757
Cruzeiro	33	R$90	R$2.282
Lavrinhas	02	R$792	R$1.948
Queluz	13	R$285	R$1.057
S. José do Barreiro	52	R$228	R$1.635
Silveiras	14	R$297	R$1.655

Fonte: Airbnb

c) Restaurantes

De modo geral, há diversos restaurantes de comida caseira abertos no horário do almoço; já para o jantar as opções são escassas, exceto por Cruzeiro. Vários restaurantes de fogão a lenha e pesqueiros abrem aos fins de semana e em áreas rurais, enquanto muitos dos urbanos tendem a fechar aos domingos.

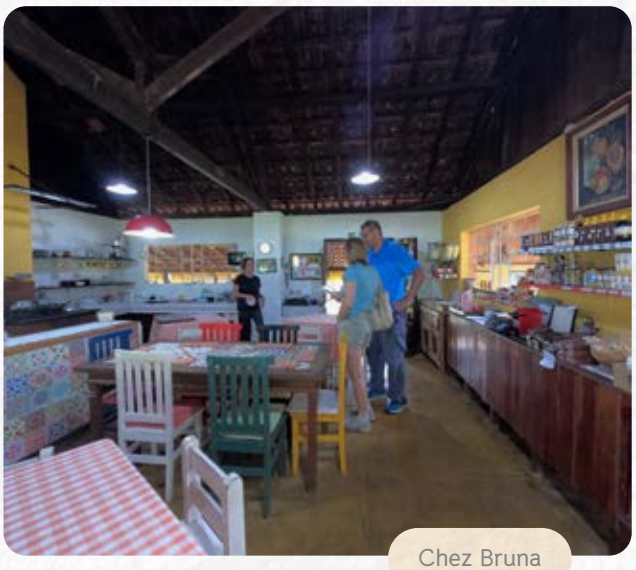
No centro de Areias – cidade que tem oferta interessante de estabelecimentos abertos à noite, mesmo durante a semana – entrevistamos as irmãs Elizangela e Ellen Rosana Ferreira Costa, filhas de Dona Maria, proprietária do restaurante homônimo. Dona Maria o fundou em 1980 e as meninas a ajudavam ainda pequenas. Há alguns anos elas assumiram o restaurante, onde a comida é tipicamente tropeira – sempre há frango e/ou porco, angu, arroz e feijão, couve, torresmo – mas de forma tão naturalizada, que não é apresentada com esse rótulo (e, portanto, sem se beneficiar dessa "etiqueta"). Segundo elas, os turistas passaram a mudar de perfil há cerca de 15 anos. Antes, vinham essencialmente de passagem do Rio; hoje, vão a Areias buscando história, Monteiro Lobato, casarões, café.

Em Bananal há boa oferta de restaurantes com variedade e inclusive a quilo, na hora do almoço, como o Recanto do Espigão e o Casarão Andrade, de gestão caseira e atendimento atencioso.

À noite a oferta é bem mais escassa, especialmente durante a semana. A alimentação dos turistas se torna um desafio também aos sábados e domingos, quando vários restaurantes fecham em ao menos um dos dois dias.

Na Bocaina a cena tem ofertas gourmet, como do B de Bocaina, em especial aos fins de semana mas também há restaurantes acessíveis, como o pioneiro Chez Bruna, complementado por queijos, doces, pães, além de itens caipiras, como cigarros de palha enrolados a mão.

Em Cachoeira Paulista, a chef e nutricionista Rafa Vianna chama a atenção pela proposta e pela postura. Rafa inaugurou em março de 2024 um estabelecimento em um edifício antigo do Centro, mantendo suas características. Também oferece serviços de consultoria, *catering* e de "chef de cozinha em sua casa", divulgando sua culinária em outros pontos do Brasil.



Chez Bruna

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Empório do Rancho

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Em Lavrinhas, a Trilha do Poço Azul inaugurou em fevereiro seu restaurante por quilo, aberto aos fins de semana, contíguo à entrada da Trilha do Poço Azul. É administrado pela mesma gestora e filha de Lavrinhas, Maiumi Takenouchi.

O restaurante Rancho, na principal praça de Barreiro, é gerido por Rogério Rodrigues, empreendedor de referência em toda a região. Instalado em um casarão antigo, com dois ambientes – o segundo bastante amplo –, serve comida tropeira ou caipira, por quilo, feita em fogão a lenha. Agitador cultural de primeira linha, organiza na praça uma série de eventos – de exposições de carros antigos a festivais gastronômicos. Ao lado há um empório fascinante, com produtos que representam um microcosmo da região. Apesar de alguns itens serem de Minas Gerais, a maioria é da região – dos usuais, como feijão, fubá, queijos, doces, aos mais sofisticados, como azeite, vinho e mel produzidos na Bocaina, e artesanato.

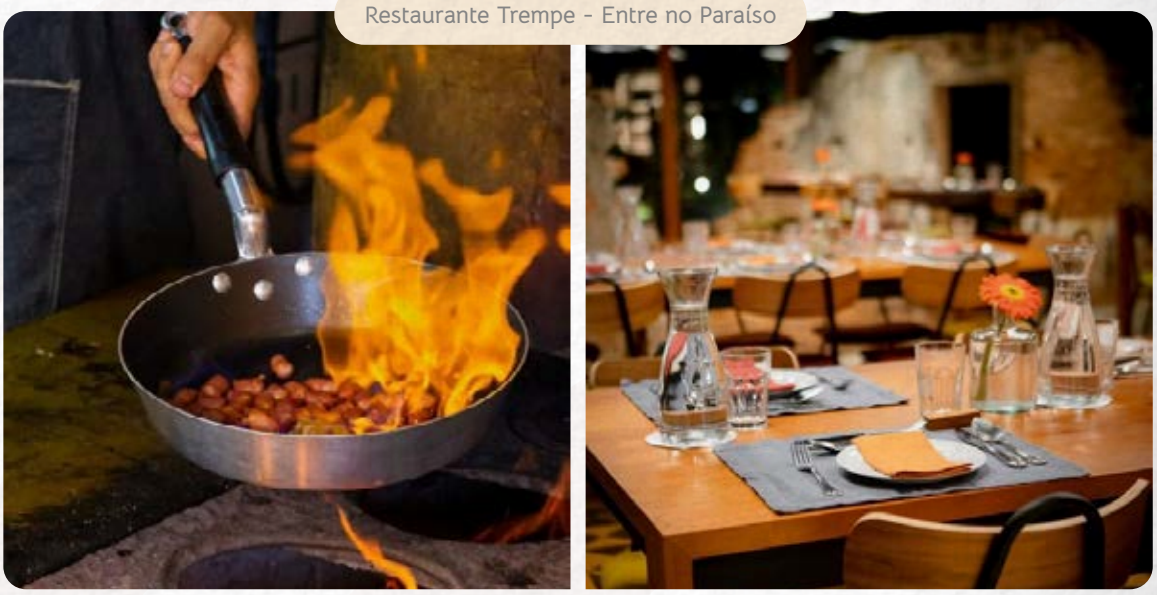
Em Queluz, o restaurante Padroeiro, da nutricionista Daniela, começou a inserir no cardápio lanches cujos nomes homenageiam passagens históricas, personagens e outras peculiaridades do município, em uma tentativa singela de provocar a população e os turistas a conhecerem um pouco mais de seu contexto. O prato que simboliza a cidade, Queluz na Moranga, é feito sob encomenda.

Queluz na Moranga - Restaurante Padroeiro

Crédito: Padroeiro

À frente do Trempe, em Silveiras, Mateus Gontijo deu continuidade ao legado de Ocílio Ferraz – maior responsável pela projeção de Silveiras como Capital do Tropeirismo. Ajustou o cardápio, refez a cozinha e se firmou como símbolo da culinária tropeira e não só. Enveredou-se pelo mundo das pizzas com notas autorais, que serve à noite. Privilegia ingredientes regionais, apesar da dificuldade de encontrá-los com a qualidade e a constância das quais necessita. Quando a fazenda onde funcionava o restaurante foi vendida, mudou-se para o Entre no Paraíso, onde o Trempe ficou ainda mais acolhedor. Cerca de 65% de seus clientes são de Aparecida a Resende, confirmando o potencial do turismo intrarregional.

Restaurante Trempe - Entre no Paraíso



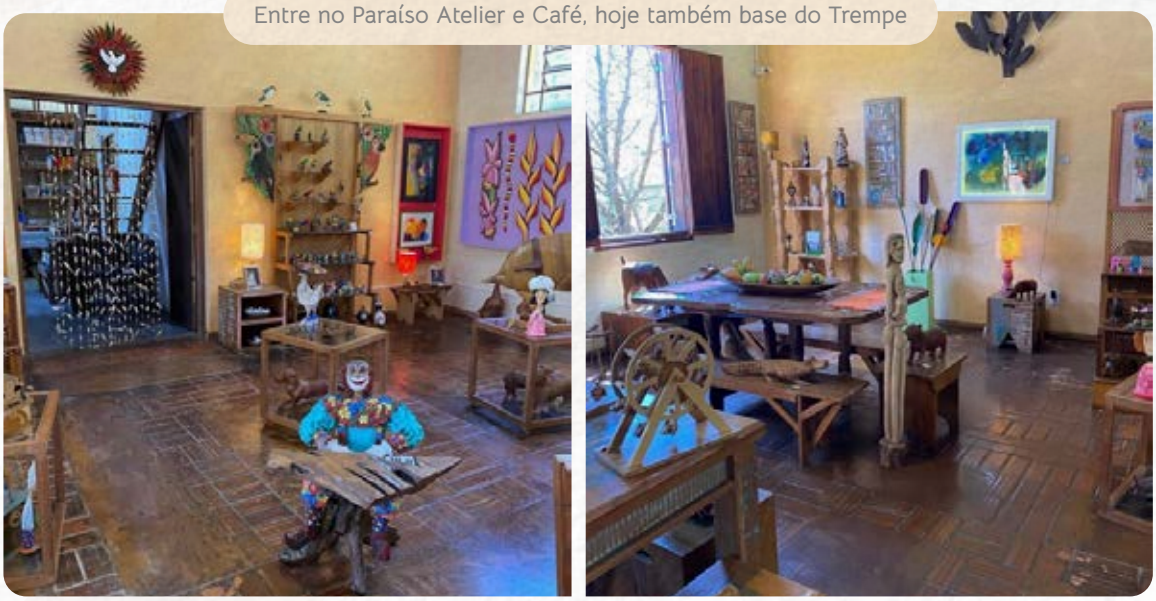
Crédito: Trempe Restaurante

Além dos restaurantes, a região tem carros de lanches, padarias, cafeterias e mercearias. Há alguns espaços especialmente aconchegantes, com propostas mistas, como o Angellito Arte Caffé, em Areias; a Pousada e Cafeteria Ducadu, em Bananal; e o Entre no Paraíso Atelier e Café, em Silveiras.

Criações do Angellito Arte e Caffé

Crédito: Angellito Arte Caffé

Entre no Paraíso Atelier e Café, hoje também base do Trempe



Crédito: Garimpo de Soluções

Pousada e Cafeteria Ducadu

Crédito: Garimpo de Soluções

Sinalização em Lavrinhas

Crédito: Garimpo de Soluções

d) Guias e visitas guiadas

Visitar os municípios sem guias é um desafio; na área rural, ainda mais. São poucos os profissionais realmente capacitados para prover experiências, mais do que apenas datas e fatos. Em São José do Barreiro há nomes de referência. É o caso de José Milton, guia internacional que trabalha com turismo há quase três décadas. Além de uma vasta programação de roteiros, desenvolve consultorias por sua empresa, a MW Trekking. Natural da cidade, também foi prefeito de Barreiro.

Outro nome de destaque é Lucas Bocaina, da Bocaina Experience. Defensor contumaz da profissionalização dos guias e da legalização do trabalho dos profissionais do turismo, esquadrinha a Serra da Bocaina e customiza roteiros – da educação ambiental para crianças da escola pública a passeios *pet-friendly*.

Já a agência Zé Ferreira Tour – de propriedade de Matheus, opera ao lado da cafeteria e fábrica de biscoitos Mavic, de sua mãe, cujos produtos são distribuídos em todo o território. Como o fluxo turístico é irregular, a agência não tem recepcionista e a própria atendente da Mavic direciona os contatos para Matheus.

Não há como desenvolver o turismo ambiental de fato, se a própria população não se sentir conhecedora do espaço onde vive. Lucas é um dos atores que vêm se engajando nesse trabalho.

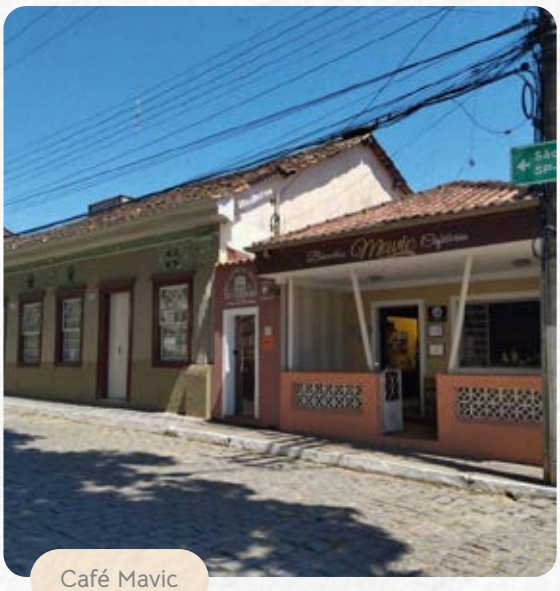
De modo geral, não há como realizar os passeios sem reserva prévia ou mesmo, dependendo do estabelecimento, de um dia para o outro. No caso de algumas fazendas, é necessário agendar com dias de antecedência, para que o proprietário (que nem sempre mora no endereço) esteja no local. Questões como essa entravam o turismo e impedem que guias e proprietários de agências vivam apenas do setor.

No caso do Parque Nacional da Serra da Bocaina – e também no da Estação Ecológica de Bananal –, o maior impeditivo à visita é o custo, em vista das distâncias, da necessidade do acompanhamento de profissionais qualificados e da estrutura – como de carros 4x4, a depender dos atrativos. Por isso também a educação ambiental nas escolas é um trabalho fundamental. Foram várias as ocasiões em que jovens da região nos disseram não conhecer a Bocaina. Não há como desenvolver o turismo ambiental de fato, se a própria população não se sentir conhecedora do espaço onde vive. Lucas é um dos atores que vêm se engajando nesse trabalho.

Em Areias, onde a Zé Ferreira Tour também atua, fomos guiados por Guilherme, areiense de quatro costados. Ele conta que se apaixonou pelo turismo histórico na terceira série da escola, quando participou de uma atividade de educação patrimonial. Guilherme relata que vários dos novos empreendimentos locais foram criados por jovens que querem permanecer na cidade.

A filmagem de uma produção da Globo, durante a qual a equipe ficou hospedada e interagiu com a cidade, ajudou a impulsionar o turismo local. Desde então, questões como a harmonização das placas do casario, em ferro batido e perpendiculares às fachadas, passaram a ser implementadas. E, de fato, foi a cidade onde os empreendedores de turismo, cultura e gastronomia mais indicaram colegas.

Em Queluz, os guias Dimas, areiense; e Everton, queluzense, sentem-se praticamente sozinhos na missão de promover o turismo histórico e ambiental na cidade. Anseiam por mais união entre os empresários da hospitalidade e buscam promover a conexão das pessoas com sua história. Dimas chegou a montar um ponto de cultura, além de ter sido professor na escola pública. Em 2017 lançou o primeiro de seus livros, voltados a difundir contos e lendas do território, em um linguajar palatável a pessoas menos habituadas à leitura.



Café Mavic

Crédito: Eduardo Callera Pedrosa

O guia Guilherme, diante da figueira de Areias

Crédito: Garimpo de Soluções

Visita guiada com a Vuitir Turismo e Aventura

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

O nome da agência que eles dirigem – Vuitir Turismo e Aventura – é uma referência à figura lendária de um cacique Puri, que habitava a região. Diante da evidência de que não seria possível vencer os portugueses mas impressionado com a forma como estes tratavam os africanos escravizados, consta que Vuitir teria aceito submeter sua aldeia, mediante a promessa de que seu povo não teria o mesmo fim.

Instituto Ruth Guimarães, dirigido pelos filhos da professora

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Em Bananal, vários negócios se dizem reféns dos circuitos que classificam de apressados e restritos, elaborados pelos guias para excursionistas que chegam à cidade de ônibus, entre março e novembro. Durante a semana os guias atendem especialmente o turismo pedagógico; aos fins de semana, um misto de cultural e ecológico. Os guias, por outro lado, queixam-se dos negócios. "No comércio não há interesse em capacitar os atendentes para que falem do município. Recepcionam muito mal o turismo." Mas a falta de espírito coletivo também parece atingir os guias, tendo minado o funcionamento da AGEMTUR (Associação de Guias e Monitores de Turismo de Bananal). "Não há parcerias, há concorrentes."

Nos espaços construídos, cabe destaque ao trabalho voluntário de monitores. Em Cachoeira Paulista, o Museu Doutor Costa Júnior é singelo e tem grande densidade de objetos. O espaço guarda a história da cidade, em sentido amplo.

Seu acervo reúne alguns dos primeiros registros oficiais do município, que assumem vida quando contextualizados pelo monitor Cláudio Silva, recentemente feito membro da Academia Cachoeirense de Letras. Os objetos usualmente são ladeados por pequenas fichas de papel amarelado pelo tempo, com os nomes dos doadores.

Entre fatos e relatos, as narrativas de Cláudio transportam o visitante a uma Cachoeira com uma identidade que não se reconhece na cidade que hoje orbita ao redor da Canção Nova. Completando a área do parque, encontra-se o Instituto Ruth Guimarães. Este também oferece cursos – de fotografia, culinária, escrita –, além de rodas de conversa e atividades de circulação por escolas, tendo por fio condutor a vida, as obras e mensagens da Professora Ruth.

Outros espaços culturais e marcos históricos, porém, são desprovidos de monitoria ou mesmo de espaços de convite à permanência, a exemplo de áreas sombreadas. É o caso do Mirante da Revolução, em Areias, com sua vista espetacular do Mar de Morros; e do Mirante da Santa, em Cruzeiro, onde em duas visitas as lunetas tinham as lentes quebradas e o mato impedia a vista da emblemática Garganta do Embaú.

e) Centros de atendimento ao visitante

Arapeí dispõe de dois portais de entrada, que poderiam ser utilizados para abrigar um centro de informações turísticas, afixar um mapa dos atrativos ou qualquer outro modo organizado de divulgação de percursos, ainda que autoguiados.

Em Bananal, encontramos o Centro de Recepção a Turistas, no Solar Aguiar Vallim, fechado com cadeado. Foi-nos dito que os atendentes do Centro são guias voluntários, portanto de presença esporádica, pois a Prefeitura não disponibiliza um funcionário para acolher os visitantes. O segundo pavimento do edifício, que é um dos mais emblemáticos do município, está fechado por má conservação.

Centro de Recepção a Turistas (Bananal)

Crédito: Garimpo de Soluções

Em Cachoeira Paulista há abundante sinalização, em diversos pontos da cidade, conduzindo à Canção Nova; entretanto, não há qualquer informação turística ou sobre a cidade, na própria Canção Nova. O complexo religioso é uma cidade dentro de outra. Próxima à sede funciona a Faculdade Canção Nova. Seguem-se os demais edifícios do Território Eucarístico – Centro de Evangelização, Santuário do Pai das Misericórdias – e toda uma infraestrutura de apoio, como lanchonetes, restaurante, acolhida, loja e bazar, além de um amplo estacionamento para carros e ônibus. Dado o volume de visitantes que acodem à instituição, seria oportuno que fosse compartilhado algum material da cidade, para conforto dos próprios romeiros.

Em São José do Barreiro, o Centro Administrativo Turístico foi reinaugurado em 2022, em um casarão restaurado com recursos do Dadetur e anunciado como marco da retomada do setor na cidade. Mensagem telefônica da Prefeitura indica que o atendimento se dá das 9h às 12h e das 13h às 16h, de segunda a sexta.

Em Silveiras, seguindo em direção à Praça dos Tropeiros há um Centro de Eventos inaugurado em 2023, tendo em seguida abrigado a Festa do Tropeiro. Construído para dar visibilidade a empreendimentos de alimentação e artesanato, até fevereiro de 2024 ainda não havia sido licitado, encontrando-se sem uso. Seria um bom candidato para acolher um espaço de recepção de visitantes.

Em Cruzeiro, o Centro de Informações Turísticas é muito bem localizado. No espaço, novo e em meio a uma praça, a equipe de atendimento é bastante dedicada e percorre várias fotos de locais a visitar, mas não dispõe de mapas ou roteiros.

Em Lavrinhas, o Infotur mantém uma mesa dentro da Casa do Artesão. Localizamos o mapa de informações turísticas no site da Prefeitura.

Centro de Eventos de Silveiras

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Mapa Turístico de Lavrinhas

Fonte: https://lavrinhas.sp.gov.br/mapa-turistico

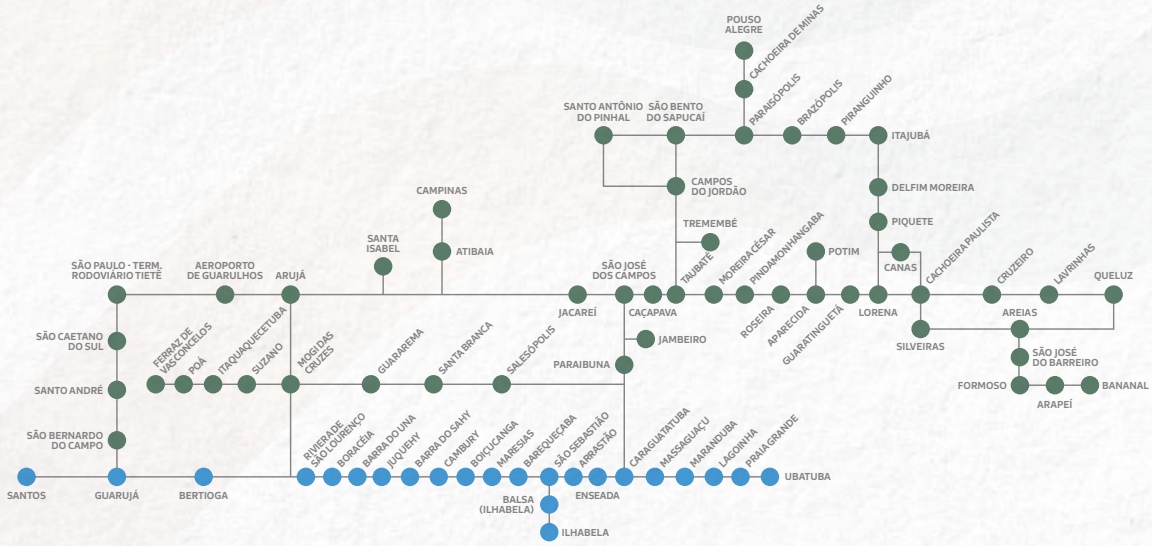
Em Queluz, não encontramos um centro de recepção do visitante. Já em Areias, como mencionado, o destaque é para a comunicação digital, com um perfil Instagram categorizado e atualizado. Quando da realização da oficina na cidade, em fevereiro de 2024, estava por ser inaugurado um totem com informações, dentro do edifício onde funciona a Secretaria de Turismo e Meio Ambiente do município. Seria oportuno, transcorridos alguns meses da inauguração, avaliar a pertinência de seu funcionamento na Casa de Câmara e Cadeia, que é parada natural.

f) Meios de locomoção

O abastecimento de combustível não é um problema nas cidades ao longo da Rodovia dos Tropeiros, ainda que naturalmente os postos internos ao território pratiquem preços significativamente mais altos do que os postos na Dutra.

O transporte intrarregional é prestado pela Pássaro Marron, com poucas opções de horários entre os pontos extremos do território. Para viajar de Bananal a Cruzeiro é preciso comprar dois bilhetes; o primeiro, de Bananal a Areias (às 6h30/8h05 ou às 11h30/13h05) e o segundo de Areias a Cruzeiro (às 5h30/6h40, 7h30/8h35, 14h/15h05 ou 17h30/18h40). Com isso, o viajante deve sair de Bananal às 6h30 ou 11h30, para chegar em Cruzeiro às 15h05 ou 18h40. Se considerarmos uma viagem a Guaratinguetá – cidade de maior porte mais próxima da região –, saindo de São José do Barreiro há apenas dois horários disponíveis (07h35/9h50 e 12h35/14h50), bem como dois de volta (06h30/08h45 e 15h/17h15).

Malha de linhas regionais da empresa Pássaro Marron



Fonte: Adaptado de passaromarron.com.br

g) Sinalização

Para quem transita pela Dutra, há placas de indicação de acesso à Rodovia dos Tropeiros. Quem sai em Queluz a alcança por Areias, decidindo então seguir em direção oeste, para São José do Barreiro, Arapeí e Bananal; ou leste, para Silveiras. Nessa encruzilhada não há orientação turística. Para o viajante que não tem destino certo no Vale, a tendência é seguir para Bananal, pulando assim Silveiras.

Uma vez na Rodovia dos Tropeiros, há boa sinalização de acesso às cidades, que têm simpáticos portais de entrada, remetendo a edifícios históricos. O de Silveiras é especialmente charmoso, com uma representação de tropeiro e sua mula.

As áreas urbanas são facilmente transitáveis e há boas indicações dos locais turísticos. Destaque para Areias, com placas de informações com narrativas dos imóveis mais pródigos em histórias, a exemplo da Igreja Matriz de Sant'Ana, dos edifícios onde morou a família Monteiro Lobato e demais de interesse histórico.

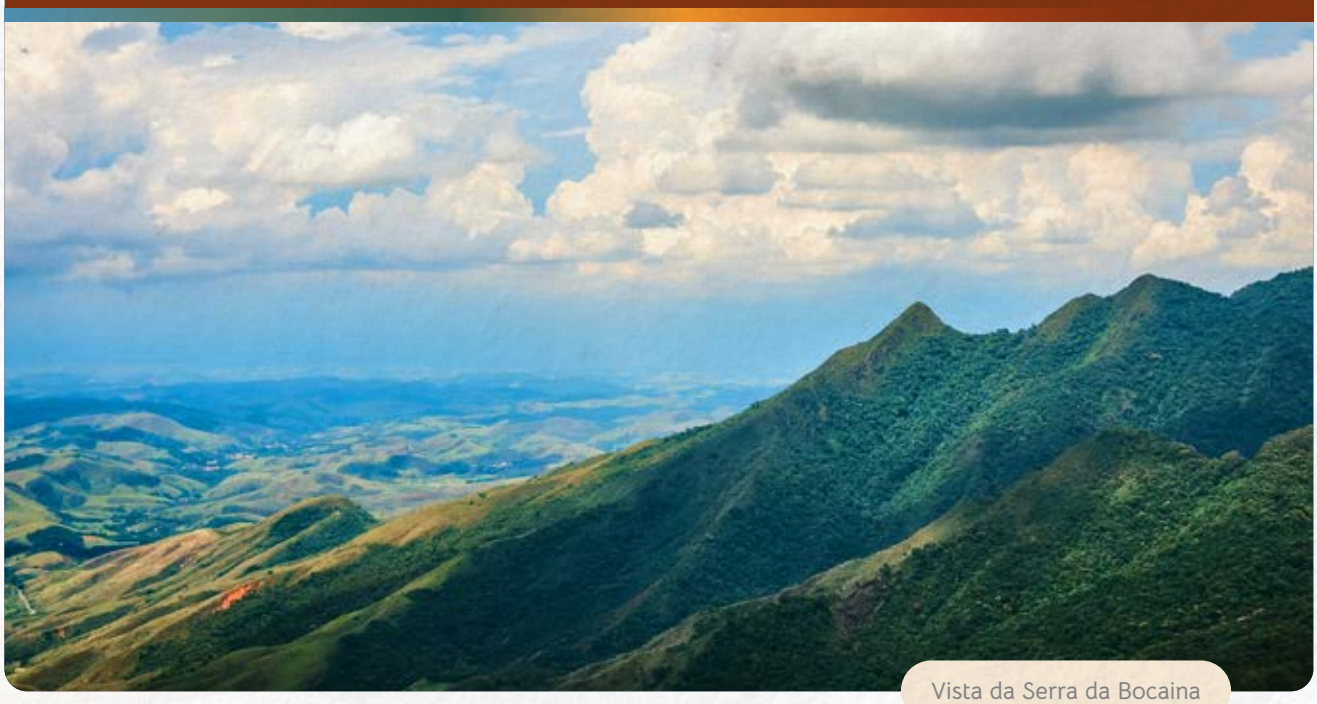
Quem sai de Cruzeiro e segue em direção a Passa Quatro, ao cruzar a fronteira entre os estados de São Paulo e Minas Gerais passa sob um portal com os dizeres "Bem-vindo às Terras Altas da Mantiqueira". A partir dele há uma sucessão de anúncios de laticínios, hotéis, restaurantes e lojas, culminando em um cartaz que diz "O Destino colocou um tesouro no caminho. Descubra Passa Quatro". A mesma profusão de anúncios de negócios e mensagens de enaltecimento não se dá em sentido oposto. É algo a se considerar realizar, na iminência da inauguração do Hospital Regional e do consequente aumento do fluxo de pessoas.

Fotos explicativas dos edifícios históricos de Areias

Crédito: Garimpo de Soluções

Portal da Mantiqueira, sentido Cruzeiro - Passa Quatro

Crédito: Garimpo de Soluções



Vista da Serra da Bocaina

Crédito: Garimpo de Soluções

h) Turismo rural

Para encontrar as ofertas, usualmente é preciso perguntar a transeuntes.

Em Arapeí, o destaque é para a Serra da Graúna, onde se localiza o Restaurante da Simone (ou do Gordo), aberto apenas aos fins de semana. Já na Serra da Glória há cachoeiras e a Gruta do Alambary, cuja visitação está suspensa. Marcada pela Pedra do Caxambu, abriga uma fazenda com o mesmo nome, onde funcionou o restaurante mais renomado de Arapeí, o da Dona Licéia, hoje desativado.

Em Areias, a referência é o bairro de Sant'Ana – mas não conseguimos informações acerca de onde ir ou o que ver. Em Bananal e Barreiro, enquanto aguardávamos os agendamentos, tentamos visitar os principais atrativos de forma independente, seguindo a sinalização da estrada. Após nos depararmos com porteiras fechadas, tentamos visitar uma cachoeira mas não encontramos informações de acesso na estrada. Na Fazenda Resgate, sequer tivemos retorno ao contato.

Há exceções. Na Fazenda Resgatinho, em Bananal, chegamos sem aviso. Fomos recepcionados por Alexandre Fonseca, que nos presenteou com uma aula de produção da cachaça, doces e demais itens locais, como açúcar mascavo e fubá. Técnico em Química, ele percorre todos os processos e fecha a vista com um grupo de araras canindé que costumam passar pela fazenda ao final da tarde. Alexandre expõe ao lado da loja um carro de boi e demais elementos do universo rural, acompanhados por relatos de infância com o avô. Está agora construindo um café.

Em Cachoeira Paulista, o turismo rural é voltado à área gastronômica, com indicações da Estância Paluva (junção de palmito e uva), do Restaurante Saúva e da Costelaria do Glauco. Também mencionaram passeios em bicicleta, atravessando a serra. Empreendimentos que certamente poderiam se beneficiar de alguma divulgação junto aos romeiros da Canção Nova, sem por isso competir com esta.

Fazenda Resgatinho

Crédito: Garimpo de Soluções

Em Cruzeiro, foi indicada a Essência do Vale – sobre a estrada, a poucos minutos do Centro. Tem uma pequena mas sofisticada área de venda de geleias, infusões, massas, torradas e outros produtos elaborados na casa, ainda que com ingredientes produzidos fora da propriedade (à exceção do queijo). Junto à loja funciona o restaurante, com cardápio diversificado e acima do padrão de preços da cidade. Segundo a atendente, os clientes usualmente são turistas. Outra cena que percorre a área rural da cidade é o cicloturismo. No atendimento aos visitantes não encontramos informações acerca de quem os organiza ou sua programação.

Essência do Vale

Crédito: Garimpo de Soluções

Em Lavrinhas, como já mencionado, o turismo se pauta pelos balneários – Rancho do Zé João, Rancho do Carlos Lopes, Perroni. São bem sinalizados e frequentados em especial aos fins de semana, nos meses quentes.

Rancho do Zé João

Crédito: Garimpo de Soluções

Outro local bastante conhecido dos veranistas no município e com atendimento diferenciado é a Trilha do Poço Azul. Aberto exclusivamente aos fins de semana é referenciado, hoje, como rigoroso com segurança (contrata um bombeiro de Guaratinguetá). A Pedreira, que assim como o Poço Azul cobra entrada para uso diário (sem limite de horas de permanência), abre todos os dias, das 8h às 18h.

Cachoeira da Pedreira (Lavrinhas)

Crédito: Instagram Casa da Pedreira

5. PRESENÇAS FÍSICA E DIGITAL

Estrategicamente localizado entre as áreas metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, o território expandido Vale Histórico tem acesso facilitado aos dois maiores mercados consumidores brasileiros, que atuam também como os grandes formadores de opinião e disseminadores de tendências de comportamento e consumo, inclusive no setor turístico. Está também praticamente equidistante de outros mercados emissores relevantes, como Juiz de Fora e Pouso Alegre, em Minas Gerais, e Campinas, em São Paulo.

O principal acesso dos turistas se dá por meio do turismo rodoviário auto-organizado. Com isso, grande parte das informações é coletada de maneira autônoma, a partir do interesse próprio ou da indicação da rede de contatos. Não há informações sobre os municípios ao longo da Dutra, sendo a única indicação a saída para as cidades e para a Rodovia dos Tropeiros.

A principal fonte de informação é a busca direta na internet, por Google e, mais recentemente, por interfaces de inteligência artificial, como Gemini ou ChatGPT (que, por sua vez, recorrem aos endereços com maior volume de referenciamentos digitais). O Instagram é a forma mais usada para divulgação dos empreendimentos mas descobrir os perfis nem sempre é trivial.

Consumidores mais experientes costumam recorrer ao TripAdvisor, plataforma dedicada exclusivamente a informações de turismo, mas é crescente o uso das informações disponibilizadas no GoogleTravel. Nota-se um misto de inconsistência e baixa qualidade das informações disponíveis sobre as possibilidades de turismo, não obstante a região ser pródiga em atrativos.

Localização estratégica do território expandido Vale Histórico

Fonte: Google Maps

Além disso, a fim de atender ao desejo dos consumidores, quando as buscas não trazem resultados considerados úteis, tanto o TripAdvisor quanto o GoogleTravel direcionam a busca para opções "similares" nas proximidades, como Paraty e Campos do Jordão. A modificação desse cenário exige ações pragmáticas dos interessados. No Trip Advisor, por exemplo, somente quatro municípios têm página de destino (vide tabela). É uma ação fácil de resolver e que mostra maior compromisso e profissionalismo do município com o turismo.

Resultados apresentados no Trip Advisor

Arapeí	Aparece como destino, indicando a Paróquia Santo Antônio, a Cachoeira do Criminoso e o Restaurante da Dona Licéia (desativado). Há atrativos com no máximo duas avaliações e um restaurante com pouco menos de 50 – a mais recente de 2021.
Areias	Não aparece como destino. A única referência é à Fazenda Vargem Grande, com menos de 20 avaliações – a mais recente de 2019.
Bananal	Apresentada como destino ideal para 'arte e história' e 'boa gastronomia', tem conteúdo mais bem-estruturado, classificado em hospedagem, atrativos, gastronomia e outros serviços. Estabelecimentos de alimentação foram avaliados por no máximo 20 pessoas cada – a avaliação mais recente é de 2023. As Fazenda dos Coqueiros, Loanda, Resgate e o conjunto arquitetônico do Centro são listados como principais atrativos e bem avaliados.
Cachoeira Paulista	Apresentada como destino de turismo religioso, tem no Santuário da Santa Cabeça e na Igreja de Santo Antônio os principais atrativos, com menos de 40 avaliações. As sugestões de alimentação direcionam o turista para Lorena; redirecionada a busca, há opções de almoço com vínculo ao propósito religioso da visita/excursão. Os hotéis e pousadas recomendados são centrais e seguem também a lógica das visitas com propósito religioso.
Cruzeiro	Não é apresentada como destino, e os destaques levam o turista a experiências culturais – Teatro Municipal, Museu de História e Centro Cultural Rotunda. Há uma menção à Cachoeira do Cantagalo. As recomendações de restaurantes são feitas principalmente por moradores da cidade ou de cidades vizinhas.

Lavrinhas	Não é apresentada como destino, porém tem imagens divulgando os atrativos naturais, como a Cachoeira da Pedreira, o Poço Azul, a Capela do Jacu e o Poço do Major. Os dois primeiros têm pouco menos de 50 avaliações. As recomendações de restaurantes orientam a busca para cidades vizinhas. O principal meio de hospedagem indicado é o Castelo Santa Clara.
Queluz	Aparece como destino, porém com poucas informações. A principal recomendação é a Cachoeira da Marambaia, com indicações de dificuldade de acesso. A Fazenda Santa Vitória aparece com o selo Traveller's Choice 2024. Os restaurantes com melhor avaliação estão localizados na Dutra.
São José do Barreiro	Embora não apareça como destino, a cidade é recomendada para atividades ao ar livre. Está vinculada ao Parque Nacional da Serra da Bocaina e trilhas; a maior parte das avaliações indica a carência de infraestrutura e serviços para os visitantes. A Fazenda São Francisco tem o selo de Traveller's Choice 2024 e outros oito estabelecimentos aparecem com boas avaliações.
Silveiras	Não aparece como destino. A única atração com informação é o espaço Entre no Paraíso, com avaliações de 2018. Para hospedagem, há cinco pousadas indicadas.

O principal diferencial das informações disponíveis no guia Viagens é que, segundo os representantes da Google no Brasil, as informações são apresentadas de maneira amigável em telas de celular, com facilidade de leitura em trânsito e podem ser vinculadas ao uso do aplicativo de Mapas (Google Maps). Adicionalmente, não há custos para inclusão de atrativos públicos ou privados, fotos e demais informações para atração e orientação de turistas.

Já no território, a conectividade por dados apresenta áreas de sombra, na rodovia e no sertão. Não encontramos wi-fi livre nas praças.

Resultados da busca no Google Travel

Arapeí	Não tem informações ligadas a turismo. A busca é direcionada aos sites da Prefeitura, à Wikipedia e ao TripAdvisor. Há indicação de dois vídeos com informações de maior interesse a turistas.
Areias	Não tem informações ligadas a turismo. Os endereços da Prefeitura, da Wikipedia e do IBGE são complementados com uma matéria mais detalhada do G1, de 2019. Vídeos com conteúdos de turismo postados em 2023 também estão indicados.
Bananal	Aparece com belas fotos, mapa de localização e indicação de rotas rodoviárias, clima e sugestão de 'coisas legais para fazer'. Vídeos com dicas de turismo e links para informações turísticas estão disponíveis e são fáceis de identificar.
Cachoeira Paulista	Apresentada como a terra da Canção Nova, a página também está estruturada para a busca por turistas, com fotos, mapas e rotas, clima e indicação de atividades. Links para vídeos de o que fazer e páginas de empresas também estão disponíveis.
Cruzeiro	Tem página de turismo no Google Travel mas as informações estão vinculadas ao site da Prefeitura. Os links em destaque fazem referência ao quotidiano e ao Portal da Transparência.
Lavrinhas	Tem poucas informações, porém todas com relação a turismo, bem como vídeos recentes com informações atualizadas, destacando as belezas naturais e as atrações da cidade.
Queluz	Não há página de turismo, e as primeiras indicações são o site da Prefeitura e a Wikipedia. Há links para vídeos de 2023 e 2021 com dicas de atividades, e notícias sem direta relação com turismo.
São José do Barreiro	Apresenta informações básicas de acesso e link para a página institucional do turismo, com menção direta à Serra da Bocaina. Há links para dois vídeos indicando o que fazer, de 2021 e 2023.
Silveiras	Não tem página de abertura de turismo, e apresenta apenas links institucionais. Há destaque para um vídeo de 2019, 'Silveiras – Capital do Tropeirismo' e referências a turismo no site da cidade.

6. GESTÃO E POLÍTICA PÚBLICAS DE TURISMO

Em termos da elaboração e implementação de políticas públicas de turismo, o estudo setorial mais recente no território é "Turismo em Ação - Vale Histórico e da Fé", de 2022. Realizado pela Fundação Instituto de Administração (FIA), por demanda da Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo, teve por foco 19 municípios, dentre os quais os nove aqui abrangidos.

O delineamento estratégico do estudo se apoiou sobre quatro eixos: comunicação, produto, infraestrutura e governança. Pautando as ações propostas, foram enfatizados cinco gargalos, que se mantêm desde então:

- insuficiente capacitação dos níveis tecnopolíticos dos servidores na área;
- baixa capacidade dos profissionais em atenderem às expectativas do mercado, conjugada a escasso interesse em se capacitar;
- acessibilidade prejudicada em estradas rurais e vicinais conducentes a municípios e atrativos turísticos;
- mecanismos falhos de integração entre entes públicos e privados;
- insuficiência dos circuitos e roteiros turísticos regionais e articulados em cadeia.

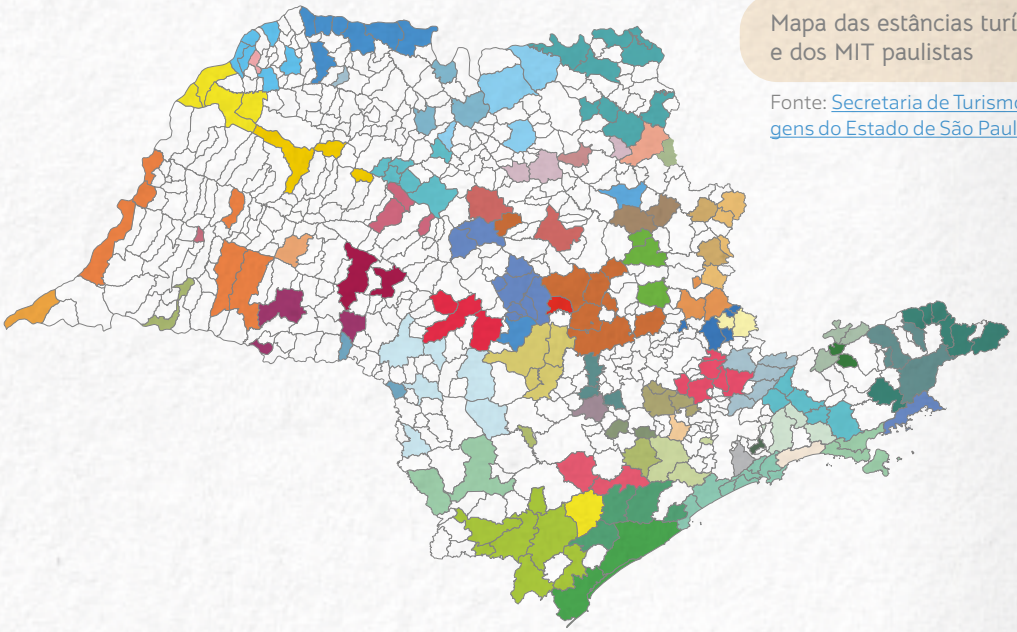
No mesmo estudo são apresentados os programas e projetos estratégicos da Secretaria de Turismo e Viagens 2019/2022, que dialogariam com os desafios acima:

- profissionalização de 14 profissionais pelo Centro de Inteligência da Economia do Turismo;
- disponibilização de três guias virtuais das rotas turísticas;
- realização de um Mapa da Diversidade (que resultou na classificação de Lavrinhas e São José do Barreiro como acessíveis ao público 60+);
- repasse do Dadetur, no montante de R$19.566.900,22.

O Departamento de Apoio ao Desenvolvimento dos Municípios Turísticos (Dadetur), é o órgão de repasse de investimentos do governo do Estado de São Paulo às estâncias e aos Municípios de Interesse Turístico (MIT). Em 2024 foram firmados 211 convênios entre o Dadetur e 182 prefeituras – 64 estâncias e 118 MIT, totalizando R$335,1 milhões.

Oficialmente, o governo do estado diferencia as duas categorias – estâncias e MIT –, respectivamente entre as que possuem infraestrutura turística e fluxo constante de visitantes e as que ainda estão se adequando para tal realidade, ou seja, cidades com potencial de desenvolvimento para o turismo. O assunto é de especial interesse para o território criativo Vale Histórico, visto que Bananal e São José do Barreiro são estâncias turísticas, enquanto Areias, Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Lavrinhas e Queluz têm o título de MIT.

Em contrapartida, as leis de regulamentação dos municípios turísticos, separando-os em estâncias e MIT, preveem o cumprimento de requisitos, que são avaliados a cada três anos. Para que um município seja mantido como estância ou elevado a esta categoria, ele deverá, obrigatoriamente, apresentar as características listadas abaixo. Os demais passarão por um ranqueamento, podendo eventualmente ser elevados a esta categoria se chegarem às primeiras posições do *ranking*.



Mapa das estâncias turísticas e dos MIT paulistas

Fonte: Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo

- Ser um destino consolidado, que atraia um fluxo permanente de visitantes.

- Possuir atrativos turísticos de uso público e caráter permanente, sejam naturais, culturais ou artificiais, que identifiquem sua vocação para algum segmento turístico.

- Dispor de infraestrutura turística adequada, incluindo meios de hospedagem, serviços de alimentação, informações turísticas, transporte, comunicação, segurança, atendimento médico emergencial e sinalização de atrativos turísticos.

- Oferecer infraestrutura básica, para atender tanto a população fixa quanto a flutuante, como abastecimento de água potável, coleta e tratamento de esgotos sanitários e gestão de resíduos sólidos.

- Desenvolver um Plano Diretor de Turismo, aprovado e revisado a cada três anos.

- Criar um Conselho Municipal de Turismo - COMTUR, com representantes dos setores de hospedagem, alimentação, comércio, receptivo turístico e da administração municipal nas áreas de turismo, cultura, meio ambiente e educação.

- Realizar um Estudo da Demanda Turística relativo aos dois anos anteriores à apresentação do projeto de lei para classificação.

- Apresentar inventários detalhados dos atrativos turísticos, equipamentos, serviços turísticos e da infraestrutura de apoio turístico. Também são necessárias certidões emitidas pelos órgãos competentes, comprovando o cumprimento dos requisitos.

Nota-se o empenho dos municípios em se alinhar às estruturas estadual e federal, para facilitar o pleito e o eventual recebimento de verbas para projetos de turismo. Foram criados Conselhos de Turismo, independentemente de eventuais críticas quanto à sua composição ou atuação. Ao informado pelas prefeituras, apenas Cachoeira Paulista teria lei e decreto de regulamentação do Fundo de Turismo.

Presença de órgão municipal, conselho e fundo de turismo

Município	Secretaria	Conselho Municipal de Turismo	Fundo Municipal de Turismo
Arapeí	Diretoria de Turismo	Sim	Não identificado
Areias	Cultura, Turismo e Patrimônio	Lei Municipal 1256/2017	Lei Municipal 1269/2017
Bananal	Cultura, Turismo, Segurança e Trânsito	Lei Municipal 282/2020	Lei 291/2021 Cria o Fumtur. Não houve retorno da Prefeitura quanto à regulamentação.
Cachoeira Paulista	Cultura, Turismo e Eventos	Site	Criado em 1997 e regulamentado em 2021.
Cruzeiro	Desenvolvimento Econômico e Turismo	Site	A Lei não foi regulamentada.
Lavrinhas	Cultura e Turismo	Atas de 2022	Em implantação.
Queluz	Cultura, Turismo e Comunicação	Conselho criado junto com o Plano Diretor	Não há.
São José do Barreiro	Turismo, Cultura, Esporte e Lazer	Reestruturado em 2019	Criação proposta em 2021. Não há registro posterior e a Secretaria não soube informar.
Silveiras	Esporte, Lazer, Turismo, Cultura e Eventos	Decreto 50/2019	Lei 1034/2018. Não foi localizado Decreto de regulamentação.

Fonte: Elaboração própria.

Dentre os projetos feitos com recursos do Dadetur estão a criação do espaço de proteção da figueira de Areias, um marco de fundação da cidade; a renovação da Pça. Francisco das Chagas Lima, em Queluz; e a criação do Mirante Padre Léo, em Cachoeira Paulista. Este inclui uma estátua de 22 m de altura.

Mirante Padre Léo - Cachoeira Paulista

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Não obstante o volume dos recursos investidos, em entrevistas junto aos órgãos públicos confirmamos não haver um mecanismo de medição de fluxo de visitantes que possa ser utilizado para comparar o desempenho entre as cidades; do mesmo modo, são frágeis os sistemas de avaliação de indicadores como ocupação hoteleira, geração de empregos, arrecadação de impostos, visitas ou outros que evidenciem a eficiência e a eficácia da aplicação dos recursos. Entremeios, os inventários, planos e pesquisas realizados não necessariamente integram o Plano Diretor do Município ou sua Lei de Diretrizes Orçamentárias.

Na visão de Marcia Azeredo, Gerente de Relações Institucionais da Associação das Prefeituras das Cidades Estância do Estado de São Paulo (APRECESP), dados são um desafio. O Ministério do Turismo trabalha com números defasados e o Estado de São Paulo não os levanta. As estâncias também seriam críticas com relação às duas edições do ranking – de 2015 e 2021. Se antes a escolha dos municípios contemplados era feita pela equipe técnica do governo, o ranking passou a ser realizado por autodeclaração, sem conferência in loco e sem análise qualitativa.

Hoje, o trâmite para apresentar os projetos que farão jus aos recursos prevê a deliberação pelo COMTUR e o posterior envio dos arquivos ao Conselho de Orientação e Controle, composto por membros do governo e das estâncias. Historicamente, há aproveitamento de 75% a 80% dos recursos. O processo é visto com ceticismo por parte de profissionais do turismo e dá indícios do porquê, durante oficinas no território, empresários do setor terem declarado não validarem as prioridades de investimento dos recursos e criticarem o papel consultivo – não deliberativo, nem fiscalizador – do COMTUR.

Conforme esclarece a Profa. Mariana Aldrigui, a dinâmica de categorizar municípios em estância ou MIT é uma particularidade do Estado de São Paulo. Em 2009, o então governador Geraldo Alckmin solicitou ao CEPAM um estudo indicando as melhores estratégias para modernização das práticas, que não foram levadas a termo.

Empenhada em auxiliar as estâncias que de fato buscam a melhor aplicação dos recursos, Marcia Azeredo também chamou para nossa entrevista o consultor Marcos Marsulo, que desenvolveu em

2023 um levantamento junto a agentes do setor turístico de Bananal e São José do Barreiro. Marcia e Marsulo generosamente compartilharam as notas das entrevistas e suas conclusões que, em linhas gerais, são convergentes à nossa leitura.

No que diz respeito à organização de uma política intermunicipal de turismo no território expandido Vale Histórico, a proposta ainda é incipiente. Pretende-se que venha a ser impulsionada pela Câmara de Turismo do Consórcio Intermunicipal Novo Vale, que abrange os nove municípios do território e outros por vir.

7. ARTICULAÇÃO DO EMPRESARIADO

São comuns as queixas dos atores do turismo quanto à desunião dos pares.

Uma primeira tentativa de organização de estratégia e governança surgiu com a criação da Associação Roteiro Caminhos da Corte (Arcco), em 2010, respaldada também pelo Sebrae. Os organizadores tinham por meta atrair turistas interessados por cultura, história e patrimônio. Para alguns empresários participantes, porém, havia divergências quanto ao perfil do turista a ser priorizado – o que busca experiências tranquilas ou o que prefere propostas mais massificadas.

Nova tentativa foi realizada com a recriação da instituição como Associação dos Produtores e Empreendedores do Vale Histórico (Apear), cujos objetivos eram a divulgação e a promoção das informações turísticas, históricas e culturais dos nove municípios da região, além de Cunha e Engenheiro Passos, distrito de Resende. Rogério Rodrigues, que integrou a Arcco como Secretário de Cultura de São José do Barreiro e presidiu a Apear como empresário do Rancho, vê na mudança do nome uma democratização, chegando aos pequenos e gerando oportunidades para mais empreendedores. Em seis meses, os associados passaram de 12 a 80. A ambição era envolver 150 mas a pandemia freou o plano. Rogério entende que, agora, caberá reestruturar a associação, focando no potencial de cada município.

Artesanato Carvalho (Areias)

Crédito: Garimpo de Soluções

Para Fábia Raquel, da Fazenda Santa Vitória, a ausência de um plano que congregue os municípios dentro de rotas, por sua vez trabalhadas por agências, é um dos motivos pelos quais os visitantes da Fazenda se encantam pela região mas não a usufruem. A roteirização teria sido um dos projetos da Apear. Fábia, ademais, sugere considerar que Queluz seja apresentada como plataforma para pequenos empreendimentos que queiram desenvolver produtos diferenciados – tingimento natural, marcenaria artesanal etc., – integrando um circuito de negócios.

Já as artesãs e outros representantes do setor têm como maior demanda a divulgação, pelas prefeituras, do calendário anual de eventos. Para eles, a falta de planejamento é o maior entrave para o desenvolvimento do turismo no município.

Em Lavrinhas, as propostas turísticas parecem ter surgido, nas últimas décadas, de forma errática, pela visão de empresários individuais e no vácuo de uma política pública estratégica. Para completar, os atrativos se concentram em propriedades privadas. Ouvimos que, quão mais o "turismo" no município cresce, mais a população se sente alijada do acesso ao banho no rio, à cachoeira.

Em Bananal, há uma percepção de que a população está mudando mas "as forças que dominam a cidade" não mudam. A organização de um roteiro de estabelecimentos de hospitalidade e atrativos turísticos nunca foi levada a termo. O maior entrave a isso seria a dificuldade de uns indicarem os outros. "Acho que é porque a cidade é pequena e tem pouco emprego", disse uma entrevistada. Essa questão reforça a premência de desenvolver ações que suscitem um sentimento de comunidade, conectando grupos que usualmente não se sentem próximos.

8. TENDÊNCIAS MUNDIAIS E DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS PARA O TERRITÓRIO

Com a ocorrência da pandemia, especialistas passaram a afirmar que haveria consideráveis mudanças no comportamento dos turistas, impactando na estruturação das atividades turísticas. Passados anos do início da crise, e retomadas as atividades, nota-se que alguns destinos, produtos e serviços permanecem relevantes, ao não terem substitutos ou por não haver capacidade de distribuição para outros eixos. Por exemplo, mesmo havendo um maior interesse por produtos e serviços vinculados à Amazônia e ao Pantanal, o preço e a dificuldade de acesso ainda são impeditivos para o maior crescimento do turismo nessas regiões.

É possível afirmar que as preferências, os desejos e o comportamento dos turistas são afetados e alterados em função de mudanças nas dinâmicas sociais, e a cada onda de mudanças, os negócios precisam se adaptar. Não se trata apenas de adotar um cardápio em QR-Code, mas de promover ajustes em ingredientes, disponibilizar acesso à internet, oferecer alternativas para turistas com restrições alimentares etc.

Centro de Bananal

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

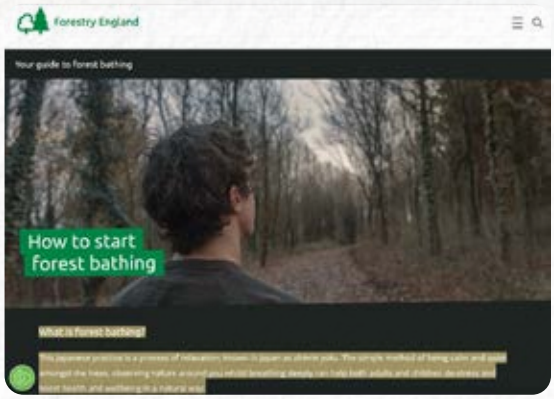
Recentemente foram divulgados relatórios internacionais[19], tratando das mudanças de comportamento mais significativas. Complementarmente, em abril de 2024 o Ministério de Turismo[20] apresentou um compilado de tendências que, em tese, poderão ser observadas no Brasil nos próximos anos. Pinçando desse apanhado de referências as que apresentam maior afinidade às singularidades do território expandido Vale Histórico, vale ressaltar:

a) **Demanda crescente por experiências únicas e autênticas:** mais e mais turistas buscam imersão local, cultural e aventuras exclusivas. É fundamental estimular a valorização da cultura por parte de quem mora no local – e que nem sempre percebe essa riqueza –, com personalização das ofertas e contato com os residentes. Nesse aspecto, o território teria muito a disponibilizar.

b) **Ascensão das viagens blended/bleisure:** turistas que viajam a trabalho mas conseguem esticar a permanência ou levar acompanhantes (em geral familiares). Há também o nomadismo digital, em que pessoas que trabalham de forma híbrida ou remota escolhem diferentes destinos para completar suas viagens. Considerando-se a posição do território, entre as duas maiores capitais do Brasil, é uma tendência interessante.

c) **Foco no bem-estar com sustentabilidade:** diante da escalada de sofrimentos mentais e emocionais, mais turistas optam por viagens que ofereçam bem-estar, preferencialmente com ações sustentáveis. Há destaque para momentos de conexão com a natureza para preservação/recuperação da saúde física e mental. Nesse quesito, o território tem muito a organizar e oferecer.

Guia de banho de floresta no Reino Unido



Fonte: Forestry England

[19] Como "New Report unpacking the need to know trends from Expedia Group" (Skift), "Travel Trends Report - Global Traveler Trends" (Expedia) ONQUIM, C.C. *et al., op.cit.*
[20] MINISTÉRIO DO TURISMO, Rede de Inteligência do Mercado do Turismo. "Tendências do Turismo 2024".

Centro de Queluz

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

d) **Reservas feitas por dispositivos móveis:** para além das pesquisas e coleta de informação feitas por dispositivos móveis, o estímulo às reservas (com oferta de vantagens, prêmios etc.) tem aumentado, exigindo que mais negócios atuem no ambiente digital. A coleta de informações digitais individuais permite adicionar mais camadas de personalização, com recomendações próximas, adequadas ao histórico de busca e endossadas pela rede de contatos dos potenciais clientes. No território, cabe um trabalho mais atento dos negócios e gestores públicos.

e) **Personalização e customização:** quão maior a personalização, maiores a satisfação, o engajamento e a fidelização dos clientes. Ademais, ações de personalização ampliam as possibilidades de gerar emprego no local da prestação de serviços, com valorização dos saberes locais e qualificação dos profissionais. Para aproveitar essa tendência, é fundamental mapear os saberes locais, especialmente nos sertões, em parte ainda alheios ao fluxo de turistas que acodem à cidade ou ao circuito de charme da região.

f) **Interesse crescente por destinos alternativos:** mais turistas ampliam suas buscas para encontrar destinos que ofereçam experiências em áreas menos demandadas, congestionadas ou caras. Há também o encantamento de serem "desbravadores/descobridores" de tendências. Entram nesse leque locais menos visíveis nos guias de turismo mas singulares em seus aspectos culturais, patrimoniais, ambientais ou sociais. Essa tendência franqueia uma oportunidade muito especial para o território expandido Vale Histórico.

g) **Foco em experiências "refrescantes":** diante do cenário de aquecimento global, com temperaturas cada vez mais altas, turistas brasileiros/as buscam experiências que envolvam água e clima mais ameno. Essa tendência se nota no aumento de viagens com experiências aquáticas. Essa é uma grande oportunidade para o território, vista sua abundância hídrica, inclusive na paisagem. Atravessar o Rio Paraíba do Sul e contemplar cachoeiras em número surpreendente são aspectos que certamente respondem a essa busca.

h) **Experiências gastronômicas como motivação principal da viagem:** mais da metade das(os) viajantes consideram experiências culinárias um ponto central de suas viagens, uma tendência em crescimento. Opções gastronômicas de qualidade a preços acessíveis motivam a escolha dos destinos e o planejamento de viagens. Estimado em US$13,58 bilhões (ou R$74,20 bilhões[21]), em 2024[22], com projeção de atingir US$40,53 bilhões (ou R$221,46 bilhões), em 2030, o segmento é alavancado pelo desejo de experimentar ingredientes locais. No Brasil, o mercado representou cerca de US$313,1 milhões (R$1,71 bilhão), em 2023, com destaque para os festivais gastronômicos. O crescimento anual é estimado em 20,5%, entre 2024 e 2030, tendo nas viagens gastronômicas o filão mais lucrativo nesse período. A organização de festivais gastronômicos, como os que já ocorrem em São José do Barreiro, pode ganhar envergadura regional.

i) **Roteiros flexíveis:** espontaneidade tem dado o tom no planejamento de viagens. Turistas cada vez mais reduzem o detalhamento das atividades a serem feitas e buscam roteiros flexíveis, que permitam surpresas e seguir dicas de locais, podendo fazer adaptações em suas viagens a lazer. Neste aspecto, ainda há muito por desenvolver na região.

j) **Alojamentos ecologicamente conscientes:** iniciativas de sustentabilidade estão no rol de motivações para escolha de hospedagem. Espaços verdes, medidas para economizar água e eficiência energética são alguns dos atrativos para hóspedes que valorizam cada vez mais empreendimentos com práticas de sustentabilidade. O território expandido Vale Histórico ainda tem muito o que avançar nesse sentido mas possui os atributos mais relevantes para se firmar na proposta de um turismo regenerativo.

Mais turistas ampliam suas buscas para encontrar destinos que ofereçam experiências em áreas menos demandadas, congestionadas ou caras. Há também o encantamento de serem "desbravadores/descobridores" de tendências.

[21] Cotação de 5,4641 Real/Dólar, em 19/06/2024, conforme o Conversor de Moedas do Banco Central do Brasil.
[22] GRAND VIEW RESEARCH,"Culinary Tourism Market Size, Share & Trends Analysis Report 2024-2030"

9. CONSIDERAÇÕES

O território expandido Vale Histórico é, certamente, um destino a ser trabalhado. Abençoado com beleza cênica estonteante, enclave de uma biodiversidade crescentemente valorizada, guardião de uma riqueza patrimonial criada ao fio dos séculos e entremeado por cidades em escala humana, o território é pródigo em atrativos. O desafio é compreender a dinâmica socioeconômica e organizar os atores capazes de remover os obstáculos ao desenvolvimento do turismo.

Uma primeira abordagem envolve compreender os hábitos de consumo ligados ao turismo no Brasil. As pesquisas mais recentes reforçam o que já é claro desde os anos 1990 – as viagens de lazer realizadas pela grande maioria dos brasileiros privilegiam descanso, diversão e convívio. A mais recente pesquisa comissionada pelo Ministério do Turismo, de janeiro de 2024, reforça que "turismo no Brasil é sinônimo de passeio, de lazer, de férias", indicando que "as belezas naturais aliadas a bons preços; e a possibilidade de encontrar amigos e familiares são os principais fatores que os brasileiros consideram para escolher seu destino turístico"[23].

À luz de pesquisas como essa, bem como das principais tendências apresentadas, a combinação de recursos naturais preservados e acessíveis com elementos culturais tradicionais, além das diferentes possibilidades de resgate e/ou construção de narrativas atrativas, pode estabelecer novas conexões entre o que já existe e o que está sendo buscado por uma significativa massa de turistas com os mais variados perfis e que, certamente, estão se deslocando pelas estradas da região.

Converter os atrativos em produtos e serviços turísticos, de modo que o turismo possa de fato ser considerado uma alavanca regional de desenvolvimento, tem se mostrado um desafio recorrente para o território. Diversas razões são apontadas – da dificuldade de acesso às áreas rurais a uma infraestrutura de hospitalidade ainda frágil, da baixa qualifica-

[23] MINISTÉRIO DO TURISMO, "Tendências de turismo - comportamento da população brasileira". Brasília: IPRI/FSB. 2024

Silveiras

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Rei da Roça (Bananal)

Crédito: Garimpo de Soluções

ção de mão de obra à carência de informações organizadas sobre o território. São, de fato, dificultadores mas não impeditivos para que se inicie um processo de aprimoramento. O nó górdio é mais humano do que físico; e, ao envolver diferentes interesses e posturas, demanda consensos e pactos.

Ao longo de meses de entrevistas, oficinas e dedos de prosa com cidadãos e visitantes, levantamos duas questões básicas, cujas respostas não raro nos chegaram com ruído. A primeira delas é: o território realmente quer se firmar como um destino turístico? A reação imediata é um sim em uníssono – pelos recursos movidos na economia, pela geração de oportunidades de emprego para a população, pelo orgulho de imaginar que uma região que já ocupou um papel central no país poderia se descolar das margens.

Converter os atrativos em produtos e serviços turísticos, de modo que o turismo possa de fato ser considerado uma alavanca regional de desenvolvimento, tem se mostrado um desafio recorrente para o território.

O compromisso de cada um para que esse ensejo se concretize, porém, parece menos claro. Os proprietários de restaurantes, pousadas e fazendas estão dispostos a adequar seu horário de funcionamento à conveniência dos turistas? Os empresários e gestores públicos, forjados por anos pelo martelo da sobrevivência do negócio e da solvência dos municípios, conseguem ser maleáveis o suficiente para quererem apostar em uma atuação conjunta, rompendo com a lógica da escassez individual? As prefeituras estão de fato dispostas a priorizar o turismo na articulação entre suas pastas e nos investimentos realizados – para além dos recursos eventualmente advindos por serem estâncias ou MIT? A população conhece suas histórias e seu território, a ponto de ser a primeira a cantar sua aldeia? Em resumo: até que ponto o turismo é um sonho coletivo?

A segunda questão é: que perfil de turista se quer atrair, independentemente da amplitude de seu bolso? O turista que privilegia os shows midiáticos e a bebida de sempre ou o turista da experiência, que busca o que é único? Cada município tem clareza do instrumento que toca, nesse concerto territorial ou os posicionamentos turísticos individuais são dissonantes? Quais melodias o território oferece a ouvidos acostumados aos sons de Campos do Jordão, Paraty ou do Vale do Café fluminense?

Hoje por hoje o turismo no território tende a ser mais passivo – recebe os turistas que a ele acodem, movidos pelas singularidades naturais e históricas – do que ativo, na busca dessas pessoas. Ainda é necessário estruturar a aposta no turismo; converter atrativos em produtos; compor uma agenda regional; desenhar um circuito de empreendimentos com propostas alinhadas ao território, aproveitando suas peculiaridades; fortalecer uma governança ainda friável, compartilhando o protagonismo dos poucos líderes informais aos quais todos se referem.

Os locais nos quais o turismo se consolida de fato como eixo de desenvolvimento de maneira sustentada ao longo do tempo são aqueles nos quais o cidadão é o protagonista e o anfitrião.

A governança é o aspecto mais fundamental em uma região que, historicamente, não tem sido objeto de olhares mais sensíveis por parte da política pública estadual, enquanto traz uma lógica de organização estamental e pautada pelos benefícios individuais. Entende-se que a Câmara de Turismo do Consórcio Intermunicipal Novo Vale, ainda tímida em sua atuação, teria um papel crucial a desempenhar.

Há muitos parceiros potencialmente disponíveis a somar, como o Sebrae , o Senac, empresas privadas, secretarias estaduais. A liderança, porém, deve ser regional. Oportunidades não faltam, como será alinhavado no plano de ações; cabe à região definir se está disposta a se estruturar para aproveitá-las.

Busto de Dom Pedro I (Queluz)

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Os locais nos quais o turismo se consolida de fato como eixo de desenvolvimento de maneira sustentada ao longo do tempo são aqueles nos quais o cidadão é o protagonista e o anfitrião; aqueles nos quais a identidade e as singularidades do território – o *genius loci*, ou espírito do lugar, como diziam os romanos antigos – oferece a base do encantamento e da vivência. Desenvolver o turismo com e não para as pessoas de um território é a melhor forma de cativar quem o visita.

A valorização das várias versões de histórias que confluem para o território, a aposta em um turismo pautado pela regeneração e pelo bem-estar, o reconhecimento e a incorporação dos ativos do bioma Mata Atlântica, o entendimento de que o território pode ser um espaço de aprendizagem para cidadãos e turistas, a composição intermunicipal de oportunidades e sinergias, são caminhos preciosos e à disposição do território expandido Vale Histórico. Cabe, agora, definir os parâmetros pelos quais os atores desse território estão dispostos a se pautar.

Entrada da Fazenda Vargem Grande (Areias)

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

VALE DAS HISTÓRIAS

CAPÍTULO 7

Recorte Setorial: Patrimônio, Cultura e Identidade

Estação ferroviária de Queluz

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

1. CONCEITO DE PATRIMÔNIO CULTURAL

A definição de patrimônio cultural brasileiro está registrada no Artigo 216 e seus incisos, na Seção II, da Carta Magna:

"Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira."

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), patrimônio material é compreendido por cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. Já os bens imateriais dizem respeito às práticas e aos domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).

Você assistiu ao filme Ratatouille, de 2007? Se sim, deve se lembrar da cena de maior expectativa da animação, quando o crítico de restaurantes, Anton Ego, experimenta o famoso prato *ratatouille*, em completa abnegação. Para surpresa de Anton, na primeira garfada há uma viagem mental no tempo; ele regressa ao lar de sua infância, junto à sua mãe e revive a sensação de bem-estar, afeto, acolhimento e tantas outras emoções que permeiam um universo intangível. Patrimônio cultural é isso: permitir que gerações atuais revivam emoções, mas também que gerações futuras se reconheçam nesse espaço, a ponto de o valorizarem e preservarem suas memórias. Como já dizia a historiadora Emilia Viotti da Costa, "um povo sem memória, é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado".

Casa do Tropeiro - espaço no quintal da Prefeitura de Silveiras

Crédito: Garimpo de Soluções

A proteção do patrimônio histórico e artístico nacional se dava pelo Decreto-Lei nº 25/1937, via tombamento. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 amplia-se o conceito de patrimônio cultural e, por consequência, há uma expansão dos modos de salvaguarda, como inventários, registros, vigilância, desapropriação, entre outras formas de acautelamento e preservação. Pela Constituição, *o poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro*. Ou seja: além da administração pública (conselhos de preservação e Ministério Público), qualquer cidadão ou pessoa jurídica pode colaborar para salvaguardar bens de interesse cultural.

Antiga Santa Casa de Areias

Crédito: Garimpo de Soluções

É importante saber que premissas interventivas de qualquer bem valorado seguirão as formas de acautelamento com maior restrição. Por exemplo: o conselho municipal da cidade "A" foi constituído depois do tombamento de uma comunidade quilombola ter sido homologado pelo conselho estadual "AA". O conselho municipal "A" resolve tombar a mesma comunidade quilombola, entretanto lhe imputa maiores restrições de salvaguarda. Isso significa que as intervenções na comunidade quilombola tombada deverão ser norteadas pelo documento técnico-administrativo de maior restrição, o tombamento do conselho municipal "A".

A competência para escolher o que se deve ou não preservar é dos órgãos de preservação (municipal, estadual e/ou federal) e depende da atuação da comunidade, legítima produtora e beneficiária dos bens culturais e/ou de ações judiciais. Qualquer pessoa ou organização não-governamental pode representar ao Ministério Público para que este proponha ação civil pública do valor cultural de um bem não tombado administrativamente; são as ações judiciais. O patrimônio cultural é feito por pessoas, para outras pessoas; quando não é apropriado pelos sujeitos, há perda expressiva no conceito estrutural de patrimônio cultural.

O proprietário é sempre responsável por sua propriedade, independente de ela conter bens de interesse cultural. Entretanto, sob a especificidade do patrimônio cultural, trata-se aqui de uma propriedade privada com interesse público. A responsabilidade pela proteção do patrimônio cultural se dá conjuntamente entre proprietário e poder público, a partir do estudo de acautelamento do patrimônio cultural, até sua deliberação final. Os órgãos responsáveis pelos estudos de acautelamento também o são pelo informe do interesse público ao proprietário.

A competência para escolher o que se deve ou não preservar é dos órgãos de preservação e depende da atuação da comunidade, legítima produtora e beneficiária dos bens culturais e/ou de ações judiciais.

Centro Cultural Carlos Cheminand (Bananal)

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

2. CONTEXTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL NO TERRITÓRIO

Nos levantamentos prévios chama atenção a pouca visibilidade da riqueza cultural do território no contexto nacional e mesmo no estado de São Paulo. Dentre os 673 museus paulistas cadastrados na Rede Nacional de Identificação de Museus do Instituto Brasileiro de Museus, há referência a apenas três na região: Centro Cultural Malba Tahan (em Queluz); Centro Interdisciplinar de Ciência - Escola Técnica Estadual Professor José Sant'ana de Castro (em Cruzeiro) e Museu Histórico e Pedagógico Doutor Costa Júnior (em Cachoeira Paulista).

Já em campo, a equipe de patrimônio histórico ficou imersa no território, com mais dedicação ao eixo da Rodovia dos Tropeiros. Foram vários dias dedicados a reconhecer os bens históricos tombados e conhecer outras histórias representativas para a sociedade civil contemporânea.

Silveiras

Os levantamentos preliminares realizados apresentaram três listas de atrativos municipais: (1) turística; (2) recursos culturais materiais; e (3) recursos culturais imateriais. Nos níveis 1 ou 2, Silveiras tem sete destinos:

1. **Parque Ecológico Municipal da Cascata** – com cachoeira, camping e mata.
2. **Sobrado do Capitão Silveira** – construído em taipa de pilão e pau-a-pique.
3. **Rancho dos Tropeiros** – único local não privado e de uso turístico; abriga festas e eventos, além de integrar roteiros relacionados ao café.
4. **Festa Nacional do Tropeiro** – em agosto, ilustra o modo de viver do tropeiro.
5. **Artesanato** – arte em madeira, feita a mão, representando a fauna da região.
6. **Farofa de içá** – elaborada com a parte inferior do abdômen da tanajura.
7. **Nascente do Paraíba** – nascente do Rio Paraitinga, próximo ao Pico da Boa Vista.

O Sobrado do Capitão Silveira teve seu tombamento por parte do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), formalizado em 1982. Segundo dados do processo,

> *O município de Silveiras, antigo rancho de tropeiros, se desenvolveu no século XIX com a introdução do café no Vale do Paraíba. Em 1842, foi elevada a vila e, 22 anos depois, a cidade. (...) A casa foi construída nas primeiras décadas do século XIX, em taipa de pilão e pau-a-pique. O corpo central, em dois pavimentos, tem cobertura em quatro águas. As laterais, em um pavimento, tiveram as telhas capa e canal substituídas por francesas. Algumas paredes foram suprimidas no pavimento superior.*

Espaço Cultural Nenê Emboava

Crédito: Garimpo de Soluções

A busca por dados municipais dos bens de interesse cultural levou ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico e Cultural do Município (COMPHAC)[24], criado em 2020 e subordinado ao Gabinete do Prefeito. Em campo, saímos em busca do legado épico das revoluções – a Liberal, em 1842, quando os chefes das fa-

[24] Lei Municipal nº 1.127 de 18 de dezembro de 2020

mílias silveirenses foram executados pelas tropas do governo imperial e a cidade foi saqueada; e a Constitucionalista, em 1932. Há vários marcos construídos dispersos pela cidade (obeliscos, placas) mas não em uma narrativa integrada ou convidativa à imersão. No Centro, com fachadas de casario preservadas, localiza-se a Praça da Matriz. Esta é ladeada pelo prédio da Prefeitura, um casarão colonial cujo pavimento inferior abriga o Espaço Cultural Nenê Emboava, compreendendo biblioteca e área expositiva, com pessoal atencioso. O espaço já foi sede da Fundação Nacional do Tropeirismo, hoje em Caçapava.

Já a visita ao único imóvel tombado pelo CONDEPHAAT, o Sobrado do Capitão Silveira, constatou sua demolição por falta de manutenção, somada a constantes exposições às intempéries. Essas informações foram obtidas junto à repartição pública. Os transeuntes desconheciam o enredo e no site do CONDEPHAAT, atualizado em 2017, não consta informação da demolição do edifício[25].

No que tange ao patrimônio imaterial, durante a oficina de Silveiras – e nas conversas que se seguiram a ela – ouvimos críticas quanto à desvalorização da cultura tropeira e à diluição do amálgama identitário e de autoestima dos cidadãos. Silveiras viu sua população declinar até a década de 1980, como fruto da migração contínua. Preocupados com a virtual extinção da cidade, silveirenses se mobilizaram para promover um movimento de valorização do que caracterizava Silveiras, com o envolvimento da população e rebatimentos junto a ela e ao público externo.

Unanimemente associado a essa iniciativa, Ocílio Ferraz articulou conexões dos que se haviam ido com os que haviam permanecido, entre as áreas rural e urbana e entre o passado e o presente de Silveiras. Bom marqueteiro e excelente proseador, teve êxito em reatar de maneira coletiva o vínculo e o reconhecimento da sociedade quanto a quem era e às riquezas que detinha, tendo por base a cultura tropeira. Esse processo de enaltecimento reavivou

Sobrado do Capitão Silveira, hoje inexistente

Fonte: Hora de Preservar

Levantamento de receitas de família - 1a. Edição da FLIS

Crédito: Garimpo de Soluções

muitas festividades sazonais, em um calendário cujo maior símbolo é a Festa Nacional do Tropeiro.

Hoje, porém, esse laço identitário estaria frouxo. "As festas culturais de Silveiras perderam a essência do que é tropeiro. As pessoas vêm para dançar, badalar e ir embora. Houve um hiato de 16 anos de deturpação da Festa do Tropeiro. Hoje tem forró, funk, comida de fora, rodeio, que não têm nada a ver com a gente. Temos a 'ForMula', corrida de burros, que não ocorre há tempos. A geração de 20 e poucos anos não sabe o que era a Festa", diz Edmundo de Carvalho, silveirense por nascimento e paixão, ex-Prefeito e ex-Secretário estadual.

[25] http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/sobrado-do-capitao-silveira/

Para tentar reverter esse processo, vêm surgindo reações. É o caso da Festa Literária de Silveiras (FLIS), iniciativa do próprio Prof. Edmundo, que teve sua segunda edição em 2024. Com curadoria colaborativa e uma vasta maioria de escritores locais, perpassados por alguns nomes notórios, tem como grande público os jovens, que se sentem convidados a coconstruir o encontro e se orgulham ao ver sua cidade pelos olhos encantados dos outros. Como sumariza o testemunho de uma empreendedora radicada no município há alguns anos: "Pela primeira vez os jovens que participaram sentiram que não precisariam sair da cidade".

Cruzeiro

Cruzeiro apresenta três bens tombados pelo CONDEPHAAT, um dos quais também pelo IPHAN.

1. **Pátio Ferroviário da Estação Central de Cruzeiro**, tombado pelo IPHAN em 2010 e pelo CONDEPHAAT em 2015.

   O Complexo Ferroviário de Cruzeiro vive um processo de recuperação dos equipamentos desde fins da década de 2000, por meio do contrato de repasse com o Ministério do Turismo. Quando concluídas as obras de requalificação, haverá espaços de fomento ao turismo e à cultura. Complementarmente, o antigo galpão da Armazéns Gerais Ferroviários (Agef) está em vias de abrigar um shopping, em um processo de conversão cujo projeto já foi aprovado pelo IPHAN.

2. **Escola Municipal Dr. Arnolfo Azevedo**, tombada pelo CONDEPHAAT em 2010.

   Localizada no Centro, em frente à Praça 9 de Julho, foi erigida em 1911. Em 1932 o edifício foi palco da assinatura do armistício da Revolução Constitucionalista, tornando Cruzeiro a autodenominada "Capital da Revolução de 1932". Seu jardim traz placas em homenagem aos combatentes e ao povo paulista. A escola formou vários dos entrevistados e participantes da oficina realizada. Em setembro de 2023 foi anunciado seu fechamento, com a transferência dos alunos para outras escolas.

Escola Municipal Dr. Arnolfo Azevedo

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

3. **Solar do Major Novaes**, tombado pelo CONDEPHAAT em 1969. Construído no século XIX, foi restaurado em 2015. No pavimento inferior há um pequeno auditório, com paredes em taipa de mão e adobe e estrutura com madeiramento parcialmente original; no pavimento superior estão o acervo e a área expositiva do Museu Histórico e Pedagógico.

   Dedicado à história da cidade e da região, congrega mobiliário, prataria, objetos sacros e demais peças do século XIX, registros e artefatos da Revolução de 32, fotos e documentos históricos de Cruzeiro e das cidades vizinhas. A área construída é circundada por amplo espaço verde, frequentemente utilizado para eventos culturais e atividades de convívio em geral.

Solar do Major Novaes

Crédito: SISEM

A lista de bens tombados pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental do Município de Cruzeiro (Compresp) não foi localizada no site da prefeitura. Na ata da última reunião do Conselho, em junho de 2023, consta abertura de processo de tombamento da Fazenda Batedor. Por ela passa o Rio Batedor, responsável pelo abastecimento de 70% da população da cidade. Hoje recebe recuperação de Mata Atlântica, com recursos do FEHIDRO.

Histórias não faltam em Cruzeiro – mas, de certo modo, parecem ter se diluído ao fio do tempo. Paulo Antônio de Carvalho, escritor e radialista da Rádio Mantiqueira, relata o papel central do município no pensamento político. "Perdemos a Revolução e as narrativas. Cruzeiro foi considerada a 'Moscouzinha brasileira', por Oswaldo Aranha. Foi a primeira cidade do interior a ter PCB." O declínio se faria sentir também no campo cultural. "A cultura de Cruzeiro, hoje, não chega aos pés do que foi. Grupos teatrais, musicais, quatro cinemas que também eram teatros – um deles com 1.050 poltronas. Havia produções de filmes com artistas da própria cidade, exposições. Isso se perdeu a partir de meados da década de 1970."

Na oficina ouvimos que "Cruzeiro esquece suas histórias". Integrariam a relação de "esquecimentos" estudos etnobotânicos que atestam a riqueza da biodiversidade; o casario histórico (ainda que muitos dos edifícios estejam em estado combalido); a riqueza do gado leiteiro nos anos 1980/90; as memórias de séculos de comércio, com suas pessoas e casos; a cultura do tropeirismo; elementos em *art nouveau* ("Cruzeiro é também do século XX, é um legado da modernidade"); o fausto cultural (como testemunha o Teatro Capitólio); e, como plataforma de memórias, a Garganta do Embaú – com todo

o significado de ter aberto a trilha do desenvolvimento da região e do país e do qual a cidade não se apropria como poderia.

É no rastro dessa trajetória que repousa uma grande oportunidade para o município, vinculando patrimônio, cultura, pertencimento, turismo, desenvolvimento. Cruzeiro ainda hoje é o município com a maior gama de equipamentos culturais da região – Museu Major Novaes, Teatro Capitólio, Cine Cruzeiro, Teatro do SESI –, além de uma cena musical de projeção, a exemplo da conferida pelo Instituto Musical Bittencourt.

Em 2020, os pesquisadores Eliara Celia Alves, Robson Willian Galvão, Ana Lúcia Magalhães e Camila Ferreira de Oliveira Rocha[26] realizaram um levantamento quantitativo junto a 82 respondentes (metade dos quais, cruzeirenses), com vistas a abordar questões históricas ligadas à cidade e, a partir delas, pensar o futuro do município. Cerca de 77% dos entrevistados declararam conhecer o espaço físico da Estação de Cruzeiro, mas menos de 15% do total conhecia sua história e mais de 53% desejavam a implantação de um espaço cultural no local. A população reconhece a potência do monumental mas clama pela experiência social efetiva.

Belvedere da Santa

Crédito: Garimpo de Soluções

Trabalhar essa experiência de reconexão da sociedade com seu patrimônio vivido é fundamental, à luz do resultado da oficina de Cruzeiro. Para muitos, o município é visto como um local de passagem – de quem a ele acode ou que nele nasce. Vincular seus talentos ao território é fundamental como esteio de seu desenvolvimento.

Rotunda Ferroviária

Crédito: Ken Chu/Expressão Studio/@SETUR

[26] Revista H-Tec Humanidades e Tecnologia, v. 4, n. 1, p. 6-187, jan./jun., 2020.

São José do Barreiro

Há dois bens no município que integram o fabulário coletivo, com uma miríade de casos e histórias por contar.

1. **Cemitério dos Escravos**, tombado pelo CONDEPHAAT em 1989.

   Segundo o processo de tombamento, tem remanescentes testemunhos da arte tumular em mármore. Sua importância ainda é intensificada pela ambientação paisagística, implantada em terreno elevado. Perguntamos a transeuntes no Centro como chegar ao local. O fato de o desconhecerem alertou quanto ao descolamento dos moradores frente à sua história. Quando o encontramos, o local estava fechado, o que soubemos ser permanente. Destaque-se que à época do tombamento a salvaguarda se deu também mediante declaração de valor monumental, histórico e paisagístico do cemitério, por parte da administração pública. Em 2024, a situação do local ilustra a expressão "a morte da morte", com a perda de apego da população.

2. **Fazenda do Pau d'Alho**, tombado pelo IPHAN em 1968.

   A freguesia, então vila e hoje município de São José do Barreiro tem sua origem vinculada à Fazenda Pau d'Alho. Atualmente é administrada pelo IPHAN, que firmou parceria com a Prefeitura para sua reabertura, mediante agendamento de visitação. Datada de 1817, a Pau d'Alho tem seu valor histórico reconhecido como patrimônio cultural decorrente de uma referência estilística arquitetônica que remete às fortificações, traço incomum em fazendas cafeeiras. Esse estilo, segundo o monitor Alexandre, deve-se ao fato de seu fundador ter sido um militar, o Coronel João Ferreira de Souza. Em seu apogeu a fazenda teve mais de 300 mil pés de café e 300 escravizados, ou seja, cada escravizado cuidava de mil cafeeiros.

Fazenda Pau d'Alho

Crédito: APRECESP

Com a abolição da escravidão e a decadência na produção cafeeira, a fazenda migrou para a pecuária leiteira. A propriedade permaneceu na família até 1975, quando foi adquirida pelo IBC – Instituto Brasileiro do Café. O processo de restauro da fazenda foi concluído sob a gestão do engenheiro e arquiteto Luis Saia, à época diretor do IPHAN. De destaque histórico foram a passagem de Dom Pedro I, em 1822, durante a viagem que culminou na Independência; a instalação do Museu Nacional do Café, por convênio travado entre o IPHAN e o IBC, abortado em 1975[27]; e novos usos, mesclando cultura e comércio, pelo Programa Revive.

O programa Revive foi criado em 2020, fruto da assinatura do Protocolo de Cooperação entre o Ministério do Turismo do Brasil e o Ministério da Economia de Portugal[28]. Ao alinhar essa iniciativa ao recente posicionamento do presidente português, Marcelo Rebelo de Sousa, quanto à necessidade de o país proceder a reparações junto aos países por ele colonizados, talvez haja uma oportunidade para retomar as iniciativas do programa, com novo olhar sobre o patrimônio cultural.

Mesmo Barreiro sendo estância turística, são raros os elementos culturais que dispensam a organização prévia de roteiros, muitos dos quais disponíveis somente de sexta a domingo. A Igreja Matriz, o largo histórico central e o mirante são opções. O último, com patamares para vista panorâmica, é contemplativo mas não informativo; não se entende, por exemplo, onde a Bocaina começa e termina.

A **Fazenda São Francisco**, tida como a mais antiga de Barreiro, não está sempre aberta à visitação. Com mais de 200 anos de história, é gerida por um casal de proprietários que se divide entre a acolhida dos hóspedes com pensão integral, preparada com ingredientes da própria fazenda; e o trabalho no Rio de Janeiro. A proprietária, Sra. Eliana Leite, também integra um coletivo de mulheres que desenvolvem trabalhos artesanais, em especial na alimentação.

O **Clube dos 200**, dirigido por Regina Maia, seu filho Gilberto e sua nora Ana, é aberto a hospedagem e admite visitas mediante agendamento prévio, ao custo de R$20,00 por pessoa. As instalações, em estilo colonial paulista (com forte representatividade espanhola), têm conservadas a arquitetura da casa com vitrais temáticos de carros do século XIX e da produção de café, pratarias e obras de arte expostas ao longo dos salões de uso comum. O edifício é repleto de histórias. Várias delas são oferecidas pelos livros de registros históricos com figuras representativas – de Getulio Vargas e JK a Carmem Miranda e Rita Hayworth ou Oswald de Andrade.

Fazenda São Francisco

Crédito: Fazenda São Francisco

Club dos 200

Crédito: Garimpo de Soluções

[27] SAIA, Luis. Notas preliminares sobre a fazenda Pau d'Alho: história, restauração e projeto de aproveitamento. Revista de História, São Paulo, v. 51, n. 102, p. 581–630, 1975. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1975.132954. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132954. Acesso em: 26 maio. 2024.

[28] https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2021/01/programa-revive-ganha-comite-interministerial-para-avancar-nas-acoes

[29] O clube, projetado pelo engenheiro Samuel Ribeiro e pelo arquiteto Alexandre Albuquerque, que também assinou a obra da Catedral da Sé, em São Paulo, exibe características das construções coloniais espanholas por ter arcos na entrada, piso hidráulico, colunas expostas com capitéis jônicos, dóricos e esquadrias detalhadas com tramas de madeira.

Os proprietários, bastante prestativos e disponíveis em compartilhar relatos levantados ao longo de décadas, vêm desenvolvendo de maneira voluntária um papel fundamental de aproximação dos jovens do distrito de Formoso à sua história, por meio de visitas à propriedade.

Na **Fazenda da Barra** residem, há mais de 30 anos, Paulo Mattos e Daniela Oliveira. A sede da antiga fazenda de café também é hospedaria. As visitas guiadas são conduzidas pelo proprietário, com grupos mínimos de cinco pessoas. A visita inicia na casa grande, explorando a temática histórica das fazendas de café, dos barões fundadores e proprietários subsequentes, com algumas lacunas de dados. O percurso guiado não aborda os povos escravizados e sua contribuição à região ou ao país. Não há móveis originais. Na área externa encontram-se remanescentes da linha de produção cafeeira, incluindo edifícios em ruínas e objetos fragmentados. Há um potencial exploratório arqueológico da área de terreiro, onde havia senzala, tanque de lavagem, secagem e armazenamento do café, além da casa do feitor.

A Presença do rural, no Centro de Barreiro

Crédito: Garimpo de Soluções

No que tange ao patrimônio imaterial, atravessar o pórtico de São José do Barreiro é um convite a contatar o universo caipira. Logo à direita de quem chega há uma singela capela com vários ex-votos, imagens e oferendas. Ao longo da estada é possível ver cavaleiros erguendo seu chapéu, ao passarem em frente ao cemitério. O que se observa em Barreiro é a expressão viva de muitas facetas da cultura caipira – o que na sociedade, porém, ainda parece ser uma questão pendente.

São José do Barreiro é um convite a contatar o universo caipira.

Barreiro chegou a ter mais de 30 bandeiras de Folia de Reis. A importância da Rota 68 como início da rota rodoviária brasileira é amplamente ignorada. Além de relatos de congada, jongo, calango,

forró pé de serra, hoje reclusos à Bocaina, ao "sertão"; cujo parque, por outro lado, não traz pertencimento, já que é distante – em acessibilidade, na mente e no afeto de muitos dos moradores da cidade. "Trabalhar a cultura caipira e aquilo que se é, porque não estamos inventando nada. Tirar a poeira disso tudo, relembrar e resgatar o que o avô falava. As pessoas estão repletas de memórias, ansiosas por serem abraçadas. Faço isso o tempo todo, tanto no restaurante quanto no armazém", diz Rogério Rodrigues.

Para Dalton Branco, o maior problema é que não se mexe no cerne. "Aqui ou através daqui se construiu o Brasil. São Paulo e Rio são o que são graças a esta região." As pessoas sofrem as consequências, mas não se beneficiam das oportunidades geradas por esse legado. Fervoroso defensor dos saberes tradicionais e da cidadania ativa como base de desenvolvimento social, Dalton fundou a Marginália Caipira, grupo de teatro com jovens. Maravilhou-se com o calibre dos participantes. O grupo se mantém com recursos módicos de editais e sem apoio da Prefeitura – que, na oficina, foi descrita como desatenta à cultura e sem união com o que os atores privados e cidadãos tentam promover às próprias expensas.

Por um outro ângulo, é curioso notar que Barreiro, se parece se orgulhar dos valores e das tradições caipiras, não faz referência ao turismo nos sertões ou a experiências que permitam ao turista mergulhar no universo caipira que o território rural ainda encapsula em estado vivo – consta que, especialmente, em suas manifestações gastronômicas e musicais. "Não se faz a lição de casa de infraestrutura turística. As lideranças locais não estão interessadas no desenvolvimento turístico. Há um fetiche pelo moderno em sua estética. Em meio a isso, jovens de Barreiro desenvolveram uma cena de rap rural."

A veia musical do município vem recorrentemente à tona. Sua potência é respaldada por Bitão, engenheiro de TI nascido em Barreiro mas residente no Rio por décadas, que há poucos anos

Marginália Caipira

Crédito: Dalton Branco

Associação de Violeiros de Barreiro

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

voltou para a cidade. Aposentado, ajuda o filho Lucas na agência Bocaina Experience e soma seu talento de instrumentista à Marginália Caipira.

No xadrez musical vale destaque para a Associação de Violeiros de Barreiro (AVIBA), voltada a clássicos do sertanejo. Um de seus fundadores foi criado em Barreiro mas cursou Direito em Maringá. Voltou à cidade para contribuir para a candidatura do município a estância turística, encarregado da história dos séculos XVIII e XIX. Na AVIBA, os 25 integrantes são voluntários e o cachê é livre – um PIX sem valor fixo. A Prefeitura cede o espaço e paga o maestro, um capixaba que mora no Rio.

A instituição teve início em 2013, organizando rodas de violeiros. Em 2015 foi inaugurada a escolinha de viola e, em 2016, a orquestra, que hoje tem 15 menores. Um deles é Fabinho, que reside com o avô na área rural e todas as quartas tem aula na AVIBA. Ele comenta que seus colegas de escola vêm se animando em participar, ao verem seu entusiasmo e que o aprendizado da música é lúdico e prazeroso.

Já Geraldo é radialista e tem um programa de música raiz. "Nosso sonho é que Barreiro seja conhecida como Cidade da Viola, como referência nacional. Em São José do Barreiro nós somos caipiras mesmo e a roda de viola é enraizada. Queremos que quem vier à cidade possa contratar os violeiros e eles serem pagos por isso."

Na prática quotidiana, a orquestra é uma das raras opções de atividade para os jovens. "Tenho 27 anos. Na minha época tinha esporte social, tinha projeto Guri. Hoje, as gerações mais novas não têm o que fazer. Falta ocupar a cabeça das crianças." A crítica, expressa durante a oficina, encontra eco nos demais presentes. Não há um inventário do que o município ainda tem como bandeiras de Reis e outros festejos, ou ainda de violeiros, manifestações culinárias, tradições em geral. "Vivemos 40 anos de eventos voltados aos de fora. Falta entender o que ainda temos de cantadores de calango, sanfoneiros, pé de serra, reconhecer, valorizar."

A menção ao envolvimento das crianças e dos jovens nesse mapeamento foi defendida como fundamental e, a partir dela, os participantes da oficina resgataram todo um capítulo do fabulário popular. Entraram na lista a Carmelota e seu saco, a mulher-vestida-de-noiva, o fantasma da Fazenda São Francisco, as cadeias da Pau d'Alho, as lendas do Cemitério dos Escravos – contadas com requinte de detalhes por personagens como o Pescocinho, sempre acompanhado por sua gaita.

Encerramos as atividades de interação em Barreiro com a sensação de que o patrimônio imaterial está mais arraigado nas pessoas do que elas imaginam; mas é urgente realizar um trabalho para que seja reconhecido pelas novas gerações.

Bananal

Bananal é o município com a maior quantidade de bens acautelados, a começar pela estrutura urbana interna do **centro histórico**, conforme resolução do CONDEPHAAT de 1991, além do **Sobrado Aguiar Vallim**, tombado em 1972.

Sobrado Aguiar Vallim

Crédito: Garimpo de Soluções

Na esfera estadual de bens protegidos ainda estão a Estação Ferroviária, em 1974 e a Sede da Fazenda Resgate, em 1982, que em 1969 já havia sido acautelada pelo IPHAN. Apesar da quantidade de bens culturais tombados, não identificamos um conselho municipal de preservação para geri-los e zelar por sua manutenção. O caso é ilustrado pelo estado de abandono do Sobrado Aguiar Vallim. Seu pavimento superior sequer conta com o total funcionamento da cobertura para garantir estanqueidade da edificação e evitar lesão tanto às paredes externas, em adobe e taipa de pilão, quanto às internas, em adobe e parede francesa.

Talvez a representação visual mais explícita do descaso com o patrimônio seja a Estação de Bananal, em processo de deterioração, triste companheira da locomotiva Tereza Cristina, exposta

Estação ferroviária de Bananal e locomotiva Tereza Cristina

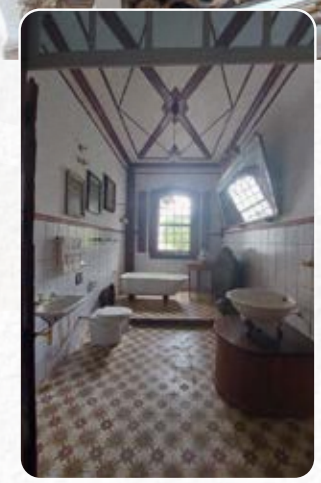
Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

ao seu lado. Após a desativação da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1964, o edifício foi convertido em sede dos Correios, estação rodoviária do município e, em 2014, posto dos Correios. Atualmente encontra-se sem uso e sem manutenção. Ademais de tudo o que a estação representa, é o único exemplar ferroviário belga no país, com mais de duas mil placas metálicas ajustadas por parafusos, compondo 335 m² de área útil.

Transitar pelas ruas do núcleo urbano gera encantamento pelo que a cidade representa e frustração por essas histórias não serem contadas, além de outras tantas estarem em vias de se perder. O abandono dos edifícios históricos contribui para ampliar a falta de pertencimento dos mais jovens, já carentes de locais de encontro e convívio de fundo cultural, que favorecesse a criação de vínculos. O Centro Cultural, ex-Teatro Santa Cecília, está condenado. O Sindicato é um lugar de eventos, não de espetáculos. A agenda da cidade é uma sequência de festas – dos Povos, da Primavera, de grupos de forró, de motociclistas, Carnaval.

O gestor municipal de cultura, Theo Valiante Monteiro, também responsável por turismo, trânsito e segurança, vê no audiovisual uma boa aposta para o município. Respalda a leitura pela lista de filmagens realizadas nas antigas fazendas; e o fato de atores globais frequentarem a Bocaina. Não há, porém, plano de oferecer capacitação em ocupações vinculadas à cadeia do audiovisual. A maioria dos jovens nunca frequentou um cinema e a cidade não conta com um cineclube.

Partindo para algumas das fazendas – referenciadas como os maiores atrativos de Bananal –, visitamos a Fazenda Loanda, onde residem os proprietários, Sr. Pedro Teixeira e esposa. Também criador de carneiros, ele se predispôs a ser nosso guia – há uma monitora contratada aos finais de semana. Nota-se esmero em ir além dos dados formais, percorrendo a origem dos escravizados (em sua maioria, segundo ele, migrados da Bahia); bem como a preocupação em contextualizar os vários ambientes da sede no enredo cotidiano da época. A fala é colorida por curiosidades, como o hábito de consumir essencialmente porco, em seguida galinha e por fim carne de caça, já que o gado era reservado para leite e/ou para serviços de tração.



Obras e interior da Fazenda Loanda

Crédito: Fabiula Domingues

No percurso, é retraçada a origem de cada peça do acervo da propriedade, com quadros, retábulos e porcelanas, objetos de época em ótimo estado e envoltos em narrativa própria. Na área das antigas senzalas, o Sr. Pedro relata já ter realizado experiências culturais, de forma esporádica e nem sempre franqueadas ao público.

Fazenda dos Coqueiros

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

A Fazenda dos Coqueiros é aberta em tempo integral, mediante agendamento. A fazenda está na quinta geração de herdeiros e explora a produção leiteira e a bananicultura. Segundo o monitor, Júnior, a sede tem o único banheiro colonial remanescente do país, com latrina e demais elementos originais. Há uma mistura de acervos nas áreas expositivas da fazenda, com itens preciosos mas sem um plano museológico, o que não valoriza o conjunto. Recentemente, disponibilizou hospedagem em área moderna, construída próxima ao curral e com equipe solícita. Possivelmente por ainda estar no início, o café da manhã não tem produtos da fazenda. Entre as oportunidades destaca-se a integração da produção leiteira com a experiência turística, vinculando o ofício e a história.

A visita à propriedade retrata tanto a lida do café (como o poço de lavagem com água de mina) quanto a vida na sede e, marginalmente, o que ocorria fora dela. A visita tradicional, diurna, tem como recorte a história do café pelo olhar do baronato, incluindo seus ritos e hábitos – a exemplo da lavagem das mãos com água perfumada, da serventia das alcovas e demais anedotas.

Já a vivência noturna, de cuja segunda edição participamos, trouxe também a perspectiva dos escravizados. Em um interessante roteiro à luz de velas, os aposentos foram percorridos até a cozinha – coração pulsante das relações sociais –, seguindo então pelo tanque de lavagem do café e finalizando na senzala. Orientada por um historiador e um guia, abordou questões que buscaram dar protagonismo a pessoas cujas histórias foram apagadas. Um olhar raro na região.

A Fazenda Boa Vista, que se apresenta como tendo sido a mais próspera do século XIX, seguiu rumo diverso. Transformada em hotel fazenda, oferece pacotes com gastronomia, atividades ao ar livre para diversas idades e estrutura para a realização de eventos. Tem por trunfos a própria história e o fato de ter servido de locação para novelas globais. Não é aberta a visitação, já que o foco é hospedagem.

Na Bocaina, foi enriquecedora a visão de Mônica Alvarenga e Luiz Carlos Inglês, gestores da Associação dos Moradores e Amigos do Vale da Bocaina (Amovale). Houve menções à necessidade de entender os saberes e fazeres ainda presentes na cidade e que não são notados por

quem não conhece quem os faz – queijos, doces, cachaça. Na perspectiva de quem desenvolve projetos socioambientais e culturais há anos, a busca dessa identidade seria requisito para gerar novas dinâmicas e possibilitar aos jovens apostar na cidade. "Eles até entendem que Bananal é bonita e tem a história do café; mas, hoje, o que oferece para eles?"

Para termos uma experiência que nos permitisse adentrar no universo real dos jovens da região mais "periférica" de Bananal, compramos ingressos (R$20 homens, R$10 mulheres) para o pré-carnaval, dica de uma jovem recepcionista de loja. O evento foi organizado por uma produtora cultural de Barra Mansa e realizado no galpão (alugado) do Sindicato Rural, no bairro Formigas. Na programação, apenas DJs de Barra Mansa. Foi relatada a dificuldade em contratar pessoal de Bananal para trabalhar no evento. Das cerca de 50 pessoas envolvidas na realização – músicos, técnicos, produtores, seguranças, recepcionistas, bilheteiras –, ao redor de 40 eram de Barra Mansa. Dando carona a frequentadores de 25 a 28 anos, ouvimos que tinham ido à festa porque "em Bananal não tem oferta de lazer".

Na perspectiva de quem desenvolve projetos socioambientais e culturais há anos, a busca dessa identidade seria requisito para gerar novas dinâmicas e possibilitar aos jovens apostar na cidade.

Pré-carnaval de Bananal

Crédito: Garimpo de Soluções

Areias

Ao adentrar no núcleo urbano de Areias, a Rodovia dos Tropeiros se converte em rua de casario histórico preservado. O município tem quatro bens tombados pelo CONDEPHAAT (todos em 1982): **Sobrado na Rua Quinze de Novembro** (Padaria Dona Ju); **Sobrado na Rua Nove de Julho** (Prefeitura); **Casa do Capitão-Mor e Casa Vizinha** (Hotel Sant'Ana); e **Casa de Câmara e Cadeia de Areias** (Casa da Cultura).

Casa de Câmara e Cadeia

Crédito: Garimpo de Soluções

A mancha patrimonial é complementada por alguns edifícios emblemáticos, como a portentosa Igreja Matriz, que homenageiam em placas seus visitantes ou residentes ilustres – como Dom Pedro II e Monteiro Lobato. Nas ruas vizinhas há outros atrativos, como a figueira histórica – marco zero da cidade e sob cuja sombra consta que os primeiros tropeiros amarrassem suas mulas e Monteiro Lobato lançasse suas penas.

Em 2023, o município participou da jornada do patrimônio do estado de São Paulo, com a inscrição do Capoeira Show, realizado na E. E. Barão de Bocaina, imóvel não tombado pelo coletivo de escolas paulistas do CONDEPHAAT, mas de forte simbolismo para a população. O fato evidencia a pertinência de haver um conselho municipal de patrimônio cultural – que não foi identificado na página da Prefeitura –, para garantir a salvaguarda de bens culturais relevantes para a comunidade.

Em terreno na esquina seguinte à Casa de Câmara e Cadeia, o antigo clube da cidade deu espaço à construção de um teatro. O edifício supostamente ficaria pronto em 2024 mas o ritmo das obras não indica que esse prazo será cumprido. No setor privado cabe destaque ao Angellito Arte Caffé, misto de café e casa de artesanato, com produtos que remetem à cultura da cidade, como personagens de Monteiro Lobato, a içá e demais ícones patrimoniais, além de vender produtos regionais.

Outras histórias teriam potencial para ganhar as vozes da população e os ouvidos dos tu-

ristas. O guia Guilherme conta que o primeiro plantio de café ocorreu em Sant'Ana, distrito rural, fronteiriço com Resende. Detalhe de folhas de café em afrescos externos de um casarão histórico (antiga Santa Casa) corroborariam o pioneirismo de Areias no cultivo. Este, porém, ganhou fôlego a partir de onde se situa a Fazenda São Francisco, em Barreiro, região de topografia mais favorável. A Areias teriam cabido um plantio de menor vulto e a negociação do café. Na Casa de Câmara havia uma "bolsa" anterior à de Santos – guardadas as devidas proporções.

São relatos profundamente imagéticos e que se prestariam a representações e vivências. Consta ainda que em Sant'Ana perdurem tradições e manifestações culturais e religiosas que se diluíram em boa parte do Vale. Onde e o que permaneceram perguntas abertas.

Por fim, cabe destaque à Fazenda Vargem Grande, descrita com mais detalhamento na seção dedicada a turismo. Ademais da representatividade patrimonial – histórica e arquitetônica, da fazenda; e paisagística, do jardim de Burle Marx –, Malu Gomes, coproprietária, organizou uma iniciativa de capacitação em ofícios de restauro, em parceria com Toninho Sarasá. Na ocasião, as oficinas com a comunidade da região envolveram a "tradução" de técnicas de preservação de edifícios antigos, de modo a torná-las acessíveis a cidadãos leigos.

Um projeto notável e crucial, diante da profusão de edifícios patrimoniais na região.

Galpão da capacitação em restauro - Fazenda Vargem Grande

Crédito: Garimpo de Soluções

Cachoeira Paulista

O município dispõe de dois bens tombados pelo CONDEPHAAT, a **Estação Ferroviária de Cachoeira Paulista**[30], em 1982; e a **EE Dr. Evangelista Rodrigues**, em 2010. Esta abriga o Grupo Escolar (ou grupão), com uso educacional desde sua construção, o que traz ao cotidiano dos cachoeirenses uma referência positiva de patrimônio cultural. Já a estação ferroviária segue em sentido oposto. Em 1996 ela deixou de transportar passageiros, mantendo apenas o cargueiro:

> *"A estação funcionou até a privatização (1996), estive lá algumas vezes em 1996 e ainda havia algumas salas ocupadas pelo pessoal da Rede e outra pela AFAP (Associação dos Ferroviários Aposentados e Pensionistas), mas a maior parte da estação já estava em ruínas como as torres e a parte do meio cujo teto já havia desabado há anos. É como você falou, é muita estação para pouca cidade, além da restauração ser cara, o município não teria como arrumar uma finalidade que pudesse compensar o investimento e que tornasse o prédio autossustentável como ocorre na Luz ou na Júlio Prestes. No final do século XIX a estação abrigava além da ferrovia, a agência de correios e a câmara municipal que teve o prédio como sua primeira sede" (Marco Giffoni, 11/2006).*[31]

Em 2023 a prefeitura anunciou ações, reservando dotações orçamentárias para recuperar a área, mas não há evidências de sua efetivação. A malha ferroviária está concessionada à MRS Logística, mas não à posse do imóvel. Caberia contemplar a estratégia utilizada na Estação Ferroviária de Taubaté: conceder o uso e a exploração comercial do imóvel a um ente que busque apoio financeiro junto a instituições que fomentam a salvaguarda do patrimônio cultural, como o BNDES.

Por ora, a estação segue cercada e com mato alto, convertida em um triste testemunho de seu tempo. Enquanto tentávamos imaginar o complexo monumental em sua fase áurea, fomos surpreendidos com o transporte, pela via férrea, de enormes bobinas de metal, transitando indiferentes à presença estanque da estação. Melhor destino teve o Teatro Municipal, atualmente em fase de reforma estrutural, valendo-se de recursos do Dadetur.

Entremeios, um equipamento que serve de local a apresentações culturais é a concha acústica, na Praça Prado Filho. Em 2022 foi anunciada a revitalização da praça e a remoção da concha acústica, sob a justificativa de vir servindo de abrigo a moradores em situação de rua. Até abril de 2024, porém, ela permanecia sem intervenções.

No âmbito sacro, cabe destaque ao Santuário de Nossa Senhora de Santa Cabeça. Situado na Rodovia dos Tropeiros, próximo a Silveiras, deita raízes em 1829. Tem uma igreja pequena, propícia ao acolhimento e ao recolhimento, cercada por árvores frondosas. Há estacionamento e uma lojinha de objetos religiosos, além de uma sala de ex-votos, fotos e demais reconhecimentos por graças alcançadas.

Santuário de Nossa Senhora da Santa Cabeça

Crédito: Aniello de Vita/Expressão Studio/@SETUR

[30] https://saopauloantiga.com.br/estacao-de-cachoeira-paulista/

[31] http://www.estacoesferroviarias.com.br/c/cachoeira.htm

Na área urbana, o eixo da cidade se expande ao ritmo do crescimento da Canção Nova, com impactos visíveis e outros nem tanto. "A especulação imobiliária mudou muito. O terreno que meu pai trocou há anos por um carro usado, hoje vale R$200 mil. O turismo vem verticalizando e aumentando a distância entre as classes, empurrando os mais pobres para as periferias. Com esse êxodo, manifestações culturais tradicionais, como os bloquinhos de carnaval, tornam-se mais raros a cada ano. Se continuar desse jeito, vão desaparecer", lamenta um morador.

A sociedade de Cachoeira Paulista corre o risco de desidratar sua essência – e não é a única a perder nesse processo. A cidade tem mais a oferecer do que é conhecido pelos romeiros, complementando a programação da Canção Nova e ampliando o perfil de visitantes à cidade. É o caso do Museu Doutor Costa Júnior, de entrada gratuita. Singelo, afetuoso e com grande densidade de objetos, guarda a história da cidade, além de ter uma área expositiva, dedicada a artistas locais. Há ainda o Instituto Ruth Guimarães, em homenagem à grande professora, poetisa, romancista, contista, cronista, jornalista e teatróloga, tradutora e pesquisadora de escol da literatura oral no Brasil. Filha de Cachoeira Paulista, foi a primeira escritora negra de projeção nacional e imortalizada pela Academia Paulista de Letras.

Queluz

O município tem dois bens tombados pelo CONDEPHAAT: a **EMEF Cap. José Carlos de Oliveira Garcez**, em 2010; e o **Complexo Ferroviário de Queluz**, em 2019.

Já a Queluz contemporânea, como suas vizinhas, não traz a história no imaginário coletivo, não obstante o testemunho silente de vários edifícios do início do século passado, em boa parte preservados (ao menos externamente). Um deles, o Centro Cultural Malba Tahan, situado na praça da Matriz, é sede das secretarias de Cultura e de Turismo, além de acolher um pequeno espaço expositivo com documentos e artefatos da Revolução de 32 e uma brinquedoteca, no pátio externo.

Conhecer seu uso atual foi frustrante para quem esperava mergulhar no universo de Malba Tahan. Personagem criado pelo professor e matemático Júlio César de Mello e Souza, que residiu na cidade por anos com sua família, o acervo foi transferido para a Unicamp e, em menor parte, para Taubaté, ao que nos foi dito devido a condições insatisfatórias de preservação dos documentos em Queluz.

Quintal (brinquedoteca) do Centro Cultural Malba Tahan

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Em Queluz, foi-nos dito não haver pratos tradicionais. A iguaria mais famosa, "Queluz na Moranga", é recente; ganhou a simpatia dos cidadãos e elevou um item tradicional da cozinha tropeira a ícone da cidade, originando a Festa da Moranga.

Na Fazenda Sertão há um casarão histórico com estrutura preservada. No alambique contíguo à tulha se produz a cachaça Comendador. Acondicionada em barris com dois tipos de madeiras, a bebida descansa em uma sala com paredes vazadas e imersa em um bosque de jabuticabeiras centenárias. Acredita-se que a proximidade das árvores contribua para imprimir à cachaça notas preciosas e raras.

Ao lado do casarão, seguindo a inclinação do terreno que abriga também a senzala de porão, chega-se a um rio com corredeira e água cristalina. Era, no auge do café, o local onde os escravizados se alimentavam, no intervalo da lida. O local é permeado de histórias, contos e casos vinculados ao imaginário da época. Quantos jovens queluzenses terão tido o privilégio de navegar por essas lendas?

Entremeios, algumas tradições e seus ofícios sobrevivem. É o caso da Selas Bueno, com 85 anos; da Lira Queluzense, do alto de seus 68; e de escolas de samba, como a Unidos do Morro e a Tradição da Vila. São, porém, manifestações vulneráveis diante da insuficiência de movimentos de cidadania ativa e apropriação de um patrimônio em parte dormente. Queluz parece ter mais a oferecer do que dá a ver.

Arapeí

Fonte azulejada sem identificação

Crédito: Garimpo de Soluções

Sem bens culturais acautelados, em reunião com gestores públicos ouvimos que os ícones patrimoniais de Arapeí passaram a Bananal quando do desmembramento do município, em 1991. Por outro lado, o patrimônio imaterial parece vívido. Com seu núcleo urbano ainda vinculado à área rural, o fabulário se entremeia ao cotidiano. Uma lenda das mais conhecidas diz que na Santa há três araucárias, atrás das quais estaria um pote de ouro. Quem quiser procurá-lo tem de ir "de três, senão não volta". Lobisomens há vários, inclusive um funcionário da Prefeitura, que às sextas diz não poder trabalhar, por sua condição peculiar.

No núcleo urbano os traços da cultura caipira se fazem presentes de maneira singela. Na esquina diagonal ao prédio da Prefeitura, contíguo ao poste de sinalização dos atrativos, há placas di-

zendo "proibido amarrar animais". Foi-nos relatado que as pessoas costumavam amarrar cavalos no local, enquanto resolviam seus afazeres na Prefeitura, o que demandava limpeza contínua.

Nos festejos, o festival gastronômico tinha como carro-chefe o Lambari com Cachaça. A dificuldade de pescar o peixe pôs fim ao encontro. A aposta dos entrevistados é diferenciar Arapeí pela comida do dia a dia, como broa e café com garapa. Foi com base na comida de raiz que o restaurante da Dona Licéia, fechado e sem sucedâneo, ganhou fama e atraía turistas "que vinham até de helicóptero".

Os gestores reconhecem haver pouca oferta cultural, baixa participação e raros trabalhadores da cultura. A política cultural na cidade parece se restringir a eventos, como a ExpoArapeí, organizada desde 2022. Apesar do nome, é uma festa com artistas conhecidos, de estilos musicais chamativos para o grande público.

No segundo domingo de cada mês ocorre um forró, que "tem tudo a ver com a cultura local", incluindo teclado sanfonado e voz, na sequência da missa do domingo. Tem por maior público a terceira idade. É também esta o principal público da "experiência de cinema". No auditório, dotado de TV de 86 polegadas, há projeção de um filme por plataforma de streaming, acompanhado de guaraná e pipoca. Não foram mencionadas atividades específicas para crianças e jovens.

O orçamento da cultura – incluindo as festas – é de cerca de R$1 milhão/ano. O alento orçamentário vem dos royalties pagos pela Petrobras, visto Arapeí sediar a estação de bombeamento de um gasoduto. Fruto de uma ação judicial ganha pela Prefeitura (a de Silveiras teria perdido pleito similar), o recurso teria elevado o orçamento municipal de R$17 milhões para R$32 milhões/ano.

Cenas da cultura caipira em Arapeí

Crédito: Garimpo de Soluções

Lavrinhas

Lavrinhas não possui bens culturais com acautelamento. O distrito de Pinheiros chama a atenção por alguns edifícios antigos, como a imponente Igreja de São Francisco e a configuração usualmente associada a centros urbanos, com igreja, praça e órgão público, que não se nota no Centro de Lavrinhas.

Um ex-vereador relatou que, em 1944, Pinheiros foi extinto como município e se tornou distrito do novo município de Lavrinhas. O "golpe" teria sido justificado, à época, pela proximidade da estação ferroviária e gerado animosidade por décadas, entre os moradores dos dois locais. Esse seria um dos três motivos pelos quais a história de Lavrinhas é ignorada por boa parte da sociedade, em especial os jovens. É em Pinheiros e na Capela do Jacu que se concentram muitas das tradições remanescentes, as passagens históricas e o patrimônio. Com isso, a essência da identidade do município deixou de ser experienciada como antes o era. Integram esse rol a Festa de São Francisco, o Festival da Paçoca (no domingo de Ramos) e quitutes como o pirão de peixe ("o Paraíba dava muito cascudo"), além das festas de carnaval, São Judas e dos padroeiros.

Sede da ONG Juntos Somos Mais Fortes

Crédito: Coop Audiovisual/ Garimpo de Soluções

Em segundo lugar, as distâncias entre os bairros são grandes e "o transporte público não funciona ou funciona de forma muito espaçada". Em terceiro, a influência de dogmas religiosos contrários às festas profanas. Em suma, as festas tradicionais não ocorrem mais, as manifestações culturais em geral se perderam, as pessoas desconhecem sua história. Sentindo-se paulatinamente à deriva, sem os esteios da fruição dos atrativos naturais e da união do tecido social que se alicerçava nas tradições culturais, alguns cidadãos fundaram movimentos sociais.

Em Pinheiros há o projeto "Entre Amigos", que organiza atividades de carnaval como forma de combater a vulnerabilidade dos jovens à dependência química.

Já no Centro foi criado o projeto "Juntos Somos Mais Fortes". Tatiane, sua fundadora, conta que cresceu em um abrigo para menores. Aos 15 anos se tornou guarda-mirim em Cruzeiro. Retornando à cidade e hoje mãe, ela resolveu agir "para tirar as crianças e os adolescentes das ruas". Mesmo desempregada, alugou um galpão e conta com voluntários para oferecer atividades culturais e esportivas: jogos teatrais, rodas de leitura, capoeira, além de distribuir medicamentos e roupas doados.

Como informação complementar, cabe enfatizar que os municípios que tiverem uma política cultural e de economia criativa de fato terão à disposição a oportunidade de alavancar suas ações com os repasses financeiros da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB). A tabela apresenta os valores dos recursos recebidos em 2024, referentes a 2023. Tendo em vista o rateio ser calculado com base na população e no Fundo de Participação Municipal, é razoável pressupor que os mesmos valores serão mantidos pelos quatro anos seguintes.

Valores de repasse da PNAB

	Em R$ (2023)*
Arapeí	37.944,68
Areias	45.301,65
Bananal	91.078,96
Cachoeira Paulista	250.748,24
Cruzeiro	555.176,33
Lavrinhas	66.505,29
Queluz	94.366,40
São José do Barreiro	46.292,98
Silveiras	60.694,05

Fonte: Ministério da Cultura/Painel PNAB

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Em vista do quadro esboçado, torna-se premente realizar ações de educação patrimonial como forma de alicerçar a identidade dos jovens, torná-los mais cientes do valor e das oportunidades de seu território e críticos quanto a caminhos supostamente fáceis – seja o do flagelo das drogas ou o do pote de ouro por trás do arco-íris da migração. Políticas culturais pautadas por eventos que não olham também para dentro não contribuem para essa construção.

O desconhecimento das histórias de suas cidades e de suas gentes, de seu território, de sua região, coloca em risco o vínculo entre a serra e o núcleo urbano, entre as gerações, entre o esteio do passado e o sonho de futuro. Soa incoerente haver uma aposta no turismo histórico-cultural, se quem produz as histórias as desconhece.

O referencial de pertencimento conferido pela cultura do território persiste e se faz sentir, quando há ouvidos para tanto. A respaldar essa leitura, em todas as oficinas realizadas um ou dois participantes mais vividos relataram fatos e casos do contexto histórico, cultural ou natural que surpreenderam e encantaram os demais. É evidente a necessidade de um programa de educação patrimonial que engaje as pessoas e estimule a constituição de um senso de comunidade, do qual o território carece – e sem o qual o turismo cultural se apoiaria em areia movediça.

Reitera-se a importância de proceder a um mapeamento coletivo do que cada município entesoura de tradições, manifestações e também de empreendimentos criativos contemporâneos, concebidos em diálogo com as singularidades

Paisagem serrana

Crédito: Garimpo de Soluções

do território, gerando produtos e serviços diferenciais, latentes ou patentes. A partir desse esquadrinhar do ecossistema cultural da região seria natural criar movimentos pequenos, complementares e contínuos, de festividades, negócios e propostas, não "para o turista" mas "pelo cidadão" e, por decorrência, para o turista.

Algumas iniciativas já se fazem sentir. Em São José do Barreiro, o Rancho recebeu turmas da escola municipal para almoçar a legítima comida tropeira e alimentar a alma com as histórias dos ingredientes, pratos e modos de preparo. Este ano pretende ampliar o número de séries, em parceria com a Secretaria de Educação. A agência Bocaina Experience organiza visitas dos estudantes às fazendas Pau d'Alho e Catadupa e ao Parque Nacional. O Club dos 200 tem recebido estudantes de Formoso, que se embevecem com a riqueza que desconheciam ser também deles.

Em Bananal, a RPPN Santa Inez, a IBIOS, a AMOVALE participam e/ou coordenam iniciativas de sensibilização ambiental, cultural, social. Interrompido por anos, o programa de educação patrimonial da Secretaria Municipal de Educação foi retomado e, pelo que nos foi relatado, pretende-se perenizar sua realização em um Projeto de Lei. No quarto ano há visita ao Centro Histórico; no quinto, às fazendas; do sexto ao nono, o professor escolhe. Complementarmente, o restaurante Casarão Andrade ilustra todas as mesas com pontos históricos, demonstrando o quanto o patrimônio beneficia e diferencia também os empreendimentos.

Quando perguntamos a um jovem estudante da região se havia educação patrimonial em sua escola, o distanciamento entre aprender, apreender e introjetar foi nítido: "Na escola a gente aprende sobre a história da cidade, como se formou, os casarões, essas coisas antigas da cidade. Mas não vejo patrimônio cultural, as violas, os Reis que temos aqui, bandas, nada sobre estudo disso." Sim à educação patrimonial – a que envolve datas com narrativas, fatos passados com vivências presentes e olhares futuros. O território expandido Vale Histórico é ideal para fazer do patrimônio um oxigenador de possibilidades de futuro.

Vsta aérea de Cachoeira Paulista

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

VALE DAS HISTÓRIAS

CAPÍTULO 8

Recorte Setorial: Artesanato

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Em 2023 foi realizado o Diagnóstico do Artesanato Brasileiro e Planejamento Estratégico, como primeira etapa do Projeto Estruturação do Sistema de Gestão do Artesanato Brasileiro, coordenado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a pedido do Ministério da Economia. Além de consultas a dados secundários, a equipe entrevistou representantes de instituições das unidades federativas.

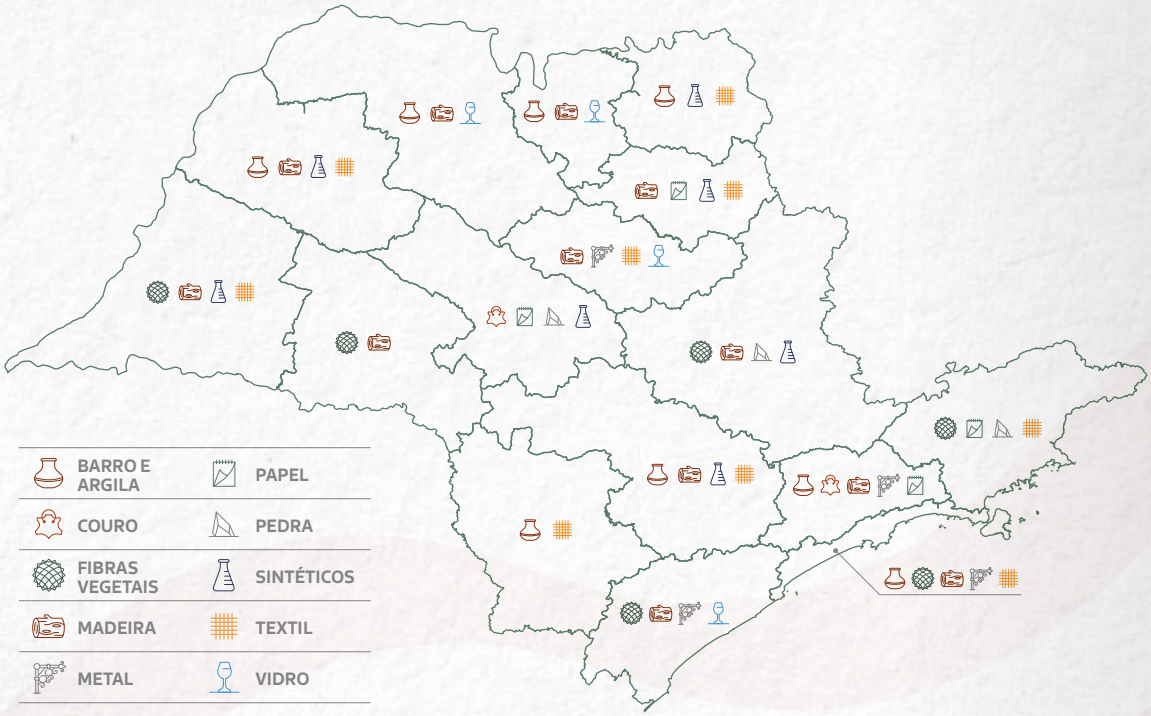
Em que pese apenas três das 75 entrevistas qualitativas do diagnóstico terem sido realizadas com instituições do estado de São Paulo (Sebrae-SP; Federação das Associações (Fedart), Cooperativas e Grupos Produtivos de Artesãos do Estado de São Paulo e Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) no estado), as conclusões gerais podem ser transpostas ao contexto regional. Dentre elas, destacam-se duas. Primeira, a ausência de políticas públicas efetivas para o artesanato – diluídas no tempo e no espaço, circunstanciais, descontínuas e dependentes do interesse da gestão municipal e/ou estadual em apoiar e fomentar o artesanato. Segunda, o entendimento de que a política de promoção do artesanato deve priorizar a ação municipal, visto o aparato local conhecer as especificidades dos artesãos.

Ressalvadas as diferenças regionais e estaduais, o diagnóstico revelou que a maioria dos trabalhadores do artesanato no Brasil – 540.072 pessoas – é composta por mulheres, pretos e pardos; com nível médio incompleto de escolaridade; residentes em áreas urbanas; sem cobertura previdenciária; com trabalho informal e por conta própria; com baixo nível de associativismo; idade média de 40 anos; e com renda mensal média auferida do trabalho artesão de um salário mínimo.

Duas questões são especialmente relevantes, no que tange à sustentabilidade financeira do trabalho e, por conseguinte, o desafio de mobilizar jovens. São elas: a falta de uma política consistente de comercialização e independente das feiras; a falta de organização em associação, gerando (entre outros desafios), preços elevados de insumos e dificuldade em transportá-los para o local de produção. Complementarmente, apesar de haver leis e projetos de leis estaduais, a fragmentação e a descontinuidade das políticas públicas enfraquecem a proteção e a promoção da atividade. A esse contexto soma-se a constatação de não raro mesmo os gestores e representantes de artesãos desconhecerem os instrumentos legais.

Em terras paulistas, o estudo setorial mais recente sobre o setor – Plano do Artesanato Paulista – foi realizado em 2022 pela Fundação Instituto de Administração (FIA), por demanda da Superintendência dos Trabalhos Artesanais das Comunidades (Sutaco), ligada à Secretaria de Desenvolvimento do Estado de São Paulo. As conclusões indicam que mais de 90% do artesanato paulista é comercializado localmente, com vendas residuais ou inexistentes fora do estado. Há baixo recurso a estratégias digitais de venda e a produção é eminentemente feminina (85% dos artesãos), ainda que envolvendo outro integrante da família.

Mapa do Artesanato Paulista 2022



Fonte: Mapa do Artesanato Paulista, FIA/SUTACO

Trata-se de uma atividade associada à baixa renda – em sua produção (77,7% das famílias recebem até três salários mínimos mensais) e no nível de remuneração (apenas 25% dos artesãos declaram ter no artesanato sua principal fonte de renda).

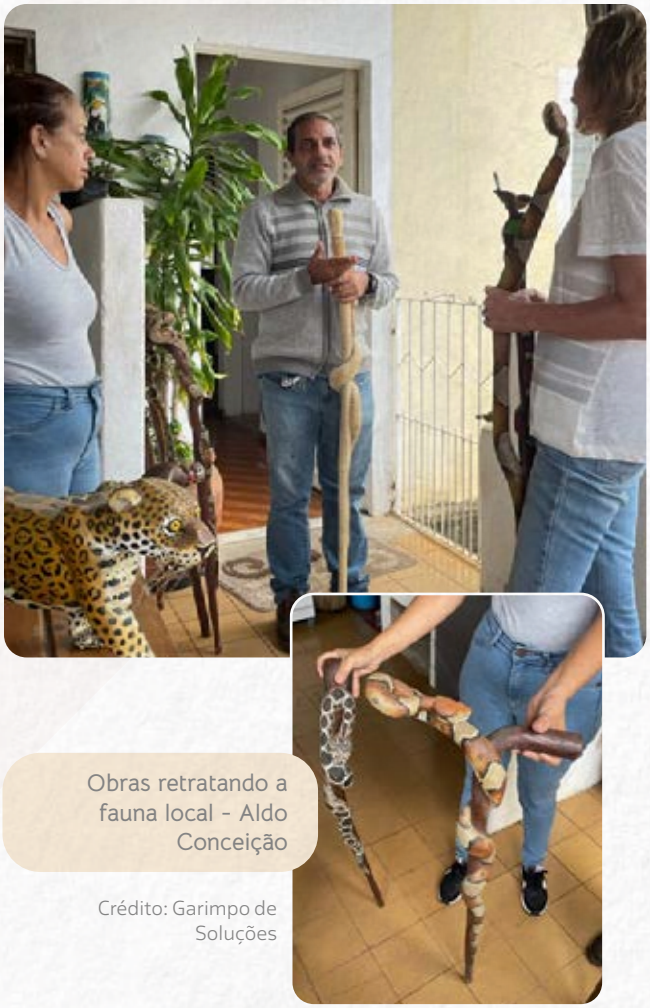
O estudo ainda enfatiza que 117 municípios têm convênio com o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), havendo órgão público de atenção ao artesanato em todos eles. Em 42 outros municípios há órgãos públicos não conveniados. Como o site do programa está parcialmente fora do ar, não foi possível identificar a situação dos municípios do território. Os benefícios para o artesão se inscrever seriam: participação em feiras de artesanato nacionais e internacionais, oficinas e cursos; acesso a incentivos fiscais (somente em alguns estados); isenção do ICMS na comercialização dos produtos; acesso facilitado ao microcrédito; acesso à nota fiscal avulsa de Emissão Eletrônica (e-NFA); contribuição autônoma, para fins previdenciários.

No mapa apresentado pelo estudo da SUTACO, o Vale do Paraíba teria seu artesanato baseado em têxteis, argila, papel e fibras vegetais, desconsiderando portanto o suporte em madeira que caracteriza o trabalho artesanal em municípios como Silveiras e, em parte, Areias. Não há recorte de dados relativos ao território e menos ainda de cada município.

Arapeí

Em reunião com os gestores municipais, foi-nos relatado que o artesanato de crochê teve origem no então distrito e hoje município de Arapeí. A fábrica de barbantes que operou na região e promoveu o período mais faustoso da região se valia da usina hidrelétrica que ainda existe e é abastecida pela Cachoeira da Usina – uma queda d'água com 80 metros de altura.

Com o fechamento da fábrica, o custo dos fios de algodão inviabilizou a produção, tradicionalmente vendida em lojas de Bananal. As famílias pararam de fazer crochê, que as novas gerações não aprenderam. Cursos de artesanato em bambu ou folha de coqueiro são ocasionalmente oferecidos pela Prefeitura mas os alunos os frequentam por lazer, sem a ambição de terem no artesanato uma profissão.



Obras retratando a fauna local - Aldo Conceição

Crédito: Garimpo de Soluções

Durante a oficina conhecemos várias senhoras que se apresentaram como artesãs, muitas delas em cestaria. Sua maior queixa é não ter onde comercializar a produção. De fato, nas lojas da cidade não localizamos produtos artesanais, fossem locais ou da região e tampouco souberam indicar quem os confeccionasse.

Acabamos localizando um artesão em madeira, o Sr. Aldo Conceição, funcionário da Prefeitura e artesão autodidata nas horas vagas, que esculpe animais em ramos de madeira descartados pela mata. Sua perícia e o cuidado que devota aos detalhes são fascinantes. Saem de suas mãos serpentes com milhares de escamas, pássaros da Mata Atlântica fiéis a cada traço, serelepes prontos a saltar dos galhos.

Trombonista amador, Aldo sonha em compartilhar o que sabe para tirar os jovens da rua e ajudá-los a ter renda. "Os jovens vão embora, quando a vontade deles é estar aqui. Não falta só um apoio educacional, mas apoio moral e trabalho para gerar dignidade". Recentemente ele se propôs a ministrar oficinas gratuitas de escultura, cujas ferramentas a Prefeitura já comprou e está por definir o espaço.

Areias

Há na cidade algumas opções de lojas de artesanato, próximas entre si e onde o turista é bem recebido. A NanaNina, na Rodovia dos Tropeiros, oferece itens em fibra e alguns brinquedos em madeira. Ainda na via estão a Mulheres de Fibra e a Casa do Artesão – espaço da Prefeitura –, com proposta de desenvolvimento social.

Onde localizamos, identificamos dois artesãos de destaque. Na rua lateral à Casa de Câmara e Cadeia se localiza a loja Artesanato Carvalho. Quem a dirige é Vinícius, da segunda geração de um clã de oito irmãos de Silveiras, que aprenderam quando jovens a esculpir pássaros em madeira. Vinícius adotou Areias, vendendo em seu negócio obras da família e suas. Têm feitio próximo ao das encontradas em Silveiras, mas com mais variedade – de pássaros e, em menor número, de outros animais da Mata Atlântica. Vinícius também trabalha sob encomenda – lançamos o desafio de esculpir pássaros da região que não encontramos na loja e pouco depois ele já os tinha em mãos.

A entrevista atestou o compromisso do empresário com seu negócio, onde busca diferenciar seus produtos – das etiquetas nomeando cada espécie de pássaro (o que não encontramos em outros municípios), à papelaria customizada; da localização estratégica da loja, à venda em marketplaces de referência (Amazon, Elo7, Mercado Livre). O fato, porém, de todas as atividades – gestão da loja, encomenda e criação de peças, comunicação, atendimento e vendas etc. – se concentrarem em uma pessoa gera sobrecargas no horário de atendimento, na produção das peças, na atualização de publicações nas redes sociais (tem quase 19 mil seguidores no Instagram).

Já o Angellito Arte Caffé vem consolidando um posicionamento de negócios que mescla artesanato com veios locais (dos contos de Monteiro Lobato à içá, de São Francisco em versão caipira

Artesanato Carvalho

Crédito: Garimpo de Soluções

a cabaças convertidas em galinhas), gulodices várias e um espaço que convida à permanência. Angelito e Gabriel alugaram em 2019 a casa onde trabalham, na rua principal da cidade. Abriram a loja em outubro do mesmo ano, justo antes da pandemia e conseguiram se manter enquanto produziam suas criações – artesanais (Angelito cria em biscuit; as demais peças à venda são de outros artesãos locais) e culinárias.

Bananal

A referência do artesanato em barbante, ofício que revolucionou a economia da cidade, décadas atrás, é Dona Laurinha. Há quem diga que, no auge, a cadeia do artesanato de barbante tenha movimentado dois mil artesãos.

Árvore de barbante - Natal de 2023

Crédito: Garimpo de Soluções

"Ela comprava barbante cru e desenvolvia projetos que vinham de São Paulo, em um top de bom gosto. Todos faziam crochê: homens, mulheres e crianças." Quem rememora é Maria Lúcia Prado Uchôa Maciel, a Minuca, ex-Secretária de Cultura, proprietária da RPPN Chácara Santa Inez e cidadã ativa. De fato, os participantes da oficina com idade suficiente para terem vivido esse período comentaram ter aprendido a fazer crochê com seus pais ou avós e comprado balas e brinquedos com o que ganhavam produzindo suas peças. Hoje, não mais.

Por um lado, houve queda na demanda. Aventa-se que pela massificação das peças, sem diferencial, tornando-se mais vulneráveis à concorrência e à briga por preços baixos. Questionados se isso não engendraria uma oportunidade de voltar a fazer produtos mais elaborados, com maior valor agregado, a leitura é a de que o turista de Bananal não teria poder aquisitivo para pagar mais. "Não é turista, é durista."

No geral, entende-se que não foi tanto a queda do preço e sim a exploração no comércio o que desanimou os artesãos. A "máfia" pagaria R$4 pela confecção de um tapete de 40cm x 60cm. Há, porém, quem se preste à dinâmica, preferindo ganhar pouco mas ir ao mercado em seguida, do que vender em consignação. A Casa do Artesão, no térreo do Solar Aguiar Vallim, é uma opção para alguns mas não para todos. Apesar de o espaço ser municipal, é mantido pelas artesãs, que organizam bingos, festas e outros meios de arrecadar fundos. Foi graças à mobilização cidadã que o Solar não ruiu, anos atrás. Sua autogestão segue regras de funcionamento e compromisso – com rodízio no atendimento aos clientes e na limpeza. No local, além de artesanato de técnicas e materiais vários, como crochê de barbante, tear, madeira, pintura, biscuit, bordado, há doces, geleias e chocolates.

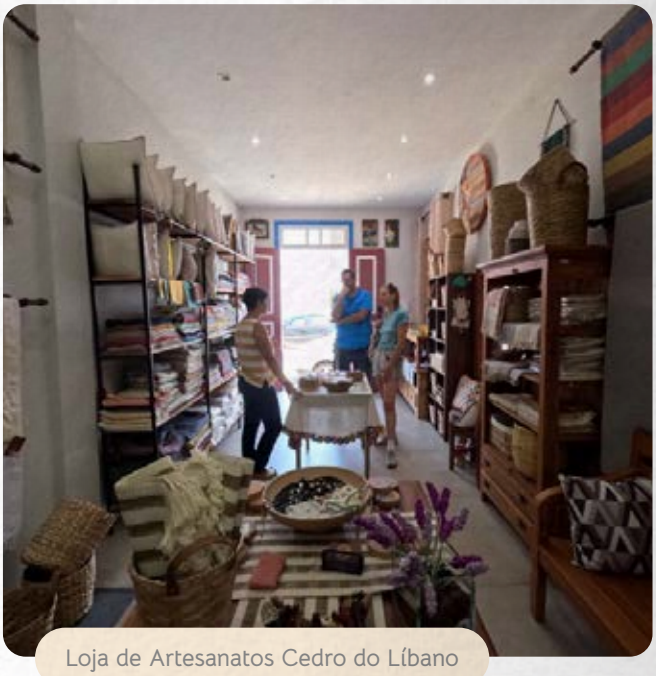
Nas entrevistas foi dito que tentativas de criar uma cooperativa de artesãos não funcionaram, pela resistência de comerciantes e distribuidores que operam no atacado. Há na cidade várias lojas de artesanato de crochê de barbante. Visitamos algumas delas, perguntando quem criava e produzia as peças. Ficou claro que há peças de varejo e outras, mais padronizadas – tapetinhos, jogos

americanos, pequenas cortinas – vendidas no atacado. Estes, na maioria, de terceiros.

Uma exceção é Juliana Marques, da Cedro do Líbano. Além de criar, produzir e administrar sua loja, ela também vende peças de terceiros, insere pro bono em suas peças materiais de divulgação das fazendas (como a Fazenda dos Coqueiros) e participa da gestão da Casa do Artesão.

Para o turista, os desafios do setor não são visíveis. Em uma das visitas havia decoração natalina, na Praça da Matriz. Seu elemento central de confecção era o crochê de barbante, inclusive na criação de uma árvore de Natal bastante original.

Na Bocaina conversamos com Luiz Carlos Inglês, que frequenta a cidade há 40 anos, quando o caminho de Barra Mansa ainda era de terra. Ele fez carreira como diretor de cinema publicitário no Rio e se mudou para Bananal há 14 anos. Além de participar da direção da AMOVALE, trabalha com design em bambus – planta cerca 30 espécies, para aplicações diferentes. Há anos criou uma capacitação para jovens em design de bambu, oferecendo as aulas e o material. A Prefeitura à época, porém, não teria aceitado arcar com o transporte e a alimentação, inviabilizando o projeto.



Loja de Artesanatos Cedro do Líbano

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Cachoeira Paulista

Não há uma cena evidente de artesanato na cidade. O Parque Ecológico Nélson Lorena abriga a Casa do Artesão Dona Mariucha, com uma variedade de propostas, materiais e técnicas de artesanato: crochê, macramê, madeira, bonecas de tecido, vitral, carrinhos de madeira, bolsas. No Parque também há um mural de graffiti representando a diversidade da região, criado por artistas do Studio Base Art.

Na área rural Amarilys, santista radicada em Cachoeira há anos, criou em sua Fazenda Serra do Gigante, no Embaú, um original roteiro com sete portais, ao longo dos quais também trabalha aromaterapia. Em 2018 fundou a amuletos.etc., empresa de artesanato e design baseada em cipó e outros materiais coletados na natureza, que transforma em guirlandas e kits como o Wicca, composto por uma varinha de feitiços e uma pequena vassoura de bruxa.

Graffiti do Parque Ecológico Nélson Lorena

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Seu marido criou a Aval Toys, uma engenhosa versão de "lego" de veículos em MDF 3D, com pecinhas de madeira, além de outros quebra-cabeças vendidos online.

No bairro Xavier, o jovem Gabriel Hummel se dedica ao artesanato em couro. O que começou de forma descompromissada se tornou um empreendimento que dá origem a cintos, carteiras, capas de celular, tranças, rédeas de crina, cabrestos.

Quebra-cabeça da Aval Toys e peça da Amuletos.etc

Crédito: Aval Toys e Amuletos.etc

Cruzeiro

Com base na participação de artesãos na oficina, não há na cidade um artesanato com identidade própria, ainda que este seja uma boa fonte de renda. "Há muitas manualidades mas não artesanato", menos ainda vinculados às singularidades regionais, à exceção de um incipiente design em cabaça.

Vários artesãos integram a Rede de Apoio ao Artesanato – que organiza a Praça do Artesanato e o Centro de Apoio ao Artesão. Vinculado à Secretaria Municipal de Esportes, Cultura, Lazer e Juventude, o Centro funciona na biblioteca municipal Professora Marlene Sampaio Pinto. Há uma variedade de itens à venda – caminhos de mesa, jogos americanos, quadros, flores sintéticas, de diferentes qualidades. No local também são realizados cursos gratuitos de artesanato.

Centro de Apoio ao Artesão

Crédito: Garimpo de Soluções

Lavrinhas

A Casa do Artesão se localiza na via de acesso aos balneários. Passamos na frente dela em dias e horários aleatórios e nem sempre estava aberta. Nas duas ocasiões em que isso ocorreu a experiência foi acolhedora – não pela variedade (restrita) ou qualidade (variável) dos itens, mas pela recepção de Dona Elvira, gestora do espaço.

Senhora muito comunicativa, ela conta que foi do Executivo municipal, trabalhou por anos em projetos sociais em São Paulo e voltou à sua Lavrinhas natal há outros tantos. Dona Elvira nos guia pelas histórias das artesãs, do que entende por desafios da cidade (população assistida mas carente, desinteresse geral dos jovens) e de suas delícias (tranquilidade, natureza). Estende um copinho de café, ouve que gostamos de paçoca e se prontifica a nos apresentar a quem faz o doce artesanalmente, dá dicas de onde ir. Na mesa no outro lado do salão, há uma pessoa de informações turísticas. Ao final da conversa, é inevitável comprar uma peça ou gulodice.

Já na oficina, os artesãos disseram estar em busca de um feitio próprio para suas criações. Chamar as peças de "artesanato" seria uma maneira de atrair quem faz manualidades mas falta uma identidade para firmá-las como produtos culturais. Isso ocorrendo, entende-se que estes poderiam ser comercializados não somente na Casa do Artesão mas também nos balneários e demais locais de fluxo turístico.

Infotur e Casa do Artesão

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Queluz

Da praça da Igreja Matriz é possível observar ainda o Alto São Pedro (ou Alto das Panelas), morro de onde os Puri retiravam barro para seu artesanato. A perda dessa tradição, bem como de outras demais manifestações artesanais, ensejou a realização de projetos de resgate, como com fibra de taboa. Hoje, são raras as artesãs que a trabalham.

Na oficina tivemos a participação de artesãs de materiais vários – macramé, cabaça, costura criativa, *biscuit* e mesmo taboa. Juntas, elas compõem a Associação Feirarte, criada há vários anos, tendo por mote desenvolver o turismo por meio da cultura e da história da cidade (uma das componentes é historiadora, inclusive). Entre suas bandeiras está inserir a história de Queluz no currículo das escolas.

A demanda mais premente das artesãs é pela divulgação antecipada de um calendário anual dos eventos da Prefeitura.

São José do Barreiro

No núcleo urbano de Barreiro, à parte os artesanatos comercializados no Rancho, não localizamos peças diferenciadas, nem um espaço dedicado ao artesanato local. Na conversa com moradores foi-nos dito que o sertão ainda é pródigo em cestaria, usualmente confeccionada com bambu ou cipó, para peças utilitárias. Não se sabe, porém, onde encontrar os artesãos ou seus produtos.

Iniciativa mais recente é a Conexão Barreiro – unindo mulheres, conectando talentos. Composta por um coletivo de mulheres da cidade, oferece geleias, doces de leite, torradinhas, escabeches, molhos, granolas e afins, embaladas com esmero, além de acessórios e kokedamas. Em setembro de 2023 inaugurou um espaço na Galeria Coroné, aberto aos fins de semana ou mediante agendamento.

Stand de produtos da Conexão Barreiro

Crédito: Garimpo de Soluções

Silveiras

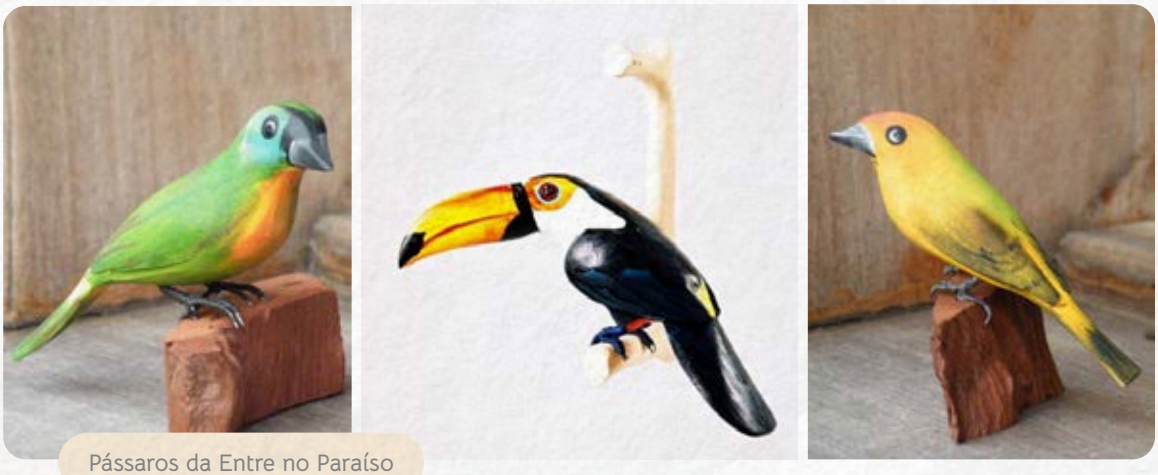
A valorização do artesanato de Silveiras parece, ao menos parcialmente, ter se beneficiado do processo de transformação engendrado na cidade na década de 1980. Filho da cidade, Ocílio José Azevedo Ferraz a ela retornou, após um longo período na capital e se deparou com um contexto de desalento geral.

> *O campo de futebol desmotivado, o clube social paralisado, a Santa Casa com seu patrimônio desorganizado, o Sindicato Rural enfraquecido, o órgão da Igreja Matriz mudo e comido pelo caruncho; a desesperança era evidente. Uma comunidade se extingue quando as suas entidades são abandonadas.*[32]

Com a intenção de "resgatar e colocar a cultura e o ambiente de Silveiras em seu devido lugar", foram mobilizados artesãos locais e de cidades vizinhas, em uma primeira edição da Exposição Feira de Artesanato, resultando na venda de peças artesanais e no cadastro de artesãos na Sutaco.

A continuidade do processo de "reconstrução do município", por meio da valorização do patrimônio "cultural, ambiental e local", teria sido possível graças à chegada de compradores de artesanato, independentemente das feiras. O interesse levaria à reforma das casas, para melhor acolher os visitantes. O artesanato vinha acompanhado de outras expressões da cultura tropeira, como do Rally

[32] Ferraz, Ocílio J. A., Voltando às Origens. 1984. P.15



Pássaros da Entre no Paraíso

Crédito: Garimpo de Soluções

Mundial de Carroças, organizado em paralelo ao Mundial de Automobilismo, com direito a enfeites nos veículos, rodas de viola e partidas de truco.

O primeiro aniversário do movimento enalteceu os impactos gerados:

> *Nota-se o aumento gradativo na produção artesanal e a integração entre artesãos da zona rural e urbana. Afloram propostas antigas na área de brinquedos, anedotas e músicas de autoria de silveirenses e compostas nas primeiras décadas deste século. (...) São recebidos os primeiros convites para as apresentações dos silveirenses em cidades vizinhas. Uma exposição circulante do artesanato local é mostrada nos principais hotéis, clubes sociais e escolas do Vale do Paraíba.*[33]

O artesanato é apresentado como uma ponta de lança do patrimônio cultural e ambiental. Atrelado a ele vinham a culinária tradicional, a poesia com "rimas alegres e sutis", novos estudos arqueológicos e espeleológicos da Serra da Bocaina, o registro das trilhas tropeiras do período colonial e das trincheiras das revoluções de 1842 e 1932, dos ditados populares, de silveirenses ilustres, repentistas, do anedotário e das crendices. Um dos resultados concretos desse reconhecimento foi a criação do primeiro Parque Ecológico e Turístico da região.

O engajamento da comunidade em todo esse processo foi tido como fundamental para sua realização – até mesmo da comunicação. Um dos estratagemas utilizados para esse fim foi a catalogação de 10 mil nomes que receberiam convites para a Festa do Tropeiro, em 1981, em uma lista composta a partir de consulta a todas as famílias da cidade[34]. O testemunho de Ocílio Ferraz, ao término da festa, é tocante:

> *Ao final, a missa realizada à noite, coroou o esforço; uma forte chuva ocorreu. Assistindo a cerimônia, escutando as músicas caboclas e o forte aguaceiro, pedi: vem chuva, lave e leve a decadência de minha terra, faça frutificar este esforço pela reconstrução deste patrimônio brasileiro; os silveirenses precisam voltar a nascer, seus cordões umbilicais têm que ser enterrados aqui. Esta terra que deu tantos homens que lutaram pelo Brasil terá que dar novamente filhos que lutem pela própria Silveiras.*[35]

[33] Ferraz, *op. cit.*, p.27

[34] Em 2023 a festa celebrou sua 39a. edição.

[35] Ferraz, op. cit., p. 43

Festa do Tropeiro

Fonte: Orgulho Caipira

Parte dessa luta – e do resgate patrimonial no qual a valorização do artesanato se insere – foi o abaixo-assinado que levou à denominação de Rodovia dos Tropeiros ao trecho da SP68 que sai da Via Dutra, na altura de Cachoeira Paulista e segue até a divisa com o Rio de Janeiro, passando por Areias, São José do Barreiro e Bananal.

Também surgiu a Casa de Silveiras. Iniciativa de artesãos, foi apoiada pelos poderes públicos municipal e estadual e pela imprensa. A proposta era levar aos paulistanos o artesanato, a cultura e o tropeirismo, tendo na Casa de Silveiras seu centro irradiador para o Vale do Paraíba. O movimento culminou na realização do Festival Gastronômico Cultural do Tropeirismo do Vale do Paraíba, no então celebrado Hotel Caesar Park de São Paulo.

A produção dos pássaros em madeira teve outras confluências. Um de seus maiores expoentes é João Camillo Pena. Paulistano, fazia artesanato quando jovem e se mudou em 1976 para Silveiras, onde começou a trabalhar com tapeçaria e macramé. Desenhava peças exclusivas (tem um ótimo traço no papel) e vendia para lojas de várias capitais, até que uma lojista carioca lhe encomendou passarinhos de madeira. Uniu a necessidade de responder à demanda à possibilidade de formar jovens na pintura dos pássaros e à intenção de promover a fauna da Mata Atlântica.

João Camillo e sua esposa, Denise, participaram da ARCCO, da APEAR e são mobilizadores de vários encontros de referência em cultura, como a Bienal de Arte da Bocaina, que ocorre desde 2016. Passaram a ser artesãos-empresários por volta de 2005, quando compraram um terreno onde hoje funciona sua loja, a Entre no Paraíso – um charmoso atelier de artesanatos locais diferenciados e espaço de café, que ocupa um simpático edifício amarelo, ao lado do portal da cidade.

Já os pássaros em madeira seguiram outro rumo. Com o sucesso das vendas, comerciantes da cidade começaram a copiá-los, ainda que com outra qualidade. Hoje, a produção se tornou padronizada, serializada, com pássaros de diferentes tamanhos mas versando sobre as mesmas espécies: arara, tucano, coruja, papagaio. O forte das vendas é o atacado, distribuído por lojas no Pantanal, na Amazônia, no Embu e no litoral norte. O modelo de negócio é a quantidade, a preços baixos. Os mexedores de bebidas, com pássaros pequenos, custam R$1,50.

Hoje, a maioria das lojas é suprida por pequenas unidades industriais, com linha de produção fragmentada e terceirização do trabalho. Com estrutura às vezes informal, as peças não são assinadas, já que muitas vezes o revendedor é quem quer fazê-lo. A ideia de trabalhar com duas gamas de produtos – de combate, por preço baixo; e diferenciados, com valor agregado, não foi colhida com entusiasmo.

O fluxo de turistas é inconstante. Muitos dos que chegam à região desviam na estrada Queluz-Areias em direção a Bananal e não visitam Silveiras. Essa foi a explicação dada para o fato de as lojas não abrirem aos fins de semana. Na oficina foi relatada a tentativa de organizar a Casa do Artesão – que não teria ido adiante, devido à pouca união dos profissionais.

Casa do Artesão (Bananal)

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

perfil dos artesãos e de suas obras – nem nas áreas urbanas, nem nos sertões. Esses dados são fundamentais para o embasamento de uma estratégia de desenvolvimento do setor.

Considerações

1. É nítida a necessidade de trabalhar veios de identidade no artesanato do território – verbalizada, inclusive, por vários artesãos. Em uma região tão rica de singularidades ambientais, culturais e históricas, há inúmeras possibilidades de diferenciação que se criam em diálogo com o território. Alguns empreendimentos já vêm atuando nessa linha, como o Angellito Arte e Caffé e a Amuletos.etc, mas ainda são exceções.

2. Enfatize-se a importância e a oportunidade de envolver os produtos criados com a narrativa do artesão e do próprio objeto – materiais utilizados, processo de produção, história do artesão etc. –, de modo a revelar o valor por trás do preço.

3. Apresenta-se, como nos demais setores analisados, a urgência de promover um mapeamento. Não há clareza acerca do número e do

4. Há queixas recorrentes à falta de políticas públicas voltadas ao artesanato, tanto em termos estratégicos, quanto de implementação de ações básicas, nas mais diversas frentes: capacitação, disponibilização de um espaço adequado para venda, divulgação e comunicação em geral, incentivo para participação em feiras etc.

5. Os dois municípios mais associados à produção de artesanato – Bananal e Silveiras – compartilham um contexto de terceirização da produção, priorização da venda por atacado, limitação da variedade e concorrência por preço baixo. Esse quadro desvaloriza o criador e põe em xeque sua sustentabilidade financeira, desmotivando a sucessão do saber e o interesse dos jovens se envolverem com o trabalho artesanal. Cabe avaliar oportunidades de mercado para a capacitação, o desenvolvimento e a comercialização de linhas com valor agregado.

6. Sugere-se avaliar a pertinência do desenvolvimento de uma associação regional de artesãos, valendo-se dos processos de comunicação e implementação de uma nova marca-território.

Artesanato regional

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

Capítulo 9

Marca-território

O QUE É UMA MARCA-TERRITÓRIO?

Marca-território é uma representação do universo das pessoas que constituem um território. Traz encapsulada em si o que para elas carrega valor, identificação e singularidade. Mescla marcos físicos, memórias coletivas, cores, sensações, leituras de horizontes, reais, mentais, afetivos. É um microcosmo de elementos que remetem ao percurso histórico, ao momento presente e ao que se almeja para o futuro.

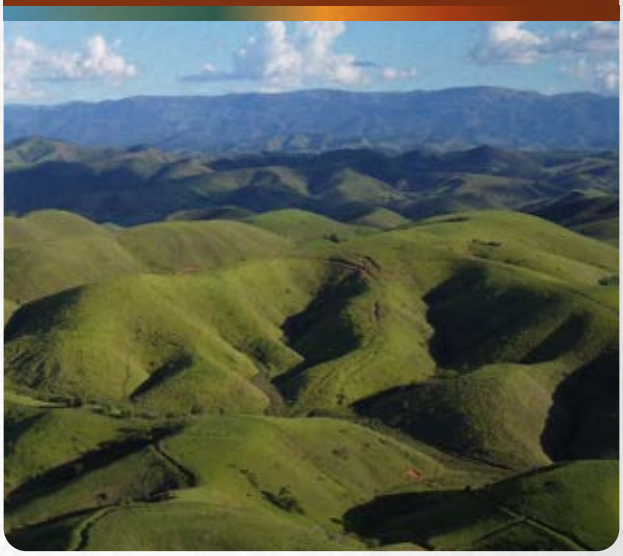
MARCA-TERRITÓRIO VALE DAS HISTÓRIAS

Quando nos enveredamos por Arapeí, Areias, Bananal, Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Lavrinhas, Queluz, São José do Barreiro e Silveiras, fomos apresentados a realidades distintas e complementares, conforme vistas pelas pessoas que lá estão. A uni-las, além da paisagem exuberante, da proteção das serras, da presença do rio, do bem-estar e da vontade de se reinventar, sobressaía uma profusão de histórias.

Que riqueza de casos, fabulários, mitos, lendas, contos, saberes, fazeres, passagens históricas! Alguns muito conhecidos, escritos com letras de ouro nos registros oficiais; muitos outros diluídos, quase esquecidos, clamando por se fazer escutar e reverberar pelo território. Às histórias do passado se soma uma miríade de histórias criadas a cada dia. Histórias de gente briosa, diligente, empreendedora, orgulhosa de sua terra, que se empenha em fazer de sua região um lugar mais próspero e criativo, pleno de oportunidades para residentes e visitantes.

Bandeira Vale das Histórias

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções



Foi a partir dessa generosidade de elementos – passados, presentes, futuros – com os quais o território nos presenteou que concebemos, junto à Aero Comunicação, parceira sempre sensível e competente, a marca-território Vale das Histórias.

CONCEITO

Pessoas encantadoras e paisagens deslumbrantes, conexões históricas que seguem trilhos e trilhas fascinantes, impulsionando o olhar para o futuro.

Essa é a essência do Vale das Histórias.

Entrelaçado pelo Rio Paraíba do Sul, o Vale das Histórias é uma fonte inesgotável de acontecimentos, aprendizados e potências.

Um dos berços do Brasil, o território é um convite aberto para reunir quem o vive e o visita, mesclando experiências únicas e memoráveis.

Venha fazer parte dessa nova história.

SÍMBOLO

O símbolo é formado pela letra V, que representa topograficamente o vale, com três flâmulas que se projetam no futuro, em um movimento ritmado. Incorpora o passado, o presente, o futuro, que correm em paralelo; o movimento dos trilhos ferroviários; o encontro das serras; o sol a pino, no alto do morro; o impulso de quem se lança para algo mais grandioso.

Também simboliza a transição da riqueza cultural e histórica do Vale do Paraíba em direção a novos futuros, novos voos, representados pelo verde mata e o azul vibrante. Azul do céu, que se descortina límpido a quem adentra no território, bem como do rio, que nasce pristino e lavra as serras, cruzando a região e levando consigo sonhos e potências.

VALE DAS HISTÓRIAS

TIPOGRAFIA

A tipografia possui detalhes em arcos que remetem à arquitetura da região, o que é especialmente explícito na letra A. Somam-se a eles desenhos precisos, em um conjunto que concilia tradição e modernidade, raízes fincadas em significado e olhares adiante.

As pontas buriladas dão flexibilidade à solidez das letras. A coluna em forma de letra I parece caminhar à direita, enquanto o H abre portas e portais a quem adentra em um território repleto de descobertas por vir.

CORES

Cada cor oferece à marca um traço singular do Vale das Histórias, em uma riqueza cromática que tem no território um prisma encantador. Vermelho terracota, laranja histórico, verde mata, diferentes tons de azul, areia e mata ciliar.

Uma profusão de combinações que se fundem e dissipam, em homenagem ao ritmo sinuoso do Rio Paraíba do Sul e à capacidade de se transformar de sua gente.

VERMELHO
Terracota
Representa a riqueza cultural das pessoas da região e suas diversas expressões, em especial, na gastronomia e no artesanato.

R: 177 G: 62 B: 0
hexa: b13e00
C: 21 M: 83 Y: 100 K: 14
PANTONE 1675 C

LARANJA
Histórico
Um laranja quase amarelo, denota o legado histórico da região e seu potencial de inspirar e iluminar novos futuros.

R: 255 G: 174 B: 32
Hexa: ffae20
C: 0 M: 38 Y: 89 K: 0
PANTONE 137 C

AZUL
Nascente
Ilustra as águas, as nascentes, o horizonte aberto de oportunidades e a capacidade criativa da região em protagonizar o futuro.

R: 2 G: 125 B: 240
Hexa: 027df0
C: 81 M: 50 Y: 0 K: 0
PANTONE 660 C

VERDE
Mata
Remete à riqueza da fauna e da flora e à força da economia verde da região.

R: 48 G: 93 B: 79
Hexa: 305d4f
C: 79 M: 39 Y: 64 K: 36
PANTONE 626 C

AZUL
Noite
Representa os causos e o universo mágico das histórias e festas folclóricas da região.

R: 39 G: 48 B: 75
Hexa: 27304b
C: 91 M: 78 Y: 42 K: 43
PANTONE 295 C

BEGE
Areia
Explicita a base onde todo o futuro é construído. Seu principal uso é como cor de fundo para as principais aplicações da identidade.

R: 246 G: 233 B: 214
hexa: f6e9d6
C: 4 M: 9 Y: 18 K: 0
PANTONE 7506 C

VERDE
Mata Ciliar
Homenageia a proteção das tradições, assim como a mata ciliar protege as nascentes. É utilizado pontualmente, em algumas áreas da identidade.

R: 91 G: 125 B: 106
Hexa: 305d4f
C: 66 M: 33 Y: 58 K: 18
PANTONE 625 C

Horizonte Serrano

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

VALE DAS HISTÓRIAS

Plano de Ações

O percurso de decodificação do Território Criativo Vale das Histórias corroborou o inegável potencial de desenvolvimento da região, amplamente ancorado em seus ativos histórico-patrimoniais e naturais. Não obstante, transformar possibilidades em realidades requer reconhecer e enfrentar desafios de diversas ordens, conforme aprofundado e detalhado nas várias seções diagnósticas.

Dentre eles, a primeira e mais fulcral das questões: a capacidade de gerar, nutrir e expandir os talentos criativos. A questão é evidente na cena rural, onde a migração estrutural distancia a aposta em cadeias com maior valor agregado, somada à dificuldade de mecanização de diversas áreas, às condições prejudicadas das estradas rurais (que, ademais, concentram a maior parte dos atrativos turísticos) e à insegurança alimentar resultante.

Da mesma forma, patrimônio, cultura e identidade são dimensões entrelaçadas, cujo amálgama depende visceralmente do engajamento das pessoas em perpetuá-las. A necessidade de conectar a comunidade ao patrimônio circunvizinho é flagrante. Não surpreende, assim, o precário estado de conservação de vários representantes icônicos do patrimônio edificado e a diluição do patrimônio imaterial. Em consonância, a carência de oferta cultural, ladeada por baixa participação de público e pela presença de raros trabalhadores da cultura são a face oculta da moeda que sustentaria uma atratividade turística legítima e enraizada no território.

Oficina em Lavrinhas

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

O artesanato é uma prova de conceito. Nos municípios em que se tornou notório, alavancador de inclusão e de diversificação econômica – marcadamente em Bananal e Silveiras- , encontra-se massificado e ancorado em modelos de produção majoritariamente terceirizados; já em outros, como Cruzeiro e Lavrinhas, segue em busca de feitios próprios, que dialoguem com a identidade cultural e mobilizem o interesse de um conjunto mais amplo de trabalhadores.

A ausência de clareza acerca do número e do perfil dos artesãos e de suas obras, tanto nas áreas urbanas quanto, especialmente, nos sertões, denota a falta de políticas públicas voltadas ao setor. A ausência se faz sentir não apenas na dimensão estratégica, como também na implementação de ações básicas, nas mais diversas frentes: capacitação, disponibilização de um espaço adequadamente concebido para venda, divulgação e comunicação em geral, incentivo para participação em feiras etc.

O turismo, defendido por muitos gestores públicos como a maior aposta para o desenvolvimento territorial, não alcança atenção compatível. De modo geral há carência de mapeamentos de produtos, sinalização insuficiente e pouco informativa dos atrativos, raros centros de atenção ao turista efetivos, poucos gestores tecnicamente capacitados à frente da pasta, baixa valorização do turismo rural, infraestrutura questionável. Os instrumentos de políticas públicas não suprem as lacunas, com conselhos pouco deliberativos, fundos de turismo inexistentes ou não regulamentados.

Por decorrência, o turismo contribui hoje com poucos empregos e apresenta altos índices de informalidade e rotatividade. O diminuto contingente de trabalhadores qualificados tende a migrar para centros maiores, em busca de salários idem. Os atrativos são abundantes mas sua conversão em produtos é escassa, assim como o são a presença digital dos negócios, a visibilidade da oferta junto aos transeuntes da Via Dutra, a construção de narrativas que envolvam os fatos, e a organização de roteiros turísticos regionais e articulados em cadeia.

O Vale das Histórias clama por um momento de virada; por atividades que envolvam os jovens e refreiem seu desejo de partir ou, pior, a sensação de serem compelidos a fazê-lo; por um resgate dos fios identitários que ainda enredam as gerações com memórias pristinas de um outro Vale; por uma transformação do lastro do passado em plataforma para o futuro; pela visibilização de histórias pregressas, franqueando a construção de novas histórias; por um turismo que some pessoas aos ativos ambientais ou construídos, plasmando a paisagem humana à natural.

Em resposta aos desafios e oportunidades apresentados, foram definidos sete objetivos para o Plano Território Criativo Vale das Histórias:

a) Elevação da autoestima.

b) Geração de trabalho e renda.

c) Fomento à identidade regional.

d) Promoção da ambiência criativa.

e) Valorização dos jovens.

f) Fortalecimento da governança.

g) Diversificação de setores econômicos.

Oficina em Silveiras

Crédito: Coop Audiovisual/Garimpo de Soluções

DOS DESAFIOS AOS OBJETIVOS E DESTES ÀS AÇÕES

Atuar pelo desenvolvimento socioeconômico em uma região que ainda busca se consolidar como território compartilhado requer, paralelamente, a expansão da dimensão regional e o fortalecimento dos contextos locais. Afinal, em um território os municípios se orquestram como vasos comunicantes, complementares e interdependentes.

Com isso em vista, os sete objetivos delineados constituem uma plataforma para o desenvolvimento de 21 ações estratégicas, desenhadas sob medida para a complexidade do território analisado e entrelaçadas pelo fio da criatividade. Em seu conjunto, as ações contemplam os setores inicialmente estabelecidos – alimentação, artes, artesanato, audiovisual, digital, literatura, música, patrimônio, turismo –, bem como três novos setores, que se revelaram relevantes ao longo do processo de decodificação do território. São eles logística, saúde e, muito especialmente, educação. A primeira das tabelas a seguir explicita a arquitetura de correspondência entre ações e setores.

Já a segunda tabela apresenta a contribuição de cada ação proposta aos objetivos definidos para o plano de desenvolvimento territorial.

A terceira tabela relaciona as ações e os municípios nos quais se recomenda sua implementação. Onze das iniciativas têm abrangência territorial, ainda que seu epicentro esteja em um município específico ou que sua aplicação seja faseada, expandindo-se a partir da realização de um piloto. Já outras cinco ações foram concebidas para de dois a seis municípios, por questões que são próprias a cada ação ou à área abrangida. As demais cinco são circunscritas a um município, respondendo a desafios ou a oportunidades que lhe são peculiares.

Por fim, a quarta tabela explicita a relação entre cada ação e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) contemplados com sua realização.

A seguir serão apresentados os detalhamentos das 21 ações.

Ações propostas X setores

	Alimentação	Artes	Artesanato	Audiovisual	Digital	Literatura	Música	Patrimônio	Turismo	Complementares
Artes da Terra			●						●	
De Aventuras e Outras Histórias	●								●	
Centros Logísticos Rurais										Logística
Cidade Criativa da Música							●		●	
Dedos de Prosa						●			●	
Escapadas Culturais							●		●	
Estradas Sustentáveis	●								●	
Festival de Comida Afetiva	●								●	
Laboratório Criativo								●	●	Educação
Lúpulo com História	●								●	
Mãos à Obra								●		Educação
Mãos da Mata			●						●	
Museu das Histórias não Contadas								●	●	Educação
Parada Digital					●					Educação
Passaporte do Vale das Histórias									●	
Polo Avançado APTA da Bocaina	●									Educação
Polo de Hidroterapia									●	Saúde
Por Dentro da Tela				●					●	
Serra das Artes		●							●	
Trem das Histórias									●	
Vale Multicores									●	

Ações propostas X objetivos

	Elevação da autoestima	Geração de trabalho e renda	Fomento à identidade regional	Promoção da ambiência criativa	Valorização dos jovens	Fortalecimento da governança	Diversificação de setores econômicos
Artes da Terra	●	●				●	
De Aventuras e Outras Histórias	●	●				●	●
Centros Logísticos Rurais	●	●				●	●
Cidade Criativa da Música	●	●		●		●	
Dedos de Prosa	●	●	●	●	●	●	
Escapadas Culturais	●	●	●		●	●	●
Estradas Sustentáveis	●	●			●	●	●
Festival de Comida Afetiva	●	●		●		●	
Laboratório Criativo	●	●		●	●	●	
Lúpulo com História		●				●	●
Mãos à Obra	●	●	●	●	●	●	●
Mãos da Mata	●	●	●				
Museu das Histórias não Contadas	●	●	●	●		●	
Parada Digital	●	●	●	●	●	●	●
Passaporte do Vale das Histórias	●	●	●			●	
Polo Avançado APTA da Bocaina	●	●	●	●	●	●	●
Polo de Hidroterapia		●	●			●	●
Por Dentro da Tela	●	●	●			●	
Serra das Artes	●	●	●	●		●	
Trem das Histórias	●	●	●			●	
Vale Multicores	●	●	●	●	●	●	

Ações propostas X abrangência regional

	ARAPEÍ	AREIAS	BANANAL	CACHOEIRA PAULISTA	CRUZEIRO	LAVRINHAS	QUELUZ	S. JOSÉ DO BARREIRO	SILVEIRAS
Artes da Terra						●			
De Aventuras e Outras Histórias	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Centros Logísticos Rurais				●	●	●	●		
Cidade Criativa da Música								●	
Dedos de Prosa									●
Escapadas Culturais					●				
Estradas Sustentáveis	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Festival de Comida Afetiva	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Laboratório Criativo							●		
Lúpulo com História	●	●	●	●				●	●
Mãos à Obra	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Mãos da Mata	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Museu das Histórias não Contadas	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Parada Digital	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Passaporte do Vale das Histórias	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Polo Avançado APTA da Bocaina	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Polo de Hidroterapia					●	●			
Por Dentro da Tela		●	●						
Serra das Artes	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Trem das Histórias	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Vale Multicores	●	●	●	●	●	●	●	●	●

● Ações Propostas ● Ações Base ● Ações Piloto

Ações propostas X metas dos ODS

	ODS1	ODS2	ODS3	ODS4	ODS5	ODS6	ODS7	ODS8	ODS9	ODS10	ODS11	ODS12	ODS13	ODS14	ODS15	ODS16	ODS17
Artes da Terra				4.4				8.3, 8.5		10.2							
De Aventuras e Outras Histórias								8.9			11.4						
Centros Logísticos Rurais		2.3						8.3	9.1	10.1	11.a						
Cidade Criativa da Música								8.9		10.2	11.4	12.b					
Dedos de Prosa				4.7				8.9		10.2	11.4						
Escapadas Culturais								8.9			11.4						
Estradas Sustentáveis		2.3, 2.a								10.1	11.2	12.2, 12.5					
Festival de Comida Afetiva								8.3, 8.9		10.1	11.a	12.b					
Laboratório Criativo				4.1, 4.7				8.9			11.4, 11.a		13.3				
Lúpulo com História		2.3						8.1, 8.2			11.a	12.b					
Mãos à Obra				4.4				8.3, 8.6		10.2	11.4	12.b					
Mãos da Mata								8.3		10.1	11.4	12.8					
Museu das Histórias não Contadas				4.7				8.7		10.3	11.4					16.10	
Parada Digital				4.4, 4.5				8.3, 8.6		10.2							
Passaporte do Vale das Histórias								8.9			11.4						
Polo Avançado APTA da Bocaina		2.3, 2.4, 2.5		4.3, 4.7						10.2	11.a		13.3		15.3		
Polo de Hidroterapia			3.8					8.3				12.2, 12.7					
Por Dentro da Tela								8.9			11.4						
Serra das Artes				4.4				8.3, 8.9			11.a		13.3				
Trem das Histórias								8.9		10.2	11.a	12.8					
Vale Multicores					5.1			8.5		10.3	11.7					16.1	

AÇÃO 1

Artes da Terra

Descritivo

Desenvolver linhas de peças de artesanato em bauxita.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fortalecimento da governança.
- Diversificação de setores econômicos.

Objetivos da ação

- Diferenciar a identidade do artesanato local a partir do recurso à bauxita.
- Estimular a produção artesanal como eixo gerador de renda no município.
- Contribuir para agregar valor à produção artesanal no município.
- Promover a economia circular no Vale das Histórias.

Contextualização

Registrada pela primeira vez na cidade francesa de Le Baux, em 1821, a bauxita é uma rocha formada principalmente por óxido de alumínio (Al_2O_3) e outros compostos, como sílica, dióxido de titânio, óxidos de ferro e silicato de alumínio. Sua formação se dá pela decomposição de rochas alcalinas, provocada pela infiltração da água das chuvas nas rochas, ao longo de milhões de anos.

Em Lavrinhas, a concessão de lavra de bauxita remonta a 1973, o que oferece ao município a oportunidade de se posicionar na criação de artesanato e eventualmente de peças de design produzidos a partir da bauxita. Há duas formas de trabalhá-la como insumo da produção artesanal. A primeira, com registros plurisseculares, vale-se de rochas com maior dureza e menor friabilidade para esculpir manualmente objetos de distintas proporções e usos. É o caso de obras pré-colombianas, com fins ornamentais ou religiosos. Em outra vertente, há braceletes, colares, pingentes e demais acessórios tradicionais em países centro-africanos ou entre os aborígenes australianos, hoje também trabalhados por designers contemporâneos.

Escultura pré-colombiana

Fonte: Meisterdrucke

Acessório de contas

Fonte: Foojewels em etsy.com

Louças, vasos e utensílios esmaltados à base de rejeito de bauxita

Fonte: yellowtrace.com.au

A segunda forma de confecção de itens artesanais e de design se vale do reaproveitamento do rejeito de bauxita como pasta-base modelada em diferentes formatos. Em 2020, quatro estudantes do Royal College of Art, em Londres, criaram uma variada linha de louças e utilitários, como parte do projeto Red Mud. São pratos, copos, cumbucas, vasos de distintos formatos, pilotados como prova de conceito da conversão dos resíduos em itens sem prejuízo à saúde, resistentes a temperaturas médias e sem desprendimento de odores.

O estúdio ThusThat, em Amsterdã, deu continuidade à realização das peças, constituindo uma coleção de objetos cerâmicos com base no resíduo de bauxita, incluindo vários com esmaltação interna. As linhas remetem às formas das refinarias de bauxita que geram a alumina, por sua vez matéria-prima da produção de alumínio metálico.

Utilitário esmaltado, produzido a partir do resíduo de bauxita

Fonte: ThusThat

As entrevistas e oficinas em Lavrinhas demonstraram haver disposição da mineradora e disponibilidade dos artesãos em desenvolver um artesanato com marca identitária e valor agregado, a partir de elementos característicos e próprios de Lavrinhas, como a bauxita. Seriam aproveitadas rochas de menor tamanho rejeitadas na extração da alumina ou trabalhados os resíduos do refino.

Processo de produção da pasta-base dos utilitários e paleta natural de cores

Fonte: Material District

Faseamento

1. Formalização de parceria com empresa mineradora.
2. Realização de testes da bauxita e seu resíduo para uso em artesanato.
3. Contratação de equipe de designers.
4. Realização de oficinas com interessados, tendo por foco mulheres e jovens.
5. Desenvolvimento de mix de produtos para comercialização.

Profissionais potencialmente beneficiados

Artesãos, designers, decoradores e arquitetos.

Abrangência geográfica

Lavrinhas

Governança

Coordenação
Prefeitura Municipal de Lavrinhas

Potenciais parceiros
Suall; Sebrae; Senai.

Aderência aos ODS

4.4 8.3 e 8.5 10.2

KPI sugeridos

De ação

- Celebração do contrato de parceria entre a Prefeitura e a mineradora.
- Contratação e emissão de laudo técnico de validação do uso da rocha ou seu resíduo.
- Realização de um ciclo de oficinas de artesanato, com ao menos oito participantes.
- Produção da primeira linha, com no mínimo um objeto diferenciado por artesão.

De desenvolvimento

- Aumento da participação do artesanato no PIB municipal.
- Elevação da renda dos profissionais do artesanato.
- Crescimento da autoestima dos artesãos.
- Longevidade de ações entre empresas mineradoras e profissionais criativos.

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); soluções setoriais; Empreenda Rápido; acesso a mercado; fortalecimento da inclusão produtiva; consultorias; Sebraetec.

AÇÃO 2

De Aventuras e Outras Histórias

Descritivo

Organização de seminário e oficinas de turismo de aventura; e realização de imersões para a imprensa especializada.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fortalecimento da governança.
- Diversificação de setores econômicos.

Objetivos da ação

- Conectar os atores do trade turístico e representantes de destinos de aventura de referência nacional.
- Sensibilizar os proprietários dos locais onde se situam os atrativos acerca do potencial do turismo de aventura.
- Apresentar a formadores de opinião e à imprensa as oportunidades do turismo de aventura.
- Promover a organização da cadeia do turismo de aventura.
- Sensibilizar gestores públicos e grupos de interesse quanto aos impactos potenciais do turismo de aventura.

Contextualização

O turismo de aventura é um dos segmentos turísticos que mais despontam no cenário internacional. Dados compilados pela Bonafide Research no South America Adventure Tourism Market Outlook indicam que o setor movimentará mais de US$ 30 bilhões entre 2023 e 2028 na região, com crescimento estimado entre 12% e 15% ao ano. Enquanto o Brasil tem paisagens diversas e exuberantes, com a possibilidade de criação de diferentes experiências para o turista de aventura, os vizinhos sul-americanos já oferecem produtos estruturados, em especial Bolívia, Peru, Colômbia e Equador.

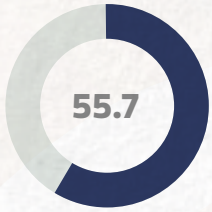
Em setembro de 2024 o Brasil foi eleito pelo portal US News & World Report, em parceria com a Wharton School da Universidade da Pensilvânia (EUA), o 30º melhor destino em turismo (dentre 89 países) mas o melhor destino de aventura. Contribuem a essa pontuação os atributos "atraente" (100% de aderência), "divertido" (99,5%), "de clima agradável" (83,4%) e "amistoso" (80,4%).

Para o Presidente da Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA), aproveitar esse apelo depende de vários fatores, como segurança pública, infraestrutura de transporte, acomodações, custos, alimentação e até mesmo o idioma. A análise é corroborada pela Coordenadora de Turismo do Sebrae, Ana Clévia Guerreiro, ao declarar "não há o que discutir quanto à potencialidade e à imensa vocação do Brasil para o turismo esportivo e de aventura, mas ainda é necessário um trabalho integrado, estratégico, que apresente o Brasil desta forma no exterior".

Ranking do Brasil no US News & World Report 2024

#30 POSIÇÃO GERAL

#28 de 87 em 2023



Leia a metodologia para ver como as pontuações e classificações são calculadas.

CATEGORIA	NOTA	POSIÇÃO
Aventura	100.0	#1
Agilidade	46.0	#27
Influência Cultural	57.8	#11
Empreendedorismo	16.0	#40
Patrimônio	76.8	#12
Dinamismo	62.1	#12
Aberto a Negócios	50.2	#63
Poderio	24.6	#22
Qualidade de Vida	20.3	#41
Propósito Social	16.4	#35

Fonte: US News & World Report

De fato, não obstante o potencial do turismo de aventura no Vale das Histórias, a região enfrenta desafios relevantes para sua concretização, ainda que aspirando aos turistas nacionais. Destacam-se o reduzido número de profissionais qualificados atuantes na área; a desarticulação da cadeia; a falta de priorização, por parte das gestões públicas municipais, da acessibilidade por estradas rurais, a precária sinalização dos atrativos, a necessidade de disponibilizar serviços de suporte (e.g. ambulâncias e socorristas), dentre outros; e a concentração massiva dos principais atrativos do turismo de aventura nas mãos de proprietários privados, cuja renda advém de outros setores (e.g. pecuária). Note-se que nenhum dos nove municípios do território dispõe de associado junto à Abeta.

Associados da Abeta – recorte do leste paulista, com destaque para o Vale das Histórias

Fonte: ABETA

Entremeios, as evidências apresentadas no Adventure Travel World Summit, realizado em outubro de 2024, no Panamá, enfatizaram o aumento do nível de profissionalização no setor, a relevância da adoção de novas tecnologias e a valorização da integração das comunidades em que as atividades são realizadas (com especial destaque às práticas do turismo responsável).

A ação "De Aventura e Outras Histórias" visa a, em um mesmo programa, promover a articulação dos atores e motivar um debate sobre o turismo de aventura contemporâneo na região. Para tanto, prevê três atividades complementares:

1. Um **seminário de vulto nacional**, voltado ao compartilhamento de trajetórias seguidas por destinos de turismo de aventura referenciais no país; e à avaliação de seus impactos em desenvolvimento econômico, visibilidade do território e autoestima da população. Dentre os exemplos estão Brotas (SP), Serra do Cipó (MG) e Chapada dos Veadeiros (GO). Terá como principais públicos gestores municipais, proprietários de terras nas quais se localizam atrativos de destaque e atores do turismo. Ao experimentar essas realidades, os participantes poderão identificar elementos aplicáveis ao contexto do Vale, como a gestão de infraestrutura leve, parcerias público-privadas e o desenvolvimento de experiências turísticas de impacto. Essa vivência também criará pontes entre o empresariado regional e operadores de turismo experientes, facilitando futuras colaborações e sinergias.

2. Organização de **oficinas técnicas**, para aprofundamento de aprendizados, troca de experiências e estabelecimento de conexões entre os representantes dos destinos de turismo de aventura visitantes e os do Vale das Histórias, como guias, empresários da hospitalidade, Secretários Municipais de Turismo, membros do COMTUR e da Câmara de Turismo do Consórcio Novo Vale. Operadores, gestores públicos e pesquisadores do setor serão convidados a explorar novas abordagens de turismo de aventura, discutindo sustentabilidade, inovação, governança local e demais temas prementes.

3. Oferta de um **pacote de vivências turísticas de aventura** de dois ou três dias para representantes da imprensa especializada em turismo, viagens e aventura, na esteira da realização do seminário. O principal intuito é difundir o Vale das Histórias como região apta a receber investimentos e novos negócios em turismo de aventura.

Faseamento

1. Celebração de parcerias.
2. Contratação de curadoria.
3. Definição do conteúdo programático.
4. Convites e briefings dos participantes do seminário e das oficinas.
5. Convites aos jornalistas.
6. Produção das atividades.
7. Comunicação.
8. Avaliação.

Profissionais potencialmente beneficiados

Guias de turismo, empresários de hospedagem, alimentação, locadores de equipamentos.

Abrangência geográfica

Realizado em São José do Barreiro, com envolvimento regional.

Governança

Coordenação
Consórcio Novo Vale/Prefeituras

Potenciais parceiros
Sebrae; Aprecesp; Abeta; Senac; Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo; Ministério do Turismo.

Aderência aos ODS

8.9 11.4

KPI sugeridos

De ação

- Adesão de gestores de turismo de ao menos cinco municípios.
- Participação de ao menos 80 profissionais de turismo da região.
- Geração de mídia espontânea de valoração superior ao montante investido em comunicação.
- Celebração de ao menos duas parcerias entre empresários locais e de outros destinos

De desenvolvimento

- Aumento da participação do turismo no PIB regional.
- Incremento da participação do turismo de aventura no faturamento do turismo regional.
- Geração de novos CNPJ em turismo de aventura.

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); soluções setoriais; Empreenda Rápido; acesso a mercado; consultorias; Sebraetec.

AÇÃO 3

Centros Logísticos Rurais

Descritivo

Oferecer galpões logísticos rurais próximos à Rodovia Presidente Dutra, entre os municípios de Cachoeira Paulista e Queluz.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fortalecimento da governança.
- Diversificação de setores econômicos.

Objetivos da ação

- Aumentar e diversificar o PIB regional, pela atração de centros logísticos e demais empresas do setor.
- Promover áreas de bota-fora para adequação dos terrenos, aumentando a disponibilidade e a oferta de terrenos regulares para a instalação de empresas.
- Gerar oportunidades de emprego e renda para a população rural.
- Proporcionar um freio ao êxodo rural, ao contratar jovens; e ao favorecer a adoção de culturas que ofereçam uma segunda renda e demandem menos trabalhadores manuais.

Contextualização

Galpões logísticos são espaços destinados a operações como recebimento, estocagem, fracionamento, separação e distribuição de mercadorias para serem encaminhadas a clientes ou consumidores finais. Usualmente próximos aos eixos de escoamento terrestre, portuário ou aeroportuário, são essenciais para otimizar a entrega de produtos e reduzir custos de armazenamento e transporte.

A região de Cachoeira Paulista a Queluz, lindeira à Via Dutra, atende a três premissas de localização desses galpões:

1. Proximidade a cidades com mão de obra disponível, porém não conurbadas às zonas urbanas que concentram furtos, roubos e problemas de tráfego.

2. Localização de 170 km a 200 km da Grande Rio e da Grande São Paulo, que concentram mais de 30% da população brasileira, além de atender ao escoamento de produtos das indústrias do Vale do Paraíba.

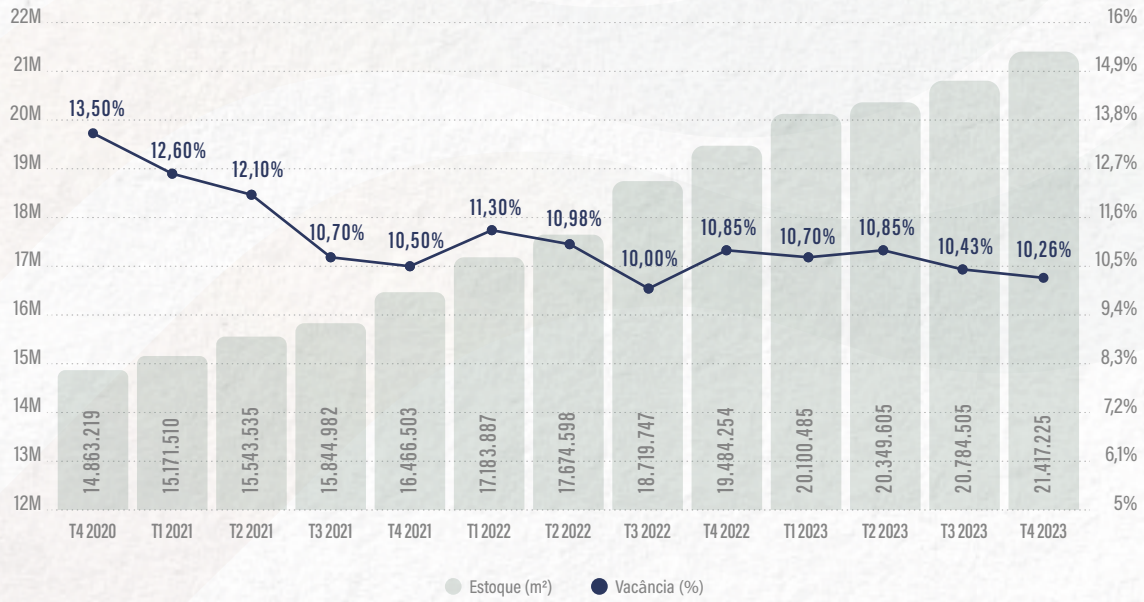
3. Duração de viagem de 4 a 6 horas dos grandes

centros (vistos o fluxo de veículos pesados que trafegam pelo eixo e o tempo de deslocamento dentro dos grandes centros urbanos), demandando parada obrigatória (Artigo 67-C da Lei 13.103/2015).

Legalmente, é possível realizar o zoneamento intermunicipal do eixo da Dutra em processo de licenciamento junto à Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb), cuja Decisão da Diretoria 046/2023-C/I regulamenta o tema.

Segundo análise da Genial Investimentos, entre 2021 e 2023 o aumento das compras digitais no Brasil gerou demanda crescente por áreas de estocagem. Por decorrência, o estoque nacional cresceu 44%, passando de 14,8 milhões para 21,4 milhões de área bruta locável (espaço útil do imóvel, em m²). Em 2023, o mercado de galpões no Brasil manteve-se aquecido, com redução da taxa de vacância de 10,85% para 10,26%.

Taxa de disponibilidade de m² x vacância - T4 2020/T4 2023



Fonte: Cushman & Wakefield e Genial Analisa, em Genial Investimentos - Análise Setorial Galpões Logísticos T4 2023

Em 2023, o estado de São Paulo se destacou pela maior absorção líquida da história, de 1,22 milhão de m², além da entrega de 20 novos empreendimentos. O preço atingiu R$ 23,55/m² – aumento de 1,7% em relação a 2022. São Paulo se sobressai por sua massa populacional e ao gerar 1/3 do PIB nacional, enquanto Minas Gerais por eficiência logística e benefícios tributários. Com relação a esses, são previstas mudanças entre 2029 e 2032, incluindo a introdução progressiva do Imposto sobre Bens e Serviços (IBS) e a redução correspondente do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS).

Já no segundo trimestre de 2024, levantamento do Comitê de Real Estate da Associação Brasileira de Logística (ABRALOG) aponta que o mercado imobiliário de galpões no Brasil manteve um ritmo acelerado de crescimento, com uma absorção líquida de 614 mil m² – o valor mais alto dos três últimos anos.

Estoque, área disponível e demais dados - comparativo - T4 2023

Major Market	Estoque (m²)	Área disponível (m²)	Taxa de Vacância (%)	Absorção Líquida por Trimestre (m²)	Absorção Líquida YTD (m²)	Absorção Bruta do Trimestre (m²)	Construção (m²)	Novo estoque entregue no ano (m²)	Preço Pedido (Todas as classes)	Preço Pedido (A e A+)
Vale do Paraíba	252.277	7.793	3,09%	31.194	42.862	42.862	0	0	20,16	24
São Paulo	13.064.069	1.432.217	10,96%	271.176	1.223.118	1.579.771	486.998	1.102.177	24	24,65
Vale do Paraíba Fluminense	237.424	2.908	1,22%	-2.908	27.540	30.448	0	0	16	16
Rio de janeiro	2.626.940	506.834	19,29%	15.766	52.245	165.489	41.816	71.788	21	20,67

Fonte: Cushman & Wakefield e Genial Analisa, em Genial Investimentos - Análise Setorial Galpões Logísticos T4 2023

Segundo a instituição, o estado de São Paulo concentra 70% do estoque no país – somadas, as regiões de Cajamar, Guarulhos, Jundiaí, Barueri e Embu representam 41% do total nacional. Além do e-commerce – suprido por empresas como Mercado Livre, Amazon, Magalu, Shopee e Shein –, tem ocorrido aumento de demanda por outras indústrias, como de medicamentos e automobilística, sinalizando oportunidades para a expansão da oferta.

Note-se que, no Rio de Janeiro, o Vale do Paraíba fluminense – incluindo Resende, Porto Real e Volta Redonda – é a região com melhor desempenho do estado em 2024, tendo taxa zero de vacância. Os setores geradores de maior demanda são eletrônicos (76%) e embalagens (19%). Resende, sozinha, oferece 126 mil m², seguida por Itatiaia, com 26 mil m². No Vale do Paraíba paulista, há concentração de centros logísticos ao longo da Dutra, entre São José dos Campos e Lorena, ressurgindo já no Rio de Janeiro.

Assim como seu vizinho fluminense, o Vale das Histórias paulista concilia localização estratégica e disponibilidade de área, em Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Lavrinhas, Silveiras e Queluz. Região praticamente equidistante da Grande São Paulo e da Grande Rio, oferece ainda fácil acesso a Minas Gerais.

A oportunidade de criação de centros logísticos em áreas rurais é impulsionada pela Decisão da Diretoria - DD 046/2023-C/I da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb).

Margem de 1km da BR116 passível de ser decretada área de expansão urbana - zona mista

Fonte: Google Maps

A ação convida os municípios a considerar alterações nos zoneamentos municipais em áreas rurais próximas à Dutra, convertendo-as em zonas mistas. Apesar de a proposta aparentemente suscitar o êxodo rural, observa-se que a presença de indústrias e galpões de logística em áreas rurais motiva a contratação de pessoas das proximidades favorecendo, assim, a permanência das famílias na região e a valorização da terra. Ademais, é razoável supor que a geração de fonte alternativa de renda lhes permitiria promover novos investimentos na atividade agropecuária, ainda que como segunda renda. Com o estímulo à permanência dos trabalhadores no campo, entende-se a pertinência de realizar um estudo de interação entre produtos e demanda, com vistas a eventualmente converter um dos galpões em uma pequena Central de Abastecimento, extrapolando mesmo o eixo no estado de São Paulo.

Note-se que há precedentes interessantes, no Brasil, de municípios com vocações cultural e rural que diversificaram sua matriz econômica inserindo o setor logístico. É o caso de Viana, no Espírito Santo, com 60% de área rural, cerca de 73 mil habitantes e fortes raízes históricas – onde iniciou a imigração europeia para o estado, em 1813. O município interliga duas rodovias e se consolidou como polo logístico capixaba.

Quanto aos pontos de atenção, cabe observar que parte da área proposta se localiza nos perímetros classificados como Áreas de Proteção Ambiental (APA) Bacia do Paraíba e APA Silveiras. Com isso, é necessário observar os aspectos de movimentação de terra em APA, conforme a Resolução Conama 428/10, o Decreto 60302/14 e o Plano de Manejo de cada Unidade de Conservação.

Faseamento

1. Realização de reunião com a Cetesb.
2. Modelagem financeira do projeto.
3. Revisão do zoneamento dos municípios, seguindo o rito estabelecido em cada um.
4. Identificação dos proprietários e celebração de termos de colaboração.
5. Formalização de parceria com a concessionária, para definição dos pontos de bota-fora e Declaração de Mercadoria para Exportação.
6. Licenciamento dos locais com proposta de instalação de distritos industriais.
7. Desenvolvimento do produto e divulgação em canais de distribuição.

Profissionais potencialmente beneficiados

Pequenos proprietários rurais, jovens em busca de primeiro emprego.

Abrangência geográfica

Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Lavrinhas, Silveiras e Queluz.

Governança

Coordenação
Prefeituras.

Potenciais parceiros
Consórcio Novo Vale; Sebrae; Secretaria de Meio Ambiente, Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Secretaria de Infraestrutura e Logística do Estado de São Paulo.

KPI sugeridos

De ação

- Validação do modelo de negócio.
- Realização de uma oficina de estruturação em cada município.
- Adequação do plano de zoneamento de todos os municípios interessados.
- Participação de ao menos três propriedades na região.

De desenvolvimento

- Aumento do número de postos de trabalho.
- Elevação da renda no perímetro.
- Diversificação da composição do PIB regional.

Aderência aos ODS

2.3 8.3 9.1 10.1 11.a

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); Soluções Inova; Empreenda Rápido.

AÇÃO 4

Cidade Criativa da Música

Descritivo

Desenvolver o dossiê de candidatura de São José do Barreiro à Rede de Cidades Criativas da Unesco, na categoria Música.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Promoção da ambiência criativa.
- Valorização dos jovens.
- Fortalecimento da governança.

Objetivos da ação

- Estimular a articulação da governança local por uma meta comum.
- Ajudar a urdir o tecido social, especialmente entre as áreas urbana e rural.
- Resgatar e promover uma vertente artística entendida como característica do município e hoje subaproveitada, em termos culturais, sociais e turísticos.
- Favorecer a geração de renda dos trabalhadores da cadeia da música.
- Fortalecer o turismo cultural no município.

Contextualização

A música é, para os cidadãos de São José do Barreiro, sua vertente artística mais identitária. Tanto nas entrevistas quanto na oficina aberta, foram inúmeras as afirmações de que "Barreiro tem muita música", ainda que com presença menos marcante do que em tempos passados.

Hoje, as principais manifestações musicais são as que acompanham as Folias de Reis (seriam seis as bandeiras ainda ativas, concentradas na área rural); rodas de viola com músicos de várias idades; a Orquestra de Violeiros de Barreiro (AVIBA; projetos contemporâneos, como o Oi de Casa - música e arte nas janelas antigas da cidade e uma jovem e surpreendente cena de rap rural.

Diante disso, entende-se que o processo envolvido no desenho do projeto Cidade Criativa da Música contribuiria para o desenvolvimento de São José do Barreiro, ao organizar a governança em torno de um objetivo comum; mapear e fortalecer os profissionais que lidam com música, seu perfil e sua maturidade técnico-gerencial; e promover um planejamento colaborativo do setor e de seus enlaces com meio ambiente, turismo e educação.

Exemplos de projetos musicais em São José do Barreiro

Fonte: Divulgação

Criada em 2004, a Rede de Cidades Criativas da Unesco tem por missão dar vazão ao potencial criativo, social e econômico de indústrias criativas fundantes do desenvolvimento local, além de articular em escala global os territórios de destaque. Organizada em artes digitais, artesanato e folclore, audiovisual, design, gastronomia, literatura, música, congrega 350 cidades (outubro de 2024). Para se candidatar, é necessário apresentar à sede da Unesco no país um dossiê pautado pelo conceito de cidade criativa. O documento deve ser concebido de forma participativa e contemplar questões que envolvem o histórico da expressão artística; o mapeamento de seus ativos, atividades e estruturas, formais e informais; seus atores e ecossistema; e um plano de quatro anos, incluindo políticas, programas e projetos a serem implementados, com ênfase no intercâmbio com outras cidades e na contribuição local à rede.

A proposta da Rede de Cidades Criativas, portanto, não é franquear um selo para promover a cidade, mas sim reconhecer seu destaque em determinada vertente criativa; estimulá-la a se planejar, por meio do incentivo à participação na rede; e fortalecê-la a partir das conexões, tanto com outras cidades criativas do país que têm na cultura e na criatividade seu centro, quanto com cidades criativas da mesma manifestação artística, em todo o mundo.

Na categoria da música, as primeiras cidades designadas pela Unesco foram Sevilha e Bolonha, em 2007. Hoje somam 71, sendo duas no Brasil: Salvador e Recife. Há na rede cidades dos mais variados países e contextos – da Inglaterra à Palestina, de Trinidad & Tobago a Cabo Verde – e com formas de funcionamento bastante variadas.

Mapa das Cidades Criativas da Música da Unesco

Fonte: https://citiesofmusic.net

Vale enfatizar que não são apenas cidades de grande porte as capacitadas a participar. Há na rede cidades criativas de pequeno porte, cujo processo de articulação de candidatura e de continuidade do programa foi e continua sendo primordial. É o caso da espanhola Llíria e das portuguesas Óbidos, Idanha-a-Nova e Castelo Branco, todas com menos de 40 mil habitantes.

Na música, há duas cidades especialmente inspiradoras. A primeira é Frutillar**.** Com população estimada em 20.317 habitantes (2021), foi a primeira cidade do Chile a se organizar para integrar a Rede de Cidades Criativas da Unesco. Hoje, é também membro da Rede Nacional de Territórios Criativos do país.

Frutillar surgiu como uma vila alemã, em um contexto de migração com os feitios do que ocorreu no Sul do Brasil. A música sempre foi um marco importante da população e deu origem a diferentes projetos privados, como o imponente Teatro del Lago e as Semanas Musicales, desde 1968 um dos mais importantes encontros de música erudita da América Latina.

O processo de candidatura à rede teve como mote principal reforçar conexões pela música. A primeira, entre áreas cindidas da cidade, em termos tanto de acesso aos benefícios gerados pela música, quanto de oportunidades de desenvolvimento de diferentes perfis socioeconômicos. A segunda, entre as políticas públicas setoriais. A terceira, entre Frutillar e outras cidades criativas, reforçando sua visibilidade internacional e promovendo trocas de aprendizados. Além disso, o município vem trabalhando o turismo criativo, reverberando na dinamização turística regional.

O segundo caso emblemático é Idanha-a-Nova, o primeiro território rural a integrar a Rede de Cidades Criativas da Unesco. As afinidades com São José do Barreiro ultrapassam esse aspecto. Se Barreiro é um portal do Parque Nacional da Serra da Bocaina, Idanha-a-Nova é um bastião da biodiversidade e do turismo ambiental em seu país. Além de Cidade Criativa da Música desde 2015, integra o Geopark Naturtejo e a Reserva da Biosfera do Tejo Internacional.

A candidatura à Rede de Cidades Criativas foi ponto lapidar de uma estratégia urdida para dinamizar economicamente a região, resgatar os laços entre rural e urbano por meio da união entre conhecimento tradicional e autenticidade. De forma mais contundente, um dos objetivos foi vencer um desafio familiar a São José do Barreiro e região: gerar oportunidades para frear a migração histórica dos jovens e resgatar sua autoestima. De fato, desde 2019 os levantamentos populacionais vêm apontando uma reversão desse fluxo, com saldo positivo expressivo. Hoje, são mais de 8.340 habitantes. Várias iniciativas vêm contribuindo para potencializar esses resultados, a exemplo da visibilização de produtores, produtos e serviços locais – turísticos, alimentícios, artesanais etc.

Outro pilar da estratégia de desenvolvimento, que dialoga com São José do Barreiro, é o i-Danha Food Lab. Organizado desde 2016, trata-se de um encontro anual de três dias, para destacar a inovação e o trabalho desenvolvido para a transição dos sistemas alimentares em cadeias mais sustentáveis.

Na convergência de música, turismo e meio ambiente, um dos projetos acalentados pelo município é a criação do Parque Cidade da Música. A proposta é mesclar a vivência do patrimônio natural, a fruição musical por equipamentos de grande porte e a prática esportiva, no convívio entre cidadãos e turistas.

Assim como Barreiro tem na viola um de seus bastiões identitários, Idanha-a-Nova teve como símbolo máximo da candidatura o adufe, primo luso do pandeiro. Quadrado, feito em pele de cabra ou ovelha, com caixilho em madeira e recurso a sementes e areia para enriquecerem seu som, é tocado apenas por mulheres. Há vários projetos para adufeiras de todas as idades, que promovem da construção do instrumento ao ensino em escolas públicas.

Faseamento

1. Organização do comitê de candidatura.
2. Levantamento do histórico e de dados qualitativos e quantitativos acerca da música em São José do Barreiro.
3. Articulação com cidades criativas da música (especialmente as de pequeno porte) e pequenas cidades criativas brasileiras (com destaque para Paraty, no intuito de desenhar um potencial corredor de turismo criativo).
4. Constituição do dossiê, incluindo a elaboração de um plano de quatro anos.
5. Apresentação da candidatura.

Profissionais potencialmente beneficiados

Trabalhadores da música, da gastronomia e da cultura em geral; do turismo.

Abrangência geográfica

São José do Barreiro

Governança

Coordenação
Conselho Municipal de Turismo

Potenciais parceiros
Sebrae; Associação de Violeiros de São José do Barreiro; Marginália Caipira; Rancho; Aviba; Prefeitura Municipal de Paraty; Secretaria de Cultura e Economia Criativa e Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo.

Aderência aos ODS

8.9 10.2 11.4 12.a

KPI sugeridos

De ação

- Constituição de um comitê de candidatura com ao menos um representante da Prefeitura, um de turismo, um de gastronomia e no mínimo três de música.
- Mapeamento de atividades, grupos, manifestações e profissionais da música nos dois bairros do município (Centro e Formoso).
- Elaboração do dossiê para candidatura no edital previsto para o primeiro semestre de 2027 (chamadas bienais), incluindo encontros com cidades já pertencentes à rede.

De desenvolvimento

- Elevação do PIB municipal.
- Aumento da participação do turismo no PIB municipal.
- Expansão do número de CPNJ de trabalhadores criativos, com foco em música.
- Crescimento do número de jovens de 8 a 21 anos estudantes de música.

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); CRIE! Políticas Públicas; Soluções Polo de Liderança.

AÇÃO 5

Dedos de Prosa

Festival de causos, lendas e mistérios

Descritivo

Festival de casos, lendas e outras manifestações do fabulário popular.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Promoção da ambiência criativa.
- Valorização dos jovens.
- Fortalecimento da governança.

Objetivos da ação

- Resgatar e contribuir para a valorização do patrimônio imaterial oral por parte das novas gerações.
- Oferecer um produto turístico diferenciado, urdido a partir das singularidades da região e que remunere os detentores do patrimônio.
- Assentar a identidade cultural do território, tramando os fios das histórias.

Contextualização

Um festival de causos, lendas e mistérios é um evento mágico; um salvo-conduto para se perder ou se encontrar no universo da imaginação e do patrimônio imaterial. Constitui um espaço de celebração às narrativas, onde tradição e contemporaneidade se cruzam, tendo a oralidade e o convívio como protagonistas e os turistas como convidados.

A prática é comum em países os mais diversos, em áreas rurais e cidades de todos os portes. Na Irlanda, país especialmente afeito às tradições ancestrais, a capital, Dublin, abriga um museu em homenagem às histórias orais. Marcadas pela improvisação e pela adaptação, guardam um pé no passado – onde teve origem a história – e um no presente – pela interpretação de quem a conta e de quem a ouve. O Museu Nacional do Leprechaun é uma homenagem ao simpático parente do duende, sapateiro das fadas e guardião de um tesouro.

Se o Leprechaun é um ícone da identidade do país, suas mágicas também ajudam a atrair turistas e a movimentar os pequenos negócios. No vizinho País de Gales, com o qual a Irlanda compartilha raízes celtas, a Associação Comercial de Narberth tem no Leprechaun um mote. Vilarejo com pouco mais de 3.000 habitantes, realiza desde 2008 uma programação de atividades para crianças, como forma de valorizar o comér-

cio local. Uma das mais divertidas é um misto de gincana e busca aos Leprechauns, na linha de Pokemon Go que tanto sucesso fez no Brasil, há alguns anos. Vestidas de verde, as crianças buscam os duendes escondidos nos mais diversos estabelecimentos, ganhando pontos que podem ser trocados por um cardápio de prêmios.

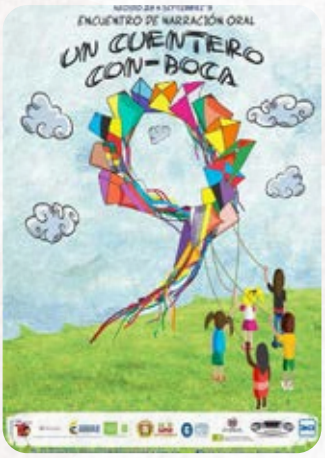
Imagens da busca aos Leprechauns (Narberth)

Fonte: narberthonline.com

Já Chiny, cidadezinha medieval belga de 5.000 habitantes, tida como Cidade dos Contos, sedia há 35 anos o Festival Intercultural do Conto, congregando mercado, concursos e discussões diversas.

Em Montreal, o Festival Intercultural do Conto reuniu mais de mil artistas, em 30 anos de realização. A cada edição o encontro ocupa cerca de 30 espaços, tendo por tema os mitos, desejos, medos e tudo mais que permeia a aventura humana. Dentre os projetos originais constam Contos do Mundo, em tributo à diversidade de nacionalidades da cidade; atividades mesclando contos e filosofia, para incentivar a expansão de perspectivas em crianças de 10 a 12 anos; e Histórias Contagiantes, que encapsula contos em pílulas audiovisuais.

Cartazetes de Un Cuentero Con-Boca



Fonte: Un Cuentero Con-Boca/@Divulgação

No Brasil, onde estimular o hábito da leitura é um desafio crescente – e as narrativas faladas não enfrentam as mesmas barreiras –, os festivais de contação de histórias e tradições orais são excelentes aliados para promover o encanto pelas palavras e pela magia que elas contêm. Em Palmas (TO), o Festival de Causos e Poesia Declamada chegou à sexta edição, revelando talentos e histórias do estado. Em São Paulo, o SESC Taubaté realizou o encontro de Contos, Causos e Poemas de Assombro, garimpando histórias da região.

A riqueza dos contos e causos inspirou ainda a realização de produtos audiovisuais, como o projeto Lendas do Vale. Entre outros relatos está a onça de Arapeí, que teria comido um homem no sertão da cidade.

Pródigo em lendas e mistérios, o Vale do Paraíba é um manancial de crendices, tradições, contos, lendas e mistérios dos mais fascinantes, que nos remetem a histórias atemporais e criam uma atmosfera mítica na imaginação de quem as escuta. Vide os famosos Saci Pererê, que reina em São Luiz do Paraitinga e Corpo Seco, que aparece ora em Queluz, ora em Paraibuna. Menos divulgadas mas igualmente surpreendentes são o Barqueiro de Jacareí ou Pindamonhangaba; o Vento Mal-assombrado da Rua das Palmeiras de Taubaté; e a Cobra Grande de Jacareí.

Programação de Contos, Causos e Poemas de Assombro

Fonte: SESC Taubaté

Ainda que o fabulário vale-paraibano tenha sofrido com a migração da área rural para os centros urbanos e destes para destinos mais distantes, em vários bolsões de seu grande território os contos teimam em reverberar em mentes, corações e vozes, nas conversas com os avós, nas janelas dos casarões ou nas rodas de viola. Sintetizam o encontro do imaginário popular com relatos transmitidos de geração a geração, inspirados ou vividos por personagens reais.

Nessa trajetória, nenhum ator foi mais potente na transmissão de histórias, ao longo dos primeiros séculos de formação do Brasil, do que os tropeiros. Em sua peregrinação pelo país, sustentaram vários ciclos econômicos, estimularam o comércio e originaram aldeias e vilas. Verdadeiros arautos, levavam em suas bruacas mercadorias mas também notícias, costumes, músicas e histórias, lastreando a formação da cultura brasileira. Contribuíram para fazer um Vale das Histórias rico em crendices, lendas e memórias, contadas a meia voz, ao crepitar das labaredas ou ritmadas por uma gaita.

Capital do tropeirismo, ainda nas décadas de 1970 e 80 Silveiras organizou e foi palco de um processo de união da comunidade e divulgação do município. Hoje, como vimos no diagnóstico, sente a necessidade de voltar a unir a população em torno a um mote comum, em sintonia com a valorização, a ressignificação e a promoção de suas tradições, o desenvolvimento de propostas turísticas criativas e o engajamento dos jovens.

Com esse intuito, a bem-vinda Festa Literária de Silveiras (FLIS) teve em 2024 sua segunda edição, com processos de aglutinação que merecem ser expandidos e potencializados por vivências. Dedos de Prosa busca trazer mais um ingrediente para esse caldo, sendo realizado a 6 meses de cada edição da FLIS, contribuindo para fincar Silveiras como um núcleo de promoção da oralidade da região. Um movimento que, futuramente, poderia dialogar com a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), criando uma trilha de palavras faladas pela Bocaina, incentivando os turistas a ganharem o Vale das Histórias.

Na programação, sugerem-se atividades distribuídas pelo município, convidando as pessoas a transitarem por seus quatro cantos, alinhavando o núcleo urbano e o sertão por meio da palavra, a exemplo de:

- Contação de histórias, mesclando contadores de profissionais e amadores, especialmente jovens.
- Oficinas, ensinando os participantes a criar suas próprias histórias.
- Exposições de ilustrações, esculturas, carapuças de saci e outros objetos relacionados às histórias contadas.
- Música, companheira imprescindível dos contos e causos.
- Projeção de filmes na empena da Matriz ou em telão ao ar livre.
- Dedinhos, programação infantil, valorizando o resgate das histórias das famílias e sua contação, recorrendo a marionetes, bonecos e outros suportes. Nessa mesma lógica se sugere a Gincana do Lobisomem, motivando o trabalho em equipe para buscar prêmios espalhados pela cidade.
- Batalha dos contos, em estilo de slam, voltado ao público adolescente.

Faseamento

1. Articulação com a FLIS, definindo somas de forças.
2. Organização do comitê de organização, com prevalência da sociedade civil.
3. Identificação de potenciais parceiros.
4. Definição dos locais de apresentação.
5. Contratação de jovens como produtores mirins e assessores da palavra.
6. Desenho curatorial.

Profissionais potencialmente beneficiados

Trabalhadores da palavra (música, literatura, teatro), empresários do turismo, comércio em geral.

Abrangência geográfica

Silveiras

Governança

Coordenação
Prefeitura Municipal de Silveiras

Potenciais parceiros
FLIS; Sebrae; Restaurante Trempe; Sesc Taubaté; Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo.

Aderência aos ODS

4.7 8.9 10.2 11.4

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); Empreenda Rápido; soluções setoriais; acesso a mercado.

KPI sugeridos

De ação

- Criação do comitê com ao menos 3/4 dos membros da sociedade civil.
- Definição de ao menos quatro locais de apresentação, sendo um na área rural.
- Participação de 12 ou mais contadores, sendo seis ou mais mulheres.
- Envolvimento de seis ou mais jovens na realização do projeto, dos quais três ou mais mulheres.

De desenvolvimento

- Aumento do fluxo de turistas movidos por cultura.
- Crescimento do número de trabalhadores da cultura no município.
- Expansão do entendimento do valor do patrimônio regional.
- Elevação da autoestima.
- Maior articulação entre atores das cadeias criativas.

AÇÃO 6

Escapadas Culturais

Descritivo

A presente ação tem dois pilares:

a- Celebração de convênio entre a Prefeitura de Cruzeiro e as dos demais municípios do Vale das Histórias, oferecendo um combo parcialmente subsidiado de entrada para espetáculos noturnos em Cruzeiro; e transporte de ida e volta para os moradores e turistas das cidades vizinhas.

b- Já sem subsídio público, parceria entre os organizadores da infraestrutura cultural noturna de Cruzeiro e dos hotéis de Passa Quatro (MG).

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de emprego e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Valorização dos jovens.
- Fortalecimento da governança.
- Diversificação de setores econômicos.

Objetivos da ação

- Promover a identidade regional do Vale das Histórias.
- Favorecer a participação cultural de moradores do Vale desprovidos da oferta.
- Suplementar a renda de trabalhadores da economia criativa na região.
- Fortalecer o ecossistema cultural de Cruzeiro.
- Gerar sinergias entre as ofertas turísticas de Cruzeiro e Passa Quatro.
- Suplementar a renda de trabalhadores da economia criativa da região.
- Fortalecer o ecossistema cultural de Cruzeiro.
- Divulgar a cidade aos turistas que já acodem à região, mas não saem de Minas.

Contextualização

a) Uma proposta interna ao Vale das Histórias

A infraestrutura cultural de Cruzeiro é única na região. Além do Teatro do SESI, com 250 lugares; e do histórico Teatro Capitólio, com cerca de 500 assentos, possui locais para apresentações mais intimistas, como o Instituto Musical Bittencourt. A agenda cultural, porém, carece da pujança que um dia teve. Estimular esse ecossistema a retomar sua efervescência é tanto um convite à permanência dos talentos criativos na cidade, quanto à promoção do bem-estar dos cidadãos, além de uma oportunida-

de para oferecer aos vizinhos, que não dispõem de infraestrutura e equipamentos similares, a possibilidade de participarem culturalmente.

De fato, nos demais municípios do Vale das Histórias é marcante a queixa de falta de acesso à fruição cultural institucionalizada e oferecida com alguma periodicidade; de impossibilidade de experienciar espetáculos de porte; de pouca oferta disponível para familiarizar os jovens com o universo de apresentações musicais, cênicas e afins; em outros termos, aos direitos culturais.

À presença de uma agenda cultural se soma a necessidade de proporcionar a mobilidade interna no território, fortalecendo assim a identidade regional. A ação propõe, em seu primeiro eixo, organizar uma agenda cultural de intensidade crescente em Cruzeiro, paralelamente respaldada pela disponibilização de transporte para o público avorecendo assim a participação de residentes nos demais municípios do Vale das Histórias. Ademais, como incentivo adicional, sugere-se que as Prefeituras subsidiem o serviço de locomoção com motorista, eventualmente oferecido em veículos de transporte escolar que não sejam utilizados no período em questão.

Uma vez consolidada, a atividade pode se autofinanciar integralmente com a venda do combo de ingressos e transporte, ser patrocinada por empresas da região, ou ainda subsidiada por recursos vinculados ao turismo estadual.

Teatro Capitólio

Fonte: TripRural

b) Uma dobradinha com Passa Quatro

Distante 30 km de Cruzeiro, percorridos em um trajeto de 40 minutos, Passa Quatro é, como vimos no diagnóstico, referência de destino turístico para os próprios cruzeirenses. Com 15.515 habitantes (2022), sua população é praticamente estável frente ao Censo de 2010, enquanto o contingente de residentes em Minas Gerais cresceu 6,45% no mesmo período, indicando a oportunidade de dinamizar suas ofertas. O município recebe turistas especialmente de São Paulo, Rio de Janeiro e demais regiões mineiras, atraídos pela cidadezinha bucólica de contornos serranos.

A oferta turística de Passa Quatro tem por cerne atividades na Serra da Mantiqueira e de fruição da natureza em geral, incluindo cachoeiras e a Floresta Nacional, como é divulgado pelas agências de turismo. Ativos que, de resto, também são encontrados em Cruzeiro, onde são subaproveitados. As demais propostas no vizinho mineiro – como o passeio pelo

Mapa ilustrado de Passa Quatro

Crédito: Garimpo de Soluções

Trem da Mantiqueira, as trilhas de bike, o Museu Nota 10 e o Túnel da Mantiqueira – também ocupam a agenda diurna. À noite, porém, não há muitas alternativas a um simpático banquinho e violão na pousada ou em um restaurante local ou ainda, eventualmente, alguma festa religiosa, cuja missa pode ou não ser sucedida por um show musical ou outro programa cultural. Para quem busca opções ou se hospeda por mais dias, há um flanco a ser suprido, tendo por público tanto os casais que poderiam se render a Cruzeiro, enquanto seus filhos se divertem em segurança nos hotéis, quanto adultos e adolescentes interessados por cultura.

Alguns hotéis com infraestrutura mais robusta divulgam dispor de eventuais agendas culturais, porém usualmente restritas a jantar com música. O segundo eixo desta ação prevê organizar parcerias entre os teatros e demais espaços culturais noturnos de Cruzeiro e os principais hotéis de Passa Quatro, oferecendo pacotes de ingresso com serviço de van ou micro-ônibus. Como referência, em São Paulo o serviço de vans com motorista, disponíveis para a fruição de espetáculos teatrais por pessoas que não querem dirigir, depender de transporte público ou táxi ou ainda que preferem ir em turma, é uma realidade há muito tempo. As vans poderiam eventualmente ser adesivadas com a marca do Vale das Histórias, promovendo assim a identidade visual regional.

Para os hotéis de Passa Quatro, seria uma programação adicional ao cardápio de atividades noturnas, constituindo um benefício extra aos hóspedes em busca de opções e sem concorrer com o jantar do estabelecimento, além de receberem um percentual da venda do programa. Para os estabelecimentos culturais de Cruzeiro, ofereceria um público adicional à programação e divulgaria a cidade para turistas que se rendem a Passa Quatro mas desconhecem o Vale das Histórias.

Note-se que o COMTUR de Passa Quatro foi regulamentado em agosto de 2023. A institucionalização do Conselho poderia facilitar o diálogo com seu contraparte de Cruzeiro para a realização do programa, em benefício de ambos os municípios. Em se consolidando como um produto turístico, seria também de fácil adaptação para produtos de merchandising, bem como de ações de promoção do local, da região e de eventos.

Faseamento

1. Verificação do interesse dos espaços culturais de Cruzeiro, das Prefeituras do Vale das Histórias e dos hotéis de Passa Quatro.
2. Definição da programação cultural e das atividades participantes da ação.
3. Seleção dos veículos para ambos os pilares da ação – interno ao Vale; e em parceria com Passa Quatro.
4. Organização da agenda de atividades.
5. Comunicação dirigida.

Profissionais potencialmente beneficiados

Empresários e demais profissionais do turismo e da economia criativa.

Abrangência geográfica

a- Vale das Histórias

b- Cruzeiro

Governança

Coordenação
Prefeitura Municipal de Cruzeiro

Potenciais parceiros
Consórcio Novo Vale; Sebrae; Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo; Sesi; Teatro Capitólio de Cruzeiro; Instituto Musical Bittencourt; Pousadas e hotéis de Passa Quatro; Maxion e outras empresas.

KPI sugeridos

De ação

- a- Assinatura de ao menos um convênio entre as Prefeituras.
- Organização de ao menos três Escapadas, com no mínimo 40 inscritos/cada.
- b- Parceria com ao menos um hotel de grande porte de Passa Quatro.
- Organização da primeira Escapada Cultural, com ao menos 20 inscritos.

De desenvolvimento

- Aumento da participação do turismo no PIB.
- Elevação da arrecadação tributária.
- Fortalecimento da cadeia criativa da música.
- Elevação da participação cultural.
- Crescimento do número de CNPJ de empresas criativas.

Aderência aos ODS

8.9 11.4

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); Crie! Políticas Públicas.

AÇÃO 7

Estradas Sustentáveis

Descritivo

Uso de subprodutos da cadeia de mineração de bauxita na reforma e/ou manutenção das estradas rurais do Vale das Histórias.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Valorização dos jovens.
- Fortalecimento da governança.
- Diversificação de setores econômicos.

Objetivos da ação

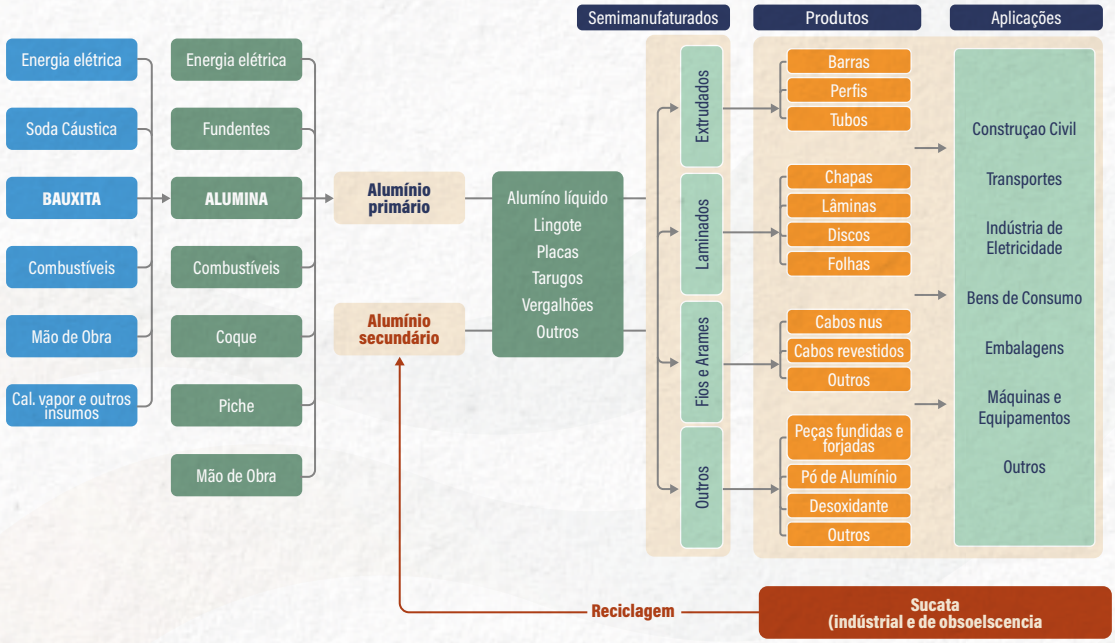
- Incrementar a renda dos empreendimentos das zonas rurais, por meio da melhoria de acesso de moradores e turistas de Lavrinhas e municípios lindeiros.
- Favorecer a segurança alimentar, pelo escoamento dos produtos dos sertões.
- Diminuir a pegada de impacto na cadeia de mineração de bauxita.
- Contribuir para a imagem da região, como melhor prática em economia circular.

Contextualização

Registrada pela primeira vez na cidade francesa de Le Baux, em 1821, a bauxita é uma rocha formada principalmente por óxido de alumínio (Al_2O_3) e outros compostos, como sílica, dióxido de titânio, óxidos de ferro e silicato de alumínio.

A formação da bauxita resulta da decomposição de rochas alcalinas, provocada pela infiltração da água das chuvas nas rochas, ao longo de milhões de anos. O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de bauxita, atrás de Austrália e China, perfazendo um mercado estimado em US$18 bilhões (cerca de R$83,6 bilhões), em 2022, com projeção de chegar a US$19,67 bilhões (R$102,3 bilhões), em 2028. A bauxita é o primeiro elo da cadeia produtiva da indústria de alumínio. Seu resíduo é uma lama vermelha, usualmente armazenada em barragens. Para cada 1kg de alumina da bauxita são gerados ao menos 2kg de rejeito. Mundialmente, estima-se que os resíduos da exploração da bauxita somem 150 milhões de toneladas anuais.

Processo de mineração da bauxita



Fonte: Associação Brasileira do Alumínio (ABAL)

Diversos trabalhos comprovam a eficiência do rejeito como adsorvente de elementos-traço em soluções aquosas ou amenizante de solos contaminados com vários elementos, inclusive por sua constituição rica em óxidos. A grande maioria desses amenizantes é de natureza alcalina e aumenta o pH do solo, diminuindo a disponibilidade de cádmio, zinco e cobre. Vale ressaltar que para a utilização de resíduos é indispensável sua criteriosa caracterização, a fim de evidenciar potencialidades e riscos de uso, bem como inferir sobre os possíveis mecanismos envolvidos nas reações de adsorção e dessorção.

No Pará, pesquisadores da empresa Hydro, em parceria com o Instituto Senai de Inovação em Tecnologias Minerais, desenvolveram uma tecnologia premiada internacionalmente por transformar resíduos de bauxita da Alunorte em condicionador do solo, para uso agrícola. A técnica também permite aproveitar o óxido de ferro dos resíduos na produção de aço.

Os estudos datam de mais de uma década, incluindo os do Grupo de Engenharia e Microestrutura de Materiais da Universidade Federal de São Carlos e do Laboratório de Microestrutura e Ecoeficiência de Materiais do Departamento de Engenharia de Construção Civil da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Esses se dedicam a desenvolver Cimento Portland de baixo carbono, substituindo percentuais de calcário por bauxita.

Já a ALCOA, em parceria com a Intercement, desenvolveu um piloto para o uso de resíduos de sua planta de Poços de Caldas, empregados como matéria-prima para a produção de cimento. Iniciativa similar foi realizada entre a Hindalco e outras empresas de cimento, gerando a reutilização de 62% de sua bauxita, no ano fiscal de 2021-22. Complementarmente, resíduos de refinaria de bauxita vêm sendo convertidos em pavimento para ambientes com circulação intensa.

Ademais, visto ser material rico em óxidos e alcalinos, ademais de em alumínio, é cabível investigar sua utilização como estabilizador de solos, situação desejável nas estradas rurais. Tais estudos poderiam ser realizados em parceria com empresas e centros de estudos da região, a exemplo dos elaborados com demais estabilizadores de solo, como betumes, cimento Portland, cal etc. Note-se que, na indústria da mineração, os resíduos e rejeitos são regrados pela Lei 12.305/2010 da Política Nacional de Resíduos Sólidos. É objeto de seu Artigo 3º a categorização de resíduo, rejeito e reciclagem, em consonância com a ação proposta.

No Vale das Histórias, os desafios de gestão e manutenção das estradas rurais se apresentam a todos os municípios, envolvendo longos trechos, maquinários escassos e de manutenção dificultada, mão de obra não especializada e inviabilidade de aquisição de materiais tradicionais para a reforma e a manutenção das vias. A trafegabilidade das estradas rurais permitirá aos produtores ter maior mobilidade e acesso a direitos cidadãos; aos municípios, possibilitará instituir ou ampliar feiras dos produtores, valorizando os trabalhadores rurais e os produtos locais.

Em um mundo no qual a emergência climática e a economia circular assumem cada vez mais relevância em empresas, sociedades e mercados, Lavrinhas tem a oportunidade de se posicionar como melhor prática nos temas, a partir do aproveitamento dos rejeitos da bauxita. A proposta, ademais, encontra respaldo nos princípios definidos em 2003 pelo Conselho Internacional de Mineração e Metais.

Faseamento

1. Formalização de parceria com empresa(s) mineradora(s) (Suall, Bimar, Coinbal).
2. Celebração de parceria com universidade ou instituto de pesquisa.
3. Realização de testes para análise do resíduo gerado e suas aplicações.
4. Contratação de equipe de engenheiros.
5. Organização de oficinas com as s ecretarias de obras municipais.
6. Desenvolvimento da logística de distribuição.

Profissionais potencialmente beneficiados

Agricultores rurais, pequenos comerciantes, profissionais do turismo.

Abrangência geográfica

Lavrinhas e região.

Governança

Coordenação
Prefeitura Municipal de Lavrinhas

Potenciais parceiros
Sebrae; Suall, Bimar, Coinbal, Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística, e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo; Senai; Parque de Inovação Tecnológica de São José dos Campos.

Aderência aos ODS

2.3 e 2.a | 10.2 | 11.2 | 12.2 e 12.5

Relação com o portfólio do Sebrae

Sem relações identificadas pela instituição.

KPI sugeridos

De ação

- Formalização de parceria com ao menos uma mineradora da região.
- Laudo de viabilidade técnica da produção.
- Validação da viabilidade financeira da produção.
- Produção de uma bateria de lotes piloto.
- Formalização de ao menos um contrato municipal de pavimentação.

De desenvolvimento

- Aumento do PIB.
- Crescimento do número de trabalhadores rurais ativos.
- Redução da insegurança alimentar.
- Expansão do número de km de estradas rurais transitáveis.
- Elevação da participação de produtos locais na merenda escolar.
- Criação de uma rede ou associação de produtores rurais.

AÇÃO 8

Festival de Comida Afetiva

Onde cada prato conta uma história

Descritivo

Realização de um festival gastronômico de comida afetiva, com a participação de microempreendedores, formais ou não, de diferentes regiões da cidade.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Promoção da ambiência criativa.
- Fortalecimento da governança.

Objetivos da ação

- Aproximar moradores de bairros afetivamente distantes no município.
- Estimular a formalização de microempreendedores.
- Oferecer oportunidades de fortalecimento e capacitação desse público.
- Elevar a autoestima, o senso de pertencimento e a renda dos residentes em bairros de menor poder aquisitivo.
- Promover o reconhecimento do patrimônio imaterial.
- Complementar a programação cultural com uma proposta de entretenimento feita por e para os cidadãos, tendo os turistas como coadjuvantes.

Contextualização

Bolinho de chuva, bolo de fubá, frango de panela, bolinho de arroz, sopa de feijão, pudim de leite. Receitas simples e saborosas, que abrem o túnel de tempo da memória e nos transportam diretamente à cozinha da vovó, embalada por aromas, sabores e sorrisos que esquentam o coração.

Com o poder insubstituível de nos trazer conforto, carinho e bem-estar, a comida afetiva remete a contextos e momentos que nos são caros, como àquela inigualável sensação de passar o dedo na tigela do bolo. Não surpreende que nos últimos anos – e em especial desde a pandemia –, a cozinha afetiva venha ganhando destaque em todas as frentes.

Muitos restaurantes entraram em cheio nessa proposta. Em São Paulo, o já tradicional Cozinha de Afeto é ambientado em uma casa de 1920, com elementos de época, decoração e cardápio que remetem a casa de mãe, enquanto o Ambrosio Cozinha Afetiva se propõe a trabalhar ingredientes integrais e orgânicos para levar às mesas pratos recheados com carinho. Com apelo para os mais variados perfis e bolsos, dos restaurantes gourmetizados aos com jeito de boteco, a lista percorre cidades de Petrópolis a Curitiba, Conceição de Ibitipoca a Recife, Brasília a Búzios.

Exemplos de empreendimentos vinculados à cozinha afetiva

Fonte: Redes sociais dos empreendimentos

Pelo flanco das hospedagens, uma miríade de pousadas e pequenos hotéis abraçaram a cozinha afetiva, convidando os hóspedes a se renderem ao preparo dos pratos na cozinha, colhendo legumes e ervas do quintal e trocando muitos dedos de prosa enquanto dão tratos às panelas. Festivais e experiências com a temática também ganharam corpo, nos mais diversos formatos. Alguns se restringem a oferecer pratos que remetem ao universo afetivo; já outros propõem uma experiência. Em 2023, os chefs André Boccato, Bernard Contipelli e Roberto Ravioli organizaram em Campos do Jordão um jantar conjunto, regado a muitas histórias, tendo por centro uma panela com capacidade para preparar refeições para até 100 pessoas.

Em abril, a 15a. edição do Festival Gastronômico de Pirenópolis teve como mote a "Cozinha Afetiva do Cerrado". Com realização do Sindicato de Turismo e Hospitalidade de Goiás, em parceria com o Sistema Fecomércio/Sesc, Senac, Sebrae, a Prefeitura de Pirenópolis e o Governo de Goiás, apresenta-se como um resgate das tradições, envolvendo o empresariado local, a cadeia da alimentação e a cultura regional.

Ativo desde 2017, o Circuito Gastronômico de Favelas fomenta a cada edição uma rede afetiva que potencializa a cultura alimentar das pessoas dos morros de Belo Horizonte, como Aglomerado da Serra, Alto Vera Cruz e Barreiro. Há atividades desenvolvidas ao longo do ano, com etapas alinhavadas por eventos que convidam os cozinheiros a compartilhar pratos, receitas e causos.

O projeto gera inúmeros impactos – renda para os participantes e o comércio das comunidades, como padarias, mercearias e sacolões; conexões entre os morros e a cidade; aumento da autoestima dos moradores dos morros; e fortalecimento dos empreendedores, por meio de ações de qualificação. As edições são complementadas por uma programação cultural, especialmente musical, mesclando os talentos das favelas e nomes conhecidos.

Um festival com imersão afetiva

Como vimos no diagnóstico, Bananal tem várias cidades em uma, como a dos turistas; a dos sertanejos da Bocaina; a dos veranistas com segunda casa no município e um grupo, em especial, que merece a plena atenção de um plano de desenvolvimento de território criativo: o cidadão das regiões periféricas. Nada melhor do que o afeto para reconectar uma cidade cindida.

O Festival de Comida Afetiva é um convite ao encontro entre os bananalenses do circuito formado pelas praças, a Rua Manoel Aguiar e a Rodovia dos Tropeiros; e os que moram em locais como Vila, Fecha-porta, Centro, Laranjeiras, Cerâmica, Timborê, Boa Morte, Km. 51 do Sertão da Onça, Brastel e Km. 12. Bairros que, como qual-

quer outro, são pródigos em referências, histórias e anedotas repletas de afeto.

Ocupando propositadamente um dos locais mais emblemáticos de Bananal – a praça do Solar Aguiar Vallim –, cada banquinha oferecerá um ou mais pratos, compartilhará suas receitas e contará o que as faz especiais, por meio de fotos, relatos, objetos de família. Entram nesse rol as receitas da vovó, colheres de pau que testemunharam tachos e tachos de doces, panelas de ferro batidas pelo tempo, aquele avental do enxoval da bisa, a toalha dos almoços de domingo, a fôrma que custodiou uma infinidade de queijos, o barrilzinho da pinga do vovô que faz toda a diferença na massa de pastel.

Como não poderia deixar de ser, o festival levará o público para a parte mais gostosa da casa. Sugere-se a organização de uma cozinha aberta, com direito a mesinhas para os convivas e, claro, fogões compartilhados, inebriando os transeuntes com o aroma dos pratos que puderem ser preparados em tempo real. Um evento com calendário periódico, incluindo a cada edição famílias de diferentes bairros, amalgamando assim as várias Bananal em uma só. Um verdadeiro banquete para o paladar, o olfato, o tato e a visão – mas também para a audição, já que acompanhado de músicas das últimas décadas.

Complementarmente, o festival poderá constituir uma plataforma de mapeamento dos empreendedores do setor da gastronomia, seus desejos e fragilidades, constituindo a base de um programa de capacitação sob medida. Por fim, em um contexto no qual as doenças causadas por má-alimentação e abuso de ultraprocessados – diabetes, hipercolesterolemia, hipertensão, obesidade – crescem exponencialmente, a cozinha afetiva pode ser uma aliada para a construção da alimentação saudável, já que a influência absorvida na infância gera resultados na vida do indivíduo que se perpetuam até a fase adulta.

Faseamento

1. Mapeamento das lideranças informais em cada bairro.
2. Organização de um comitê com as lideranças dos vários bairros.
3. Desenho curatorial do festival, incluindo critérios de participação.
4. Comunicação para o cadastramento de interessados e seleção.
5. Produção e realização.

Profissionais potencialmente beneficiados

Microempresários, MEIs e empreendedores informais da culinária; empresários do varejo ligado à alimentação (mercados, padarias, quitandas); profissionais do turismo; músicos; fotógrafos.

Abrangência geográfica

Bananal

Governança

Coordenação
Prefeitura Municipal de Bananal

Potenciais parceiros
Sebrae; Associação Comercial e Industrial de Bananal; Aprecesp; SENAC; Gazeta de Bananal.

Aderência aos ODS

8.3 e 8.9 | 10.1 | 11.a | 12.b

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); soluções setoriais; Empreenda Rápido; acesso a mercado; fortalecimento da inclusão produtiva; Sebraetec; consultorias.

KPI sugeridos

De ação

- Participação de moradores de ao menos seis bairros.
- Ocupação de ao menos 12 banquinhas.
- Público de 300+ pessoas/dia de festival.

De desenvolvimento

- Aumento da taxa de formalização dos empreendimentos de alimentação.
- Crescimento da participação do turismo no PIB.
- Elevação do fluxo de turistas movidos pelo turismo gastronômico.

AÇÃO 9

Laboratório Criativo ao Ar Livre

Descritivo

Converter Queluz em uma escola aberta e interativa do pensamento criativo.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Promoção da ambiência criativa.
- Valorização dos jovens.
- Fortalecimento da governança.

Objetivos da ação

- Promover um processo coletivo de reconhecimento da cidade por sua população.
- Desenvolver um veio original de atratividade turística com maior valor agregado.
- Projetar a imagem da cidade em escala nacional.

Contextualização

Em um contexto de mundo no qual a criatividade se torna cada vez mais vital para o desenvolvimento individual e a inserção no mercado de trabalho, o Brasil ainda tem muito por fazer. O pensamento criativo, entendido como "competência para se envolver produtivamente na geração, avaliação e melhoria de ideias que podem resultar em soluções originais e eficazes, avanços no conhecimento e expressões impactantes de imaginação", é um dos maiores desafios que temos por vencer na educação.

Segundo os resultados do PISA 2022, publicados em junho de 2024, o pensamento criativo envolve três capacidades: de gerar ideias diversas (pensar de maneira suficientemente flexível para ter ideias diferentes); de gerar ideias criativas (propor soluções úteis e originais); e de avaliar e melhorar ideias (identificar limitações nas ideias e aprimorá-las).

Em uma escala de 0 a 60, a média do Brasil foi de 23 pontos; no ranking formado por 64 países, estamos na 49ª posição. O total de estudantes que ficaram abaixo do considerado básico foi de 54,3%. Somente 10,9% dos estudantes brasileiros atingiram os níveis mais altos, gerando ideias diversas e originais, inclusive em tarefas tidas como complexas e abstratas. A média da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), foi de 27%.

Torna-se evidente que a educação formal não vem dando conta de estimular o pensamento criativo dos estudantes brasileiros, seja no conjunto das escolas públicas ou privadas. O clamor por enfrentar a questão encontra ecos em Queluz, onde se moldou o pensamento do mais célebre professor de matemática do país.

A história de Júlio Cezar de Mello e Souza dialoga com a do Vale. Sua mãe, Dona Sinhá, nascida em Serra Negra e transferida a Queluz para assumir a regência da escola primária, mudou-se já casada ao Rio de Janeiro, após a derrocada do café. Diante das dificuldades de se manter na capital, a família voltou a Queluz, onde Dona Sinhá seguiu como professora. Consta que Julinho brincava de dar aulas a uma turma de sapos e os conduzia com uma varinha. Eis que o menino se tornou professor de matemática e exímio contador de histórias.

O Prof. Júlio Cezar delegou a seu personagem Malba Tahan a missão de converter o aprendizado de uma matéria vista por muitos como árdua e tediosa em curiosa e divertida. De O Homem que Calculava, sua obra mais conhecida, publicada em 1938, outro morador ilustre do Vale das Histórias, Monteiro Lobato, escreveria: "Só Malba Tahan faria obra assim, encarnação que ele é da sabedoria oriental – obra alta, das mais altas, e só necessita de um país que devidamente a admire; obra que ficará a salvo das vassouradas do Tempo como a melhor expressão do binômio 'ciência-imaginação'".

Fruto da imaginação de Júlio Cezar, Malba Tahan é pródigo em calcular o número de ovelhas que pastoreava, os pássaros em sobrevoo, as abelhas de um enxame, as tâmaras de um cacho. Em uma narrativa cativante, lança enigmas matemáticos e desafios lógicos, encapsulados em histórias envolventes. E assim, interagindo com os elementos do mundo que o circundava, pratica a matemática de forma quotidiana e lúdica. Mal podia o autor imaginar a importância que a gamificação assumiria na educação, décadas depois.

Divulgação do Dia Nacional da Matemática, em 2020

Fonte: Governo Federal

A proposta desta ação é restituir a Queluz a inovação da qual Júlio Cezar foi precursor. Para tanto, nada melhor do que se valer de quem mais entende da cidade: os cidadãos. Professores e alunos das escolas do município seriam convidados a mapear pontos da cidade que se prestariam a protagonizar aprendizados específicos e sugerir modos de encapsulá-los em jogos. Quão mais fincados na história de Queluz e no que molda sua identidade, melhor.

A título ilustrativo, note-se que o município contempla algumas das passagens mais icônicas de um passado que ainda se faz muito visível, embora progressivamente distanciado dos afetos dos residentes. É o caso das pilastras da antiga ponte, implodida em 1932, com vistas a retardar o avanço das tropas da capital federal. Até a inauguração da ponte nova, em 1937, a travessia do Rio Paraíba se dava por balsa sem motor, presa nas duas margens por um cabo de aço, cujo leme se movia pela força da correnteza do rio. Um lindo modo de vivenciar as leis da hidrodinâmica.

Outros tantos locais e iniciativas de Queluz se prestam, já à primeira vista, a aguçar a criatividade, trazendo o conteúdo dos livros à vida: a produção artesanal da cachaça Comendador, lançando luz sobre os princípios da fermentação; a locomotiva a vapor da antiga estação histórica, permitindo ilustrar os processos da termodinâmica; as trilhas da Pedra da Mina, verdadeira aula ao vivo de geografia, quarta maior montanha do país e titular de uma das maiores e mais abruptas diferenças de altitude em todo o Brasil: 2.301 metros

Antiga ponte de ferro de Queluz

Fonte: Blog do Vale Histórico

Muito mais ainda poderia ser explorado em Queluz, por meio de intervenções artísticas e instalações urbanas, atiçando olhares e curiosidades, na composição desse museu da criatividade ao ar livre, de caráter recreativo e desafiador, a ser cocriado pelos cidadãos. A cidade serviria ainda de palco a gincanas, caças ao tesouro e outras formas de provocar a resolução de um ou mais problemas.

Note-se a tendência crescente, no mundo, da criação de museus voltados ao aprendizado da ciência e à expansão da criatividade. É o caso da Cidade das Ciências e da Indústria, em Paris, com espaços dedicados às crianças, à saúde, às profissões, entre outros; do Museu da Vida e da Ciência, nos Estados Unidos, onde a área de estudo do ar oferece experiências baseadas em barcos a vela, formação de anéis de vapor e observação de revoadas de pássaros; ou o Museu Catavento, em São Paulo, voltado ao atiçamento criativo de forma cativante, envolvente e experiencial.

O mercado de turismo pedagógico é dos mais promissores. Segundo o Sebrae, em 2021 o Brasil possuía 179.533 escolas públicas e privadas de educação básica e um total de 47,3 milhões de alunos matriculados nesse nível de ensino. Já na educação superior, seriam 2.457 instituições de educação superior – 2.153 (87,6%) privadas e 304 (12,4%) públicas, em um total de 8.680.354 alunos. São números que encontram rebatimento em iniciativas como a Cidade das Crianças, que entendem a cidade como espaço de aprendizado infantil, hoje conformada por uma rede de mais de 300 cidades, de 15 países.

Espaço expositivo do Museu Catavento

Fonte: Governo do Estado de São Paulo

Em um momento no qual a urgência climática é o principal risco a ser encampado pelo mundo, decantar a temática de forma acessível ao conjunto da sociedade é fundamental. Não por menos, iniciativas como a da Cidade Europeia da Ciência, da Comissão Europeia, que tem em 2024 a polonesa Katowice como ponta de lança, dedica-se a sete eixos entrelaçados: clima e meio ambiente; saúde e qualidade de vida; indústrias do futuro; inovações sociais; patrimônio industrial e cultural; criação; e raciocínio crítico. São questões afins às que Queluz poderia abraçar, trazendo o ineditismo de converter seus espaços urbanos e rurais em laboratório de experiências para a expansão da criatividade, em consonância com o posicionamento de bastião ambiental do Vale das Histórias.

Faseamento

1. Articulação institucional com parceiros.
2. Organização das escolas de Queluz para o mapeamento, por professores e alunos, dos pontos de destaque a serem trabalhados.
3. Sistematização, seleção e organização dos locais.
4. Desenvolvimento das informações, apresentação e comunicação dos roteiros.

Profissionais potencialmente beneficiados

Professores, designers e comunicadores, cientistas, trabalhadores do setor de hospitalidade.

Abrangência geográfica

Queluz

Governança

Coordenação
Prefeitura Municipal de Queluz

Potenciais parceiros
Sebrae; Secretaria de Educação e Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo; Museu Catavento; Parque de Inovação Tecnológica de São José dos Campos.

KPI sugeridos

De ação

- Constituição de um time de professores de todas as escolas públicas do município e ao menos 50% das escolas privadas.
- Mapeamento colaborativo de ao menos 20 propostas de ciência na prática.
- Organização de um roteiro com ao menos 10 atrativos.

De desenvolvimento

- Melhor desempenho dos estudantes nos testes referenciais de matemática e ciências.
- Aumento do fluxo de turistas.
- Elevação do PIB municipal.

Aderência aos ODS

4.1 e 4.7 8.9 11.4 e 11.a 13.3

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); Crie! Políticas Públicas; Agentes de Roteiros Turísticos (ART); soluções setoriais.

AÇÃO 10

Lúpulo com História

Descritivo

Fomentar o cultivo do lúpulo no Vale das Histórias.

Objetivos do plano

- Geração de trabalho e renda.
- Fortalecimento da governança.
- Diversificação de setores econômicos.

Objetivos da ação

- Promover a diversificação das atividades agrícolas do Vale das Histórias, participando de um mercado com faturamento em expansão.
- Estimular um cultivo agrícola com valor agregado, atraente para os jovens do campo e capaz de gerar valor agregado em diferentes elos da cadeia.
- Fortalecer as conexões entre a cadeia gastronômica da Serra da Mantiqueira e o Vale das Histórias.

Contextualização

A cultura do lúpulo no território do Vale das Histórias apresenta uma convergência de fatores peculiares, que a tornam promissora. Dentre eles, destacam-se o crescente êxodo rural; o envelhecimento dos moradores na zona rural; a ampliação da oferta de eucalipto na região; a vantagem competitiva da tarifa de eletricidade na zona rural, frente à da zona urbana; a realização do Zoneamento Agroclimático do Lúpulo na Serra de Resende e Itatiaia, onde as condições de altitude, clima e solo se assemelham às presentes nos municípios propostos; a demanda de pequenas áreas de cultivo.

No mesmo contexto, a diversificação da atividade agrícola com a cultura do lúpulo agrega valor à cadeia; oferece novos atrativos ao turismo rural, inclusive pela estética de sua iluminação; estimula a criação de uma cena de cervejarias artesanais associadas a restaurantes e balneários da região; e favorece encontros regionais e produção agrícola com identidade geográfica, recordando que o primeiro lúpulo brasileiro é originário de hibridação que ocorreu em São Bento do Sapucaí, na Serra da Mantiqueira.

Trepadeira que pode crescer 20 cm por dia e atingir 10 metros de altura, as primeiras menções ao lúpulo remontam ao século IX. Já do século X nos chegam registros médicos, tendo cabido aos árabes descrever seus benefícios para a purificação do sangue e contra a febre. Entremeando a medicina do Velho Mundo à que hoje promove experiências para o combate ao Alzheimer está uma planta cujo mercado não para de crescer. O faturamento do mercado mundial de cerveja é estimado, em 2024, em US$724 milhões (cerca de R$3,9 trilhões) e projetado em US$914 milhões (ou R$4,9 trilhões), em 2029.

Terceiro maior produtor e consumidor de cerveja do mundo (são mais de 15 bilhões de litros no país), o Brasil não produz sequer 1% do lúpulo que consome – em 2022 foram importadas 4.300 toneladas. A demanda tem motivado empreendedores que, na última década, provocaram mudanças no setor. Em 2018, fundaram a Associação Nacional dos Produtores de Lúpulo (Aprolúpulo), em Lages (SC). Na temporada 2022/2023 foram colhidas 88 toneladas de lúpulo – um aumento de 203% em comparação à anterior.

Área, cultivo e produção

Área e cultivo no Brasil	
Área total cultivada	111,8 hectares
Número de produtores	114
Área média por produtor	0,98 hectare
Plantas cultivadas	231.817
Média de plantas por produtor	2.033 plantas

Produção 2022/23	
Volume total de produção	88 toneladas
Produtividade média anual/planta	379 g
Volume total de produção na safra de verão	51.525 kg
Produtividade média por planta na safra de verão 2022/2023	222 g
Volume total de produção na safra de inverno 2022	36.484 kg
Produtividade média por planta na safra de inverno 2022	157g

Fonte: Anuário da Cerveja

Nesse mapa sobressaem Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais. Em terras mineiras, é o caso da Van de Bergen. Empresa certificada pelo Ministério da Agricultura e da Pecuária para o fornecimento de mudas, surgiu em Sapucaí-Mirim, em 2016 e, hoje, dispõe de um viveiro com capacidade para produzir 300 mil mudas de lúpulo por ano, em Campinas. Já na produção da flor, a também mineira Mundo Hop, em Mateus Leme, região metropolitana de Belo Horizonte, tem capacidade para produzir até 15 toneladas por ano. Em 2023, sua primeira safra rendeu três toneladas. Em Santa Catarina, a Lúpulo Campo Alegre foi criada em 2018 e conta com 18 hectares, em diferentes regiões do estado. A empresa estima o break-even do investimento em meio hectare na terceira safra.

A busca por lúpulo nacional, porém, não se restringe às pequenas cervejarias. Em 2021 foi a vez de a Ambev anunciar a inauguração da primeira planta de transformação de lúpulo em ingrediente pronto para uso. A Fazenda Santa Catarina, em Lages, tem um viveiro capaz de produzir 60 mil mudas/ano. É fruto de um projeto iniciado em 2020 junto a pequenos agricultores, envolvendo doação de mudas, auxílio técnico e contrato de compras.

O cultivo do lúpulo foi tradicionalmente tido como inviável no Brasil, diante da necessidade de ao menos 15 horas diárias de luz para que a planta complete seu ciclo vital. Sua adaptação às condições brasileiras foi possibilitada pela iluminação por LED (são cerca de 50 refletores por ha), artimanha que ainda gera o benefício de prover duas ou três safras ao ano, em contraponto a uma safra em regiões frias – um quadro que já se consolidou no país com a produção de uvas e permite às vinícolas experimentar e inovar com mais fôlego.

A iluminação dos campos de lúpulo oferece um espetáculo noturno à parte, constituindo em si um potencial atrativo turístico. Complementarmente, a Embrapa realizou zoneamento agroecológico preliminar para a cultura na região fluminense de divisa com o Vale das Histórias, área apresentada como de ligeira restrição quanto à temperatura e abastecimento hídrico. Não foi localizado estudo correspondente na região paulista vizinha.

O contexto paulista

Um dos produtores pioneiros no estado de São Paulo é o Sítio Entre Vilas, em São Bento do Sapucaí. O cultivo começou em 2005, em estufa. As plantas foram transferidas para o campo, perderam-se com as chuvas mas foram resgatadas em 2011, quando o proprietário e agrônomo Rodrigo Veraldi produziu clones e investiu na produção. Em 2014, parceria com a Brasil Kirin (dona da cervejaria Baden Baden) gerou o plantio conjunto de um hectare.

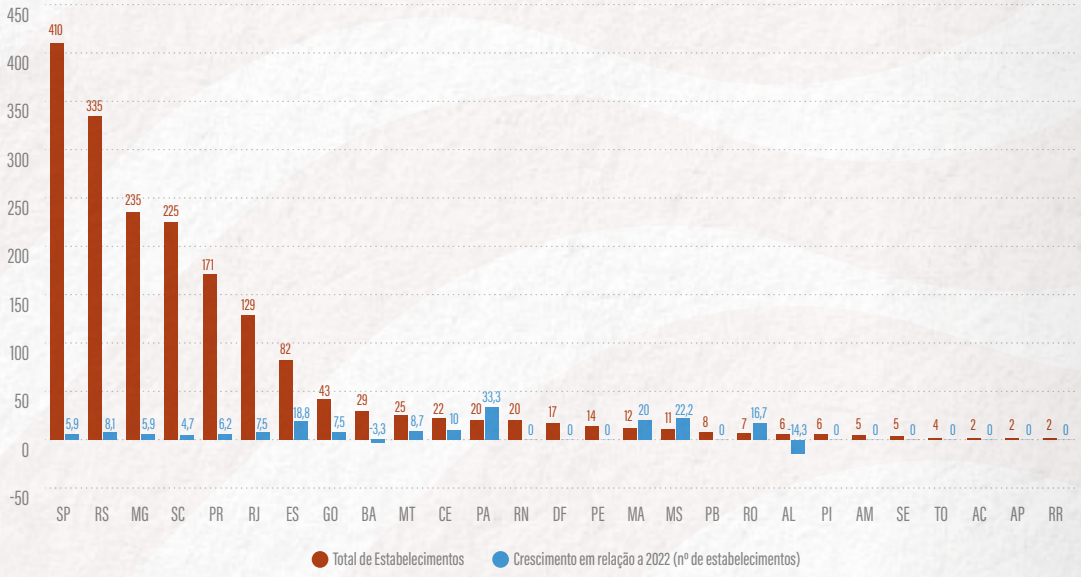
Já em Fartura, no centro-oeste do estado, o plantio que começou em vasos se expandiu de forma contínua. Em 2022 a primeira edição da Copa Brasileira de Lúpulos elegeu a Brava Terra a melhor fazenda de lúpulo do Brasil.

No Vale das Histórias, a Manti-Hops oferece há cinco anos safras de lúpulo com um método de secagem tido como único. Com sede registrada em Cachoeira Paulista, a empresa promete lúpulo com características singulares e elevado teor de óleos essenciais, em seis variedades.

A demanda superior à capacidade de oferta estimulou o crescimento do plantio e o investimento em estrutura de beneficiamento. E a demanda só tende a crescer, visto São Paulo ser recordista em cervejarias no Brasil – o Anuário da Cerveja aponta 410 registros, em 2023, em um número que aumenta a cada ano. Também é o estado com o maior número de cervejas registradas: 13.654, mais do que o dobro do segundo colocado, o Rio Grande do Sul.

A paixão pela cerveja, em terras paulistas, motivou a criação de seis rotas cervejeiras, sistematizadas e divulgadas pela Secretaria de Viagens e Turismo, em 2019. Uma delas se refere à Serra da Mantiqueira, abrangendo Campos do São Jordão, Espírito Santo do Pinhal e São Bento do Sapucaí.

Total de cervejarias por UF (2023)



Fonte: Anuário da Cerveja

Rotas cervejeiras do estado de São Paulo

Fonte: Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo

Além de estar idealmente posicionado para suprir de lúpulo as pequenas cervejarias artesanais da Serra da Mantiqueira e da metrópole paulistana, o Vale das Histórias também possui localização estratégica para distribuir o insumo para as grandes fábricas de cerveja em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O processo envolve a colheita dos cones de flores, sua desumidificação em estufa e prensagem – ou trituração e compactação em pellets transportáveis. Do plantio da muda à colheita das flores são de quatro a cinco meses.

A produção do lúpulo também pode representar um primeiro passo para impulsionar a criação de uma rota de cervejarias artesanais no próprio Vale, favorecendo a realização de um calendário de festivais e turismo gastronômico de maior poder aquisitivo.

Por fim, cabe lembrar que os municípios que compõem o território Vale das Histórias possuem grande diferença de relevo e condições edafoclimáticas, destacando a calha do Rio Paraíba do Sul e suas Várzeas, bem como as áreas de morros e montanhas, demandando novo zoneamento próprio.

É importante ressaltar que o principal custo de implantação do lupulal se refere à obtenção de madeira. Com a substituição de parte das pastagens pela cultura de eucalipto – que passou de 35.214 ha (2,5% da área UGRHI 02), em 1985, para 113.587 ha (8,1% da área da UGRHI 02), em 2015 – não haveria carência de madeira adequada para a instalação do lupulal.

Recorte de cervejarias que usam lúpulo nacional

Fonte: Google Maps

Faseamento

1. Levantamento dos municípios interessados.
2. Formalização de parceria com a Embrapa.
3. Realização de parceria com universidade/centros de pesquisa.
4. Organização de palestras e eventos de divulgação, visando o estabelecimento de parcerias com os agricultores e a captação de áreas.
5. Contratação de equipe de profissionais para a execução de testes.
6. Articulação de parceria com cervejeiras, incluindo incentivo à produção.

Profissionais potencialmente beneficiados

Pequenos agricultores, empreendedores de cervejarias, empresários de hospedagem, alimentação e turismo, incluindo os balneários rurais.

Abrangência geográfica

Regional

Governança

Coordenação
Consórcio Novo Vale

Potenciais parceiros
Prefeituras; Embrapa; Sebrae; Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo; cervejeiras.

KPI sugeridos

De ação

- Ao menos uma prefeitura interessada.
- Captação de ao menos duas áreas para piloto.
- Articulação de parceria com ao menos uma cervejeira capaz de absorver a área ofertada.

De desenvolvimento

- Aumento do valor agregado na cadeia de produção agrícola.
- Surgimento de CNPJ associados ao ramo de cervejaria.
- Diversificação das propostas turísticas.
- Aumento do PIB do turismo.
- Arrefecimento do êxodo rural de jovens.

Aderência aos ODS

2.3 | 8.1 e 8.2 | 11.a | 12.b

Relação com o portfólio do Sebrae

Soluções setoriais; soluções Inova; consultorias; Sebraetec.

AÇÃO 11

Mãos à Obra

Escola-lab de ofícios do restauro

Descritivo

Capacitar a população em técnicas de restauro, tendo o patrimônio construído como laboratório ao ar livre.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Promoção da ambiência criativa.
- Valorização dos jovens.
- Fortalecimento da governança.
- Diversificação de setores econômicos.

Objetivos da ação

- Franquear novas fontes de geração de renda e capacitação profissional.
- Promover o restauro e a preservação do patrimônio arquitetônico.
- Estimular o pertencimento da população por seu patrimônio construído.
- Posicionar o Vale das Histórias como região de propostas inovadoras.

Contextualização

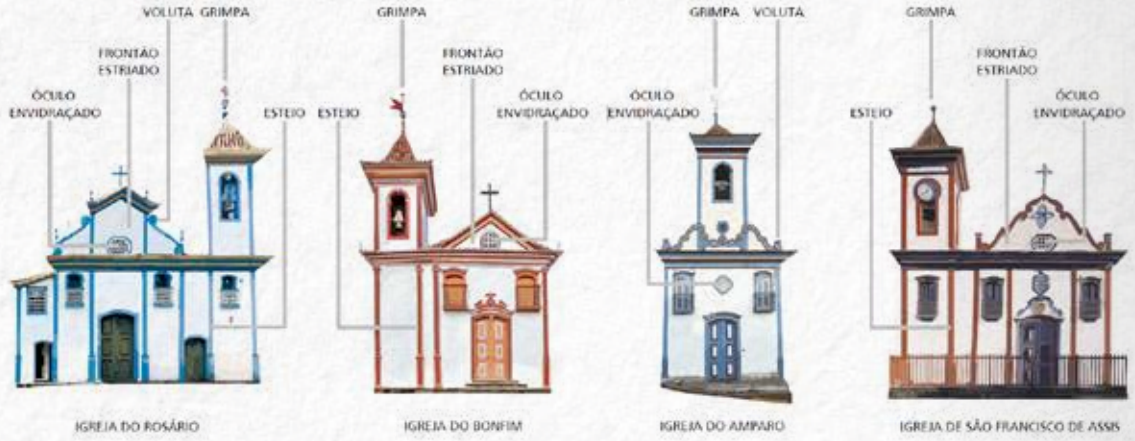
Um dos maiores ativos do Vale das Histórias é seu patrimônio arquitetônico de valor cultural inestimável, presente em abundância. Para além de sua estrutura física, os edifícios custodiam histórias ancestrais, testemunhos de seu tempo, narrativas de uma época que nos lança luz sobre quem somos e encanta quem as conhece. Não obstante, a preservação dos edifícios patrimoniais ainda enfrenta vários desafios, dentre os quais ressaltamos três: de interesse, de viabilidade financeira e de profissionais capacitados.

O primeiro se relaciona ao desconhecimento do processo de restauro do patrimônio construído, usualmente associado a um cipoal burocrático que penaliza o proprietário – seja ele privado ou público –, transferindo-lhe a responsabilidade e o ônus pela preservação. Isso faz com que não raro se tome a decisão de abandonar os edifícios a si mesmos, ainda que a contragosto, mesclando aos escombros as memórias neles contidas.

Uma das saídas para transpor esse obstáculo é facilitar o entendimento do que constitui o restauro e de quais são as demandas processuais dos órgãos de preservação. Nesse intuito, em abril de 2024 a cidade mineira de Diamantina, por meio do Iphan, publicou as Normas de preserva-

ção para o Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Diamantina, documento técnico comentado e ilustrado, desenvolvido com o objetivo de expor aos proprietários e ao poder público as regras de realização de obras de restauro, reforma ou de nova construção dentro de área tombada. A iniciativa minimiza informações técnicas faltantes ao processo de análise e deliberação das intervenções em bens culturais.

Normas de preservação para o conjunto arquitetônico e urbanístico de Diamantina



Fonte: IPHAN

Mesmo quando o entendimento é transparente e há vontade de proceder ao restauro, reina a percepção de que a obra de restauro é mais onerosa do que uma reforma ou mesmo do que uma obra nova. Cabe desmistificar a complexidade normalmente associada ao restauro – que, na verdade, é *toda atividade voltada a restabelecer a unidade potencial do bem protegido, respeitando os valores reconhecidos no tombamento ou no processo de tombamento*. Complementarmente, a conservação/manutenção é o conjunto de ações preventivas destinadas a manter o bem em bom funcionamento e estado, prolongando seu tempo de vida. Estão incluídas neste tipo pintura de fachada, pinturas artísticas e murais, e revisão de cobertura sem alteração de tipo de telha, inclinação ou volumetria.

É sabido que uma obra de restauro barroca do século XVIII tem especificidades mais complexas que um patrimônio cultural industrial do século XIX mas, na ponta do lápis, a prática do restauro em patrimônio industrial mostra que os custos de uma obra de restauro estão mais próximos dos custos de uma obra nova do que usualmente se imagina. Para tanto, tomamos por base os custos estimados para obras arquitetônicas do CAU – Conselho de Arquitetura e Urbanismo. Por dados de 2019, uma obra nova de estação ferroviária, no estado de São Paulo, custaria R$1.908,61 (R$/m²) ; portanto, a construção de uma estação ferroviária de 300 m² custaria R$572.583,00. Em 2020, a licitação da obra de restauro da Estação Ferroviária de Campo Grande, em Santo André (SP), estimou R$555.221,77 para o restauro de 300 m².

Comparativo de custos de restauro x construção de estação ferroviária

	Serviço	m²	R$ s/ BDI
Restauro Estação Ferroviária de Campo Grande	Restauro	300	R$ 555.221,77
Construção Estação Ferroviária	Obra Nova	300	R$ 572.583,00

Fonte: Brasil Restauro O link apresenta os custos da obra, acrescidos dos valores de captação de recursos, gerenciamento, fiscalização, administrativos, divulgação e demais despesas.

Respeitadas as proporcionalidades da mão de obra necessária para uma obra convencional e uma obra de restauro, nota-se que há habilidades comuns entre mestres de obras e restauradores, sendo ambas as ocupações dotadas das capacidades de analisar e resolver problemas; atentar a detalhes; e conhecer normas e legislação inerentes ao tema. Sendo assim, capacitar o mestre de obras nos ofícios de restauro superará a barreira da escassez da mão de obra operária convencional. Uma das chaves da economia do restauro. Complementarmente, pessoas não dotadas de formação técnica ou prática em construção civil também podem se capacitar em ofícios específicos do restauro.

A percepção de que o mercado de restauro tem pouca demanda e a profissão de restaurador não é valorizada é uma falácia – inclusive porque as técnicas de restauro são aplicáveis a muito mais do que o restauro patrimonial. O entendimento das formas de construção em pau-a-pique, taipa, taipa de pilão e outras derivadas do barro pode engendrar trabalhos diferenciados de artesanato e design. O aprendizado das técnicas construtivas de marcenaria e estruturação em madeira é básico para uma miríade de outras funções – da cenografia de espetáculos à criação de móveis e elementos decorativos únicos e personalizados. A familiaridade com as tintas e o círculo cromático estimula uma sensibilidade estética que franqueia várias possibilidades de atuação – da assessoria arquitetônica em conforto ambiental e bem-estar ao visagismo.

Peculiaridades do ofício de restauro

O ensino de ofícios ligados à conservação e ao restauro de bens culturais segue algumas modalidades. Na de programas de formação continuada destacam-se iniciativas como o Canteiro Didático, da Universidade Federal de Pernambuco; e a Formação Profissional em Técnicas de Conservação e Restauração de Edifícios Históricos, da Oficina-escola de Manguinhos, com foco em estuque ornamental e pintura mural.

Há também cursos técnicos reconhecidos pelo Ministério da Educação. É o caso da Oficina Escola do Instituto Federal de Minas Gerais, em Ouro Preto, que contava com parceria do Sesi; e da Escola de Ofícios Tradicionais, em Mariana, com apoio financeiro do BNDES e do Instituto Cultural Vale, oferecendo cursos de cantaria, carpintaria, forjaria, pintura e pedraria – construção para mulheres.

O objetivo final dos cursos é fomentar a preservação do patrimônio cultural por meio da qualificação técnica de mão de obra para os ofícios ligados ao restauro e à construção civil, resultando em conhecimento e renda à população. As aulas dispõem de informações conceituais e atividades práticas que subsidiam o desenvolvimento socioeconômico regional, através da preservação e da valorização do patrimônio arquitetônico, artístico, paisagístico e ambiental.

Em São Paulo não há iniciativa similar reconhecida pelo Ministério da Educação.

Há ainda uma trajetória de cursos livres. Em 2009, por exemplo, foi travado convênio entre a Fundação CASA e a Escola Paulista de Restauro,

para a capacitação de 10 jovens em técnicas de restauro de edifícios históricos.

O Vale das Histórias é profícuo em edifícios carentes de restauro. Tendo em vista a falta de atividades para os jovens da região, no contraturno da escola, bem como a necessidade de gerar oportunidades de renda, satisfação e pertencimento para parcela mais ampla da população, a proposta é oferecer cursos livres, práticos, curtos e modulares em saberes e fazeres do restauro. Trabalhados em linguagem acessível e dinâmica, podem ainda se valer do patrimônio arquitetônico como laboratório de aplicação.

Cabe ressaltar que, anos atrás, a Fazenda Vargem Grande, em parceria com o Estúdio Sarasá, desenvolveu um projeto de qualificação em técnicas de pintura, carpintaria e outras relativas ao restauro patrimonial. Aberto e gratuito à população interessada, formou uma primeira turma que teve aulas de intervenção patrimonial na propriedade.

Recorte geográfico

Sugere-se que a ação seja pilotada em Bananal, para posterior expansão. O município detém o maior número de bens tombados do Vale das Histórias, incluindo edifícios públicos – como o Solar Aguiar Vallim – e privados – a exemplo do Hotel Brasil –, em estágio avançado de degradação. Qualificar a população sobre as técnicas e ofícios do restauro, os processos administrativos envolvidos no segmento, legislações e normas inerentes moveria a economia local, fortaleceria seus atrativos turísticos e contribuiria para preservar um museu a céu aberto, patrimônio nacional.

Note-se que, com o objetivo de fomentar a aplicação da Lei Federal nº 11.888/2008 – Lei de Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social, garante-se o direito para as famílias de baixa renda (até 3 salários mínimos) à assistência técnica pública e gratuita para a elaboração de projetos, construção, reforma, ampliação e regularização fundiária das habitações. Parte integrante do direito social à moradia, previsto na Constituição Federal, franqueia aos municípios travar parcerias com a Comissão de Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (CATHIS-CAU/SP) por meio de Termos de Fomento, subsidiada pela Comissão de Patrimônio Cultural do Conselho de Arquitetura e Urbanismo, para propor, apreciar e deliberar sobre capacitação e elaboração de projetos. É o caso da Construção Agroecológica, da Escola Popular Rosa Luxemburgo e do Manual de orientação profissional: o arquiteto e urbanista e o patrimônio cultural (CAU/SP).

Recomenda-se considerar que parte dos edifícios do polígono histórico de Bananal poderia passar por requalificação e conversão em moradias de interesse social.

Fotos do pavimento superior do Solar Aguiar Vallim

Crédito: Garimpo de Soluções

Faseamento

1. Celebração de parcerias e convênios, com órgãos e proprietários.
2. Identificação dos cursos de maior interesse.
3. Contratação dos professores.
4. Desenho dos cursos.
5. Oferta à população.

Profissionais potencialmente beneficiados

Operários da construção civil, estudantes do ensino médio (preferencialmente mulheres e LGBTQIAN+), demais interessados.

Abrangência geográfica

Bananal (piloto).

Governança

Coordenação
Consórcio Novo Vale

Potenciais parceiros
Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo; Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo; Sebrae; Senac; Fazenda Vargem Grande; Brasil Restauro; Estúdio Sarasá.

KPI sugeridos

De ação

- Estabelecimento de ao menos uma parceria.
- Abertura de ao menos uma turma, com no mínimo oito inscritos.
- Aplicação prática dos ensinamentos em ao menos um edifício.

De desenvolvimento

- Aumento do número de profissionais atuantes em ofícios de restauro.
- Oferta de oportunidades de geração de renda aos participantes do curso.
- Posicionamento da região como celeiro de talentos de ofícios do restauro.
- Melhoria da avaliação dos turistas culturais quanto à experiência na região.

Aderência aos ODS

4.4 | 8.3 e 8.6 | 10.2 | 11.4 | 12.b

Relação com o portfólio do Sebrae

Empreenda Rápido; Crie! Políticas Públicas.

AÇÃO 12

Mãos da Mata

Descritivo

Desenvolvimento de linhas de artesanato inspiradas na fauna e na flora da Mata Atlântica.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.

Objetivos da ação

- Gerar renda a partir de ativos diferenciais e abundantes no território: cultura e natureza.
- Estimular a criação de uma identidade própria aos produtos artesanais do Vale das Histórias e, por conseguinte, de maior valor agregado.
- Motivar mais pessoas a trabalhar com produtos artesanais, com foco em mulheres e jovens.

Contextualização

Recostado entre as Serras da Mantiqueira e da Bocaina, o Vale das Histórias é circundado por fauna e flora exuberantes. São animais, flores, folhas, sementes, em combinações únicas e inspiradoras. A abundância e a beleza de espécies e os atributos a elas associados – vitalidade, brasilidade – inspiram marcas dos mais diversos setores. O mercado se mostra pródigo em peças de artesanato, mas também em objetos de decoração e de moda/acessórios/bijuteria que bebem da fauna e da flora dos biomas brasileiros.

Uma das empresas nesse rol é a Tok&Stok, marca consolidada de móveis e decoração. Outra é a Farm, com coleções baseadas na fauna e na flora brasileiras.

No Vale das Histórias, porém, são raros os produtos artesanais que remetem ao que é tão peculiar e legítimo no território: seu cinturão de Mata Atlântica. Entre as exceções, há os pássaros de Silveiras – hoje com variedade restrita de espécies e nem sempre do bioma; algum artesanato em cabaça em Areias; peças eventuais de cestaria em fibras naturais; e uma bem-vinda produção, ainda modesta e individual, de animais esculpidos em madeira, em Arapeí.

A ação aqui proposta reage à manifestação, expressa em oficinas e entrevistas – de Cachoeira Paulista a Lavrinhas, de Cruzeiro a Arapeí –, de que falta uma identidade ao artesanato do território, salvo pelo crochê de barbante, em Bananal. Para tanto, sugere-se a realização de oficinas itinerantes pelos municípios, voltadas aos artesãos e aos interessados em sê-lo, levando inspirações e formas de aplicação, em diversos suportes e materiais, de temas vinculados à fauna e à flora da Mata Atlântica.

Referências não faltam. O Atelier Dois Capelistas surgiu em Antonina (PR) com o intuito de criar peças com material de reúso. A partir da vivência com a natureza os dois artesãos passaram a utilizar cipó-imbé, galhos de jabuticabeira, fibra de bananeira e taboa, até que ganharam três caixas de sapatos com antigas linhas de bordados. Desde então, já bordaram mais de 80 espécies de pássaros em quadros, almofadas, guardanapos, broches e afins, fazendo valer a assinatura "arte que vem da Mata Atlântica". Fotos de seus bordados ilustram de livros a quebra-cabeças.

Bordados do Atelier Dois Capelistas

Fonte: Dois Capelistas

Em Campo Grande (MS), a artesã Marina Cardoso encontrou nos dois biomas do seu estado – Pantanal e Cerrado – a motivação para criar peças cerâmicas, combatendo o stress da pandemia. Também ilustradora digital, Marina desenha araras, veados, capivaras e outros animais, para objetos utilitários e decorativos. Em seguida modela, queima e esmalta, estudando as cores para que cada obra tenha um ar de ilustração digital. Sua Copa de Barro assina "cerâmica rústica inspirada na biodiversidade, na arte rupestre e nos contos da nossa terra".

Na gaúcha Rosário do Sul, município com cerca de 40 mil habitantes, artesãos capacitados pela Fundação Bradesco criou em 2012 a Associação Artesanato Pampa Caverá. Seu tema predileto são as culturas e os biomas regionais e nacionais. São exemplos as coleções "Fauna e Flora do Brasil"; "Primavera no Pampa" e "Bichos do Brasil" – uma linha de acessórios e produtos para bebê e infantis, inspirados em quatro animais da fauna brasileira ameaçados de extinção: arara-azul, mico-leão-dourado, onça-pintada e tartaruga-verde.

Peças da coleção Primavera no Pampa

Fonte: Associação Artesanato Pampa Caverá

Em Guaratinguetá, no Vale do Paraíba paulista, a artista mosaicista Ju Barros tem na natureza uma de suas maiores inspirações. A coleção "Biomas do Brasil" é composta por seis painéis de mosaicos com pintura em vidro, um para cada bioma brasileiro – Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa –, retratando espécies nativas ameaçadas de extinção.

Peças da coleção Biomas do Brasil - Ju Barros

Fonte: Mapa da Energia Criativa

Alunos do projeto “Arte que vem das águas” com suas obras

Crédito: Garimpo de Soluções

Em Iguape, no Vale do Ribeira paulista, o projeto Arte que vem das águas ofereceu um curso de escultura em madeira com troncos e galhos depositados pelo Rio Ribeira na Praia do Leste. Cada participante retratou um animal do ecossistema marinho da Mata Atlântica, selecionado de uma lista previamente levantada pela equipe do projeto, entre ameaçados de extinção, difíceis de encontrar e ainda abundantes na região. As primeiras obras realizadas originaram a exposição de reabertura da primeira Casa de Fundição do Brasil e foram cedidas pelos aprendizes para um leilão online. Os recursos arrecadados possibilitaram a compra de equipamentos para uma rádio web comunitária dos jovens da região.

Faseamento

1. Levantamento dos municípios interessados.
2. Identificação e contratações dos professores.
3. Desenho das oficinas.
4. Organização do calendário e abertura de inscrições.

Profissionais potencialmente beneficiados

Artesãos, artistas plásticos, designers e fotógrafos; galeristas e proprietários de lojas de artesanato.

Abrangência geográfica

Regional

Governança

Coordenação
Sebrae

Potenciais parceiros
Prefeituras; Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo/Sutaco.

KPI sugeridos

De ação

- Interesse e participação de ao menos dois municípios.
- Realização de no mínimo duas oficinas por município.
- Participação de ao menos 10 alunos por oficina, com foco em mulheres e jovens.

De desenvolvimento

- Aumento das despesas dos turistas com artesanato.
- Crescimento da formalização dos artesãos.
- Elevação da participação de jovens em atividades artesanais.
- Fortalecimento da articulação entre cadeias criativas (e.g. artesanato e turismo).

Aderência aos ODS

8.3 10.1 11.4 12.8

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); soluções setoriais; Empreenda Rápido; acesso a mercado; fortalecimento da inclusão produtiva; consultorias; Sebraetec.

AÇÃO 13

Museu das Histórias não Contadas

Descritivo

Implementação do Museu das Histórias não Contadas na Fazenda Pau d'Alho.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Promoção da ambiência criativa.
- Fortalecimento da governança.

Objetivos da ação

- Promover a identidade regional.
- Diversificar a atratividade turística da região, por meio de uma oferta única.
- Posicionar o Vale das Histórias como referência de inovação no resgate de histórias fundamentais para o entendimento do território e do Brasil.
- Conceber um espaço de convergência das histórias da sociedade.
- Conferir novo uso a um edifício patrimonial de valor inestimável.

Contextualização

Entre as várias histórias do Vale das Histórias, algumas demandam ser resgatadas com premência. Nessa categoria se inserem as histórias das pessoas negras traficadas para a região, bem como as dos Puri, cujo extermínio entrou para os livros como a liberação de um estorvo à colonização. Em outra chave, há histórias de todos os que não aparecem nos livros oficiais e que compuseram o Vale em suas várias fases.

O Vale do Paraíba carrega marcas de contribuição nacional. Conforme descrito no diagnóstico, foi a partir dele que o Brasil ganhou alinhavos de país; foi por suas veias que, em diferentes séculos, bandeirantes e tropeiros seguiram e firmaram trilhas, originando pousos, vilas, hoje cidades; transmitiram notícias que insuflaram rebeliões e pertencimentos, no próprio Vale e Brasil adentro; deram raiz e sustentação aos ciclos do ouro e do café, marcando este último elementos de acumulação e infraestrutura que, paradoxalmente, possibilitaram ao país passar de agrícola a industrial, de escravocrata a abolicionista.

Essas também são histórias diluídas no repertório atual, bem como as que a elas se seguiram, a exemplo da Revolução Liberal de 1842 e das consequências ainda vivas da desapropriação dos

sertanejos, em 1971, quando da criação do Parque Nacional.

Faltam elementos fundamentais no quadro do Vale das Histórias. Consolidaram-se versões monocromáticas, ladeadas por lacunas de histórias jamais contadas. A ação aqui proposta busca resgatar e ressignificar essas histórias, trazê-las à tona, puxar fios que nos conduzem a quem somos. A riqueza que o território carrega ainda está, em boa parte, por ser revelada e recontada – de forma fresca e envolvente. Uma oportunidade fabulosa, em um momento de mundo no qual as narrativas são mais poderosas do que nunca.

Referências de histórias

O vizinho Vale do Café tem sido mais atento à diversidade de suas origens. O estado do Rio de Janeiro tem duas de suas seis comunidades inseridas na rota turística do Vale do Café (Valença e Rio Claro). Há também o projeto "Passados Presentes – memória da escravidão no Brasil", que desenvolveu quatro aplicativos para celular e realizou exposições permanentes nos quilombos do Bracuí e de São José da Serra. Já o Parque das Ruínas de Pinheiral, que abriga a antiga sede da fazenda onde trabalhavam mais de 3 mil escravizados, foi selecionado pelo novo Programa de Aceleração do Crescimento para a instalação de um parque temático sobre a história do negro no Vale do Café.

Ainda em 2024, mais de 400 lideranças quilombolas de 18 comunidades tradicionais dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo se reuniram no 3º Encontro de Jongos do Vale do Café. O evento foi liderado pelas cinco comunidades de jongo da região, ponta de lança do Circuito Afro do Vale do Café, mirando o turismo e a economia criativa.

Nos Estados Unidos, o museu Whitney Plantation, inaugurado em 2014, tem a missão de educar a sociedade acerca da história e dos legados da escravidão no país. Inaugurada em 1752 e ativa até 1975, a fazenda convertida em museu contém mais de uma dezena de edifícios patrimoniais, vários dos quais tombados. Em seu acervo apresenta dados históricos dos cerca de 350 escravizados que por ali passaram e 40 esculturas ilustrando a vida de um escravizado, do nascimento à morte.

Whitney Plantation

Fonte: @Whitney Plantation/Elsa Hahne

Do outro lado do Atlântico, a França realizou 4.220 viagens de navios negreiros, entre meados dos séculos XVII e XIX. A cidade portuária de Nantes participou de 43% delas, tendo seus navios traficado mais de meio milhão de homens, mulheres e crianças subtraídos da África para as colônias francesas no continente americano. A partir da década de 1980 iniciaram ações de resgate desse legado, primeiramente movidas por historiadores e ativistas. Em 1985 foi realizado um seminário internacional, cujas atividades complementares – pesquisa, programação cultural – tiveram seu financiamento negado pela Prefeitura.

Seguiram-se três décadas pontuadas por exposições temporárias, articulação de coletivos locais, uma primeira obra comemorativa encomendada pelo governo municipal, abertura de uma exposição permanente em várias salas do Museu da História de Nantes, até a inauguração do Memorial da Abolição da Escravidão, em 2012. Paralela-

mente, o conteúdo transpôs os muros do museu. No ano de abertura foram instalados painéis informativos em 14 pontos da cidade.

Em 2016 foi lançada uma política de denominação de ruas, homenageando os que lutaram contra a escravidão e narrando as ações das autoridades políticas e econômicas que participaram dela. Em vez de apagar um passado irreversível, a cidade optou por "assumir a herança de sua história" e atuar no presente com vistas ao futuro, como "um lembrete de vigilância permanente contra qualquer forma de atentado à dignidade humana".

Em 2019, a cidade se tornou membro fundador da Fundação para a Memória da Escravidão. Em seus primeiros dez anos, o Memorial recebeu mais de meio milhão de visitantes. A cidade que era associada ao tráfico de escravos tomou a dianteira na luta pelo reconhecimento das memórias e contra qualquer forma de escravidão, pois "a partir das lições do passado são feitas escolhas e engajamentos para o presente e o futuro".

Na Nova Zelândia, a concepção do Museu Nacional Te Papa partiu do pressuposto de que todos deveriam se sentir representados e ter orgulho de seu papel na construção do país – ontem, hoje e amanhã. O museu, aberto em 1998, em Wellington, é bilíngue (inglês e maori) e tem como pilar fundamental a atuação em rede com as diversas comunidades aborígenes do país. Isso abrange da organização de exposições que contem suas histórias, por eles, com eles e para eles, à coordenação de um programa de repatriação de antigas relíquias maori integradas ao acervo de museus em outros países.

No Rio de Janeiro, o Complexo da Maré compreende 140 mil moradores, distribuídos entre 17 comunidades. Estende-se sobre uma área originalmente de mangues e praias, cuja ocupação foi impulsionada pela construção da Avenida Brasil. Em 1994 foi oficialmente reconhecido como bairro.

Fundado em 2006, o Museu da Maré nasceu do entendimento de que o processo de ocupação da Maré e o papel de cada família devem ser valorizados como movimento de resistência e pertencimento. Sua concretização decorreu do desejo dos moradores de terem o seu lugar de memória, de reflexão sobre suas identidades e condições. Com especial pertinência à proposta do Museu das Histórias não Contadas, o da Maré defende a pluralidade das representações da história e da memória de grandes parcelas da população.

Hoje, o Museu da Maré desenvolve ações voltadas ao registro, à preservação e à divulgação da história das comunidades da Maré, em especial por meio da história oral. O acervo é composto por objetos doados pelos moradores.

Em Belo Horizonte, a construção do Museu MUQUIFU, na Vila Estrela, surgiu do entendimento de que as histórias e memórias dos moradores da favela são importantes não apenas para ela, mas para toda a cidade. O espaço reúne fotografias, instrumentos, objetos e o patrimônio imaterial dos que formaram e constroem as diversas favelas e quilombos urbanos de Minas Gerais – daí o nome MUQUIFU, Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos. Mais do que salvaguardar a memória, o intuito é dar voz à comunidade.

Exposição no Museu da Maré

Fonte: a.muse.arte

Faseamento

1. Negociação da proposta com o Iphan, que custodia a Fazenda Pau d'Alho.
2. Contratação da equipe.
3. Definição da governança do projeto.
4. Organização de encontros com a comunidade, para instaurar um processo de participação e envolvimento.
5. Desenvolvimento dos projetos executivos de restauro e adequação patrimonial; museológico; e curatorial.

Profissionais potencialmente beneficiados

Empresários e demais profissionais do turismo, trabalhadores da economia criativa, prestadores de serviços beneficiados pelo fluxo de turistas.

Abrangência geográfica

São José do Barreiro

Governança

Coordenação
Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo

Potenciais parceiros
Iphan; Prefeitura de São José do Barreiro; Consórcio Novo Vale; fazendas patrimoniais do Vale das Histórias; Sebrae; Aprecesp; Secretaria de Turismo e Viagens e Secretaria da Justiça do Estado de São Paulo; Fundação para a Memória da Escravidão.

KPI sugeridos

De ação

- Celebração de convênio entre Governo do Estado de São Paulo e Iphan.
- Obtenção de orçamento para a constituição da equipe e das atividades dos primeiros 12 meses.
- Realização de ao menos seis oficinas com a população.
- Criação e aprovação dos projetos executivos.

De desenvolvimento

- Aumento da contratação de profissionais locais para trabalharem no museu.
- Maior qualificação desses profissionais.
- Crescimento do fluxo de turistas.
- Elevação do gasto médio diário dos turistas.
- Expansão do número de dias de permanência do turista.

Aderência aos ODS

4.7 8.7 10.3 11.4 16.10

Relação com o portfólio do Sebrae

Empreenda Rápido; Crie! Políticas Públicas.

AÇÃO 14

Parada Digital

Descritivo

Centro articulado de cursos livres em tecnologias digitais, oferecendo percursos formativos curtos, modulares e progressivos, em formato híbrido.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Promoção da ambiência criativa.
- Valorização dos jovens.
- Fortalecimento da governança.
- Diversificação de setores econômicos.

Objetivos da ação

- Oferecer atividades formativas vinculadas ao imaginário dos jovens.
- Promover cursos de capacitação que conciliem oportunidades no mercado laboral e possibilidades de lazer.
- Estimular a oferta de serviços digitais que supram a demanda no território.
- Proporcionar um local de encontro e formação de comunidade para os jovens do Vale das Histórias.

Contextualização

Uma das queixas recorrentes dos cidadãos do território é a falta de ocupação para os jovens de 12 a 19 anos (equivalente aos ensinos Fundamental II e Médio), tornando-os vulneráveis a descaminhos e sem alternativas à migração. Essa carência abrange atividades preparatórias para a inserção no mercado de trabalho, mas também de lazer, de expansão da criatividade e da imaginação, de ferramentas para lidar com desafios próprios ao contexto desses jovens e mesmo de locais de encontro e formação de uma identidade compartilhada.

Complementarmente, empreendedores e empresários enfrentam dificuldades em dispor de serviços regionais qualificados – incluindo os de audiovisual, criação de plataformas digitais, gestão de redes sociais de seus negócios –, enquanto gestores públicos e de instituições de ensino relatam pouco êxito em formar quórum para os cursos tradicionalmente oferecidos.

Como resposta a esses vários aspectos, Parada Digital se refere à constituição de um centro de formação e produção de conteúdo audiovisual e de comunicação digital oferecendo cursos curtos, práticos e progressivamente trilhados, que permitam desenvolver habilidades digitais e sociais de maneira lúdica, criativa e vinculada ao universo aspiracional dos jovens do território.

Estruturação física e conteúdo programático

Segundo o Censo de 2022, há no Vale das Histórias 4.937 adolescentes mulheres e 5.032 homens, na faixa dos 15 aos 19 anos. Com vistas a atender a região, sugere-se que os cursos sejam híbridos, com atividades presenciais periódicas, aos fins de semana e aulas online em tempo real, durante a semana – noturnas e/ou no contraturno das escolas.

Para tanto, recomenda-se a criação de uma sede física central – essencial para propiciar o encontro dos jovens dos vários municípios –, com estruturas física e técnica suficientes para abrigar as atividades presenciais e transmitir os conteúdos online em tempo real. Vista a centralidade de Cruzeiro na oferta de serviços regionais, incluindo de mobilidade, ademais do acesso facilitado a empresas de maior porte que poderiam ser parceiras do projeto, recomenda-se que a sede da Parada Digital se dê nesse município. Propõe-se ainda considerar que o local escolhido para esse fim seja a Rotunda, resgatando sua função cultural e restituindo sua fruição pela população.

Aos demais municípios do território caberia a) disponibilizar transporte para as atividades presenciais em Cruzeiro; b) organizar localmente as Paradinhas Digitais – espaços com equipamentos munidos dos programas adequados e com conexão Internet gratuita, democratizando assim a participação de quem não puder fazê-lo em casa; e c) divulgar de maneira efetiva e mobilizadora a programação das atividades.

No cardápio programático da Parada Digital, recomenda-se contemplar ações:

a) **Formativas**, a exemplo de cursos e oficinas de concepção, gravação, edição e finalização de vídeos para YouTube e TikTok; planejamento, gestão e criação de conteúdo para Instagram; roteirização, produção e apresentação de podcasts e séries web; técnicas e edição de fotografias e imagens digitais; gravação, edição e mixagem de trilhas e vinhetas sonoras; construção de arquitetura e design de sites e plataformas digitais; elementos de design gráfico; montagem e manutenção de computadores.

b) **Inspiracionais**, incluindo palestras e rodas de conversa com profissionais de áreas vinculadas ao conteúdo dos cursos. Uma linha de conteúdo especialmente significativa seria a de encontros "pratas da casa", com talentos regionais de destaque nos setores criativos, aproximando os jovens de casos de sucesso com os quais possam se identificar mais facilmente e elevar seu orgulho do território.

c) **Sociais**, dedicadas a exibições de filmes, palestras e oficinas focadas em desenvolvimento pessoal (habilidades socioemocionais, mindfulness, saúde mental) e atividades de network em geral.

Potrero Digital

Fonte: Potrero Digital

Como referência, Potrero Digital é um projeto inovador que oferece novas perspectivas sobre futuros possíveis para jovens em situação de vulnerabilidade, em uma região periférica de Buenos Aires. Organizado pela cooperativa La Juanita, criada por e para a comunidade residente, tem como mote a formação em ofícios digitais,

mas com objetivos mais amplos do que apenas majorar as oportunidades de trabalho dos jovens nos setores criativos. Nesse rol, encontram-se reduzir o gap digital (e, por decorrência, de mobilidade social) e estimular o desenvolvimento de habilidades pessoais que aumentem a confiança no desenho e na consecução de projetos de vida.

Ademais de eventualmente despertar o interesse de empresas que reconhecem os benefícios de proporcionar ambientes mais propícios à criatividade no território em que atuam, a exemplo de Maxion Iochpe e Suall, há potenciais oportunidades de parcerias com o governo do estado e instituições como Sebrae, Senac e Senai. Reconhecedoras da dificuldade de mobilizar jovens do território para cursos tradicionais, são dotadas de quadro docente e experiência técnica suficientes para construir novas propostas com o perfil de Parada Digital. É eventualmente o caso do Programa Qualifica SP, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo, que entre suas linhas oferece a do Primeiro Emprego, para jovens de 16 a 24 anos.

Faseamento

1. Celebração de convênio entre as prefeituras.
2. Formalização de parcerias e cessão de espaço da Parada Digital.
3. Contratação das equipes de coordenação e docentes.
4. Adequação da infraestrutura das Paradinhas Digitais.
5. Lançamento dos cursos.
6. Organização da logística intermunicipal para os estudantes.

Profissionais potencialmente beneficiados

Jovens de 14 a 21 anos, negócios em geral com demandas digitais (presença digital, gestão de redes, design gráfico, produção audiovisual).

Abrangência geográfica

Regional, com sede em Cruzeiro.

Governança

Coordenação
Prefeitura de Cruzeiro

Potenciais parceiros
Prefeituras de Arapeí, Areias, Bananal, Cachoeira Paulista, São José do Barreiro, Lavrinhas, Queluz e Silveiras; Sebrae; Maxion Iochpe; Suall; Qualifica SP/ Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo; Senai; Senac; Consórcio Novo Vale.

Aderência aos ODS

4.4 e 4.5 8.3 e 8.6 10.2

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); Sebrae for Startups; Crie Games; Empreenda Rápido.

KPI sugeridos

De ação

- Adesão de ao menos três municípios.
- Lançamento de ao menos três cursos, totalizando ao menos 100 interessados.
- Inscrições correspondentes a ao menos 70% das vagas.
- Conclusão do curso por ao menos 70% dos inscritos.

De desenvolvimento

- Aumento do número de CPNJ com CNAE aderentes à ação.
- Diminuição da intenção de êxodo dos jovens.
- Maior percentual de presença digital das empresas B2C.

AÇÃO 15

Passaporte do Vale das Histórias

Traga a sua!

Descritivo

Passaporte regional combinando a divulgação de atrativos e pontos de interesse, funcionando ainda como registro de memória.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Fortalecimento da governança.

Objetivos da ação

- Promover a identidade regional.
- Incitar os municípios a sistematizar inventários locais de atrativos.
- Estimular sinergias entre atrativos patrimoniais, naturais e culturais no território, com vistas a gerar propostas turísticas com valor agregado.
- Envolver os turistas na divulgação da imagem da região.

Contextualização

Um dos mais conhecidos passaportes de carimbos é o do Caminho de Compostela. Chamado de "credencial de peregrino", tem como origem o salvo-conduto do qual, na Idade Média, os peregrinos se utilizavam para percorrer o caminho. Carimbada pelos pontos de controle ao longo do trajeto, ao menos duas vezes por dia nos últimos 100 km do percurso (para os peregrinos a pé ou a cavalo) ou nos últimos 200 km (para os ciclistas), é emitida pelo Escritório do Peregrino e se torna um item de lembrança para a vida inteira.

A partir dessa e de outras experiências plurisseculares, diferentes destinos já desenvolveram estratégias para, em ações conjuntas com negócios em geral, estimular a permanência e o retorno dos visitantes, de forma envolvente e afetiva. Caso recorrente é o do passaporte de atrações, dada a vinculação com o ideal de viagem e a possibilidade de utilizar o item como uma lembrança. Concebido em diferentes formatos, pode ou não envolver vouchers e programas de desconto em estabelecimentos cadastrados.

Credencial do Peregrino - Caminho de Santiago

Fonte: Buen Camino

Em Tóquio, a iniciativa do passaporte remonta à década de 1930. Foi quando o sistema ferroviário japonês lançou seus primeiros carimbos, normalmente baseados em atrativos vizinhos e em ideogramas kanji, um dos sistemas de alfabetos utilizados no país. Os carimbos representam 78 estações centrais de trem de 11 linhas da cidade e foram redesenhados, depois de 17 anos.

Carimbos de estações de Tóquio

Fonte: spoon-tamago.com

A iniciativa agitou o mundo dos colecionadores das mais diversas idades, gerando nova motivação para quem segue a tradição de levar seu "passaporte local" para coletar os carimbos, e ostentar entre amigos o volume de selinhos.

Pouco depois da pandemia, o Uruguai lançou um passaporte digital de turismo rural e natureza, como estratégia para aumentar o volume de turistas e convidá-los a conhecer mais do país. O foi disponibilizado gratuitamente online e fisicamente, para que os turistas pudessem se beneficiar dos descontos oferecidos.

Passaporte da Estrada Real

Fonte: Guia da Estrada Real

No Brasil, o Instituto Estrada Real também lançou seu passaporte, nas versões virtual e impressa. Para recebê-lo impresso, é necessário preencher um cadastro e comparecer a um dos pontos de retirada (inclusive em Guaratinguetá e Cunha, que integram o caminho), portando o código recebido por mail e 1kg de alimento não perecível, agasalho ou cobertor, a ser destinado a uma instituição local. Para facilitar a obtenção dos carimbos, há uma variedade de pontos de retirada – de órgãos públicos a padarias, de pousadas a livrarias.

Mais recentemente, o Festival de Parintins lançou seu passaporte, em ação coordenada pela Amazonas Tur. Com vistas a estimular os cerca de 120 mil visitantes que acodem ao festival a colecionar experiências na região, circulando além do Bumbódromo, o passaporte carimbado dá direito a um brinde, a ser retirado no Turistódromo, espaço que reúne diversos serviços aos turistas.

Some sua história às nossas!

O Passaporte do Vale das Histórias é pensado para os nove municípios, fortalecendo o entendimento da região como território. A partir da confirmação do número de participantes será definida a quantidade mínima de carimbos para que o passaporte seja considerado completo. Tendo em vista os municípios possuírem posicionamentos turísticos e apelo a públicos diferentes, é razoável pressupor que seriam percorridos por turistas com distintos perfis.

Complementarmente, sugerem-se dois artifícios para incrementar o envolvimento dos visitantes. O primeiro é o passaporte ter um dos espaços para carimbo dedicado a uma foto pessoal. Além de permitir que cada documento tenha algo intransferível, funcionaria como um convite adicional para a circulação dos turistas. Para a realização da foto seriam dispostas, ao longo do território, molduras instagramáveis do Vale das Histórias. Os locais mais cênicos e propícios à ação seriam sugeridos pelos cidadãos e decididos por votação.

Já os turistas trariam no passaporte um espaço de carimbo dizendo "Minha história com o Vale das Histórias". Com isso, entende-se que se sentiriam convidados a produzir fotos originais e postá-las nas redes sociais, marcando as hashtags indicadas (do município, do passaporte) e divulgando o território.

O segundo artifício para gerar maior engajamento dos turistas é oferecer algum brinde exclusivo vinculado ao território, para os que conseguirem um número mínimo de carimbos de diferentes municípios. Imagina-se um item artesanal feito sob medida, uma gravura da região, um lenço ou bandana para trilhas ou qualquer outra lembrança que remeta à viagem, torne-se um objeto de desejo e convite ao retorno e traga a identidade visual do Vale das Histórias.

Moldura instagramável na Cidade do Cabo (África do Sul)

Fonte: Cape Town Tourism

Faseamento

1. Articulação do projeto entre os municípios.
2. Definição dos pontos a serem transformados em carimbos.
3. Realização de chamada pública para a participação dos estabelecimentos interessados em distribuir os passaportes e carimbos.
4. Convite à população para sugerir e votar nos locais mais instagramáveis.
5. Lançamento do concurso entre residentes, para a concepção do passaporte.
6. Definição da estratégia de comunicação.
7. Impressão dos passaportes e criação da versão digital.
8. Produção e veiculação das peças de comunicação.

Profissionais potencialmente beneficiados

Empresários e trabalhadores do turismo e do comércio em geral.

Abrangência geográfica

Regional

Governança

Coordenação
Consórcio Novo Vale/prefeituras.

Potenciais parceiros
Sebrae; Secretarias de Turismo municipais; Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo; empresários interessados em distribuir passaportes e carimbos; agências de viagens.

KPI sugeridos

De ação

- Adesão de ao menos três municípios.
- Definição de no mínimo três pontos de interesse em cada.
- Distribuição dos passaportes e carimbos em ao menos dois locais por município.
- Definição de ao menos dois locais instagramáveis por município participante.

De desenvolvimento

- Aumento do número de turistas que circulam na região.
- Crescimento da arrecadação tributária com o turismo.
- Elevação do turismo no PIB.
- Criação de uma instância regional efetiva na gestão da ação.

Aderência aos ODS

8.9 11.4

Relação com o portfólio do Sebrae

Agentes de Roteiros Turísticos; soluções setoriais; acesso a mercado; consultorias; Sebraetec.

AÇÃO 16

Polo Avançado APTA da Bocaina

Descritivo

Desenvolver um Polo Avançado da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios de Pindamonhangaba, vinculado às vocações e oportunidades do Vale das Histórias.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Promoção da ambiência criativa.
- Valorização dos jovens.
- Fortalecimento da governança.
- Diversificação de setores econômicos.

Objetivos da ação

- Gerar um polo de produção tecnológica de referência para as cadeias produtivas regionais – consolidadas e alternativas – com agregação de valor.
- Favorecer um processo coletivo de valorização do campo pela região.
- Promover um percurso de formação continuada dos jovens da zona rural e de jovens simpatizantes com a zona rural.
- Desenvolver um veio de educação vinculado às vocações do território.
- Valorizar os saberes regionais rurais ainda vivos, em sinergia com o conhecimento técnico da APTA.

Contextualização

As origens agrárias do Brasil deitaram raízes na concentração fundiária e no controle do poder político. Em consonância, ao longo do tempo a educação do campo não integrou as prioridades dos sucessivos governos, na escala e na profundidade que a zona rural teria merecido. Ultimamente, porém, a educação e a escola do campo vêm assumindo majorada relevância para o desenvolvimento das comunidades rurais.

Por um lado, a ação-construção educativa permite às comunidades se integrar social, cultural e economicamente, constituindo ainda um veículo difusor de conhecimentos e saberes sociais. Por outro, há o reconhecimento da urgência de oferecer percursos de fixação dos jovens no campo, cuja população se mostra cada vez mais envelhecida, de modo a promover a segurança alimentar e evitar a desocupação do território.

Essa transformação educacional se dá de forma ainda lenta, por práticas educativas diferenciadas, contemplando os interesses da comunidade local, suas especificidades, dinâmicas, possibilidades e alternativas, bem como seus limites. Ressalte-se que as escolas rurais representam praticamente metade das escolas no país, abrigando porém cerca de 13% dos alunos.

Esse olhar bebe de experiências e elaborações que atribuem à educação a oportunidade de fortalecer a identidade do homem do meio rural, a partir da preservação de seus valores e de sua cultura. Da mesma forma, defendem que a escola do campo deve ser viva, construída por sua comunidade e vocacionada ao desenvolvimento social, mantendo a cultura e a história do lugar.

Dessa forma, tem-se buscado construir uma educação do campo que finque o conhecimento no território, concedendo aos habitantes das áreas rurais o direito à cidadania e a uma educação coerente com seu contexto, eventualmente adotando a pedagogia da alternância.

Os exemplos exitosos advêm dos mais variados contextos. Em Goiás, o Instituto Educacional Tiradentes (IET) é destaque na qualificação de jovens e de famílias de Niquelândia. O fechamento da maior empresa de mineração do município gerou 12 mil desempregados, dentre os 45 mil habitantes e lançou Niquelândia na lanterna do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal do estado. A busca por diversificação econômica deu foco à agricultura e ao IET, que ensina técnicas de produção sustentáveis, como a permacultura e a agricultura sintrópica. Já no vizinho campus de Agricultura Familiar Sítio Bagagem são desenvolvidas pesquisas de produção sustentável de café e frutas.

Escola Família Agrícola de Ipueiras

Fonte: Divulgação/@Diário do Nordeste

Na pequenina Ipueiras, no Ceará, a Escola Família Agrícola Padre Eliésio dos Santos atingiu a segunda melhor nota dentre as escolas públicas do país, no IDEB 2023. A cada ciclo a escola realiza um diagnóstico para conhecer a realidade dos alunos, majoritariamente filhos de agricultores. O programa de ensino envolve a escolha e o desenvolvimento de unidades produtivas a serem implantadas na família, com o objetivo de gerar renda extra e manter o jovem no campo, inclusive depois de eventualmente ter cursado universidade.

Há no Vale do Paraíba centros de formação agropecuária, a exemplo das Escolas Agrícolas de Jacareí, da Universidade de Taubaté (com cursos de Agronomia e Medicina Veterinária) e da APTA Regional de Pindamonhangaba. A proposta aqui apresentada envolve a criação de um polo avançado sediado em Arapeí – município no qual a presença rural é forte e em busca de um posicionamento diferencial –, tendo abrangência territorial.

A ênfase recai sobre a agregação de valor nas cadeias de produção e beneficiamento dos produtos regionais atuais – a exemplo de queijo e cachaça – e dos vocacionados para um território circundado por áreas de preservação. Entram nesse rol, além de frutas nativas da Mata Atlântica, outros culti-

vos e técnicas já pesquisados pela APTA, como plantas alimentícias não convencionais (PANC), plantio orgânico e agroecológico, sistemas agroflorestais, plantas medicinais e aromáticas, óleos essenciais e meliponicultura.

Ações históricas e atuais da APTA Regional de Pindamonhangaba

Fonte: APTA Regional de Pindamonhangaba

O Polo Avançado APTA da Bocaina atuará como escola rural, provendo educação básica e abrigando ainda debates acerca dos negócios comunitários, o desenvolvimento de programas de educação de adultos e eventos recreativos e sociais, em um contexto carente destes.

Entre as vantagens desse modelo, cabe mencionar:

- **maior facilidade** de continuidade do ensino e conhecimento da criança;
- **fluidez** do entrosamento da escola com a criança e suas famílias;
- **capacidade** de atentar às diferenças individuais dos alunos;
- **encorajamento** da criança a se desenvolver, com menor pressão competitiva;
- **sentimento majorado** de segurança e pertencimento;
- **facilitação** das trocas intergeracionais de conhecimento;
- **ampliação** do senso de comunidade;
- **adequação** do conteúdo didático à realidade do aluno;
- **valorização** do trabalho no campo.

Faseamento

1. Validação do interesse pelas prefeituras.
2. Orquestração da proposta com a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.
3. Definição do local de implementação.
4. Articulação com as escolas rurais do Vale das Histórias.
5. Abertura do debate com as comunidades rurais da região.
6. Sistematização, seleção e organização das sugestões pré-implementação.

Profissionais potencialmente beneficiados

Produtores rurais, jovens em formação, professores das áreas contempladas, pesquisadores, prestadores de serviço no campo.

Abrangência geográfica

Regional, com sede em Arapeí.

Governança

Coordenação
Prefeitura Municipal de Arapeí

Potenciais parceiros
Sebrae; APTA; Consórcio Novo Vale; Secretaria de Educação e Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

KPI sugeridos

De ação

- Compromisso de ao menos dois municípios.
- Oferta de ao menos uma turma por semestre.
- Atingimento do número mínimo de alunos, conforme projeto a ser detalhado.

De desenvolvimento

- Elevação do número de profissionais com ocupação em setores rurais.
- Diminuição do nível de insegurança alimentar.
- Redução na taxa de intenção de êxodo dos jovens.
- Aumento do número de CNPJ vinculados à produção rural.

Aderência aos ODS

2.3, 2.4 e 2,5 | 4.3 e 4,7 | 10.2 | 11.a | 13.3 | 15.3

Relação com o portfólio do Sebrae

Sebraetec; soluções INOVA.

AÇÃO 17

Polo de Hidroterapia

Descritivo

Desenvolver um polo de hidroterapia em balneários e pousadas de Lavrinhas, atendendo à demanda gerada pelo Hospital de Cruzeiro e ajudando a compensar a sazonalidade turística.

Objetivos do plano

- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Fortalecimento da governança.
- Diversificação de setores econômicos.

Objetivos da ação

- Promover uma fonte de faturamento complementar para o setor de hospitalidade de Lavrinhas, em períodos de ociosidade dos balneários.
- Fortalecer os serviços oferecidos pelo Hospital Regional.
- Atrair novos profissionais de saúde para a região.
- Fincar o Vale das Histórias como provedor de um serviço diferenciado no estado.

Contextualização

A fisioterapia aquática ou hidroterapia envolve um conjunto de técnicas terapêuticas baseadas em exercícios em piscinas, associadas ou não a manuseios, manipulações, hidromassagem e massoterapia. Sua proposta é prover melhorias com menor risco de intercorrências, como dor muscular e lesões articulares por impacto.

De modo geral, os casos de tratamento se referem a alívio de dor, aumento da circulação sanguínea, manutenção e/ou aumento das amplitudes de movimento, reeducação dos músculos paralisados, desenvolvimento de força e resistência muscular, melhora da atividade funcional da marcha e independência funcional, associados a questões reumáticas, ortopédicas e traumatológicas, neurológicas, respiratórias, cardíacas, endócrinas ou psíquicas. A hemofilia é tida como uma das doenças para as quais a hidroterapia é crucial.

Movimentos da hidroterapia para crianças com deficiências

Explore how Hydrotherapy can help kids living with disabilities enhance their mobility and independence at Healthstin in Hurstville!

Fonte: Healthstin

A fisioterapia aquática é uma especialização regulamentada pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO), adotada por diversos hospitais como parte dos serviços vinculados a tratamentos específicos. É o caso do Hospital do Estado do Pará, por meio da Unidade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Em Salvador, o Hospital Ortopédico do Estado, gerido pelo Einstein, também dispõe de uma piscina para fisioterapia aquática. A imersão na água permite que os pacientes realizem movimentos que seriam difíceis fora da piscina, reduzindo dores e rigidez corporal.

Em Taubaté, o Hospital Regional do Vale do Paraíba informa não dispor de serviços de hidroterapia. Já a Clínica de Fisioterapia da Unitau reformou em 2023 seu espaço de hidroterapia, possibilitando o aumento do número de atendimentos semanais. Segundo o Coordenador da Clínica, Prof. César Antônio Pinto, "Para a comunidade como um todo vai ser uma possibilidade de um recurso que é muito escasso não só na cidade, mas no estado de São Paulo. É extremamente positivo termos uma piscina terapêutica onde conseguimos oferecer atendimento de hidroterapia para a população". Além dos ganhos para a população, a ação impacta também a área pedagógica, uma vez que o local é utilizado pelos alunos dos cursos de Fisioterapia e Educação Física.

Conforme a Prefeitura de Cruzeiro, o Hospital Regional atenderá pacientes referenciados dos 39 municípios do Vale do Paraíba, para urgência e emergência de média complexidade. Contará com 178 leitos e seis salas de cirurgia, além de laboratório de análises clínicas e ambulatório habilitado para exames vários. Não é prevista piscina para hidroterapia.

Nem todos os hospitais regionais dispõem de uma. O Hospital Regional de Registro, por exemplo, não oferece o serviço – mas a Prefeitura realizou convênio para o fornecimento desse serviço aos pacientes.

A menos de meia hora do Hospital Regional de Cruzeiro, os balneários e pousadas de Lavrinhas enfrentam problemas de sazonalidade. Esta se dá tanto em meses mais frios, como durante a semana. Embora em sua maioria não disponham hoje de piscina aquecida, a demanda regional gerada pelos serviços de hidroterapia – com potencial para abranger os municípios lindeiros à Dutra, o Vale das Histórias, o Vale do Paraíba fluminense e pequenos municípios do sul de Minas Gerais – poderia impulsionar o investimento em adaptação da infraestrutura.

A localização de Lavrinhas, sobre a estrada de maior fluxo do país, também apresenta posição privilegiada, visto uma das maiores causas de problemas ortopédicos no Brasil serem os acidentes de trânsito.

Faseamento

1. Analisar a demanda regional potencial para o serviço de hidroterapia.
2. Validar o interesse dos balneários e pousadas de Lavrinhas.
3. Desenvolver um plano de trabalho junto à Diretoria Regional de Saúde de Taubaté, por meio do Consórcio.
4. Negociar o custeio do tratamento com a Secretaria de Estado da Saúde.
5. Adaptar os empreendimentos para o bom atendimento da infraestrutura.
6. Lançar o edital de licitação para realização do convênio.

Profissionais potencialmente beneficiados

Empreendedores e trabalhadores do setor de hospedagem, fisioterapeutas.

Abrangência geográfica

Cruzeiro e Lavrinhas.

Governança

Coordenação
Consórcio Novo Vale - Câmaras de Turismo e Saúde

Potenciais parceiros
Hospital Regional de Cruzeiro; Diretoria Regional de Saúde de Taubaté; Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo; Sebrae.

KPI sugeridos

De ação

- Demanda potencial viável, conforme a estimada por serviços de fisioterapia (a Prefeitura não dispôs de tais dados).
- Interesse de ao menos dois balneários e/ou hotéis em Lavrinhas.

De desenvolvimento

- Aumento do número de profissionais qualificados em ocupações vinculadas à ação.
- Majoração do número de turistas em Lavrinhas.
- Crescimento do faturamento dos balneários.
- Elevação da arrecadação tributária nos meses de baixa estação.

Aderência aos ODS

3.8 8.3 12.2 e 12.7

Relação com o portfólio do Sebrae

Soluções setoriais; acesso a mercado.

AÇÃO 18

Por Dentro da Tela

Cineturismo no Vale das Histórias

Descritivo

Rota turística inspirada nos locais de filmagem de produções audiovisuais.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Fortalecimento da governança.

Objetivos da ação

- Promover a geração de renda advinda do turismo.
- Diversificar as propostas turísticas, atraindo novos públicos.
- Projetar o conhecimento dos ativos do território.
- Estimular o interesse dos jovens por cursos nos vários elos da cadeia.
- Inspirar a organização de uma governança comprometida com a atração de novas filmagens.

Contextualização

Reviver em primeira pessoa as cenas de sua novela, série ou filme favorito; percorrer os passos de sua atriz ou ator predileto; sentir-se parte de uma obra audiovisual cara ao seu coração. São essas algumas das razões comumente associadas a um dos segmentos do turismo que mais vinculam emocionalmente o turista ao território: o cineturismo.

A Nova Zelândia ganhou notoriedade mundial com a série O Senhor dos Anéis. Cinco anos após o lançamento do primeiro filme da trilogia, o número de visitantes era 40% maior e, 20 anos depois, um a cada cinco turistas ainda declarava que a viagem fora motivada pela produção, cujo apelo foi mantido pelos subsequentes Hobbit, Crônicas de Nárnia, O Piano e O Último Samurai.

Em Edimburgo há uma miríade de passeios a pé por locais que abrigaram cenas de Harry Potter – usualmente com doação sugerida de 20 libras (cerca de R$130). Para dar conta da demanda, apenas o mais bem-avaliado deles no Trip Advisor, The Potter Trail, funciona cinco vezes por semana e opera com 10 guias.

Em Dubrovnic, cidade de 42 mil habitantes, o sucesso de Game of Thrones catapultou o turismo a 1,2 milhão de visitantes. O Prefeito da cidade croata reportou que metade do crescimento do turismo se devia ao filme, que catalisou a escolha do município como melhor destino cultural, em 2019, por uma série de revistas de viagem.

Segundo um estudo recente do Centro Nacional do Cinema da França, 68% dos turistas estrangeiros que visitam o país foram estimulados por filmes e séries realizados na França. Além disso, 92% dos turistas estrangeiros de seis nacionalidades de destaque se lembram de ter visto ao menos uma obra francesa. As plataformas de streaming têm a prevalência dos canais, com 68% (contra 24%, em 2018), uma marca bem distante da TV (35%) e do cinema (32%).

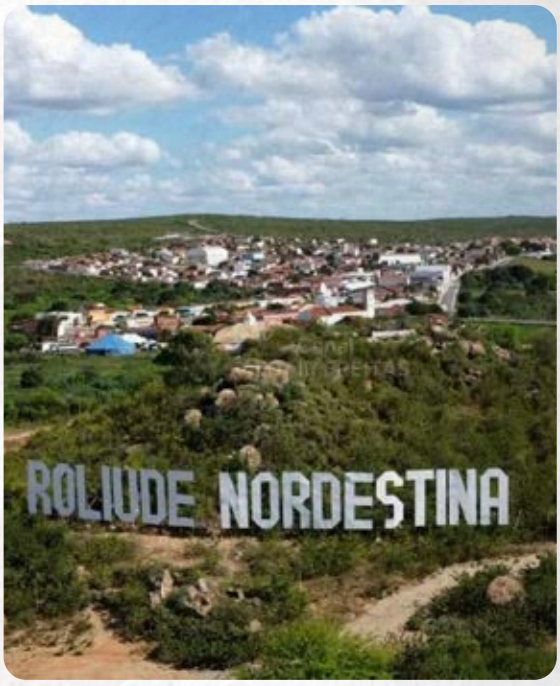
Se nos filmes sobressaem títulos como O Fabuloso Destino de Amélie Poulain e Os Intocáveis, no streaming brotam séries como Lupin, Marseille e Dix Pour Cent. O impacto entre os nacionais também é relevante: 66% dos franceses desejam visitar as regiões em que as obras foram filmadas.

Em 2021, parceria da Organização Mundial do Turismo com a Netflix gerou um relatório global voltado às afinidades culturais associadas ao turismo movido pelas telas. O estudo confirma que a apresentação de regiões e países nas obras, ademais de suscitar o turismo, promove o interesse pelo que caracteriza esses territórios – patrimônio, cultura, idioma, relações interpessoais –, impulsionando especialmente os ODS 8 (Trabalho decente e desenvolvimento econômico), 16 (Paz e justiça) e 17 (Parcerias para os objetivos).

Quando não gerador de um excesso de visitantes, o saldo do turismo induzido pelas telas é altamente positivo. A economia local se beneficia de uma imagem burilada e de despesas turísticas várias – às mais tradicionais, como hospedagem, alimentação, serviços de guias, artesanato e lembranças, somam-se às realizadas junto a negócios menos usualmente referenciados, como postos de gasolina, borracharias, mercados em geral. Em termos sociais, os habitantes tendem a valorizar o reconhecimento de sua região, com aumento da autoestima e vínculo com o território. Além disso, abrem-se as perspectivas dos jovens para um setor criativo dos mais envolventes, assim como mobilizador de uma multiplicidade de cadeias. Segundo estudo do BID sobre o impacto econômico do audiovisual no Brasil, 80% do orçamento de uma produção é despendido em setores externos ao audiovisual, o que já dá o tom do potencial impacto em áreas como catering, hospedagem, figurino e outros.

No Brasil, o cenário de Caatinga e a pouca chuva fizeram da pequena Cabaceiras um local privilegiado para filmagens. Município com pouco mais de 5.000 habitantes, a 190 km de João Pessoa, abrigou obras como Cangaço Novo e O Auto da Compadecida. A cidade explora essa associação de todos os modos possíveis: instalou um letreiro inspirado no de Hollywood, converteu um casarão histórico em museu sobre a história das filmagens na região, promove passeios guiados por casas e pontos retratados em cena e utiliza a deixa para promover seu outro protagonista: o bode, carro-chefe de sua gastronomia e gerador de vários subprodutos.

Cabaceiras, a "Roliúde Nordestina"



Fonte: Captura de tela/Canal Aldair Freitas

Bananal é conhecida por ter abrigado várias produções audiovisuais de época em suas fazendas, a exemplo de O Casarão (1976), Dona Beija (1986), O Coronel e o Lobisomem (1995), Cabocla (2004), Um Só Coração (2004), Sinhá Moça (2006), Beleza Pura (2008) e Saramandaia (2013). Em 2021/2022, o centro histórico foi palco das cenas externas das duas temporadas da série da Netflix, De Volta aos 15.

Já Areias foi cenário para gravações de Cine Holliúdy, série da Globo filmada em 2017 e 2018. Os trabalhos mudaram a rotina e o visual da cidade e moveram cerca de 200 pessoas, entre atores, profissionais de apoio e figurantes. Casarões e postes ganharam novas cores, um cinema de época foi montado e as escadarias foram pintadas com feitios de ladrilho. Hoje, porém, não são organizados passeios motivados pela obra.

A ação aqui delineada envolve a organização de serviços e propostas turísticas que tenham as produções como estopim, mas não se limitem a elas. Para além da realização de circuitos para vivenciar os locais onde cenas emblemáticas audiovisuais foram gravadas, sugere-se envolver os restaurantes, lanchonetes e padarias na criação de pratos batizados e inspirados nas obras, criar pontos instagramáveis que remetam a tomadas das produções, extrapolar o enredo dando-lhe continuidade e desdobramentos, trazendo os personagens à vida real. Surgiriam assim a casa de fulano, uma marca de moda inspirada em beltrana, a escola onde tal protagonista teria estudado, apresentações musicais noturnas que possibilitem aos turistas se transportar ao universo das obras, sinalizações para percursos autoguiados e questões afins.

Gravação de seriado em Bananal

Fonte: Divulgação/ @Gazeta de Bananal

Entende-se, ademais, que o fortalecimento dos laços das cidades que já foram locações para produções audiovisuais – Areias e Bananal – com o universo audiovisual aproximaria os residentes, especialmente os jovens, dessa indústria criativa que demanda uma enorme variedade de ocupações. Com esse intuito, sugere-se complementar a ação com a criação de um cineclube, projeções audiovisuais ao ar livre e demais iniciativas de envolvimento da população.

Faseamento

1. Confirmação do interesse das Prefeituras de Areias e/ou Bananal.
2. Organização de um comitê responsável pela ação, envolvendo profissionais versados em turismo e audiovisual.
3. Celebração de parcerias com empreendimentos.
4. Definição dos produtos, serviços e eventuais adequações físicas da cidade.
5. Priorização dos desenvolvimentos e estratégia de comunicação.

Profissionais potencialmente beneficiados

Profissionais do turismo, comerciantes em geral, trabalhadores do audiovisual.

Abrangência geográfica

Areias e Bananal.

Governança

Coordenação
Prefeituras de Areias e Bananal.

Potenciais parceiros
Sebrae; Secretaria de Cultura e Economia Criativa e Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo; Globo Produções; Netflix; Empresas Júnior do Parque de Inovação e Tecnologia de São José dos Campos.

KPI sugeridos

De ação

- Adesão de ao menos um dos municípios.
- Envolvimento de ao menos seis empreendimentos nos roteiros.
- Organização de ao menos dois roteiros.
- Aumento da divulgação do território por mídia espontânea.

De desenvolvimento

- Aumento do fluxo de turistas.
- Elevação do dispêndio médio diário dos turistas.
- Crescimento do faturamento dos empreendimentos participantes.
- Geração de novos empregos nos setores envolvidos (hospitalidade, audiovisual).

Aderência as ODS

8.9 11.4

Relação com o portfólio do Sebrae

Agentes de Roteiros Turísticos (ART); Crie! Políticas Públicas; soluções setoriais; Empreenda Rápido.

AÇÃO 19

Serra das Artes

A mais extensa galeria de arte contemporânea do Brasil

Descritivo

Desenvolver um corredor regional de obras de arte contemporânea *site-specific*.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Promoção da ambiência criativa.
- Fortalecimento da governança.

Objetivos da ação

- Consolidar um corredor turístico contínuo, de São José do Barreiro a Bananal.
- Lançar luz sobre os ativos de Arapeí.
- Fortalecer a demanda regional pelos setores de hospitalidade, alimentação e artesanato nos três municípios.
- Estimular estadas mais longas dos turistas que já acodem à região e atrair novos públicos.
- Mover produtos e serviços da economia local, para a montagem das obras.

Contextualização

Galerias de arte costumam ser entendidas como espaços fechados, exclusivos, dedicados a abrigar obras de arte e pô-las em destaque. Desde a década de 1960, porém, tiveram início projetos de intervenção artística entendendo que obras de arte podem contribuir para lançar novos olhares sobre o ambiente que as cerca. Financiados especialmente por governos da Europa e dos Estados Unidos, promoviam um diálogo entre arte e espaço a partir de obras pensadas para locais específicos, abertos ou fechados, respeitando suas características peculiares; daí o nome de obras *site-specific* ("específicas para o lugar").

Um dos precursores dessa corrente é Edward Irwin. O artista realizou uma vasta lista de obras que lidam com a imersão e a interação, capazes de provocar diferentes leituras e percepções de quem as observa, conforme a pessoa muda de posição. É exatamente pelo fato de envolverem o observador na relação entre arte e natureza que as obras *site-specific* só podem ser apreciadas em sua plenitude de forma presencial, constituindo uma verdade experiência.

Outro artista de referência é o estadunidense Walter de Maria. Ele criou em 1977 "Lightning

Field" (Campo de Relâmpagos), instalação composta por 400 vigas pontiagudas de aço. A obra foi propositadamente instalada no deserto do Novo México, onde há grande incidência de relâmpagos em época de tempestades.

No último par de décadas, os projetos de obras *site-specific* começaram a ser impulsionados por um conjunto de objetivos que vão além do valor intrínseco da arte. Entre eles, criar ambientes mais prazerosos para a comunidade; mudar a imagem do local; ampliar as percepções que se tem de um lugar; atrair talentos e negócios; oferecer atrativos para turistas que valorizam arte e locais especiais; proporcionar novos negócios e empregos para a comunidade; conectar locais mais remotos a outros contextos, sejam eles regionais, nacionais ou mesmo internacionais; unir a sociedade em torno de projetos ou símbolos comuns; estimular novos pontos de vista nos residentes.

É o caso de Panopticons, em Pennine Lancashire, região do norte da Inglaterra, cujo território foi marcado pelo desgaste ambiental causado pela Revolução Industrial e pela derrocada econômica, após a mudança para a economia de serviços. O projeto lançou um concurso para a seleção de quatro obras de arte site-specific, constituindo um pilar essencial do programa de recuperação econômica. Como critérios para a concepção das peças, para além de sua estética, constavam os de oferecer novas perspectivas sobre a paisagem; valorizar suas características singulares, como a beleza das colinas e a força do vento; e envolver a comunidade. Também se definiu que os serviços e produtos necessários para a montagem das obras (construídas in loco) seriam comprados localmente, salvo se não disponíveis, quando então se recorreria à região.

A obra mais emblemática é Singing Ringing Tree ("Árvore Cantante e Troante"), do escritório de arquitetura Tonkin Liu (Anna Liu e Mike Tonkin). Formada por placas chumbadas umas às outras, cada uma delas composta por tubos, mede cerca de 3 metros e tem forma helicoidal. Como o vento sopra por ângulos diferentes, com intensidades variáveis, o resultado é uma sinfonia inédita a cada instante. Com o efeito sonoro, o vento, que antes podia parecer agressivo, passa a ser convidativo – e a torcida dos visitantes é que vente sempre mais.

Almofada comercializada com estampa da Singing Ringing Tree

Fonte: Real World Art

Para atender ao objetivo de congregar a comunidade em torno a um mote comum, fortalecer a identidade local e elevar a autoestima, o projeto foi desenvolvido com a população. Participaram do programa 22.700 residentes, 47 escolas, 366 professores, 46 grupos comunitários e mais de 100 voluntários. O impacto econômico beneficiou 139 artistas, arquitetos, designers e organizações artísticas; gerou, durante a construção, 208 empregos, 46 semanas de trabalho para os negócios e 81 para trabalhadores da economia criativa; contratou 69 empresas locais, 21 regionais e 23 nacionais; e gerou dois empregos permanentes.

O impacto turístico do projeto também foi e continua sendo visto como um sucesso, assim como a atenção da mídia, inclusive internacional.

Não espanta que os projetos de obras site-specific venham ganhando destaque em todo o mun-

do, da China ao Canadá, da Noruega ao Uruguai. Neste, chama atenção a estratégia da charmosa Punta del Este, cidade de pouco mais de 10 mil habitantes, que no verão chega a receber 250 mil turistas – muitos dos quais brasileiros. Na Playa Brava, a impressionante escultura La Mano (ou Los Dedos ou ainda Hombre Emergiendo a la Vida), de concreto e plástico, ingressou nos guias turísticos como parada obrigatória para uma foto.

O vizinho Museu de Arte Contemporânea Atchugarry (MACA) também recorre às obras site-specific para colocar o Uruguai no circuito de visitas imperdíveis para quem valoriza arte. Inaugurado em 2022 pelo artista que dá nome ao museu, contempla um parque de esculturas com 45 hectares, "desenhado em harmonia com a paisagem natural, oferecendo um entorno único para desfrutar das mais de 70 obras monumentais, de artistas locais e internacionais".

Los Dedos

Crédito: Garimpo de Soluções

Site-specific no Brasil

Destaque internacional, o Instituto Inhotim, em Brumadinho (MG), é um misto de jardim botânico, com projeto assinado por Burle Marx e galeria de arte contemporânea, sem precedentes no mundo. Fruto do sonho, de uma enorme gleba e do investimento de Bernardo Paz, foi aberto ao público em 2006 e cresce a cada ano, sendo considerado o maior museu a céu aberto do mundo.

São 140 hectares com cerca de 700 espécies nativas e exóticas e quase duas mil obras, criadas por 280 artistas, de 43 países. O museu congrega 24 galerias, sendo 20 permanentes e quatro dedicadas a exposições temporárias, o que exige ao menos dois dias de visita para que se possa circular rapidamente no local. A necessidade de pernoite é um grande estímulo para a organização de locais de hospedagem, alimentação, atividades noturnas e souvenirs, com todo o impacto decorrente, tanto em Brumadinho, quanto na região.

Dez anos depois da inauguração, Inhotim já havia se firmado como segundo maior empregador do município. Dos cerca de 700 funcionários do parque/museu, 80% eram moradores da cidade – prioritariamente jovens –, mantendo o espaço em funcionamento para mais de 350 mil visitantes anuais.

A solidez da proposta foi confirmada com a retomada do fluxo de visitantes após o desastre causado pela Vale no município, em 2019. Atualmente, o foco da instituição recai sobre a integração entre arte, natureza e educação e inclui um festival internacional de música, o Festival Sonoro.

Arte, natureza, educação e música – quatro questões pertinentes também ao Vale das Histórias. Território de natureza exuberante e paisagens estonteantes, a construção de uma sequência de obras de arte contemporânea site-specific poderia, dadas as particularidades do contexto:

1. **Promover a identidade regional.** O trecho entre Bananal e São José do Barreiro, ainda que com poucas obras, conectaria em seus extremos dois municípios que, apesar de geograficamente próximos e com um fio histórico compartilhado, são vistos por suas populações como afetivamente distantes.

2. **Fortalecer Arapeí no mapa turístico**, contornando dois desafios maiores deste município: ter seus maiores atrativos em propriedades privadas, subexplorados e usualmente inacessíveis; e ser injustamente entendido como local de passagem entre as duas estâncias da região, Bananal e Barreiro.

3. **Proporcionar impacto midiático adicional**, por meio de duas ações:

   - Nacionalmente, lançar um concurso para a concepção das obras, dirigido a arquitetos e artistas de todo o país.

   - Internacionalmente, candidatar ao Guinness o percurso de 47 km que separam Bananal e São José do Barreiro como a mais extensa galeria de arte contemporânea do mundo.

4. **Adicionar ao Vale das Histórias credenciais de inovação na mitigação da urgência climática e na regeneração**, se esses critérios forem incluídos para a concepção das obras.

É evidente que, assim como as demais ações voltadas ao turismo, o desenvolvimento desta traz como pressuposto tanto o envolvimento da população, quanto a imprescindível preparação dos empreendimentos (hospedagem, alimentação, souvenirs, transporte interno) e da cidade (sinalização, espaços de acolhimento). De nada adiantaria aumentar o fluxo de turistas, sem o território estar preparado para tanto.

Trecho Bananal - Arapeí - São José do Barreiro

Fonte: Google Maps

Faseamento

1. Validação do interesse das Prefeituras.
2. Preparação dos empreendimentos e gestores para a iniciativa.
3. Envolvimento da população no desenho do projeto.
4. Lançamento do concurso e seleção das obras por comitê técnico de jurados.
5. Montagem das obras.
6. Lançamento e candidatura ao Guinness.

Profissionais potencialmente beneficiados

Profissionais do setor da hospitalidade, designers, arquitetos, artesãos e demais trabalhadores da economia criativa.

Abrangência geográfica

Prefeituras de Bananal, Arapeí e São José do Barreiro.

Governança

Coordenação
Prefeituras dos três municípios.

Potenciais parceiros
Sebrae; Conselhos Regionais de Arquitetura - CAU SP e CAU RJ; Secretaria de Cultura e Economia Criativa e Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo; Aprecesp; Instituto Inhotim.

KPI sugeridos

De ação

- Número de residentes envolvidos.
- Número de voluntários participantes.
- Número de projetos de obras propostos (conforme o orçamento).
- Número de profissionais contratados (proporcional à dimensão da ação).
- Número de empreendimentos beneficiados (idem).
- Impacto midiático gratuito.

De desenvolvimento

- Criação de novas CBO nos setores de artes ou hospitalidade.
- Inscrição de novos CNPJ com CNAE afins aos setores.
- Elevação do número de profissionais que atuam em mais de um município.
- Aumento da taxa de autoestima.

Aderência aos ODS

4.4 | 8.3 e 8.9 | 11.a | 13.3

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); Crie! Políticas Públicas.

AÇÃO 20

Trem das Histórias e Trem das Histórias Pop-up

Descritivo

Estruturar um espaço físico que atue como centro de referência do turismo da região e possa ser replicado em estruturas temporárias.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Fortalecimento da governança.

Objetivos da ação

- Difundir a região e/ou reposicioná-la no imaginário dos turistas regionais.
- Concentrar as ações e informações de promoção do território em um local de confluência de viajantes.
- Estimular o consumo de produtos e serviços regionais, por meio da difusão de guias de empreendimentos e de suas propostas.
- Remeter a ambientes e estímulos sensoriais regionais que possam despertar aspectos de curiosidade e nostalgia (ruralidades, vida caipira, festividades etc).
- Provocar o desejo de experiências vinculadas à cultura e à natureza da região.

Contextualização

Mundo afora e Brasil adentro, propostas territoriais de diferentes portes vêm trabalhando sua promoção em forma de espaços físicos visualmente diferenciados, coadunantes ao posicionamento que pretendem comunicar. Entre outros exemplos inspiradores, estão:

- os centros de informação ao visitante da região de Clare Valley, na Austrália, consistindo em um misto de centro de informações turísticas e área para eventos de enogastronomia, com comercialização de produtos locais;
- a sede da Rota Romântica, em Nova Petrópolis (RS), com sua charmosa torre medieval, cujo sótão é passível de visitação para desfrute da paisagem;
- a estratégia nacional de promoção dos Pueblos Mágicos de México, dedicada a valorizar 132 locais que integram o imaginário dos mexicanos por suas lendas e passagens históricas. Criado em 2001, o programa ainda deu origem às edições periódicas da Feria de los Pueblos Mágicos (posteriormente "Tiangui"), uma mes-

cla de espaço expositivo e de comercialização de produtos locais, difusão de destinos turísticos e oferta de experiências sensoriais.

Tiangui de los Pueblos Mágicos

Fonte: pueblosmagicosinternacional.com

Nesta linha de ação, merece ainda destaque – por seu diálogo com a cultura regional e por sua originalidade – a construção de um micro-oásis Tambo, no deserto do Atacama. "Tambo" é o nome dado, desde tempos pré-hispânicos, a pontos de pouso em rotas de peregrinação. Oferece serviços de atenção aos turistas que buscam os geoglifos de Pintados e incorpora a única árvore da região em sua construção, além de utilizar apenas materiais do entorno – caliche, sal e terra – em suas paredes.

Tambo de Pintados

Fonte: Tectonica

Os municípios do Vale das Histórias estão estrategicamente posicionados próximos ao eixo da Rodovia Presidente Dutra, pela qual transitam diariamente 867 mil veículos, em média; ou sobre a lindeira Rodovia dos Tropeiros, que se conecta à Dutra por Cachoeira Paulista, Queluz e Resende. Valer-se da potência dessa localização para convidar o "passante" para uma visita é não apenas relativamente fácil e conveniente, como fundamental para conferir maior projeção a propostas turísticas do território e estimular o turismo regional.

O Trem das Histórias ofereceria em um único ponto uma sistematização das propostas e ofertas turísticas do território e, para tanto, exigiria de cada município organizar e informar as suas – suprindo uma lacuna atual.

Em termos de realização, o Trem das Histórias consistiria em um espaço físico – idealmente um vagão de trem adaptado –, com um projeto expositivo o mais experiencial e interativo possível[2], remetendo às diferentes histórias que formam a região e orientando o olhar para a criação de vínculos com ela. Além de ser chamativo por si, convertendo-se gradualmente em um ponto de parada obrigatório, o Trem das Histórias seria também um espaço de fácil adaptação ao calendário de eventos, aos diferentes produtos sazonais e, em um segundo momento, eventualmente à comercialização de produtos e serviços, adaptando o modelo internacionalmente conhecido como *one-stop shop*.

O *one-stop shop* é basicamente um lugar em que, com uma única visita ou parada, o cliente consegue atender a todos os seus interesses, sem precisar ir a mais lugares ou consultar diferentes fontes. Do ponto de vista da promoção do turismo, e em particular do turismo de experiência, o modelo facilita as ações cooperadas, com menor custo e alcance consideravelmente maior. O turista, por sua vez, seria

[2] Vide ação Parada Digital de Cruzeiro, que poderia gerar os conteúdos do Trem das Histórias.

capaz de compreender as muitas possibilidades de composição de sua futura experiência, sendo apresentado às diferentes combinações para roteiros, gastronomia, compras e demais atividades na região.

O Trem das Histórias deve remeter às principais imagens que a região queira comunicar. Para reforçar a abordagem regional – e fortalecer a constituição de uma imagem territorial –, cada município destacará seus aspectos peculiares. A ideia é criar uma casa de promoção do Vale das Histórias e uma réplica pop-up – ou seja, que possa ser montada nos diferentes eventos para a promoção da região. Sendo o vagão um elemento facilmente transportável, uma réplica pop-up seria uma maneira eficaz de gerar interesse e engajamento com o público, criando um ponto de contato direto e envolvente, dando mais fôlego à visibilidade e ao desejo de visitar os destinos promovidos.

Vagão de trem "Sapo Verde"

Fonte: Fanimer

Uma referência visual é o Sapo Verde, apelido de um vagão do antigo sistema ferroviário japonês, que até 2020 operou como centro de informações turísticas em frente à estação Shibuya, na região metropolitana de Tóquio. Foi então transferido a Odate, convertido em um minimuseu da história da cidade.

Faseamento

1. Validação do interesse por parte das prefeituras e parceiros.
2. Identificação de área ou imóvel para a localização do Trem das Histórias.
3. Definição da forma de gestão e financiamento.
4. Organização de um concurso regional para seleção e realização das melhores propostas de conteúdo, combinando tradição e tecnologia.
5. Contratação e treinamento da equipe – podendo contemplar estágios de diferentes cursos técnicos e tecnológicos.
6. Estruturação de uma réplica pop-up.

Profissionais potencialmente beneficiados

Trabalhadores dos setores de turismo, gastronomia, hotelaria, transporte, artesanato, design, audiovisual.

Abrangência geográfica

Regional.

Governança

Coordenação
Consórcio Novo Vale

Potenciais parceiros
Sebrae; secretarias de turismo dos nove municípios; Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo; Posto Graal (Alemão, em Queluz); CCR (divulgação nas praças de pedágio, em sinalização e/ou na Rádio CCR); MRS (cessão do vagão).

Aderência aos ODS

8.9 10.2 11.a 12.8

Relação com o portfólio do Sebrae

Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jepp); soluções setoriais; Empreenda Rápido.

KPI sugeridos

De ação

- Compromisso de ao menos três municípios.
- Constituição de um comitê curatorial com representantes dos participantes.
- Validação do local de instalação.

De desenvolvimento

- Aumento do número de turistas.
- Crescimento do número de CNPJ vinculados aos setores de turismo e de produtos/serviços divulgados no espaço.
- Elevação do PIB dos municípios.
- Aumento da participação do turismo no PIB.

AÇÃO 21

Vale Multicores
Onde todos são bem-vindos

Descritivo

Criação de um repositório online/offline de experiências de turismo acolhedoras para o público LGBTQIAPN+.

Objetivos do plano

- Elevação da autoestima.
- Geração de trabalho e renda.
- Fomento à identidade regional.
- Promoção de ambiência criativa.
- Valorização dos jovens.
- Fortalecimento da governança.

Objetivos da ação

- Fortalecer o vínculo de pertencimento de parcela da população que se identifica como LGBTQIAPN+.
- Oferecer propostas turísticas com valor agregado, direcionadas ao público LGBTQIAPN+.
- Promover a imagem do Vale das Histórias como território acolhedor e inclusivo.
- Favorecer a diversificação de olhares das comunidades locais.

Contextualização

Para quem viaja, sentir-se acolhido é fundamental. Assim como usualmente não há destinos exclusivos para mulheres ou idosos mas sim aqueles nos quais esses grupos se sentem bem-recebidos e não sujeitos a constrangimentos, o mesmo se dá com a comunidade LGBTQIAPN+. Os chamados "destinos *gay-friendly*" são aqueles que apoiam e protegem esse público, de modo que os turistas se sintam à vontade, despreocupados em vivenciar situações de violência ou discriminação.

Embora possa soar como uma questão de democracia e civilidade básicas, o tema não é trivial. Em 2023, a mais robusta pesquisa já realizada com esse público pela booking.com, conduzida em 27 países, revelou que 80% dos turistas LGBTQ+ se declaram cautelosos quanto à sua segurança e ao seu bem-estar, quando escolhem um destino (em 2022 eram 64%). O crescimento da agenda de polarização ideológica e o fato de 64 países criminalizarem relações entre pessoas do mesmo sexo explicam por que mais de 24 mil hospedagens no planeta já optam por afixar o símbolo de Travel Proud no site da Booking, sinalizando serem respeitosas aos viajantes de qualquer opção de gênero. No Brasil, a Câmara de Comércio e Turismo

LGBT encomenda anualmente azulejos a artistas convidados, com os fins de incentivar estabelecimentos, instituições, governos e pessoas a afixá-los, declarando seu respeito à diversidade.

Azulejos criados por Fause Haten, Ronaldo Fraga e Maurício de Sousa

Fonte: Câmara de Comércio e Turismo LGBT do Brasil

Destinos inclusivos também colhem benefícios econômicos. O mercado de turismo LGBTQIA+ está em franco crescimento, com taxa anual estimada em 7,6%, entre 2024 e 2031. A edição mais recente do Relatório Mundial de Turismo LGBT da Organização Mundial do Turismo, publicada em 2017, dá conta de que o segmento também responde por maior fatia do faturamento do mercado. Turistas LGBT representavam então 10% do número de turistas mas respondiam por 15% do valor de mercado. Note-se que desde 2020 o Dia Mundial do Turismo LGBTQ+ passou a integrar o calendário mundial, em 10/08.

Usualmente casais sem filhos, portanto com maior disponibilidade orçamentária para viagens e turismo e menos dependentes do calendário de férias escolares, o grupo de consumidores LGBTQIAPN+ é um dos mais importantes para as estratégias de turismo. Entre eles, há ainda maior participação na criação de tendências, maior engajamento em mídias digitais e, tendencialmente, maior fidelidade de consumo do que a média dos turistas.

No Brasil não há pesquisas conclusivas acerca da representatividade do público LGBTQIAPN+ na população mas alguns avanços vêm ocorrendo. A partir do Censo Demográfico de 2010, o IBGE passou a incluir no questionário das pesquisas domiciliares a opção de cônjuge do mesmo sexo, permitindo a identificação da orientação sexual por coabitação. Em 2019, a Pesquisa Nacional de Saúde passou a incluir uma pergunta sobre a orientação sexual de respondentes com 18 anos ou mais, por autodeclaração.

Em 2023, trabalhou-se em caráter experimental dados da Pesquisa Nacional de Saúde e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, ambas do IBGE. A maioria dos entrevistados se autodeclarou heterossexual, tendo nos extremos Rondônia (91,6%) e Pernambuco (98,4%) e, entre eles, São Paulo (94%) e Rio de Janeiro (94,8%). Não há estimativa de margem de respostas eventualmente subestimadas por receio de discriminação.

Preparando o destino

Para se converter em um destino turístico inclusivo, é fundamental que toda a experiência seja prazerosa para todos. Ações coordenadas são fundamentais para gerar oportunidades de mais conscientização e preparo. Os dois maiores fatores a serem contemplados são a abertura de mentalidade e comportamento dos empreendimentos e da sociedade, ou seja, o acolhimento; e a realização de atividades específicas para o segmento LGBTQIAPN+, ou seja, o convite.

Em resposta a essas questões, no contexto global o documento mais recente sobre ações voltadas ao turismo LGBTQIAPN+ faz referência à Europa, tendo sido elaborado pela Associação Internacional de Viagens LGBTQIA+ (IGLTA), instituição dedicada ao segmento desde 1983. Além da colaboração com governos locais, o relatório recomenda a adoção de práticas inclusivas e diversificadas, oferecendo um roteiro detalhado para os destinos turísticos se tornarem mais receptivos e promotores do bem-estar, o que beneficia moradores e visitantes. Ainda não há um relatório equivalente no Brasil.

Porto Alegre lançou, em 2017, o programa POA LGBT, com participação do Sebrae-RS, da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes e do Convention & Visitors Bureau, promovendo treinamentos para capacitar os atendimentos e estimular uma atuação mais afirmativa e inclusiva por parte das empresas.

Em São Paulo, onde ocorre a maior parada LGBT+ do mundo – aberta a todos os simpatizantes da causa –, a Parada SP apoia empresas que defendem a população LGBT+ ao longo do ano, tendo criado a categoria Empresas no Prêmio Cidadania em Respeito à Diversidade LGBT+, já em sua 23ª edição. Em linha complementar, o Museu da Diversidade Sexual, equipamento da Secretaria de Estado da Cultura e da Economia Criativa e pioneiro na América Latina na temática, desenvolve por meio do Centro de Empreendedorismo e Formações ações de capacitação profissional da comunidade e do público em geral – professores, profissionais da cultura, empresas – que queiram se aproximar da pauta.

Empresas apoiadoras/ patrocinadoras da ParadaSP

Fonte: ParadaSP

Mas não apenas as capitais e os grandes centros vêm trabalhando os empreendimentos – hotéis e pousadas, restaurantes e bares, lojas, centros de informação, postos de gasolina, locadoras de veículos, guias e monitores – e a comunidade local. Campos do Jordão (SP), Ouro Preto (MG) e Penedo (RJ) são destinos turísticos consolidados, com produtos e serviços direcionados para todos os públicos, incluindo ações focadas na comunidade LGBTQIAPN+. A praia de Pipa, em Tibau do Sul (RN), também ganhou reconhecimento como destino que acolhe e celebra a diversidade e lançou o e-book Preserve Pipa.

No Vale das Histórias, a cidade de Areias tem entre seus empreendedores de destaque os primeiros parceiros homossexuais formalmente casados na região; um marco de inclusão e respeito civilizatório. A cidade também abriga o inclusivo Bloco da Barba Azul, que vendeu todos os 350 abadás no carnaval de 2024. Por isso, recomenda-se iniciar o desenvolvimento do guia Vale Multicores pelo município, incluindo os empreendimentos que respeitam a diversidade e ao menos um roteiro turístico com eles.

Faseamento

1. Identificar empresários que desejem participar do movimento Vale Multicores.
2. Mapear estabelecimentos, eventos e atividades com postura gay-friendly.
3. Estruturar um padrão de informações mínimas a serem disponibilizadas.
4. Criar uma marca para uso nas redes sociais. A sugestão é Vale Multicores.
5. Desenvolver o guia com empreendimentos e ao menos um roteiro.
6. Estimular a divulgação por parcerias com porta-vozes e influenciadores locais e regionais, e posteriormente nacionais.
7. Envolver, por meio de colabs, veículos importantes do turismo, como a Revista ViaG, BeFree Magazine, IGLTA-Brasil, entre outros.
8. Conceber experiências acolhedoras envolvendo mais de um município.

Profissionais potencialmente beneficiados

Empresários com ações voltadas aos segmentos LGBTQIAP+, profissionais do turismo, artesãos, designers, comércio em geral.

Abrangência geográfica

Areias (piloto).

Governança

Coordenação
Consórcio Novo Vale/Prefeituras

Potenciais parceiros
Sebrae; Secretaria de Turismo e Viagens e Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo; Museu da Diversidade; Angellito Arte e Caffé; Toca do Fauno Pub Tattoo.

KPI sugeridos

De ação

- Mapeamento de ao menos 12 empreendimentos.
- Desenho de no mínimo dois roteiros.

De desenvolvimento

- Fortalecimento da autoestima.
- Aumento do fluxo de turistas.
- Crescimento das despesas médias diárias dos turistas.
- Elevação do número de CNPJ de turismo.

Aderência aos ODS

5.1 8.5 10.3 11.7 16.1

Relação com o portfólio do Sebrae

Agentes de Roteiros Turísticos (ART); soluções setoriais; Empreenda Rápido.

2024 © SEBRAE.
Todos os direitos reservados.

VALE DAS HISTÓRIAS

ISBN: 978-85-7376-150-4

SEBRAE